



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MARCELLE JACINTO DA SILVA

**“AME SEU CORPO, INCLUSIVE SUA VAGINA”: ESTUDO SOCIOLÓGICO
DA PRODUÇÃO DISCURSIVA SOBRE “AUTOESTIMA VAGINAL” E
“EMPODERAMENTO FEMININO” NAS MÍDIAS DIGITAIS**

FORTALEZA

2019

MARCELLE JACINTO DA SILVA

**“AME SEU CORPO, INCLUSIVE SUA VAGINA”: ESTUDO SOCIOLÓGICO
DA PRODUÇÃO DISCURSIVA SOBRE “AUTOESTIMA VAGINAL” E
“EMPODERAMENTO FEMININO” NAS MÍDIAS DIGITAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva.

FORTALEZA

2019

MARCELLE JACINTO DA SILVA

**“AME SEU CORPO, INCLUSIVE SUA VAGINA”: ESTUDO SOCIOLÓGICO
DA PRODUÇÃO DISCURSIVA SOBRE “AUTOESTIMA VAGINAL” E
“EMPODERAMENTO FEMININO” NAS MÍDIAS DIGITAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Sociologia da Universidade Federal do Ceará,
como parte dos requisitos para obtenção do título
de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva
Paiva.

Aprovada em: 12/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Dolores Aronovich Agüero
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Idilva Maria Pires Germano
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Berenice Bento
Universidade de Brasília (UNB)

Profa. Dra. Fabíola Rohden
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S581“ Silva, Marcelle Jacinto da.

“Ame seu corpo, inclusive sua vagina” : estudo sociológico da produção discursiva sobre a "autoestima vaginal" e "empoderamento feminino" nas mídias digitais / Marcelle Jacinto da Silva. – 2019.
263 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva.

1. Vagina. 2. Corpo feminino. 3. Tecnologias heteronormativas. 4. Empoderamento feminino. 5. Ativismos online. I. Título.

CDD 301

Em memória de Lyanne Teixeira,
Marielle Franco e Sabrina Bittencourt.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Ceará, por ter me acolhido desde 2009.

Ao CNPq pela bolsa concedida, sem a qual esta tese não existiria.

Aos meus pais, Marcelo (in memoriam) e Zeneide, por sempre considerarem minha educação uma prioridade.

Às minhas tias maternas Ionete (Dedete), Maria (Mãe) e Zenete (Madrinha) por terem ajudado a me criar e vibrado comigo as minhas vitórias.

Ao meu amado companheiro e melhor amigo Gilmax por todo apoio, amor e compreensão, quem eu amo além da vida.

Aos meus dois filhos caninos, Michel e Malu, que são muito mais do que apenas cachorros. Sou grata pela oportunidade de tê-los tanto tempo deitados aos meus pés enquanto eu escrevia a tese.

Ao meu orientador Cristian Paiva, por todo apoio, incentivo e confiança em nossos quase dez anos de parceria.

Às amigas Thaise Aquino e Anne Caroline, duas das minhas amigas mais antigas. Sou muito grata pela compreensão e respeito em relação às minhas escolhas e por nunca terem me abandonado.

À Alessandra Alves e Lyanne Teixeira (in memoriam), as melhores amigas que a graduação me deu. Agradeço imensamente pelo companheirismo, pelas risadas, pelas histórias que construímos juntas, pelo apoio, cumplicidade e confiança.

À Emmanuelle Vasconcelos, por todo apoio, amizade, confiança, cumplicidade e compreensão.

Aos amigos que são minha família, especialmente Walyson Sousa, Wanderson Teixeira, Hildo Júnior e Hicaro Colaço. Sou imensamente grata por sempre estarem presentes nos momentos mais importantes, e por sempre estarem disponíveis para nos ajudar, especialmente Walyson e Hicaro, que já foram babás do Michel e da Malu tantas vezes.

Às amigadas online que um dia espero ver off-line Karen Reis, Leticia Santana Souza e Herlene Santos. Obrigada por se fazerem tão presentes, pelas gentilezas e pelas palavras de apoio e carinho.

À Socorro Letícia, Daniele Ribeiro e Mário Fellipe, presentes que o Nuss me deu. Obrigada por sempre fazerem eu me sentir acolhida.

Aos meus queridos colegas da turma de doutorado, Virzângela, Sandra, Fatima, Diogo, Raphael, Ismênia, Hayeska, Marcio e Valdo.

À todas as pessoas que conheci por causa do Nuss, em grupos de estudos, seminários e demais ocasiões com as quais passei a manter contato presencial ou online, especialmente Ingrid Sampaio, pelo companheirismo e apoio na idealização da oficina sobre Autoestima Vaginal e Masturbação Feminina, e Luana Carolina, por ter lembrado de mim quando leu a matéria sobre “autoestima vaginal” em dezembro de 2013.

À todos os professores e professoras que me auxiliaram nessa vida de estudante, os dos tempos de colégio que ainda habitam meus contatos em redes sociais, especialmente Sahmaroni Rodrigues e Danytza Serra, e aos professores e professoras da academia, Glória Diogenes, George Paulino, Leonardo Sá, Alba Pinho e Simone Simões.

Às professoras Ana Paula Silveira de Moraes Vasconcelos e Edwiges Florêncio pela oportunidade de falar sobre meu trabalho na Escola de Saúde Pública do Ceará.

À médica ginecologista e sexóloga Débora Fernandes Britto, por ter me convidado a falar sobre minha pesquisa no Hospital Universitário Walter Cantídio.

À Vânia, seu Nilson, Socorro e Lorena, figuras essenciais do Departamento de Ciências Sociais da UFC, sempre generosos e prestativos.

Aos colegas que conheci em congressos e seminários, especialmente Juliana Justa, María Elvira Díaz-Benítez, Ana Paula Vencato, Débora Krischke Leitão, Bia Aciolly Lins, Juliana Jardim, Laura Graziela Gomes, Juliana do Prado, Lara Rodrigues Facioli, Larissa Pelúcio e Edyr Batista de Oliveira Júnior.

Às professoras que contribuíram neste trabalho na ocasião da qualificação e na defesa, Andrea Borges Leão, Berenice Bento, Fabíola Rohden, Idilva Germano, Irllys Barreira e Lola Aronovich. Muito obrigada por tudo!

Às mulheres que ousaram escrever sobre vaginas, especialmente Eve Ensler, Naomi Wolf, Nina Brochmann, Ellen Stokken Dahl, Liv Strömquist e Joana Tomé.

Aos artistas e ativistas da “vagina”, especialmente Hilde Atalanta, Jessica Marie, Molly Moore, Emma P., Karen Ka e Kelly Cristina.

À todas as corajosas anônimas que compartilharam sua intimidade na internet.

“Triste louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem, dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só”.

(Triste, Louca ou Má – Francisco El
Hombre)

RESUMO

Este estudo problematiza a produção discursiva sobre normalidade e beleza íntima feminina, coletada entre fevereiro de 2015 e junho de 2018 em diferentes mídias digitais. Analisa-se o conteúdo disponível em diversas páginas online que revelam múltiplas posições de enunciação sobre o que seria uma “*vagina perfeita*” e que veiculam diferentes tipos de engajamentos a respeito do multifacetado fenômeno “embelezamento íntimo”. Discute-se sobre a atuação central de textos midiáticos, que auxiliam na difusão de injunções biomédicas sobre o corpo feminino, e também de textos ativistas que, juntos, animam um debate pautado em contradições na articulação de imaginários sobre a estética e a relação ideal da mulher com sua região vulvovaginal. A partir dessa discussão, é abordada uma série de questões que apontam para a existência de um tabu social global em torno da “vagina” que, em vários aspectos, afeta a “*autoestima vaginal*” de mulheres de diferentes faixas etárias e nacionalidades. Discute-se alguns dos impactos desse tabu a partir da análise de relatos pessoais que têm a “vagina” como principal elemento narrativo, onde percebe-se a relação conflituosa entre mulheres e suas próprias genitálias. Discute-se ainda a conformação de estereótipos de gênero a partir de práticas culturais responsáveis pelos “silêncios do corpo da mulher” (PERROT, 2003), tais como a ausência de uma educação esclarecedora sobre as mudanças “naturais” do corpo, usos de “palavrões, sinônimos e falas populares” (MAIO, 2011) para evitar a referência direta ao órgão e as censuras que são feitas aos usos de sua imagem em diferentes espaços, particularmente nos espaços digitais, como alguns dos múltiplos efeitos desse tabu na sociedade moderna. Tomando como ponto de partida reflexões do campo de estudos de gênero, lésbicos e queer sobre o regime heterocentrado – tais como Preciado (2011; 2014; 2018), Butler (2014), Lauretis (1994), Wittig (1980; 2006), Rich (2010) e Bento (2006; 2008), o argumento principal da tese é que os órgãos sexuais são “ficções somáticas biopolíticas” que reconhecemos como naturais assim como noções de masculinidade e feminilidade, as quais são perpassadas por práticas culturalmente arraigadas e discriminatórias que objetivam o controle social da “vagina”. O estudo busca, nesse sentido, contribuir com o debate a respeito da artificialidade dos códigos engendrados pelas “tecnologias sexopolíticas” (PRECIADO, 2018) e da associação entre “*vagina*”, feminilidade e beleza.

Palavras-chave: Vagina. Corpo feminino. Tecnologias heteronormativas. Empoderamento feminino. Ativimos online.

ABSTRACT

This study analyses the discursive production about normality and female intimate beauty, collected between February of 2015 and June of 2018 in different digital media. It analyzes the content available in several online pages that reveal multiple positions of enunciation about what would be a "perfect vagina" and that manages different types of engagements regarding the multifaceted phenomenon "intimate embellishment". It examines the central role of media texts, which help in the diffusion of biomedical injunctions on the female body, and also of activist texts that, together, animate a debate based on contradictions in the articulation of imaginaries about aesthetics and the ideal relation of the woman with her vulvovaginal region. From this discussion, a series of questions are raised that point to the existence of a global social taboo around the "vagina" that, in several aspects, affects the "vaginal self-esteem" of women of different age groups and nationalities. Some of the impacts of this taboo are discussed through the analysis of personal reports that have the "vagina" as the main narrative element, where one perceives the conflicting relationship between women and their own genitalia. It also discusses the conformation of gender stereotypes based on cultural practices responsible for "women's body silences" (PERROT, 2003), such as the lack of enlightening education about the "natural" changes of the body, the use of "palavrões, sinônimos e falas populares" (MAIO, 2011) to avoid direct reference to the organ and the censors that are made to the uses of its image in different spaces, particularly in digital spaces, as some of the multiple effects of this taboo in modern society. Taking as a starting point reflections from the field of gender studies, lesbian and queer studies about the heterocentered regime - such as Preciado (2011, 2014, 2018), Butler (2014), Lauretis (1994), Wittig (1980; (2010) and Bento (2006; 2008), the main argument of the thesis is that the sexual organs are "biopolitical somatic fictions" that we recognize as natural as well as notions of masculinity and femininity, which are permeated by culturally ingrained and discriminatory practices that aim at the social control of the "vagina". The study seeks, in this sense, to contribute to the debate about the artificiality of the codes generated by "sexopolitical technologies" (PRECIADO, 2018) and the association between "vagina", femininity and beauty.

Keywords: Vagina. Feminine body. Heteronormative technologies. Female empowerment. Online activism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|------------|
| Figura 1 – Printscreen de postagem do Facebook sobre clareamento vaginal. | 73 |
| Figura 2 – Imagem que ilustra o texto “Maquiagem para a vagina” | 77 |
| Figura 3 – Printscreen de postagem do Instagram da Campanha Clitorínea | 79 |
| Figura 4 – Imagem do texto "Vídeo machista de torcedores brasileiros..." | 80 |
| Figura 5 – Printscreen de postagem do Instagram da campanha Minha pepeka não é cupcake | 84 |
| Figura 6 – Printscreen de postagem do Facebook sobre "cheiro de buceta" | 86 |
| Figura 7 – Imagem que ilustra o texto “Cheiro de buceta” | 124 |
| Figura 8 – Imagem do perfil do Facebook de Dona Quixota | 133 |
| Figura 9 – Cartaz da Oficina..... | 143 |
| Figura 10 – Printscreen 1 de postagem do Facebook sobre a polêmica | 144 |
| Figura 11 – Printscreen 2 de postagem do Facebook sobre a polêmica | 145 |
| Figura 12 – A pintura de Jessica Row | 163 |
| Figura 13 – Printscreen 1 de postagem do Instagram do LB | 199 |
| Figura 14 - Printscreen 2 de postagem do Instagram do LB | 199 |
| Figura 15 – Printscreen 3 de postagem do Instagram do LB | 201 |
| Figura 16 - Printscreen 4 de postagem do Instagram do LB | 202 |
| Figura 17 – Imagem do texto “Illuminating my Pussy Pride” do PPP | 203 |
| Figura 18 – Imagem do texto “Is My Pussy, (Vulva And Vagina) Normal?” do PPP | 204 |
| Figura 19 – Modelo “Abi” de VLL. | 206 |
| Figura 20 – Modelo “Adrastea” de VLL | 206 |
| Figura 21 – Printscreen 1 de postagem do Instagram do TVG | 209 |
| Figura 22 – Imagem do texto “Minha buceta grita xavasca” | 213 |
| Figura 23 – Printscreen 2 de postagem do Instagram de TVG | 214 |

| | |
|--|------------|
| Figura 24 – Printscreen 3 de postagem do instagram de TVG | 214 |
| Figura 25 – Printscreen 4 de postagem do Instagram de TVG | 215 |
| Figura 26 – Fotografia da capa do zine “#Buselfie” | 220 |
| Figura 27 - Fotografia da contracapa do zine “#Buselfie” | 220 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 “ESTE É O LUGAR PARA PENSAR SOBRE NOSSAS VAGINAS E APRENDER SOBRE AS VAGINAS DAS OUTRAS MULHERES”: NOTAS INTRODUTÓRIAS | 14 |
| 1.1 Circunscrevendo (ou seria ampliando?) questões e tensões: o objeto da tese.... | 14 |
| 1.2 Perambulando pelos fluxos informacionais da rede: o corpus empírico | 30 |
| 2 A VAGINA-CORPO E AS ESTRATÉGIAS SEXOPOLÍTICAS DE CONTROLE SOCIAL DO CORPO FEMININO | 46 |
| 2.1 “A ditadura da beleza chegou até a nossa estética vaginal”: contextualizando o advento do embelezamento íntimo e as intervenções biomédicas na beleza | 46 |
| 2.1.1 Uma breve reflexão sobre o “negócio da beleza” | 46 |
| 2.1.2 A depilação íntima | 53 |
| 2.1.3 As cirurgias íntimas | 58 |
| 2.1.4. O clareamento da região íntima | 73 |
| 2.1.5 Os produtos de higiene íntima feminina..... | 82 |
| 2.2 “Ela foi cientificamente ignorada por anos”: A invenção dos órgãos genitais como se fossem “naturais” | 90 |
| 2.2.1 A invenção anatômica da vagina e do corpo sexuado | 90 |
| 2.2.2 Vaginas medicalizadas: o objeto “privilegiado” da medicina | 105 |
| 3 A VAGINA-PALAVRA E AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE PODER . | 118 |
| 3.1 “As palavras, quando empregadas em relação à vagina, são sempre mais que ‘meras palavras’”: sobre palavrões, sinônimos e falas populares | 118 |
| 3.2. “Eu tinha perdido minha voz, mas tinha palavras”: sobre silêncios, monólogos e diálogos | 134 |
| 3.2.1 Rompendo silêncios: as oficinas e as pedagogias feministas | 134 |
| 3.2.2 Narrativas íntimas em espaços imaginados | 148 |
| 3.2.3 Estabelecendo diálogos: usos de metáforas para o empoderamento feminino | 162 |

| | |
|---|------------|
| 4 A VAGINA-IMAGEM E AS ESTRATÉGIAS DE (IN)VISIBILIDADE | 174 |
| 4.1 O olhar é “uma arma ou uma carícia”: uma reflexão sobre alguns discursos visuais da vagina/vulva no universo imagético farmacopornográfico | 175 |
| 4.2 “Expor exatamente para não esconder”: desenhando os contornos de uma cultura vulvófila através das artes e dos ativismos nas redes | 184 |
| 4.2.1 A importância do feminismo e de produções artísticas femininas | 184 |
| 4.2.2 A tríade ativismo, arte e tecnologia | 187 |
| 4.2.3 Vaginas em rede: o ativismo da vagina e suas demandas | 196 |
| 5 “O QUE FAZER COM NOSSAS VAGINAS?”: NOTAS FINAIS | 226 |
| 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 234 |
| 7 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS | 248 |
| APÊNDICE – LISTA DE PROJETOS..... | 261 |

1 “ESTE É O LUGAR PARA PENSAR SOBRE NOSSAS VAGINAS E APRENDER SOBRE AS VAGINAS DAS OUTRAS MULHERES”¹: NOTAS INTRODUTÓRIAS

“Estava preocupada sobre o que pensamos sobre vaginas. E estava mais preocupada ainda com o que não pensamos sobre elas. Estava preocupada com a minha própria vagina. Eu necessitava de um contexto de outras vaginas — uma comunidade, uma cultura de vaginas. Há tanto obscurantismo, tantos segredos cercando as vaginas. Elas são como o Triângulo das Bermudas. Ninguém jamais responde de lá” (Eve Ensler, 2000, p. 25).

1.1 Circunscrevendo (ou seria ampliando?) questões e tensões: o objeto da tese²

Esta tese problematiza narrativas nacionais e estrangeiras³ disponíveis na internet em diferentes mídias digitais, notadamente em sites e blogs de jornais, revistas e periódicos e de páginas no Instagram e no Facebook, que refletem sobre a estética ideal da “vagina”⁴ coletadas entre fevereiro de 2015 e junho de 2018. O ponto de partida da análise são as produções discursivas a respeito do fenômeno do embelezamento íntimo, o qual abarca procedimentos cirúrgicos e não cirúrgicos dos genitais externos femininos, sendo o mais polêmico dentre esses as cirurgias íntimas. O exame desse material, ao qual me refiro na tese como textos midiáticos, textos ativistas e textos aliados⁵, suscitou uma série de questões para além da discussão a respeito do “*ideal de vagina perfeita*” gerando insights sobre a conexão entre gênero e representação, principalmente por causa do tom de denúncia “dos múltiplos graus de manipulação dos discursos oficiais” (WITTIG, 1980, p. 2) heteronormativos, revelando assim múltiplas posicionalidades dos textos ativistas e aliados diante dos estereótipos machistas/racistas difundidos nas mídias.

Há uma série de desidentificações dos sujeitos envolvidos nesse debate com algumas ideias que são consideradas por eles a base do pensamento social hegemônico

¹ Ensler, 2000, p. 22.

² No decorrer da tese, usarei itálico e aspas para sinalizar o que pertence ao corpus empírico e para sinalizar estrangeirismos uso apenas o itálico.

³ Todos os textos estrangeiros foram traduzidos por mim utilizando meus conhecimentos sobre o idioma e também o Google Tradutor.

⁴ A palavra é utilizada, tal qual muitas fontes que compõem o corpus empírico, de forma genérica para se referir tanto à parte externa como interna do órgão genital feminino.

⁵ Inspirada em Zordan (2003) e Baccheta (2009), classifico como aliados os textos que criticam ou subvertem de alguma forma imagens e estereótipos tradicionais do feminino.

(no caso, a heteronormatividade) que são difundidas na mídia (através dos textos midiáticos e também de propagandas veiculadas por meios de comunicação diversos, como revistas, TV, cinema e música). Por exemplo, de acordo com esses sujeitos, a sociedade impõe padrões de beleza e de normalidade do corpo excludentes, misóginos e racistas, produz estereótipos⁶ a respeito da sexualidade feminina que tem como principal função deslegitimar, patologizar e desmoralizar as mulheres e, principalmente, fazer com que haja ignorância das mulheres a respeito das potencialidades de sua “vagina”, seja como fonte de prazer, de autoconhecimento ou autoconfiança. Há, nesses textos, uma recusa de manutenção de um suposto tabu social direcionado a tudo o que diz respeito a vagina, que se mantém através de “tecnologias sexopolíticas”⁷ produzidas com a finalidade de manter o histórico controle social do corpo feminino, e também “reflexões sobre dimensões que envolvem os processos de empoderamento” (BERTH, 2018, p. 11). Assim, compreendo que o “espaço midiático” (BRAGA, 2002) é palco tanto para a difusão de padrões de beleza e de normalidade como para propostas de ruptura de modelos de corpo e de feminino vigentes, que à primeira vista parecem dois discursos completamente opostos.

De acordo com dados quantitativos fornecidos pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), existe em curso um processo de expansão de técnicas⁸ de modificação corporal cirúrgicas da região vulvovaginal, que têm aumentado na última década. Basta digitarmos no Google “cirurgia íntima” e “cirurgia estética genital feminina” que é possível observarmos centenas de textos publicados em várias plataformas digitais sobre o assunto. Além disso, observa-se que também cresce o número de procedimentos não cirúrgicos, tais como técnicas de depilação íntima, de clareamento da virilha e do ânus, bem como o mercado de produtos de higiene feminina. A expansão desse mercado do embelezamento íntimo tem impulsionado o

⁶ “Talvez nada expresse melhor a assimetria de poder dentro de um regime de representação do que o estereótipo, a imagem preestabelecida a partir das diferenças históricas que permitem alocar o outro em uma posição – ao mesmo tempo – inferior e estática. O estereótipo é a expressão cristalizada de desigualdades sociais herdadas por sociedades giradas em processos de subalternização de certos grupos sociais, os quais, especialmente no passado, tendiam a ser ignorados e, no presente, costumam ser hipervalorizados como inferiores, anormais ou desviantes” (MISKOLCI, 2017, p. 269).

⁷ “A sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida” (PRECIADO, 2011, p. 11).

⁸ Entendo o termo “técnica” como propõe Preciado (2011, p. 154), parafraseando Foucault: “uma técnica é um dispositivo complexo de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade”

aumento de sua demanda e conseqüentemente a proliferação de reações contrárias à adesão a ambos.

No entanto, é importante mencionar antes de prosseguirmos que tanto textos midiáticos como ativistas e aliados são examinados sobre uma perspectiva crítica com base nas reflexões de um conjunto de autores que admitem o caráter estratégico de discursos e práticas específicas como criadores de espaços sociais “‘gendrados’, ou seja, marcados por especificidades de gênero” (LAURETIS, 1994, p. 206), como o são a heteronormatividade, a contra-hegemonia e os códigos sociais que estes mobilizam. Tais discursos parecem mobilizar ideias diferentes sobre o corpo feminino mas se apropriam de categorias muito utilizadas pelos feminismos⁹ como “empoderamento”, “autoestima”, “autoconsciência” e “autoconfiança”¹⁰, sendo ambas interpretadas como instrumentos de emancipação e autonomia que as mulheres podem ter acesso.

É preciso ainda reconhecer que esse tipo de cenário só se tornou possível por causa da expansão da imprensa, dos feminismos e conseqüentemente das tecnologias de informação, comunicação, de beleza e também do avanço de técnicas no campo da medicina¹¹. Juntos, esses elementos culturais modernos passaram a influenciar intimamente a forma como vivenciamos e como enxergamos nossos corpos. Vivemos em uma época de “hipervalorização do corpo” (GOLDENBERG, 2007, p. 10), uma “era obcecada com a corporalidade” (MISKOLCI, 2012) na qual somos responsabilizados pela nossa aparência física, pelos nossos sucessos e fracassos pessoais e profissionais. O caráter plastificado dos corpos, isto é, sua capacidade de ser modificado simbólica e materialmente, revela que cabe a nós seus “proprietários”¹², portanto, o “autocontrole” daquilo que a sociedade entende como “fora da norma”.

⁹ Menciono isso porque nem todos os ativistas e aliados se definem como feministas, mas ainda assim, têm em comum determinadas posicionalidades no que diz respeito a minorias, como mulheres, lgbttiq, anti-racismo, dentre outros.

¹⁰ O sentido do prefixo auto- nessas palavras “cabe aqui como indicativo de que os processos de empoderamento, embora possam receber estímulos externos diversos as academia, das artes, da política, da psicologia, das vivências cotidianas e etc., é uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista” (BERTH, 2018, p. 17).

¹¹ “Os inegáveis avanços tecnológicos na área da saúde alargam, cada vez mais, o campo das ‘possibilidades técnicas’ disponíveis a profissionais de saúde nas suas mais diversas especialidades. Para os médicos, esse desenvolvimento não apenas os consolida, ainda mais, como atores fundamentais na construção e na prescrição de normas, condutas e referências em relação ao corpo na sociedade ocidental moderna, mas também os posiciona diante de grandes impasses, dilemas e de novas situações para as quais antigas soluções se tornam obsoletas, ao mesmo tempo em que antigos valores e representações se mantêm vivos, sob nova roupagem” (MACHADO, 2005b, p. 67).

¹² Uso esse termo no decorrer da tese fazendo referência a Livoti e Topp (2006) porque elas mencionam em seu livro o termo para indicar que as mulheres são “proprietárias”, isto é, donas de suas “vaginias”,

O corpo virou ‘o mais belo objeto de consumo’ e a publicidade, que antes só chamava a atenção para um produto exaltando suas vantagens, hoje em dia serve, principalmente, para produzir o consumo como estilo de vida, procriando um produto próprio: o consumidor, perpetuamente intranquilo e insatisfeito com a aparência (Lasch, 1983). Com isso, saem ganhando, entre outros, os mercados dos cosméticos, das cirurgias estéticas e da ‘malhação’ (GOLDENBERG, 2007, p. 32).

As “tecnologias de gênero”, como são chamados esses elementos (refiro-me aos discursos e práticas da medicina, da mídia e seu papel na difusão de padrões de beleza, por exemplo) por Teresa de Lauretis (1994), estabelecem normas e modelos de corpo, de gênero, de sexualidade e de comportamento como ideais para uma convivência harmoniosa e feliz para todos, mas essas mesmas práticas e discursos também produzem hierarquias, discursos e práticas discriminatórias que agem em nossos corpos e condicionam nossas emoções gerando desidentificação e sofrimento para muitos de nós. Nessa cultura, é nossa responsabilidade, pois, resolvermos permanecer ou modificar nossa realidade, e é nesse debate que nós, “sujeitos-em-processo” (BACCCHETA, 2009, p. 56), em constante mudança corporal e subjetiva, somos encorajados ou desestimulados ao consumo de ideias e técnicas para o nosso “empoderamento”¹³. É nesse debate também que a importância da “autoestima”¹⁴ se faz presente.

Aqui, considero importante situar-me em relação ao tema da tese, reconstituindo, mediante um esforço reflexivo, alguns elementos de minha trajetória de engajamento nessa temática. Minha imersão nesse universo começou antes de iniciar o doutorado, em dezembro de 2013, quando tive acesso a matéria publicada em julho daquele ano no site da “*Revista Glamour*” intitulada “*Autoestima vaginal: como anda a sua?*”¹⁵ que falava sobre a “*ditadura da beleza*” ter chegado “*até nossas vaginas*”. Na ocasião, a matéria informava que as mulheres brasileiras estavam lotando os consultórios de cirurgiões plásticos em busca de um tipo específico de estética íntima: o de “*estrelas pornôs*”. A

ainda que saibamos que a questão da autonomia feminina em relação ao corpo é o centro de um debate polêmico que configura uma das muitas agendas defendidas pelo feminismo desde seu surgimento.

¹³ “Empoderar” significa “pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história” (BERTH, 2018, p. 16).

¹⁴ Já que “as ideias sobre o que somos não vêm de dentro, mas sim da cultura, sobretudo desde a disseminação das mídias de massa na segunda metade do século XX, das representações que circulam na produção cinematográfica e televisiva” (MISKOLCI, 2017, p. 261).

¹⁵ LARANJEIRA, Lívia; STOPA, Beatrice. Autoestima vaginal: como anda a sua? . *Revista Glamour*, 2013. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

estética genital das atrizes desse segmento fílmico é apontada nesse texto como em outros que compõem o *corpus* empírico desta pesquisa como o “*ideal de vagina perfeita*”, cuja aparência, ainda de acordo com o referido texto, consiste em “*nenhum pelinho pra contar história, coloração rosada, grandes lábios gordinhos, pequenos lábios discretos e clitóris escondido, apenas com a pontinha à mostra*”. O modelo de “*vagina perfeita*”, nesse sentido, faria com que as outras aparências não fossem “*normais*” nem desejáveis. O texto da matéria ressalta ainda que é a existência desse padrão que tem levado as mulheres a “*optarem cada vez mais pela depilação total e recorrerem com frequência às cirurgias plásticas íntimas*”, especialmente no Brasil.

Mas antes disso, no início dos anos 2000, havia tido contato com o assunto durante uma consulta ginecológica de rotina, episódio que a matéria da “*Revista Glamour*” me fez recordar. Eu tinha acabado de adentrar na puberdade, ainda não tinha uma vida sexualmente ativa e era uma adolescente cheia de inseguranças, com muitos problemas com a autoestima. Como menstruei aos 10 anos de idade e os períodos menstruais costumavam vir acompanhados de muita cólica e inchaço na região do ventre, as idas a consultórios ginecológicos passaram a ser constantes, até que um dia, em uma dessas consultas quando eu ainda não havia “perdido” a virgindade, minha ginecologista disse que eu tinha pequenos lábios vaginais maiores do que o “normal” especialmente um deles, e que eles poderiam vir a atrapalhar a penetração porque segundo ela, os pequenos lábios poderiam ser “empurrados” pelo pênis para dentro da minha vagina. Fiquei apavorada com aquela informação, primeiro porque significava para mim que, além da minha aparência¹⁶, nem a minha “vagina” era “normal” e que poderia ter de me submeter a uma cirurgia, algo que tenho “verdadeiro pavor”¹⁷. Mas a ginecologista havia observado que eu poderia ter uma vida sexualmente ativa “saudável” e que poderia optar por uma cirurgia estética se me sentisse incomodada com a aparência dos lábios vulvares.

A informação a respeito do aumento anual do número de mulheres brasileiras que procuram por esse tipo de intervenção cirúrgica me instigou porque dialogava com

¹⁶ Ser gorda e ter um crescimento “anormal” de pelos pelo corpo em decorrência dos sintomas da Síndrome de Ovários Micropolicísticos, que só foi diagnosticada em 2016.

¹⁷ Esse “pavor” tem origem nas experiências que tive na infância, porque passei muito tempo desse período da minha vida indo em hospitais porque tinha uma saúde frágil e já havia realizado duas cirurgias, experiências que foram traumáticas para mim. Nesse sentido, o ambiente hospitalar para mim configura um espaço que gera sentimentos negativos, particularmente nos últimos dois anos, com o câncer do meu pai, os “plantões” que eu dava para acompanhá-lo e cuidar dele, e de sua morte quando eu estava ao lado de sua cama. Todas essas memórias, agregadas às memórias de meu cunhado que faleceu também em um hospital há um ano me fizeram sentir repulsa ao ambiente de modo geral.

essa questão pessoal, embora a busca por uma “*vagina perfeita*” não seja exclusividade das brasileiras, e eu nunca tenha cogitado fazer essa intervenção cirúrgica nos meus lábios vulvares. Naquela matéria da “*Revista Glamour*” é possível observar ainda a divulgação de dois “*projetos*” estrangeiros criados por mulheres preocupadas com a consequência do “*ideal de vagina perfeita*” difundido pela pornografia e buscado nas cirurgias íntimas, chamados “*Large Labia Project*”¹⁸ (LLP) e *Pussy Pride Project*¹⁹ (PPP), os quais despertaram minha atenção não só porque eu concordava com a ideia de rejeição dos padrões de beleza impostos pela mídia²⁰, mas principalmente pelo que para mim, na época, parecia um tipo de ativismo²¹ digital inusitado, pois se configuravam como “lugares de trabalho imagético” (BERTH, 2018, 103) onde a “vagina” era o foco central, algo que até então eu desconhecia.

As cirurgias íntimas, tanto quanto os demais procedimentos estéticos voltados para o embelezamento íntimo, têm suscitado inúmeras discussões e esta tese aborda apenas algumas delas, que situam tanto as cirurgias como os demais procedimentos no centro de uma discussão sobre “medicalização do corpo feminino” (NUNES, 2000; LAQUEUR, 2001; ROHDEN, 2001, 2002; VIEIRA, 2002; MACHADO, 2005a, 2005b; BENTO, 2006; CANGUÇO-CAMPINHO et.al., 2009) e sobre “medicalização da beleza” (RIBEIRO, 2004; POLI NETO, CAPONI, 2007; ANTONIO, 2008; LEAL et al., 2010; CASTRO, 2011; SCHIMITT, 2013; 2017). Em primeiro lugar porque se

¹⁸ Disponível em: <http://largelabiaproject.org/>.

¹⁹ Disponível em: <https://mollysdailykiss.com/pussy-pride-project/>.

²⁰ Em decorrência da minha experiência pessoal e da concordância com reflexões feitas por autoras como Despentes (2016), Gay (2017), dentre outras.

²¹ Entendi que se tratava de um ativismo porque correspondia ao que Silva (2016, p. 237) classifica como tal, enquanto “todo território que congrega autores sociais em prol de causas universais, que questionam e desafiam os modelos hegemônicos”, sendo os ativistas, por sua vez, “os sujeitos que se identificam com essas causas e as difundem em territórios físicos e/ou digitais, visando a quebra de preconceitos, aceitação de diversidades e diferenças, maior igualdade, tolerância, empatia etc”. As pessoas envolvidas no meu campo de pesquisa podem ser consideradas ativistas tendo em vista que assumem o papel de protagonistas das ações realizadas nos espaços digitais aos quais estão associados. Cabe ressaltar outro trecho de autoria Gajanigo e Souza (2014, p. 584), que se revelou apropriado para caracterizar a dinâmica ativista, desses “novos atores sociais [que] utilizam seus sites, blogs e redes sociais para divulgar outro discurso e outra possibilidade de viver no mundo, outra maneira de experimentar a democracia”. De acordo com os autores, uma das principais características do ativismo é que “A fala do sujeito enunciador e o lugar do enunciado deslocaram-se, provocando mudanças significativas. O lugar ocupado pelo enunciado – político, intelectual, ambientalista ou econômico –, com o advento do ciberespaço e com a cibercultura, passou a ser tensionado por sujeitos heterogêneos e múltiplos, dissonantes e multifacetados, portadores de mecanismos de mobilização também múltiplos, proporcionados pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Assim sendo, uma manifestação pode ser acionada por um celular a qualquer momento, em qualquer lugar, por qualquer motivo. O deslocamento do lugar do enunciado subverte os lugares hegemônicos da fala (grande mídia televisiva, jornais, sindicatos, partidos políticos etc.), e o surgimento de outro ator que enuncia, traz à cena o ciberativista que ressignifica uso das imagens e das informações, subvertendo pautas e impondo agendas” (GAJANIGO, SOUZA, 2014, p. 582-583). Apesar de estes autores mencionarem o termo ciberativista, optei por falar em ativismos e ativistas porque são esses os termos utilizados pelos atores e como são identificados nos textos midiáticos e aliados.

tratam de intervenções biomédicas, fruto de um campo discursivo e de práticas que possuem legitimidade social de classificar corpos humanos em normais e anormais²², saudáveis e doentes, em homem e mulher com base em seu próprio entendimento sobre os órgãos genitais²³ (NUNES, 2000; LAQUEUR, 2001; VIEIRA, 2002; MACHADO, 2005a, 2005b; BENTO, 2006; CANGUÇO-CAMPINHO et.al., 2009; PRECIADO, 2014). Em segundo lugar, de acordo com Schmitt (2014, p. 59), movimentos feministas, principalmente no Reino Unido, foram os pioneiros na abordagem crítica contra os procedimentos cirúrgicos genitais, levantando o argumento de que esse tipo de intervenção lembra a controversa prática de mutilação/circuncisão genital feminina, assunto sobre o qual, assim como a autora, não me deterei aqui porque suscita debates que escapam da discussão desta tese. No entanto, os argumentos mobilizados contra as cirurgias íntimas, assim como os argumentos favoráveis, são fundamentais para apreendermos elementos que tem constituído a subjetividade da “mulher moderna” porque cada uma dessas produções, à sua maneira, como observou Schmitt (2014) gerencia e produz diferentes tipos de engajamentos sobre a estética da vulva e estes revelam múltiplas posições de enunciação sobre o que seria uma “*vagina perfeita*”, termo êmico usado em ambos os contextos que desencadeia uma teia de significados contraditórios que envolvem, além da noção de “*autoestima*”, a noção de “*empoderamento feminino*”, como já foi mencionado.

O espaço midiático (BRAGA, 2002) é um dos principais divulgadores “[d]a ideia de que o corpo é maleável e plástico e que a beleza é de fácil alcance” (BORGES, 2011, p. 262). Instaurada no século XX, a mídia ocupa um lugar peculiar na vida das pessoas, se tornando logo como um “privilegiado *locus* de ‘verdades’”, distribuidora de “ensinamentos sobre o corpo, sobre o que é certo e errado em relação a ele e o que devemos fazer para ter saúde e vivermos ‘melhor’” (ZORDAN, 2003, p. 273). Com a banalização do vocabulário médico particularmente a partir da década de 1960

²² “O Império dos Normais, desde os anos 1950, depende da produção e da circulação em grande velocidade do fluxo de silicone, fluxo de hormônio, fluxo textual, fluxo das representações, fluxo de técnicas cirúrgicas, definitivamente, fluxo dos gêneros. Com certeza, nem tudo circula de maneira constante e, sobretudo, os corpos não retiram os mesmos benefícios dessa circulação: é nessa circulação diferencial de fluxos de sexualização que se desempenha a normalização contemporânea do corpo” (PRECIADO, 2011, p 13).

²³ “Não há nada de abstrato acerca do poder que as ciências e as teorias têm de agir materialmente e na realidade sobre os nossos corpos e as nossas mentes, mesmo se é abstrato o discurso que produz esse poder. É uma das formas de domínio, a sua própria expressão. Eu diria, alternativamente, um dos seus exercícios. Todxs xs oprimidxs conhecem este poder e têm de lidar com ele. É aquele que diz: não tens o direito de falar porque o teu falar não é científico e não é teórico, estás a um nível errado de análise, estás a confundir discurso e realidade, o teu discurso é ingênuo, compreendes mal esta ou aquela ciência” (WITTIG, 1980, p. 3).

(SANT'ANNA, 2012, p. 119), o discurso midiático e o biomédico passam a conviver em uma íntima relação de reciprocidade tendo em vista que esse universo tem sido palco para a publicidade de procedimentos biomédicos diversos, assim como tem um papel fundamental na circulação de representações sociais do corpo, particularmente do feminino (SWAIN, 2001; ZORDAN, 2003; NATANSOHN, 2005; SIQUEIRA, FARIA, 2007; LOPES, 2008; SCHOSSLER, CORREA, 2011), além de provocar reflexões sobre os sentidos imputados às práticas de beleza na construção de si na sociedade de consumo (LIPOVETSKY, 2000; TEIXEIRA, FREITAS, CAMINHA, 2014; JEFFREYS, s/d). Dessa forma, como “propagadora de “diversos ‘ditos’, o discurso midiático sobre a sexualidade, sempre referendado ao aval dos especialistas, se intitula ‘esclarecedor’, com intenção de trazer ao leitor/espectador/consumidor informações verdadeiras e fidedignas (ZORDAN, 2003, p. 273), por isso a importância dada nesta tese para essa produção acerca do “*ideal de vagina perfeita*” circulante desde o começo dos anos 2000.

Zordan (2003, p. 273-274) em seu estudo sobre enunciados sobre os genitais femininos em revistas femininas voltadas para o público adolescente destaca que há uma multiplicação de campos de saberes e de profissionais das mais variadas áreas que prescrevem “verdades” de cunho cientifizante que versam sobre o bem-estar físico e emocional das mulheres e que utilizam os meios de comunicação para difundir “enunciados sobre os órgãos genitais que tentam mostrar e ensinar como é o sexo feminino”, que de fato impactam em vários sentidos na construção da subjetividade feminina. Um exemplo do que afirma Zordan (2013) e Borges (2011) é o teor de parte dos textos midiáticos e aliados que consultei que afirmam existirem muitos “*mistérios*”²⁴ em torno da vagina, muitos *mitos*²⁵ a serem desvendados, coisas que as mulheres “*precisam saber*”²⁶ e que as revistas femininas prometem revelar para que as mulheres possam “*dominar*”²⁷ suas vaginas. “*Frustração*”, “*inibição*”, “*proibição*” e

²⁴ Descubra curiosidades sobre a vagina que você nunca imaginou. Revista Glamour, 2013. Disponível em: <http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/04/vagina-curiosidades-feminista-amor-sexo-naomi-wolf.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁵ Manual da vagina: mitos, verdades, dicas de saúde e exercícios. Nova Cosmopolitan, 2017. Disponível em: <https://cosmopolitan.abril.com.br/ame-seu-corpo/manual-da-vagina-mitos-verdades-dicas-de-saude-e-exercicios/>. Acesso em: 29 de março de 2018.

²⁶ ROMÃO, Andréa. 11 coisas que você precisa saber sobre a sua vagina. Não Me Khalo, 2016. Disponível em: <http://www.naomekahlo.com/single-post/2016/07/07/11-coisas-que-voc%C3%AA-precisa-saber-sobre-a-sua-vagina>. Acesso em: 25 fev. 2018.

²⁷ RACCO, Regina. 15 motivos para você “dominar” sua vagina. Tempo de Mulher. (s.d.). Disponível em: http://tempodemulher.com.br/amor-e-sexo/papo-intimo/15-motivos-para-voce-_dominar_-sua-vagina. Acesso em: 20 ago. 2017.

“*sentimento de culpa*” são palavras recorrentes nesse contexto, realidade que os textos midiáticos prometem modificar. A “vagina” aparece como foco de muitos desses textos que também se propõem como “*manuals*”²⁸, “*guias*”²⁹ e “*listas*”³⁰ com “*curiosidades*” que prometem “*mudar a vida da leitora*”³¹ e “*mitos e verdades*”³² sobre esse órgão “*misterioso*” do corpo feminino³³, um mistério até para as “*proprietárias*”³⁴, com base em falas de especialistas de várias áreas que tratam da saúde da mulher. Fala-se sobre tamanho³⁵, a cor ideal³⁶, cheiro, temperatura, umidade (sobre lubrificação e secreções), a elasticidade e resistência dos músculos vaginais, o clitóris e as terminações nervosas deste e dos lábios vaginais, higiene íntima, pelos pubianos, orgasmo e sobre a possibilidade de “*mudar o visual dela*”. Ainda que a representação da vagina nesses enunciados se esforce na construção de um discurso de cunho pedagógico e também para ocupar um lugar distinto da exposição pornográfica, existe aí uma estratégia de visibilidade³⁷ que corrobora a ideia de que existe um desconhecimento feminino sobre o assunto e que esta é uma realidade que acarreta inúmeras consequências supostamente negativas para a vida das mulheres.

²⁸ Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber. M de Mulher, (s.d.). Disponível em: <http://m.mdemulher.abril.com.br/amor-e-sexo/cosmopolitan-brasil/manual-da-vagina-21-segredos-que-voce-precisa-saber>. Acesso em: 2 fev. 2017.

²⁹ Guia da vagina: 10 curiosidades que podem melhorar a sua vida. Donna, 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2015/03/guia-da-vagina-10-curiosidades-que-podem-melhorar-a-sua-vida-cjplepnal00somnncnfao2by69.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁰ RACCO, R. 12 coisas que sua vagina adoraria que você soubesse. Pompoarte, (s.d.). Disponível em: <http://www.pompoarte.com.br/info/info/4056/286/12-coisas-que-sua-vagina-adoraria-que-voc%C3%AA-soubesse>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³¹ DINIZ, T. C. Dez curiosidades sobre a vagina podem mudar a sua vida. Universa Uol, 2015. Disponível em: <https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2015/02/12/dez-curiosidades-sobre-a-vagina-podem-mudar-a-sua-vida.htm>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³² 10 mitos e verdades sobre a vagina. Gazeta Online, 2014. Disponível em: http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2014/09/entretenimento/vida/1498097-10-mitos-e-verdades-sobre-a-vagina.html. Acesso em: 21 jan. 2017.

³³ GUIMARÃES, R. Mistérios da vagina. Revista Trip, 2014. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/trip/misterios-da-vagina>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁴ Termo que uso inspirada em Livoti e Topp (2006).

³⁵ Bucetinha ou bucão? Eles e elas gostam de quê?. Íntima Sedução, 2011. Disponível em: <http://foibompravoce.blogspot.com.br/2011/02/bucetinha-ou-bucaao-eles-e-elas-gostam.html>. Acesso em: 31 mar. 2019; PAGAN, M. Minha vagina é normal? Descubra o tamanho médio do clitóris, do canal vaginal e mais. Vix (s.d.). Disponível em: <http://www.vix.com/pt/bdm/saude/minha-vagina-e-normal-descubra-o-tamanho-medio-do-clitoris-do-canal-vaginal-e-mais>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁶ STAUT, B. Vaginas rosas: porque elas são as preferidas dos homens. Hypescience, 2012. Disponível em: <http://hypescience.com/os-homens-preferem-vaginas-rosas/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁷ “A visibilidade não é garantia de segurança ou reconhecimento, porque é indissociável do poder de quem vê, das relações de poder que vinculam diretamente quem vê a quem é visto. Não há visível sem formas de ver, as quais – em posições privilegiadas de poder – podem levar à submissão de quem é visto. Em termos sociológicos, entre o que vemos e o significado que atribuímos ao que foi visto estão sempre as representações sociais correntes. Assim, a visibilidade é sempre contextual, inserida em uma época e uma cultura, o que a torna uma relação social, portanto, relacional e estratégica” (MISKOLCI, 2017, p. 268).

Conhecer o próprio corpo, incluindo as partes mais íntimas e secretas, implicaria no conhecimento de uma verdade sobre si mesmo. Em revistas e periódicos destinados principalmente ao público feminino, é veiculado um amplo material de cunho cientificizante sobre saúde, corpo e sexualidade (ZORDAN, 2003, p. 273).

“No discurso pedagogizante dos veículos midiáticos”, aponta Zordan (2003, p. 274), “diferentes discursos, principalmente o psicanalítico, articulam-se para produzir imagens do aparelho reprodutor e da genitália feminina que constituem significados sobre o sexo feminino e a existência das mulheres”. Um dos mais importantes, nesse sentido, figura como sendo o discurso médico. Como confirma Borges (2011, p. 267) “Aos poucos, [esses] textos culturais criam um mapa estético mostrando o que é mais ou menos desejável no corpo e na mulher”.

Mas não apenas as imagens publicitárias têm o poder de produzir as preocupações obsessivas com a aparência. Outros veículos (programas de televisão, cenas de novela, reportagens de revistas e jornais) também, muitas vezes de forma aparentemente desinteressada, vendem o que Boudieu (1989) chama de ‘ilusões bem fundamentadas’. Ilusões estas que, ao tomarem como referência o discurso científico dos especialistas (médicos, psicólogos, nutricionistas, esteticistas, professores de educação física, entre outros), prometem perfeição estéticas, desde que sejam cumpridas, rigorosamente, todas as suas orientações (muitas vezes contraditórias). Se, durante séculos, enormes esforços foram feitos para convencer as pessoas de que não tinham corpo, teima-se hoje, sistematicamente – após um longo período de puritanismo -, em convence-las de que o próprio corpo é central em suas existências e afetos. (...). Como destaca Baudrillard o culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificais que com ele se conectam, ‘o Mito do Prazer que o circunda – tudo hoje testemunha que o corpo se tornou objeto de salvação. Subsistiu literalmente a alma, nesta função moral e ideológica’ (:136). O culto à beleza e à forma física é transmitido como um evangelho (Wolf, 1992), criando um sistema de crenças tão poderoso quanto o de qualquer religião (GOLDENBERG, 2007, p. 32-33).

Como comprova Schmitt (2014, p. 64), o discurso sobre o “*empoderamento feminino*” aparece nesse debate associado tanto “à possibilidade de modificação e aperfeiçoamento do corpo assim como também é incorporado por aqueles que criticam ferrenhamente tais práticas”. Como poderemos perceber em ambos os lados desse debate, argumenta-se a respeito da importância do “*autoexame*” e do “*autoconhecimento*” como práticas que devem ser incorporadas ao cotidiano da “*mulher moderna*”, evidenciando assim que a mulher tem o poder de decisão a respeito da estética de sua vulva. Aceitar-se ou modificar-se? “Assumir-se ‘peculiar’, ou decidir

por uma ‘vagina perfeita’ é quase que decisório no processo de entender-se como mulher” nesse debate, completa a autora.

Observei, então, que o termo êmico “*autoestima vaginal*” era profícuo para a compreensão desse cenário, e que não só era mencionado explicitamente ou não em outros espaços digitais, mas também abriu as portas para outros textos sobre assuntos correlatos à práticas de beleza da intimidade e que falavam sobre inseguranças femininas a respeito de suas vidas sexuais, então resolvi adotá-lo como uma ferramenta metodológica. Entendo “autoestima” como uma autoavaliação da pessoa sobre si mesma, uma percepção de si, e que essa avaliação pode resultar em uma atitude e/ou sentimento positivo ou negativo para consigo, tendo em vista que é uma experiência subjetiva, individual³⁸. Berth (2018, p. 95) em sua reflexão sobre noções de “*empoderamento*” relacionadas a estética e afetividade de sujeitos subalternos, afirma que esse termo está intimamente ligado ao “empoderamento” porque ambos, juntos da “autoconfiança”, fazem parte de um “processo” necessário de superação das representações distorcidas e negativas impostas pelos “colonizadores” brancos, responsáveis pela hierarquização das raças, das classes e dos gêneros que produzem os “preconceitos raciais, estereótipos e clichês que foram implantados com a finalidade de ridicularizar” atributos que não são considerados “normais” e “desejáveis” de acordo com a lógica heteronormativa branca, e que “permanecem solidificados no senso comum da opinião pública”.

Os discursos que acima de tudo nos oprimem, lésbicas, mulheres, e homens homossexuais, são aqueles que tomam como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade³⁹. Estes discursos falam sobre nós e alegam dizer a verdade num campo apolítico, como se qualquer coisa que significa algo pudesse escapar ao político neste momento da história, e como se, no tocante a nós, pudessem existir signos politicamente insignificantes. Estes discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles. Tudo quanto os põe em questão é imediatamente posto a parte como elementar. A nossa recusa da interpretação totalizante da psicanálise faz com que os teóricos digam que estamos a negligenciar a dimensão simbólica. Estes discursos negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias. Mas a sua ação mais feroz é a implacável tirania que exercem sobre os nossos seres físicos e mentais (WITTIG, 1980, p. 2).

³⁸ E que suscita uma série de outras possibilidades interpretativas. Na tese, eu decidi privilegiar os sentidos mobilizados nas falas dos sujeitos que compõem a atmosfera da pesquisa.

³⁹ E a heterossexualidade, de acordo com Rich (2010, p. 18), é “uma instituição política que retira o poder das mulheres”, especialmente as mulheres lésbicas.

A “*autoestima vaginal*” parecia autorizar diferentes intervenções estéticas na vulva e também a rejeição delas. Nesses diferentes tipos de engajamentos a estética parecia ser de suma importância “seja ela para diferenciar, seja para padronizar” (SCHIMITT, 2014, p. 65), mas ao mesmo tempo desdobrava uma série de outras questões à respeito de um tabu translocal relacionado a “vagina”.

Assim como Ensler (2000, p. 25) comenta na epígrafe dessas notas introdutórias, diante de tantos desdobramentos, eu também “necessitava de um contexto de outras vaginas” porque queria estudar os “segredos cercando as vaginas” de que ela e tantos textos midiáticos, aliados e ativistas falavam. Na minha busca por outros contextos de “vaginas” observei que existem centenas de páginas online que divulgam conteúdos informativos cujo alvo é a “autoestima”, a “autoconfiança” e o autoconhecimento” das mulheres em relação a suas “vaginas”, assim como havia observado em LLP⁴⁰ e PPP. No entanto, é possível observar também que essas iniciativas são uma novidade ainda pouco estudada⁴¹.

Era importante, diante desse cenário, investigar o status social da “vagina” para compreender a produção discursiva particular a este órgão, discursos esses marcados por uma “objetificação racista e machista” (HOOKS, 2019, p. 139-140) e por uma “estética racista”. Para tanto, foram consultadas referências bibliográficas composta por autores que discorrem a respeito das construções culturais e biomédicas da genitália feminina (ENSLER, 1996; ZWANG, 2000, ZORDAN, 2003; LIVOTI e TOPP, 2006; BERER, 2011; BORGES, 2011; MAIO, 2011; PLOWMAN, 2011; WOLF, 2013; BROCHMANN e DAHL, 2017; SCHIMITT, 2014; SILVA, PAIVA, 2017; SILVA, PAIVA, COSTA, 2017; STRÖMQUIST, 2018), assim como foram consultadas produções do campo da medicina (DORNELLAS et al., 2010, 2016; CUNHA et al, 2011, 2013; VIEIRA-BAPTISTA, 2014; DAHER, 2015; VIEIRA-BAPTISTA et al, 2015, 2017; BATTISTI et al, 2018; COLANERI, 2018; MENDES, 2018), disponibilizadas na plataforma da Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, da Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia e no Google Acadêmico, publicações de 2010 a 2018⁴².

⁴⁰ Gostaria de pedir licença para me referir a partir de agora aos projetos por siglas. Peço licença também para me referir aos sujeitos que constituem o universo empírico da tese da mesma forma que me refiro ao resto da produção discursiva coletada. Como não tive como saber se todos os nomes se tratavam de nomes reais ou fictícios, todos serão sinalizados da mesma forma.

⁴¹ Encontrei referências a quatro projetos, inclusive a LLP e TGWOV apenas em Schimitt (2014)

⁴² Localizei esses estudos acadêmicos através da busca pelos termos “cirurgia íntima”, “labioplastia”, “ninfoplastia” e “hipertrofia dos pequenos lábios”, entre 5 e 9 de abril de 2018.

Na internet, observei que esse “segredo” estava não apenas sendo revelado como questionado, e por causa dessa constatação foi inevitável não pensar na internet como um lugar privilegiado, onde acontece uma forma de “insurreição verbal feminina” (WOLF, 2013, p. 224) de uma forma que não acontece no mundo off-line. Seria possível a construção de uma cultura de vaginas, como Ensler sugere? Eu sentia que sim, principalmente quando comecei a navegar na internet em busca de outros “projetos” semelhantes a LLP e PPP e a encontrar outras páginas que também contavam com a contribuição-doação de relatos e fotografias onde a “vagina” era um elemento central, de leitoras que preferiam o anonimato⁴³, se juntando às “manifestações do nu contemporâneo” na internet (SIBILIA, 2015a, p. 181). Além disso, todos com excessão de alguns têm atuação apenas em ambiência online, em geral são criados por mulheres e se propõem como espaço de acolhimento e de aprendizado onde “mulheres reais” podem falar sobre suas experiências e mostrar suas “vaginas reais”, tais como os estrangeiros “Vulva Love Lovely”⁴⁴(VLL) e o “The Vulva Gallery”⁴⁵ (TVG). E além dos quatro supracitados, também foco no conteúdo de um projeto brasileiro chamado “Lambe Buceta”⁴⁶ (LB).

O tabu “vaginal”, como pude observar, configura uma “zona de assuntos-que-não-devem-ser-falados”⁴⁷, criando assim uma “cultura da vergonha”⁴⁸: “vergonha do seu corpo, vergonha de mencionar a palavra vagina, vergonha de falar com a sua mãe, vergonha de ficar nua na frente de um cara, vergonha de ir ao ginecologista”⁴⁹. Isso revela um dado significativo e controverso, porque ainda que haja um crescimento do mercado do embelezamento íntimo possibilitando que as mulheres tenham à sua disposição uma quantidade cada vez maior de produtos e técnicas especializadas no

⁴³ Entendia a questão do anonimato no que se refere a autoria dos depoimentos como um reflexo do que meu corpus empírico e o referencial teórico me dizia, que o assunto é um tabu e que por ser tabu há pouco espaço para que o assunto seja debatido amplamente nas sociedades. A estratégia do anonimato é também um modo operandi característico da dinâmica das mídias digitais.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/the.vulva.gallery/>.

⁴⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/lambeeb_ceta/.

⁴⁷ RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. Plano Feminino, 2018. Disponível em: <<https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁸ Para Wolf (2013, p. 161), “a concepção ocidental ‘moderna’ da vagina, tal como a conhecemos hoje”, carregada de vergonha e hiperssexualização, foi desenvolvida no século XIX, apontado como sendo o século do controle “medicalizado da sexualidade em geral”. Mas é importante lembrar que os mesmos mecanismos de controle social sobre a mulher-vagina são também utilizados para o controle e produção de homem-pênis.

⁴⁹ ARONOVICH, Lola. Vergonha da minha parte íntima. Escreva Lola escreva, 2014. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/05/vergonha-da-minha-parte-intima.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

aperfeiçoamento de suas genitálias, ter uma “vagina” pode ser “*motivo de se envergonhar*”⁵⁰.

Culturalmente a “vagina” é representada como algo que define o corpo de um ser humano como uma mulher cisgênero⁵¹, é associada à penetração heterossexual e com a procriação⁵². Essa pressuposição constitui o ideal de normalidade hegemônico e aquilo que está fora desse círculo é anormal e perigoso⁵³. A maneira como a vulva/vagina aparece como um atributo da feminilidade em todo esse cenário chamou atenção porque, conforme o conjunto de autores que inspiram as discussões elaboradas nesta tese, o gênero, o corpo e o sexo⁵⁴ não são naturais, então a “vagina” também é um artefato culturalmente fabricado⁵⁵, com uma história multifacetada, distante da noção essencialista e determinista da biologia, como algo que classifica um ser humano como mulher⁵⁶; ter uma vagina não faz de um ser humano mulher, assim como uma mulher

⁵⁰ ARRUDA, Regiane. Vagina: motivo de se envergonhar?. Blogueiras Feministas, 2012. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2012/05/vagina-motivo-de-se-envergonhar/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁵¹ Cisgênero, de acordo com Jesus (2012, p. 14-15) é um conceito “‘guarda-chuva’ que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”, e é utilizado em oposição a transgênero, conceito “‘guarda-chuva’ que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” e a transexual, que por sua vez, consiste em um termo “genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento”.

⁵² “As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um fiat religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura” (RICH, 2010, p. 19).

⁵³ “A consequência desta tendência para a universalidade é que o pensamento hétero não pode conceber uma cultura, uma sociedade onde a heterossexualidade não ordenaria não só todas as relações humanas mas também a sua própria produção de conceitos e também todos os processos que escapam ao consciente. Além disso, estes processos inconscientes são historicamente cada vez mais imperativos naquilo que nos ensinam sobre nós próprio(a)s através da instrumentalidade dos especialistas. A retórica que expressa estes processos (e cuja sedução eu não subestimo) reveste-se de mitos, recorre ao enigma, caminha pelo acumular de metáforas, e a sua função é a de poetizar o caráter obrigatório do “serás-hetero-ou-não-serás”. Segundo este pensamento, rejeitar a obrigação do coito e das instituições que esta obrigação produziu como sendo necessárias para a constituição de uma sociedade, é simplesmente uma impossibilidade, já que proceder assim significaria rejeitar a possibilidade da constituição do outro e rejeitar a “ordem simbólica”, tornar a constituição do significado impossível, sem o qual ninguém pode manter uma coerência interna. Assim, o lesbianismo, a homossexualidade e as sociedades que formamos não podem ser pensados nem falados, embora sempre tivessem existido” (WITTIG, 1980, p. 4).

⁵⁴ “O sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterosocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas” (PRECIADO, 2014, p. 25).

⁵⁵ No prefácio do primeiro volume da História do corpo, os autores lembram que o antropólogo e sociólogo Marcel Mauss foi um dos primeiros que soube mostrar em um texto acadêmico o quanto “nossos gestos mais ‘naturais’ são fabricados pelas normas coletivas” (CORBIN, COURTINE, VIGARELLO, 2012, p. 7).

⁵⁶ “(...) no sólo no existe el grupo natural ‘mujeres’ (nosotras las lesbianas somos la prueba de ello), sino que, como individuos, también cuestionamos ‘la-mujer’, algo que, para nosotras —como para Simone de Beauvoir— es sólo un mito. Ella afirmó: ‘no se nace mujer, se llega a serlo. No hay ningún destino

não deve e nem pode ser resumida a uma vagina. Esse órgão está preso em um binarismo (NUNES, 2000; LAQUEUR, 2001; ARÁN, 2003, dentre outros), cercado por censuras, proibições, equívocos anatômicos e mutilações materiais e simbólicas. Emerge nesse campo de disputa discursivo como algo escrutinado e silenciado por suposições, estereótipos, como algo feio e sujo, sagrado e glorioso, como uma amiga e como uma inimiga. A paisagem dos referidos projetos pareceu-me instigante porque minha própria experiência pessoal comprova que falar sobre nossa intimidade é de fato um tabu social, que existe um pudor sobre o assunto, que Perrot (2003, p. 13) afirma ser “a própria marca da feminilidade”, pois como nos lembra bell hooks (2019, p. 144), vivemos em uma “cultura que não convida as mulheres a serem sujeitas sexuais”.

O argumento principal da tese, portanto, tem como inspiração as reflexões propostas por Preciado (2011; 2014; 2018), Butler (2014), Haraway (2013), LaRetis (1994), Foucault (2013), Wittig (1980; 2006), Rich (2010) e Fausto-Sterling (2006), de que os órgãos sexuais são ficções somáticas biopolíticas⁵⁷ que reconhecemos como naturais assim como noções de masculinidade e feminilidade, construídas como tais para a normatização da “maquinaria heterossexual” (PRECIADO, 2014, p. 30), e essa construção cultural e social da “vagina” evidencia as sutis estratégias de “controle social da vagina e da sexualidade das mulheres” (WOLF, 2013) envolvidas nesse processo, bem como as estratégias de invisibilidade de mulheres negras e de pessoas trans.

Vale ressaltar que o objetivo deste trabalho não é reduzir as mulheres à suas vaginas, tampouco reafirmar o senso comum de que a vagina define o gênero de uma pessoa, como insisto em repetir. O estudo busca, por outro lado, contribuir com o debate a respeito da artificialidade das tecnologias sociais heteronormativas e de suas construções ideológicas a respeito da associação entre “vagina”, feminilidade e beleza. Wittig (1980, p. 3) afirma que esses discursos, que a princípio podem ser designados genericamente por ideologias, materializam nos corpos e nas mentes das pessoas “oprimidas” violências físicas reais/materiais, “violência essa produzida pelos discursos abstratos e ‘científicos’, assim como pelos discursos dos *mass media*”.

biológico, psicológico o económico que determine el papel que las mujeres representan en la sociedad: es la civilización como un todo la que produce esa criatura intermedia entre macho y eunuco, que se califica como femenina” (Wittig, 2006, p. 32).

⁵⁷ “Os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua ‘natureza’ (relações heterossexuais)” (PRECIADO, 2014, p. 31).

É importante considerar que por “tecnologias”⁵⁸ podemos entender a sexualidade “bem como suas práticas e identidades sexuais”, as quais podem ser entendidas enquanto máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação. É nesse sentido que é apropriado afirmar que a “história da humanidade” deveria ser rebatizada de “história das tecnologias”, já que a própria “natureza humana”⁵⁹ seria apenas um dos efeitos de tecnologias sociais, assim como o “gênero”, que é “protético” no sentido de ser “puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico”. Partindo dessa realidade híbrida, os órgãos sexuais não existiriam em si, posto que são produtos “de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação” (PRECIADO, 2014, p. 22-31), ou seja, em uma tecnologia que objetiva produzir corpos coerentes, onde os órgãos sexuais são mais do que “órgãos reprodutores”, são “produtores” ao passo que produzem “coerência do corpo como propriamente ‘humano’” (PRECIADO, 2014, p. 131). Apesar de as tecnologias misturarem “maquínico” e “orgânico”, a coerência do corpo que reitera a diferença sexual parece importante de ser mantida como reitera Schmitt (2014, p. 16) quando se refere às técnicas cirúrgicas, as quais de acordo com a autora “parecem pretender recriar aquilo que, nos termos de Butler (1999), falhou em materializar-se”.

Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016, p. 22) sublinham que os genitais são fabricações genderizadas, isto é, que são órgãos investidos de gênero por meio de diferentes tecnologias que constituem e são constituídas pela matriz heteronormativa, tal qual o discurso médico, a linguagem⁶⁰ e a mídia. Paul B. Preciado (2014) denomina, por sua vez, de “tecnologia social heteronormativa” essas tecnologias de “conjunto de instituições tanto linguísticas como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homem e corpo-mulher” com base em argumentos que

⁵⁸ “O termo tecnologia (cuja origem remete à *téchné*, ofício e arte de fabricar, opondo-se a *physis*, natureza) coloca em funcionamento uma série de oposições binárias, nas quais o ‘instrumento’ joga o papel de mediação entre os termos da oposição” (PRECIADO, 2014, p. 147).

⁵⁹ “A natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade. O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...) que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual” (PRECIADO, 2014, p. 25).

⁶⁰ “(...) a linguagem enquanto fenômeno tem dominado os sistemas teóricos modernos e as ciências sociais, e entrou nas discussões políticas dos movimentos de libertação das lésbicas e das mulheres. Tal acontece porque a linguagem relaciona-se com um importante campo político onde o que está em jogo é o poder, ou, mais ainda, uma rede de poderes, uma vez que existe uma multiplicidade de linguagens que constantemente agem sobre a realidade social. A importância da linguagem enquanto tal como um interesse no jogo político foi apenas recentemente percebida” (WITTIG, 1980, p. 1).

designam o que é “normal” em termos de gênero, corpo e sexualidade. Monique Wittig (1980) as insere no campo do “pensamento hétero”⁶¹ enquanto Sáez e Carrascosa (2016) as denominam de “regime heterocentrado”. Quando nos deparamos com os relatos pessoais das mulheres que compõem os projetos ativistas que localizei, é possível perceber a ressonância do pensamento heteronormativo em suas vidas, e o quanto de fato os produtos dessas tecnologias causam sofrimento psíquico e impactam sua “autoestima vaginal”, diante de “séculos de distorções sobre a vagina”⁶²

1.2 Perambulando pelos fluxos informacionais da rede: o corpus empírico

Apesar de o primeiro contato com o tema ter acontecido no final de 2013 (com a matéria da “*Revista Glamour*” e com o conteúdo das páginas do LLP e do PPP), a pesquisa empírica, que foi conduzida enquanto uma abordagem qualitativa, teve início em fevereiro de 2015 e foi finalizada em junho de 2018. Em concordância com Fragoso, Recuero e Amaral (2016, p. 55), considero que a internet é “um universo de investigação particularmente difícil de recortar, em função de sua escala, heterogeneidade e dinamismo”, que requer portanto um esforço significativo no que se refere a configuração de uma amostra, de uma organização dos dados que parecem tão fragmentados quanto o é na pesquisa empírica presencial.

⁶¹ “Se o discurso dos sistemas teóricos modernos e da ciência social exercem poder sobre nós, é porque esse discurso trabalha com conceitos que nos tocam de perto. Apesar do advento histórico dos movimentos de libertação lésbica, feminista e gay, cuja ação já transtornou as categorias filosóficas e políticas dos discursos das ciências sociais, as suas categorias (assim brutalmente postas em questão) são, no entanto, utilizadas sem serem examinadas, pela ciência contemporânea. Essas categorias funcionam como primitivos conceitos num aglomerado de toda a espécie de disciplinas, teorias e idéias correntes a que chamarei o pensamento hétero (Ver o Pensamento Selvagem de Claude Levi-Strauss) Dizem respeito a "mulher", "homem", "sexo", "diferença", e a toda a série de conceitos que carregam esta marca, incluindo conceitos tais como "história", "cultura", e o "real". E embora tenha sido aceito em anos recentes que não existe semelhante coisa como a natureza, que tudo é cultura, permanece ainda um cerne de natureza que resiste a ser examinado, uma relação excluída do social na análise - uma relação cuja característica é inescapável na cultura, assim como na natureza, e que é a relação heterossexual. Chamar-lhe-ei a relação social obrigatória entre "homem" e "mulher" (Aqui refiro-me a Ti-Grace Atkinson e a sua análise do coito como uma instituição⁶.) Com a sua inescapabilidade erigida em conhecimento, em princípio óbvio, em dado pré-adquirido a qualquer ciência, o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos. Posso apenas sublinhar o caráter opressivo de que se reveste o pensamento hétero na sua tendência para imediatamente universalizar a sua produção de conceitos em leis gerais que se reclamam de ser aplicáveis a todas as sociedades, a todas as épocas, a todos os indivíduos” (WITTIG, 1980, p. 3).

⁶² BELTRAME-LINNÉ, H. Quadrinista sueca critica séculos de distorções sobre a vagina. Folha de São P., 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/05/quadrinista-sueca-critica-seculos-de-distorcoes-sobre-a-vagina.shtml>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Na maioria das vezes, eu estava acompanhada por um caderno de campo quando eu sentava diante de um notebook, arquivando textos de páginas da internet em formato *PDF*, copiando e colando em arquivos *Word* ou fazendo *printscreen* da tela e arquivando em formato *JPEG*. Em outros momentos, era apenas eu e meu *smartphone* em momentos inesperados em que o campo me interpelava, fosse em casa durante uma refeição, na faculdade no intervalos das aulas, dentro do carro ou do ônibus a caminho de algum lugar, no hospital enquanto eu cuidava do meu pai, na fila do banco ou do supermercado. Nessas ocasiões, eu não tinha meu caderno de campo comigo, mas tinha outras ferramentas que me ajudavam no registro dos dados, especialmente um aplicativo chamado Evernote, um *software* que tem como função a organização e o armazenamento de notas, mas também fazia uso do *printscreen* da tela do *smartphone*⁶³.

Como não criei um perfil de rede social especificamente para a realização da pesquisa, minhas redes sociais pessoais eram o tempo todo invadidas pelo meu objeto de pesquisa. Não havia, portanto, um momento demarcado de entrada ou saída do campo, de modo que vivenciei a experiência de estar no modo *always on* (SANTAELLA, LEMOS, 2010)⁶⁴, a fim de acompanhar o máximo de discussões possíveis em tempo real. Seguindo e acompanhando as postagens dos atores na várias plataformas online nas quais habitavam, consegui rastrear “conversações em rede” (RECUERO, 2014) síncronas e assíncronas⁶⁵, algumas delas que no momento em que o(a) leitor(a) tem acesso a este meu relato, já não existem mais, tragadas pela efemeridade característica dos conteúdos que compõem a paisagem dos espaços digitais.

Alguns ambientes digitais têm ritmos e topografias que produzem a impressão de estarmos em uma praça lotada de pessoas conversando, um espaço de rápida propagação de informações, imagens, opiniões e rumores,

⁶³ Todo o material textual que coletei foi arquivado em PDF, Docx ou JPEG (*printscreen*, ferramenta que faz a captura da tela), a depender do instrumento utilizado no momento (Notebook, PC ou *smartphone*), assim como o material imagético que também foi arquivado em JPEG a depender da estratégia de coleta (*download* ou o *printscreen* via Notebook, PC ou *smartphone*). Produzi notas sobre o processo da pesquisa em três diários de campo.

⁶⁴ “Conectividade *always on*” (SANTAELLA, LEMOS, 2010, p. 55) é o tipo de presença possibilitada pelos aparatos tecnológicos móveis de comunicação, que nos possibilitam uma presença contínua nos espaços digitais.

⁶⁵ Raquel Recuero (2014) afirma que as redes sociais digitais são aparatos técnicos socialmente apropriados por nós para práticas sociais compostas por “conversações em rede” – que em geral simulam elementos da conversação oral -, forma conversacional mais pública e mais coletiva que pode envolver milhares de atores interconectados, mas nem por isso permanente e facilmente rastreável por ser dinâmica e ter ferramentas próprias constantemente atualizadas, e que essas conversações podem ser de dois tipos com base na temporalidade: a síncrona, que são as que têm uma resposta imediata dos atores envolvidos, e a assíncrona, a que pode se estender por tempo indeterminado.

exatamente como o turbilhão de fluxos urbanos das grandes cidades: os bulevares, avenidas e galerias de uma Paris do século XIX, ou mesmo das metrópoles contemporâneas que se oferecem às caminhadas erráticas do flâneur, figura arquetípica da modernidade. Botânico do asfalto (BENJAMIN, 1994, p. 29), o flâneur adotava a perambulação como modo de conhecimento, como maneira de apreender o espaço citadino, percorrendo seus labirintos. Certas plataformas digitais se oferecem a errâncias virtuais análogas, por suas dinâmicas espaciais, mas igualmente temporais. O tempo do flâneur é o do movimento transitório, fugidio, efêmero, típico das metamorfoses do tecido urbano que só podem ser apreendidas através da flutuação à qual essa figura se dedica. Uma sensibilidade etnográfica transeunte, de idas e vindas, percorrendo caminhos em meio à multidão de imagens e mensagens, pode ser profícua quando acionada na observação de plataformas que têm como característica os trânsitos intensos e a efemeridade (LEITÃO, GOMES, 2017, p. 45).

Meu *smartphone* foi crucial no decorrer da pesquisa, pois foi tão utilizado no processo de coleta de dados quanto meu notebook. Como observam Osorio (2017), Sacalco e Ribeiro (2017), tem sido cada vez mais comum a adoção de “artefatos tecnológicos” (SCALCO, RIBEIRO, 2017) como *smartphones* em pesquisas qualitativas especialmente quando se tratam de estudos sobre/na internet. Como os telefones celulares se tratam de dispositivos eletrônicos de comunicação que tem sua importância na vida cotidiana, as fronteiras entre a entrada, o estar e o sair do campo ficam ainda mais tênues.

Os dispositivos móveis entram nas redes como novos atores que permitem o contato contínuo, ininterrupto, dos atores humanos entre si na rede, pois seus pontos de entrada e saída são eles mesmos móveis e, por consequência, permanentemente abertos. Isso habilita os atores a estar sempre copresentes uns aos outros à medida que se movimentam de maneira independente no espaço. Licoppe e Smoreda (2005) chamam de ‘presença conectada’ o padrão comunicacional apropriado pelas redes móveis, um padrão que se faz notar especialmente nas tecnologias dos encontros e das trocas, como são as RSIs, nas quais pequenos sinais de presença são tão ou mais importantes do que os conteúdos do que é comunicado, o que aumenta a frequência da função fática da linguagem e das interjeições exclamativas, uma insistente litania de mensagens expressivas curtas. Os autores caracterizam esses breves acenos de presença como processo de comunicação intersticial nos quais a comunicação fática funciona com um recurso de navegação e administração da atividade participativa. Na presença conectada, presença não se caracteriza simplesmente como o oposto de ausência, pois não se trata mais de presença física, mas de relações em redes inconsúteis de trocas quase contínuas” (SANTAELLA, LEMOS, 2010, p. 52).

De acordo com Raento, Oulasvirta e Eagle (2009 *apud* OSORIO, 2017, p. 25) “los smartphones pueden ser definidos como teléfonos móviles con la independencia de ser programados. Son fáciles de usar, hoy con día accesibles con precio (excepto los

últimos modelos del año) y permiten conocer la conducta social”. Apesar de, em vários aspectos, representarem facilidades para a pesquisa acadêmica:

[...] los teléfonos móviles no vienen a reemplazar las tradicionales técnicas de las ciencias sociales, sino que aumentan las capacidades de recolección de información. Proponen dos argumentos al respecto: control flexible y costo/beneficio. El primero señala que los smartphones son computadores de gran capacidad, que permiten interactuar con los sujetos, registrar con gran diversidad de sus conductas y enviar esta información a los investigadores en tiempo real. El segundo argumento se refiere a que permiten bajos costos en investigaciones extensas en el tiempo a gran escala. Como los datos son generados con independencia de la presencia del investigador, tiene menores costos. Además, los equipos son baratos, muchas veces (OSORIO, 2017, p. 25).

Em muitos casos os dispositivos eletrônicos como o celular representam para seus usuários mais do que “meros suportes para um conteúdo” (CARRERA, 2012, p. 149), são “objetos significantes, portadores de múltiplos sentidos e usos” que se tornam “artefatos afetivos” (SCALCO, RIBEIRO, 2017, p. 69) e em geral, as mídias digitais, que são também “mídias horizontais” (MISKOLCI, 2017), são utilizadas como “artifício de construção de subjetividade” (CARRERA, 2012, p. 148).

De acordo com Castells (2008, p.447) a telefonia móvel pode ser considerada a tecnologia de comunicação mais rapidamente difundida na história da humanidade, apesar de o telefone celular ter se tornado realmente acessível somente a partir da década de noventa. (...) Além do que, Castells et al. ressaltam, os dispositivos móveis são interativos, o que faz com que os usuários tornem-se, na maioria das vezes, os produtores da tecnologia através de suas diferentes práticas. Castells (2008) compreende que a comunicação móvel tornou-se o modo predominante de comunicação em nosso mundo. (...) Outro ponto que Castells (2008) traz em seu texto é que a comunicação móvel não se trata apenas de mobilidade, mas sim de autonomia. Antes, quando havia apenas as linhas fixas de telefone para realizar ligações, era possível telefonar apenas de casa, de locais de trabalho, de escolas; com a telefonia móvel, além de poder se comunicar também nesses lugares habituais, há a possibilidade de ligar e enviar mensagens de qualquer outro lugar, como do carro, do trem, em estações, aeroportos, nas ruas, em filas, salas de esperas, e o melhor, a qualquer hora, em todos os tempos (CASTELLS, 2008). Como citam Ito et al. (2005) os dispositivos móveis são “pessoal, portátil e de pedestres”, eles foram rapidamente adotados e ligados aos nossos corpos para a realização de variadas práticas sociais, para além da comunicação, que foi pensada como sendo sua principal função. Nesse sentido, Castells et al. (2007, p.77) acreditam que as tecnologias sem fio e principalmente o telefone celular, são percebidos como elementos de rotina diária e instrumentos essenciais da vida contemporânea. (...) Os telefones móveis, segundo Castells et al., são expressões de identidade, são os aparelhos eletrônicos da moda, ferramentas da vida cotidiana, e muitas outras coisas. A comunicação móvel, conforme os pesquisadores, aumentou a autonomia dos indivíduos, permitiu que eles pudessem criar as suas próprias conexões e não ficassem mais dependentes apenas de meios de comunicação

e canais de comunicação controlados por grandes organizações” (PEREIRA, 2017, p. 40-42).

Com isso, criamos cotidianamente formas novas e criativas de presencialidade e consequentemente, de materialidade, através dos nossos usos dos dispositivos eletrônicos. E é importante lembrar, conforme Padilha (2015, p. 20) fala inspirado pela reflexões de Teresa de Lauretis (1994) que os aplicativos são “tecnologias de gênero” porque quando nos apresentamos nestes espaços digitais, empreendemos uma negociação a respeito dos códigos de acesso que desejamos que o outro tenha sobre nós, e esses códigos envolvem construções de gênero, de corpo, de desejo, etc. E as pessoas seguem transformando os aplicativos através dos diferentes usos que fazem destes, e que vemos serem atualizados em pesquisas acadêmicas diversas que pensam sobre as potencialidades das tecnologias da informação e da comunicação no cotidiano e na pesquisa empírica⁶⁶. Um dos usos das plataformas digitais que tem ganhado força na última década tem sido aqueles que refletem sobre as potencialidades dos espaços digitais, sobretudo na mobilização, organização, revitalização e fortalecimento de movimentos sociais diversos⁶⁷. Aos movimentos sociais existentes antes da democratização das tecnologias de informação e comunicação, juntou-se a potencialidade do advento da internet como instrumento na transformação e na ampliação da área de atuação dos movimentos, criando assim as mobilizações online desterritorializadas. Nesse caminho, também são muitos os estudos que animam discussões sobre o corpo feminino como instrumento de denuncia das imposições culturais hegemônicas, assim como outras demandas relacionadas a corpo, gênero e

⁶⁶ Tais como: GUIMARÃES JR., 2000; MÁXIMO, 2002, 2007; MILLER, 2004; SIBILIA, 2015a, 2015b; DIAS, 2007; DORNELLES, 2008; MÁXIMO, RIFIOTIS, 2008; CAVALCANTE, 2008; AMARAL, RECUERO, MONTARDO, 2009; GAZIRE LEMOS, 2009; AMARAL 2010; TREVINHO, REIS, 2010; MISKOLCI, 2011,2012, 2016, 2017, 2018; CARRERA, 2012; HORST, MILLER, 2012; SEGATA, MÁXIMO, BALDESSAR, 2012; RECUERO, 2012, 2014a, 2014b; FACIOLI, 2013, 2016; LIMA, VIEIRA, 2013; MALINI, ANTOUN, 2013; NUNES, 2013; POLIVANOV, 2013; ZAGO, 2013; BERNARDES, 2014, 2017; KOZINETS, 2014; MILLER, 2014; BELELI, 2015; FERREIRA, 2015; PADILHA, 2015; SANTOS, BARROS, 2015; SILVA, 2015; SILVA, JAIME, 2015; SOUZA, 2015; TOMAZETTI, BRIGNOL, 2015; ZAFRA, 2015; CWYNAR-HORTA, 2016; LINS, 2016; FERRAZ, 2016, THOMAS, 2016; TRANQUILIN-SILVA, 2016; LEITÃO, GOMES, 2017; OSORIO, 2017; SCALCO, RIBEIRO, 2017; dentre outros.

⁶⁷ Tais como: BARREIRA, 2009, 2014; SCHERER-WARREN, 2006, 2008; GAZIRE LEMOS, 2009; PEREIRA, 2010; MALINI, ANTOUN, 2013; ALCÂNTARA, 2013; Nunes, 2013; Bernardes, 2014, 2017; GAJANIGO, SOUZA, 2014; BAER, 2016; Ferreira, 2015; SANTOS, BARROS, 2015; SOUZA, 2015; CWYNAR-HORTA, 2016; Ferraz, 2016; REYES, 2016; WITTEKIND, 2016, dentre outros.

feminismos que utilizam espaços digitais⁶⁸, e também sobre o corpo feminino no campo da arte⁶⁹.

Parte desse campo de estudos costuma enfatizar as transformações tecnológicas, sociais, culturais particularmente comunicacionais que começaram a ocorrer no mundo a partir da década de 1990 possibilitadas pelo processo de expansão da internet⁷⁰ e do advento das novas tecnologias de informação e comunicação vinculadas às novas mídias, cada vez mais plurais, desterritorializadas e incorporadas no cotidiano, especialmente sobre os desdobramentos dos usos das redes sociais digitais, tais como Facebook e Instagram, e das tecnologias móveis, também cada vez mais (prod)induzindo imediatismo, fluidez, efemeridade e fragmentação. Podemos apreender desse contexto que as várias manifestações dos ativismos online⁷¹, ciberativismos⁷², ciberfeminismos dentre outras denominações que são utilizadas para dar conta da apropriação da internet pelos movimentos sociais⁷³, mobilizam demandas materiais que são transpostas do off-line para o online através de atores/sujeitos heterogêneos que se reúnem em causas semelhantes, onde são exploradas as possibilidades de luta e crítica

⁶⁸ Tais como: (GAZIRE LEMOS, 2009; BERNARDES, 2014; GALETTI, 2014; FERREIRA, 2015; SANTOS, BARROS, 2015; SOUZA, 2015; BAER, 2016; CWYNAR-HORTA, 2016; FERRAZ, 2016; REYES, 2016; TRANQUILIN-SILVA, 2016; WITTEKIND, 2016)

⁶⁹ Tais como: ESCUDERO, 2003; TIZOLI, 2008; ALMEIDA, 2010; CRUZ, 2010; MAGALHÃES, 2010; ARRUDA, COUTO, 2011; BARRETO, 2013; TVARDOVSKAS, 2013; HONÓRIO, 2017), dentre outros.

⁷⁰ “Segundo Lévy (2011), o processo teve início nos anos de 1970, com o movimento social surgido na Californiana, denominado Computers for the People, que tinha como objetivo levar a linguagem e a utilização dos computadores para todos os indivíduos, tirando-os do domínio dos especialistas das grandes corporações e instituições burocratas. Mas, como afirma Lévy, isso não impediu que a indústria não absorvesse esse ideal, transformando-o em um consumo de massa e aumentando significativamente a produção de softwares e computadores pessoais” (GAJANIGO, SOUZA, 2014, p. 579).

⁷¹ “O ativismo online levantou novas questões sobre a organização política e transformação social. A tecnologia não surgiu como novidade, pois os movimentos sociais têm historicamente incorporado novas mídias em suas lutas por mudança social” (NUNES, 2013, p. 3).

⁷² É importante mencionar que “o ciberativismo é um fenômeno relativamente novo. Ele tem sua primeira grande expressão com a revolta Zapatista em 1994 no México. Na academia brasileira, por exemplo, o tema consolidou-se como objeto de estudo apenas na primeira década do século XXI (ARAUJO, 2011). A ABCiber, instituição que visa agregar os estudos em cibercultura no país, foi criada apenas em 2006, para se ter uma ideia (AMARAL; MONTARDO, 2010)” (ALCÂNTARA, 2013).

⁷³ Entendendo movimento social conforme Scherer-Warren (2006, p. 113), enquanto uma dinâmica que “se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia, num contínuo processo em construção”.

contra hegemônica⁷⁴ com usos extensivos das imagens como elemento central na representação dessas demandas nos espaços digitais⁷⁵.

As campanhas que são difundidas nessas mídias chamam atenção porque “interpelam os sujeitos a produzir os seus próprios conteúdos” (TRANQUILIN-SILVA, 2016, p. 238). Como Tranquilin-Silva (2016, p. 238) e tantos outros autores e autoras que estudam qualitativamente a internet como local de pesquisa (onde se estuda), objeto (o que se estuda) ou instrumento (ferramenta para coleta de dados) -- classificação essa observada por Fragoso, Recuero e Amaral (2016, p. 17) -, parto do pressuposto “de que os territórios digitais se fundem aos territórios físicos, nos contextos urbanos”, e partindo dessa ideia, acredito que “não existem dicotomias entre o real e o imaginário, entre a virtualidade e a presencialidade”.

Como uma usuária imbricada nas “dinâmicas comunicacionais” (SANTAELLA, LEMOS, 2010, p. 72) das mídias digitais⁷⁶, muitas vezes não consegui guardar apenas para mim e meu orientador as descobertas que eu fazia durante a pesquisa, então fui repetidas vezes movida pelo meu entusiasmo a compartilhá-las em meu perfil pessoal do Facebook, porque considerava informações valiosas demais para não serem

⁷⁴ “São causas politicamente contra-hegemônicas, [as] que propõem novas agendas políticas, éticas e morais, exigindo novos rumos e formas para a democracia e para as políticas econômicas e sociais” (GAJANIGO, SOUZA, 2014, p. 583). Em geral, o discurso e a prática contra hegemônica traz um si um consenso no que se refere à “insatisfação quanto às estruturas econômicas e políticas tradicionais que organizam a sociedade contemporânea” (GAJANIGO, SOUZA, 2014, p. 583).

⁷⁵ “As novas tecnologias de informação e comunicação, atreladas às novas mídias e às redes sociais virtuais, passaram a ser utilizadas como mecanismos de aglutinação e convocação dos participantes, estabelecendo um caráter diferenciado dos movimentos sociais anteriores e formando um coletivo em rede, conectado no ciberespaço, heterogêneo e múltiplo, como afirmam Ortellado e Ryoki (2004, p. 17), pesquisadores que estudaram o movimento Resistência Global no Brasil: Uma das características mais distintivas do nosso movimento, em oposição àquele dos anos de 1960 e 1970, é a forma de organização por redes. [...] Redes não são organismos com uma estrutura organizacional definida ou com posições uniformes – elas são flexíveis, fluidas, plurais e descentralizadas. Redes são uma forma relativamente nova de associação, na qual as “partes” (que podem ser indivíduos, organizações ou mesmo outras redes) se unem para perseguir objetivos específicos, respeitando apenas princípios gerais acordados” (GAJANIGO, SOUZA, 2014, p. 581).

⁷⁶ “Redes sociais como Facebook, Instagram ou YouTube incitaram seus usuários a aproximarem-se da experiência que anteriormente era disponível apenas a seus antigos ídolos. Por meio da criação e postagem de fotos e vídeos, as pessoas passam a performar a si mesmos para sua audiência particular, emulando no cotidiano as estratégias de publicidade de uma espécie de star system ampliado. Os motivos nas fotos, seus enquadramentos e poses não deixam dúvida sobre a inspiração cinematográfica, televisiva e até publicitária nas imagens que se multiplicaram exponencialmente em perfis e canais de usuários comuns. O advento da internet não nos afastou das mídias de massa e talvez até tenha ampliado seu papel em nossas vidas. A principal diferença é que não somos mais apenas expostos ao cinema e à televisão, mas agora também nos expomos nas redes sociais incorporando subjetiva e corporalmente essas tecnologias. A expectativa de exposição midiática de si mesmo incita ao uso de filtros, ferramentas ou aplicativos que “melhoram” a imagem, permitindo apresentar pele mais lisa, sem marcas de cansaço, dentes mais brancos e olhos brilhantes. Também incentiva a adoção de diferentes técnicas corporais que vão das dietas aos exercícios, consumo de roupas, cosméticos e até cirurgias estéticas. Portanto, em rede nosso corpo ganhou evidência na mesma medida em que fomos convidados a trabalhá-lo para a exibição” (MISKOLCI, 2017, p. 2).

compartilhadas com as pessoas que compõem meu círculo de contato online. Ser uma usuária de mídias digitais, assim como os atores que eu estava acompanhando fez com que eu despertasse a atenção e conseqüentemente a curiosidade dos meus colegas, que por frequentemente presenciarem minhas postagens sobre os dados da tese, passaram a me ajudar a agregar mais dados empíricos. “Lembrei de ti” e “lembrei da tua pesquisa” passaram a ser mensagens quase que cotidianas, acompanhadas de textos, imagens, vídeos e dicas de livros e filmes que de alguma forma dialogavam com a temática que eu estava estudando. Logo fiquei conhecida pelos corredores da faculdade como “a das vaginas” e por conta dessa divulgação da minha pesquisa, fui convidada para falar sobre seus resultados na Escola de Saúde Pública do Ceará, localizada na Av. Antônio Justa, número 3161, no bairro Meireles, e no Hospital Universitário Walter Cantídio, localizado na rua Capitão Francisco Pedro, número 1290, no bairro Rodolfo Teófilo, ambos na cidade de Fortaleza, oportunidades muito ricas em que pude comprovar a importância do debate que eu estava pretendendo realizar com a tese.

A pesquisa de campo se deu como uma caça ao tesouro em alto mar e eu resolvi respeitar os “fluxos informacionais” (SANTAELLA, LEMOS, 2010, p. 66) das redes que acessei. Eu ia navegando pelos “infomares”⁷⁷, utilizando os elementos dos textos como mapas que poderiam me levar até outras discussões e outros atores. As plataformas digitais eram como baús que eu remexia em busca de tesouros, e eu seguia viagem fazendo anotações no meu caderno de bordo (que ao final da viagem já não era um só, mas três), vibrando com as descobertas, como quem avista ao longe terra depois de dias em alto mar. Por vezes, o *smartphone* era minha vara de pescar, instrumento de captura de dados, que permitia minha conexão com os atores e com suas “conversações em rede”, a qualquer hora, em qualquer lugar. O principal canal de busca que acessei foi o buscador do Google, mas também utilizei os buscadores do Instagram e do Facebook. E tendo em vista a densidade e a diversidade dos dados coletados, decidi por classificá-los em dois universos empíricos, os quais acessei através de uma “observação silenciosa” (AMARAL, 2010, p. 131), isto é, sem minha identificação naquele espaço como uma pesquisadora. Eu era apenas mais uma seguidora realizando suas atribuições de seguidora: curtindo e às vezes comentando e compartilhando o conteúdo das páginas.

⁷⁷ Termo que peço emprestado do trecho “Um barco que veleje nesse infomar”, da música “Pela Internet”, de Gilberto Gil (1998).

Nesse sentido, o primeiro universo empírico trata de material coletado a partir de uma pesquisa exploratória sobre os termos “autoestima vaginal”, “estética genital feminina” e “insegurança genital” utilizando a ferramenta de busca do Google, na qual encontrei material disponível em diversos portais, revistas e periódicos eletrônicos publicados entre 2005 e 2018⁷⁸, portais, jornais e noticiários eletrônicos publicados entre 2008 e 2018⁷⁹, postagens publicadas no Facebook e no Instagram entre 2015 e 2018, e de sites e blogs de clínicas e especialistas em tratamentos da região vulvovaginal publicados entre 2011 e 2014⁸⁰. Ambos os textos, que classifico como midiáticos e aliados, falam tanto sobre os procedimentos cirúrgicos e não cirúrgicos de embelezamento íntimo e também sobre os “*projetos*” e suas demandas.

O início da configuração desse universo empírico aconteceu de fevereiro a outubro de 2015, no que considero ter sido a primeira fase da pesquisa de campo. No entanto, foi sendo incorporado mais material à medida que eu fui encontrando mais textos que atualizavam o contexto estudado. Vale ressaltar que ambos os textos consultados são de fácil acesso a públicos variados e são constituídos por conteúdo publicitário e que se apropriam em alguns momentos de linguagem acadêmica. Muitos deles são textos ativistas e/ou aliados que saem em defesa de questões de gênero, corpo e sexualidade feminina, e questionam o mercado da beleza, ainda que também funcionem como uma vitrine para sugestões a respeito de práticas voltadas para o cuidado de si. Vale ressaltar também que optei por utilizar essa classificação porque é inegável que ambos possuem um tom diferente entre si e se destinam a públicos diferentes, no entanto, ao mesmo tempo em que são diferentes, há uma linha tênue que os diferenciam, tendo em vista que a produção discursiva ativista tem ocupado espaço em matérias publicadas nos jornais e revistas da mídia de massa. Em alguns momentos os textos visibilizam embates ao acolherem diferentes visões de mundo que por vezes expressam pensamentos ambíguos e contraditórios. Discussões que tratam da igualdade de gênero, por exemplo, ganharam um espaço maior nas mídias sociais, assim como

⁷⁸ Tais como: Blog da Marcha Mundial das Mulheres, Blogueiras Feministas, Blog Mulherão, Clube da Calcinha, Dicas de Mulher, Escreva Lola escreva, Garota Beleza, Geledés, M de Mulher, Medium, Minha vida, Plano Feminino, Revista Azmina, Revista Carta Capital, Revista Donna, Revista Época, Revista Galileu, Revista Glamour, Revista Trip, Revista Vertigem, Tempo de Mulher, dentre outros.

⁷⁹ Tais como: Aqui em tempo real, BBC Brasil, Bol Notícias, Catraca Livre, Cultura Teen, Diário Gaúcho, El País, Folha de S. Paulo, G1, Gazeta Online, Hypeness, Huffpost Brasil, IBahia, Jornal O Povo, Jot Down, Marco Eusébio In Blog, Metrôpolis, NE10, Notícias do Dia, O Globo, Obvious, Portal R7, Publico, Tab Uol, Tecnoarte News, The Guardian, Tribuna do Ceará, Universa, UOL Notícias, Vix, Yahoo! Vida e Estilo, dentre outros.

⁸⁰ Tais como: Pompoarte, Reforma íntima, Clínica Larosier, Clínica Plenna, Clínica Midas, Estética Brasil, Davi Pontes Cirurgia Plástica)

diversas pautas dos feminismos⁸¹, sendo que “feminismo” foi uma das palavras mais pesquisadas no Google desde 2017 no Brasil, informação que consta em matérias publicadas naquele ano nos jornais Estadão⁸² e O Globo⁸³, por exemplo.

O segundo universo empírico, por sua vez, diz respeito ao material coletado em sites, blogs, páginas no Facebook e no Instagram dos “projetos” que encontrei no decorrer da pesquisa exploratória inicial, de pesquisas pelos termos “vagina”, “vulva”, “buceta”, “pussy” e “vaginart” utilizando os buscadores do Facebook e do Instagram e também a partir da “observação silenciosa” das redes digitais formadas por estes “projetos” no Instagram. Essas redes⁸⁴ digitais que menciono foram observadas *in loco* a partir de comentários, curtidas, colaborações, referências e compartilhamentos nas/das respectivas páginas, revelando seu caráter enquanto “possibilidades de solidariedade, de reciprocidade e de compartilhamento” (Scherer-Warren, 2006, p 122). Um exemplo que ilustra o que digo é a criação do PPP, o qual foi inspirado no “*The Great Wall Of Vaginas*”, ou ainda a atuação do “*Vagina Museum*”⁸⁵, um museu digital que divulga o trabalho artístico e ativista a respeito da “vagina”, que em breve deve se tornar o primeiro museu físico sobre o assunto. Esses espaços digitais são utilizados com a finalidade de visibilizarem ativismos da “vagina”, fazendo dessa parte do corpo um instrumento para pensarmos a opressão das mulheres pelo machismo e por imposições diversas, como os padrões de beleza e a sexualidade reprodutiva. Embora tenha encontrado aproximadamente 100 projetos que promovem esse tipo de ativismo, resolvi circunscrever o escopo da tese aos 57 que trazem discussões especificamente sobre a parte externa do órgão.

Cada um desses “*projetos*” possui uma dinâmica diferente no que se refere ao tipo de conteúdo que compõe as postagens, na forma de interação com o público e em

⁸¹ Entendido aqui como “um movimento múltiplo, híbrido, globalmente disperso e culturalmente localizado” (TOMAZETTI, BRIGNOL, 2015, p. 2).

⁸² FREITAS, H. Buscas no Google sobre feminismo crescem 200% em dois anos no Brasil. Estadão, 2017. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,buscas-no-google-sobre-feminismo-crescem-200-em-dois-anos-no-brasil,70002062987>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁸³ BARROS, L. Estudo do Google revela aumento de buscas por temas relacionados à diversidade. O Globo, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/estudo-do-google-revela-aumento-de-buscas-por-temas-relacionados-diversidade-21975144>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁸⁴ A rede, de acordo com Miskolci (2017, p. 260), “é uma criação individual a partir de contatos da pessoa, uma versão segmentada do social que, para cada usuário on-line constitui sua audiência” (MISKOLCI, 2017, p. 260). Redes são, nesse sentido, “fluxos, circulações, movimentos, alianças que nada têm a ver com entidades fixas. Uma rede de atores não é redutível a um único ator nem a uma rede; ela é composta de séries heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados e agenciados (Moraes, 2004, p. 323 *apud* Santaella, Lemos, 2010, p. 33).

⁸⁵ MORRISH, L. The World's First Vagina Museum Is Set To Open In The UK. Konbini, 2017. Disponível em: <https://www.konbini.com/en/lifestyle/the-worlds-first-vagina-museum-set-to-open-in-the-uk/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

relação ao idioma⁸⁶. Muitos são multiplataformas, ou seja, estão ao mesmo tempo no Instagram, no Facebook, no Twitter, tem canal no Youtube, sites, blogs e lojas virtuais⁸⁷. Além disso, nem todos são identificados como “*projetos*” e suas atividades nem sempre são desenvolvidas apenas em espaços digitais. No entanto, priorizei o material disponível no Instagram por ser a mídia digital com a qual mais me identifiquei⁸⁸. É exatamente por ser uma rede social focada nas fotografias produzidas pelos próprios usuários, isto é, no protagonismo de pessoas “comuns”, que preferi utilizá-lo como ferramenta de acesso aos projetos, especialmente porque ter acesso a redes sociais como o Instagram e “ter um smartphone com serviços de Internet passou a representar mais do que um entretenimento para um indivíduo isolado em um mundo voltado para o consumo”, mas também se tornou “uma ferramenta útil e ágil para organizar, divulgar imagens e mobilizar um protesto ou uma ocupação” (GAJANIGO, SOUZA, 2014, p. 585). E o Instagram, tanto quanto as demais mídias digitais, tem sido utilizado para atividades que extrapolam o simples entretenimento e lazer.

Ambos os universos empíricos da tese me fizeram ter a mesma sensação descrita por Ensler (2000, p. 53) no que se refere ao material que ela coletou para seu livro. Ela afirma que começou a “ocorrer uma espécie de coral; uma espécie de selvagem canto coletivo”, que as “mulheres faziam eco umas às outras” e que por isso deixou “que as vozes sangrassem umas dentro das outras”, e como ela, me perdi nesse sangramento por muitos meses, sem conseguir definir qual afinal era o objeto desta tese. Em alguns momentos, quis focar apenas no conteúdo dos ativismos da vagina, porque enxergava ali um potencial instigante de denúncia das contradições do “pensamento hétero” (WITTIG, 1980); em outro momento quis priorizar uma abordagem mais ampla, que visasse examinar os discursos favoráveis e desfavoráveis às cirurgias íntimas, mas percebi que todos os elementos desse extenso *corpus* empírico que reuni falavam sobre um mesmo assunto. Das dezenas de projetos que encontrei, dediquei espaço maior para

⁸⁶ A maior parte deste material é estrangeira, e em geral, os textos aparecem traduzidos por mim para o português. O uso de tantas fontes estrangeiras se deu pela ausência de conteúdo semelhante produzido em solo nacional, fato que muito me angustiou tendo em vista a posição que o Brasil ocupa no ranking internacional de cirurgias íntimas.

⁸⁷ BEUSMAN, C. A arte das vaginas que puedes encontrar no Etsy. Vice, 2014. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/z4v4px/a-arte-das-vaginas-que-podes-encontrar-no-etsy>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁸⁸ Outros estudos também utilizam o Instagram como ferramenta de coleta de dados e/ou como campo de pesquisa, como Carrera (2012), Piza (2012) Fernandes (2015), Cwynar-Horta (2016), Thomas (2016) e Manovich (2017), dentre outros.

PPP, VLL, TVG e LB (três estrangeiros e um nacional) porque o conteúdo destes me chamou mais atenção e porque alguns não apresentam discussões textuais⁸⁹.

Houve ainda a tentativa de incorporar a esses dois universos um terceiro, não que aqueles dois universos empíricos não tivessem fornecido informações suficientes, ao contrário, mas quis empreender uma experimentação presencial, porém não obtive o sucesso esperado⁹⁰. Também fazem parte do *corpus* empírico informações coletadas a partir de quatro entrevistas: a primeira foi por e-mail em 16 de maio de 2015, com a norte-americana “*Jessica Row*”, criadora do site “*The Vagina Project*”⁹¹(TVP) que deixou de existir em 2017 assim como o LLP; a segunda aconteceu via Skype em 29 de abril de 2016, com a jornalista e ativista brasileira “*Carol Patrocínio*”; a terceira foi via chat do Facebook em abril de 2016, com a ativista brasileira “*LÓRI*”, criadora do “*Amo Minha Vagina*”⁹²; e a quarta, também via Skype em 10 de maio de 2017⁹³ com as designers “*Karen*” e “*Kelly*”, criadoras do “*Lambe Buceta*”⁹⁴. Por que apenas quatro entrevistas? Houve muitas tentativas via e-mail, mensagens enviadas via chat do Facebook, via Instagram, comentários em postagens de blogs e também mensagens de whatsapp com responsáveis pela criação de outros “projetos” online nacionais e estrangeiros, com outras ativistas que assim como “*Carol Patrocínio*”, eu havia conhecido através de textos publicados em revistas e periódicos online e também com profissionais da área da estética íntima cujos nomes eu havia encontrado durante a primeira pesquisa exploratória que fiz em 2015. Mas os obstáculos foram muitos, tais como e-mails que nunca foram respondidos, mensagens visualizadas mas que também nunca foram respondidas e horários incompatíveis, de modo que eu resolvi não mais

⁸⁹ O que não significa que não têm sua importância para a tese e para o ativismo da vagina, pois todos, à sua maneira, contribuíram nas minhas reflexões. Mas eventualmente trechos do conteúdo dos demais são citados no decorrer do texto.

⁹⁰ Falo sobre esse episódio mais detalhadamente no capítulo 3.

⁹¹ Disponível em: <http://vaginaproject.org/>.

⁹² Disponível em: amominhavagina.tumblr.com.

⁹³ Considero importante destacar que nesta ocasião a conversa foi gravada em vídeo com auxílio do software de gravação de chamadas de vídeo Call Note e transcrita com auxílio do software de transcrição online Transcribe.

⁹⁴ As ferramentas que hoje estão a nossa disposição como a Internet, as redes sociais digitais, os aplicativos de comunicação instantânea - que figuram como importantes fontes de difusão de saber e espaço onde se pode dizer o que parece indizível presencialmente -, facilitam o trabalho de captação do “real” em vários sentidos, como por exemplo a possibilidade de encontra-las sem que eu tivesse que me deslocar até São Paulo. A entrevista oral via chat e com vídeo/áudio difere da presencial não apenas por isso, mas porque dependemos da qualidade da Internet tendo em vista que a compreensão da fala do outro pode ser dificultada se o áudio não está bom, se a Internet trava, etc., que podem dificultar a captação da emoção na entonação da voz, as pausas e as gagueiras, que Portelli (2016) ressalta serem dados de pesquisa tão importantes quanto qualquer outro.

priorizá-las. E as entrevistas que eu havia obtido confirmavam muitas das informações que eu havia encontrado em campo.

Com esse material em mãos, construí este texto, estruturando-o em três momentos que mobilizam modos de visibilidade, discursos e vivências, os quais apresento brevemente a seguir.

O capítulo intitulado “A vagina-corpo e as estratégias sexopolíticas de controle social do corpo feminino” trata dos impactos das injunções médico-midiáticas na elaboração do “*ideal de vagina perfeita*” que tem circulado na internet, assim como procura refletir sobre a iconografia da vagina na medicina. O aumento da demanda por cirurgias íntimas no Brasil, por exemplo, não significa que o tabu está sendo desfeito, pelo contrário, entendo-o como um sintoma dessa sociedade do consumo que se comporta de forma ambígua em relação às “vaginas”, criando várias maneiras de “refeminização” (DESPENTES, 2016, p. 17) dos corpos das mulheres. Examinando neste capítulo textos da internet que falam sobre as práticas mais procuradas voltadas para o embelezamento íntimo, refletindo sobre o papel da mídia no processo de circulação deste tipo específico de mercado da beleza e realizo uma incursão teórica a respeito de ideais de normalidade sustentados pelo discurso biomédico sobre o corpo, especialmente o feminino, demonstrando assim que a noção hegemônica de “vagina” é uma “invenção” e não um dado “natural” inquestionável e ahistórico, porque “esses discursos produzem uma leitura científica da realidade social na qual os seres humanos são dados como invariantes, não tocados pela história” (WITTIG, 1980, p. 2). Os desdobramentos da pesquisa a respeito dos modelos de normalidade e beleza da genitália feminina aparecem nos capítulos seguintes.

No capítulo intitulado “A vagina-palavra e as estratégias discursivas de poder” examino falas que fazem parte do conteúdo de alguns dos “projetos” aos quais tive acesso, em diálogo com um conjunto de autores que refletem sobre o poder que a linguagem⁹⁵ tem de materializar o poder heteronormativo, os efeitos do tabu social em relação às palavras que são usadas popularmente sobre a vagina, que de acordo com Wolf (2013, 210) “criam ambientes que afetam diretamente o corpo das mulheres” e que “mudam, para melhor ou para pior, o que elas implicam ou descrevem”, já que “*essa palavra pode ser motivo para alguém ser investigado ou censurado*” (LE MOS,

⁹⁵ “A linguagem é, ao mesmo tempo, intimamente ligada ao campo político, onde tudo o que concerne a linguagem, a ciência e o pensamento se refere à pessoa enquanto subjetividade e à sua relação com a sociedade¹⁰. Não podemos deixar estas coisas no poder do pensamento hétero ou do pensamento de dominação” (WITTIG, 1980, p. 5).

2014)⁹⁶, correndo até o risco de ser detido(a)⁹⁷. “Como nomear o inominável?” (Zwang, 2000, p. 234). Faço esse movimento reflexivo com o intuito de inserir esse tópico como um fator importante na fabricação de ideais de normalidade, beleza e também de feminilidade tendo em vista que a linguagem influencia e é influenciada por muitos fatores culturais, e pode, conseqüentemente, afetar o cotidiano das pessoas, modificando seus imaginários⁹⁸ e roteiros de socialização. Considero, pois, que existe relação entre a linguagem com a forma como a “vagina” é vivenciada, falada e representada. Para ilustrar essa ideia analiso uma polemica que viralizou na internet em junho de 2018, durante a Copa do Mundo na Rússia. Além disso, o capítulo trata também de como as mulheres nomeiam suas vulnerabilidades e se apropriam de suas próprias narrativas a respeito de suas vaginas na internet através de um processo de “retrospectiva de memória” (hooks, 2019, 137-138) e pensa a respeito das conseqüências desse compartilhamento de experiências subjetivas, tais como a criação de uma cultura afetiva que extrapole os espaços digitais que denomino de cultura vulvófila⁹⁹.

O último capítulo, que intitulei “A vagina-imagem e as estratégias de (in)visibilidade”, por sua vez, trata de como os códigos que configuram o tabu social são mobilizados do ponto de vista das representações visuais hegemônicas e também traz uma breve reflexão sobre como a sociedade ocidental compreende a nudez feminina, especialmente a “nudez autoexposta” (SIBILIA, 2015a) que tem sido amplamente utilizada como ferramenta em ativismos na internet. “Por que a imagem da vagina

⁹⁶ O professor Jorge Coli foi censurado durante uma conferência transmitida pelo site da Academia Brasileira de Letras em 2012, quando ele pronunciou a palavra “buceta” no contexto de uma conferência intitulada “O sexo não é mais o que era” (WERNECK, 2012). Um caso de censura da palavra também aconteceu com o título do livro de Naomi Wolf, *Vagina: uma biografia*, quando em 2012 no site da Apple o nome vagina apareceu com asteriscos substituindo algumas letras (V*****a).

⁹⁷ Artista que mapeou e enviou imagens da sua vagina a 30 pessoas foi detida no Japão. Observador, 2014. Disponível em: <https://observador.pt/2014/07/16/artista-que-mapeou-e-enviou-imagens-da-sua-vagina-30-pessoas-foi-detida-japao/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁹⁸ “As implicações pedagógicas do imaginário, em especial o imaginário da cultura de massas, tem sido amplamente discutido por autores vinculados aos estudos culturais e a pedagogia crítica, entre outros. A prerrogativa comum é de que, além de produzir modos de olhar, o imaginário dissemina saberes, ensinando ‘como é’ um objeto específico, às vezes desconstruindo algumas noções de ‘verdade’, e, em alguns casos, sacralizando certas representações” (ZORDAN, 2003, p. 274).

⁹⁹ Proponho esse termo, que se refere à criação de uma cultura amiga do feminino, especialmente da vulva/vagina, inspirada em Rago (2001, p. 65). Penso que vulvófilo cumpre com a função de “filógeno”, na acepção de autora quando afirma a importância de “Uma mudança de olhar, um pensamento diferencial” a respeito do feminino na sociedade, da construção de “um mundo filógeno”, tendo em vista a definição de “filoginia” como sendo “do grego philos, amigo + gyne, mulher – amor às mulheres – antônimo Misoginia, aversão às mulheres (Grande Dicionário Larousse, 1999:432)”.

provoca horror?”¹⁰⁰ Apresento ainda parte da produção midiática, aliada e ativista sobre o que chamo de ativismo da vagina (inspirada em termos como “artista da vagina”¹⁰¹, “artes da vagina”¹⁰² e “vagina activism”¹⁰³ utilizado em três textos midiáticos diferentes, resolvi então me referir a esse tipo de ativismo dessa forma), alguns elementos trabalhados em PPP, VLL, TGV e LB, particularmente sua argumentação a respeito da positivação da imagem da vulva/vagina na sociedade e situo esse tipo de ativismo como herança de ativismos e produções artísticas criadas na década de 1970.

Vale ressaltar que quando falo em “vagina-corpo”, vagina-palavra” e “vagina-imagem”, inspiro-me em “Vagina”¹⁰⁴ (2013), onde se aponta que a trajetória do livro de Naomi Wolf (2013) “*é a prova de que a vagina segue sendo ameaçadora – como corpo, como imagem, como palavra. Me arriscaria a dizer que até mais ameaçadora do que em décadas passadas*”. Diz-se ainda que há mais “*um momento de potência da vagina do que de vitimização*”. E é disso que a tese trata, sobre uma potência existente nas “vaginas”, para além das dinâmicas limitadoras das tecnologias sexopolíticas impostas pela era farmacopornográfica¹⁰⁵, que insistem na produção de “sujeitos-heterovaginais” (PRECIADO, 2018, p. 38) que devem performar um corpo “natural” sem que o seja, tendo em vista que “no hay «naturaleza» en la sociedad” (WITTIG,

¹⁰⁰ BRUM, E. Por que a imagem da vagina provoca horror? Época, 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/06/por-que-imagem-da-vagina-provoca-horror.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁰¹ “Artista da vagina” é detida novamente no Japão por exibir obras obscenas. BOL Notícias, 2014. Disponível em: <https://jovempn.uol.com.br/entretenimento/artista-da-vagina-e-detida-novamente-no-japao-por-exibir-obras-obscenas-2014-12-03.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁰² BEUSMAN, C. A arte das vaginas que podes encontrar no Etsy. Vice, 2014. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/z4v4px/a-arte-das-vaginas-que-podes-encontrar-no-etsy>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁰³ Vagina activism | shameless provocation or conceptual art?. One Small Seed, 2014. Disponível em: <http://www.onesmallseed.com/2014/06/vagina-activism-shameless-provocation-or-conceptual-art/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁰⁴ BRUM, E. Vagina. El País, 2013. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/09/opinion/1386595765_588331.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁰⁵ O sentido dado ao termo “farmacopornográfico” se refere ao papel crucial na cultura da pornografia e da indústria farmacêutica, conforme Preciado (2018, p. 31): “Se por anos a pornografia era a tecnologia visual dominante dirigida ao corpo masculino de forma a controlar sua reação sexual, durante os anos 1950 a indústria farmacêutica procurou formas de desencadear ereção e resposta sexual usando próteses cirúrgicas e químicas”. Nesse sentido, o olhar farmacopornográfico seria característico da cultura moderna apontada por Paul Preciado como sendo uma época na qual a indústria farmacêutica ganhou um importante papel na vida das pessoas no que se refere à gestão de si, seja com o uso de hormônios para a melhoria do desempenho sexual, de remédios para o aprimoramento do corpo, de novas tecnologias no campo das cirurgias plásticas, e também por ser uma sociedade que hipervaloriza o corpo hipersexualizando-o, a pornografia também constitui esse olhar. Para o autor, existira uma “imperativo pornográfico”, pois a pornografia tem a capacidade de “estimular, independentemente da vontade do espectador, os mecanismos bioquímicos e musculares que regem a produção de prazer” (PRECIADO, 2018, p. 281). Daí sua ligação com a indústria farmacêutica: ambas têm a capacidade de produzir efeitos bioquímicos no corpo humano.

2006, p. 35). A pretensa naturalidade desse “biocapitalismo farmacopornográfico” inventa, para depois as reproduzir em escala global, “ideias, variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e condições de alma”, especialmente através de meios de comunicação, como a mídia. Eis um dos principais motivos da minha escolha por estudar as representações na internet.

2 A VAGINA-CORPO E AS ESTRATÉGIAS SEXOPOLÍTICAS DE CONTROLE SOCIAL DO CORPO FEMININO

“Amamos mulheres! Mas essa vagina não é igual ao do filme pornô. Vai lá! Tem cirurgia íntima! O Brasil é recordista mundial em cirurgias íntimas femininas. Uma cirurgia a mais, uma menos... Mais uma dose de cirurgia, por favor. Labioplastia ou ninfoplastia. Ninfo. Aproveita que também existe clareamento anal. Tudo rosinha. Ninfo. Rosinha. Sua vagina não serve. Nem seu ânus” (Quartinho da Dany)¹⁰⁶.

Este capítulo trata das representações midiáticas e biomédicas da vagina e de seus impactos na elaboração do “ideal de vagina perfeita” que tem circulado na internet. Examinei parte do material coletado sobre as práticas mais procuradas voltadas para o embelezamento íntimo, mostrando algumas das estratégias que são utilizadas pelo discurso da mídia para a captura da atenção feminina, bem como também realizei uma incursão teórica a respeito de ideais de normalidade sustentados pelo discurso biomédico sobre o corpo, especialmente o feminino, refletindo sobre o papel da mídia no processo de circulação deste tipo específico de mercado da beleza, demonstrando assim que a noção hegemônica de “vagina” é uma “invenção” e não um dado “natural”.

Assim, inicio com uma discussão que visa contextualizar as práticas de embelezamento feminino (depilação íntima, cirurgias íntimas, clareamento e os produtos de higiene da intimidade, respectivamente), apresentando os argumentos que constituem os textos da internet que falam sobre cada uma dessas práticas. Em seguida, apresento um diálogo teórico sobre o papel do discurso médico enquanto tecnologia heteronormativa na construção dos genitais, elementos fundamentais para a manutenção da heteronorma, isto é, na manutenção da diferença sexual.

2.1 “A ditadura da beleza chegou até a nossa estética vaginal”¹⁰⁷: contextualizando o advento do embelezamento íntimo e as intervenções biomédicas na beleza

2.1.1 Uma breve reflexão sobre o “negócio da beleza”

¹⁰⁶ Quartinho da Dany. Facebook, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quartinhodadany/posts/1253366981439803>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁰⁷ LARANJEIRA, STOPA, 2013.

Em “Autoestima vaginal: como anda a sua?”¹⁰⁸ afirma-se que o “ideal de vagina perfeita” é uma “vagina” sem pelos, rosada, simétrica e sem excessos. No entanto, o número cada vez maior de cirurgias íntimas realizadas no Brasil sugere que essa aparência não é tão comum. Para que esse ideal seja alcançado, é preciso “mudar o visual dela”, ou seja, recorrer a “procedimentos estéticos vulvovaginais” (VIEIRA-BAPTISTA, 2017) que possibilitem essa mudança tais como depilação íntima, clareamento da região e cirurgias íntimas, realidade que corresponde à “mania de aprimoramento sem pausa” dos corpos contemporâneos, que “não conseguem fugir das tiranias e das delícias do *upgrade*” (SIBILIA, 2015b, p. 14).

A chamada “cultura de modificação corporal” vem se popularizando e difundindo em muitas sociedades e hoje essas mudanças incluem, numa lista crescente de procedimentos cirúrgicos, quase todas as partes do corpo, especialmente as partes mais íntimas. A autora Naomi Wolf, em *O Mito da Beleza*, argumenta que os procedimentos cirúrgicos mais frequentes atualmente são aqueles realizados nas áreas dos corpos das mulheres mais associadas à “feminilidade”: coxas, estômago, nádegas e seios. Isso, porém, foi mais além ao incluir vulvas e vaginas e, para os homens, pênis (BERER, 2010, p. 9).

Entendo esses três elementos como parte do que considero um fenômeno midiático, o embelezamento íntimo, responsável ainda pela expansão de um mercado de produtos de higiene feminina. Diante dessas possibilidades que são apresentadas e esmiuçadas em textos midiáticos que têm como alvo mulheres cisgênero adolescentes e adultas, é possível observarmos que se abre um leque de opções cirúrgicas e não cirúrgicas que podem auxiliar na conformação da “mulher moderna” às expectativas da “cultura da ‘reforma do corpo’” (SANTOS, 2011) que tem se apresentado cada vez mais como um “direito” que é fundamental para o “bem-estar psicológico” (GOLDENBERG, 2007, p. 12).

Segundo Lipovetsky (2000, p. 130), foi a partir do século XX que os “produtos e práticas de embelezamento deixaram de ser um privilégio de classe. Se há sentido em falar de uma era democrática da beleza, é antes de tudo pela difusão dos cuidados estéticos em todas as camadas sociais.” As práticas de embelezamento deixaram de ser práticas de luxo e se encontram ao alcance de, praticamente, todas as mulheres, uma vez que os produtos de beleza tornaram-se cada dia mais variados e com preços também variáveis. São muitas as opções, as marcas e os preços (Araújo, 2009, p. 3).

¹⁰⁸ LARANJEIRA, Livia; STOPA, Beatrice. Autoestima vaginal: como anda a sua? . Revista Glamour, 2013. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

A depilação já era considerada uma importante aliada da “mulher moderna” na construção da feminilidade antes do aumento do número de cirurgias íntimas e da suposta expansão da indústria de produtos de higiene feminina, isso porque historicamente os “pelos ajudaram a definir masculino e feminino como opostos”¹⁰⁹ (OMS, 2018), especialmente a partir do século XX, “quando as roupas se tornaram menores e mais decotadas e a indústria de produtos de beleza começou a produzir os primeiros cremes e equipamentos depilatórios para mulheres”. Berth (2018, p. 115) comenta que “É execrável para a mulher que mantenha os pelos do corpo e até os ostente. Não obstante, isso é considerado o mínimo desleixo. O mesmo não se aplica aos homens que, não só os mantêm como também ostenta como símbolo de masculinidade”. A partir daí, “os métodos se sofisticaram e as exigências por uma pele “limpa” atingem cada centímetro do corpo feminino. Cera, cremes, laser, máquinas ou lâminas: todas as armas são válidas”¹¹⁰.

A mulher, em suma é aquela que se diferencia do homem. Isso fica claro, por exemplo, na estética feminina. O homem, para ser considerado masculino, deve manter os pelos, ficar de cara limpa e aceitar suas rugas. A mulher, por outro lado, deve se afastar de seu estado natural para ser considerada feminina. O padrão de beleza vigente exige dela que arranque os pelos que lhe cobrem o corpo, esconda suas ‘imperfeições’ com espessas camadas de maquiagem e trave uma batalha perdida contra o tempo. Tudo isso, sob pena de ser considerada relaxada, feia ou ‘igual a um homem’. Com todas as imposições, construímos a ideia do corpo feminino como algo deficiente: ao natural, alguma coisa lhe falta (NÃO ME KHALO, 2016, p. 29).

Diferente da masculinidade, a feminilidade é associada à beleza, ao comedimento em relação a tudo o que representa um excesso. À masculinidade, a virilidade, a força, a violência, os pelos. “Beleza” e “virilidade”, dois ideais biopolíticos de masculinidade e feminilidade que são produzidos, como tantos outros, em laboratório. Nossa sociedade contemporânea é um grande campo de experimentações, grande laboratório sexopolítico (PRECIADO, 2018) que nos transforma em “estranhas ficções biopolíticas”: “somos simultaneamente o efeito do regime de poder farmacopornográfico (biopoder) e o potencial de seu fracasso (bioempoderamento)”

¹⁰⁹ OMS, C. Depilação e feminismo: Existe machismo em cada pelo que arrancamos?. Revista Azmina, 2018. Disponível em: <http://azmina.com.br/reportagens/depilacao-e-feminismo-existe-machismo-em-cada-pelo-que-arrancamos/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹¹⁰ OMS, C. Depilação e feminismo: Existe machismo em cada pelo que arrancamos?. Revista Azmina, 2018. Disponível em: <http://azmina.com.br/reportagens/depilacao-e-feminismo-existe-machismo-em-cada-pelo-que-arrancamos/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

(PRECIADO, 2018, p. 129). Os dois alvos desse regime, homens e mulheres cis ou transgêneros, sofrem pressões sociais diferentes.

O corpo feminino é o alvo predileto dos discursos que evocam um “biocódigo de gênero” que lhe cai tão bem, que define parte do seu destino: continuar jovem, bonita e um objeto de sedução. A mulher deve se preocupar com sua aparência pois esse tipo de preocupação faz parte de seu universo (BORGES, 2011, p. 269), como fica claro nos nomes das revistas que acessei, tais como “*Bolsa de Mulher*”, “*Lugar de Mulher*”, “*Tempo de Mulher*”, “*M de Mulher*”, “*Clube da Calcinha*”, “*Dicas de Mulher*” e “*Garota Beleza*”. São nomes que restringem o público alvo de suas produções, ressaltando a ideia hegemonicamente compartilhada de que beleza e feminilidade estão obrigatoriamente associadas. “No caso, a condição feminina determina a preferência da leitora: ser mulher é se interessar por estética corporal. E é também por ser mulher que a leitora deve tentar *corrigir, disciplinar e aperfeiçoar* a sua feminilidade” (BORGES, 2011, p. 269). Por outro lado, apesar de as revistas femininas terem sido por muito tempo responsáveis por compartilharem “modelos rígidos” de beleza e de comportamento feminino tais como a “mulher casta”, “moça de família”, a “boa moça”, “boa esposa”, “boa mãe” e “dona de casa ideal” (PINSKY, 2012, p. 469-509), também deram espaço para “modelos flexíveis” tais como a “mulher liberada”, que é “dona do próprio corpo”, “companheira”, “mãe moderna”, a “mulher baralhadora” que é “dona de casa e profissional”, a “consumidora” e a “cidadã” (PINSKY, 2012, p. 513-541).

Mas o que Sant’anna (2014, p. 174) chama de “negócio da beleza” possui bases contraditórias cheias de lacunas e exigências, tendo se transformado no decorrer dos séculos, transformações essas acompanhando o progresso científico e da imprensa/mídia. No começo do século XX, muito embora os conselhos que visassem a “beleza física” fossem direcionados a homens e mulheres, eram as mulheres os alvos privilegiados, como ainda o são. A promoção de uma “imagem desejável de si” repousa na valorização da aparência, no desejo de agradar, seduzir, ser bela, jovem e reconhecer-se dentro dos padrões difundidos pelas revistas femininas, periódicos, televisão e rádio (LAURENT, 2013, p. 20). Neste século, as revistas femininas adquirem um papel significativo na difusão dos modos de vida nas sociedades urbanas, responsáveis por “influências ao mesmo tempo libertadoras e alienantes” (PERROT,

2003, p. 23). Já no século XXI, são os sites, blogs, perfis de Instagram e páginas do Facebook de famosas e anônimas influenciadoras digitais¹¹¹.

A modificação radical da “natureza” do corpo não era vista com bons olhos. Entendia-se que a “natureza humana” não podia ser totalmente modificada de acordo com os desejos individuais. Cabia, então, disfarçar a ausência de “formosura” com alguns artifícios temporários, como, por exemplo, os enchimentos. Entre 1930 e 1950 já eram anunciadas intervenções cirúrgicas faciais, acompanhadas do que “as tristezas resultantes da falta de beleza eram injustificáveis e as promessas de um embelezamento radical incluíam as ditas operações”. Ainda assim, havia relutância por parte das mulheres em aderir a esse tipo de intervenção na “beleza física”, no sentido de que vários eram os conselhos, na época, para que o “embelezamento” fosse “comedido e provisório”. Não se falava em “embelezamento íntimo”; o que mais se aproximava da discussão sobre a intimidade feminina era a exposição dos “males uterinos”, a qual associava beleza, doçura e bom humor com a saúde do útero, “considerado o centro irradiador da saúde da mulher” (SANT’ANNA, 2012, p. 110).

Um assunto comum à grande parte dos conselhos de beleza da época girava em torno da “necessidade de levar as jovens ao altar” ou auxiliar as mulheres casadas a entenderem que são as responsáveis pela construção de um “lar feliz e honesto”. Recomendava-se que as mulheres nunca descuidassem de si, uma vez que era a partir do cuidado de si que a “chama do amor conjugal” deveria se manter acesa, conselho que configurava o amor como uma “conquista obrigatória, um sentimento essencial em nome do qual era preciso batalhar cotidianamente”, batalha que só seria vencida se o interesse masculino por seus corpos fosse ampliado (SANT’ANNA, 2012, p. 111-112). Esse era um motivo para cultivar e podar: “cultivar aquilo que se considera belo e, possivelmente, bom. Podar aquilo que seja considerado feio e, portanto, ruim. Publicizar e exibir a beleza. Eliminar a feiura – ou senão, restringi-la ao âmbito privado”, desde que longe dos olhares masculinos (MESQUITA, 2013, p. 19). Dessa forma, ser bela constituía “um capital simbólico a ser barganhado no casamento ou no

¹¹¹ Berth (2018, p. 112) ressalta, por exemplo, “O trabalho expressivo de youtubers e digital influencers negras [que] também fazem importante frente de luta pela valorização da estética negra, uma vez que mesmo longe do discurso feminista ou racial, dialogam com a própria imagem dizendo e reafirmando que sim, pessoas negras, sobretudo mulheres negras, são naturalmente bonitas”. Bell hooks (2019, p. 136) também comenta, nesse sentido que “Bombardeadas por imagens que representam corpos de mulheres negras como descartáveis, as mulheres negras absorveram esse pensamento passivamente ou resistiram a ele como veemência. A cultura popular oferece exemplos incontáveis de mulheres negras se apropriando de e explorando ‘estereótipos negativos’ para garantir o controle sobre a representação ou, no mínimo, colher seus lucros”.

galanteio” (PERROT, 2003, p. 14), desde que correspondesse à “exigência tradicional por uma beleza sempre ‘pudica’, virginal e vigiada”¹¹² ao invés de “sorrisos mais expansivos, corpos mais desnudos” (CORBIN, COURTINE, VIGARELLO, 2012, p. 13), posteriormente aceitos como os novos códigos do jogo da sedução.

A conveniência ordena às mulheres de boa sociedade que sejam discretas, que dissimulem suas formas com códigos, aliás variáveis segundo o lugar e o tempo. O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são, cada qual por sua vez, objeto de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda. Os cabelos, signo supremo da feminilidade, devem ser disciplinados, cobertos, encharpeados, por vezes cobertos com véu. A mulher ‘tal como deve ser’, principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência. A mulher decente não deve erguer a voz. O riso lhe é proibido (PERROT, 2003, p. 15).

A partir da década de 1950, inicia-se uma forte influência do cinema e das tele/fotonovelas que se espalha através do enaltecimento de “ícones”, artistas considerados modelos de beleza e comportamento, estrelas de cinema e manequins¹¹³, “modelos superlativos da feminidade que saem do reino da raridade e invadem a vida cotidiana”, induzindo a ampliação da adesão das mulheres comuns e anônimas às “práticas de embelezamento” (LIPOVETSKY, 2000, p. 130). O uso da imagem desses ícones era frequentemente associado ao anúncio de produtos cosméticos sugeridos pela publicidade nas revistas femininas, tornando possível a qualquer um/a aproximar-se dos hábitos de embelezamento daqueles ídolos midiáticos, através do consumo desses produtos. Assim, a partir do desenvolvimento da cultura industrial e midiática deu-se “o advento de uma nova fase da história do belo sexo, sua fase mercantil e democrática” (LIPOVETSKY, 2000, p. 135), propagando em um tom mais de alerta do que de promessa que “toda mulher tem o direito de se tornar bela e tão sedutora quanto suas artistas prediletas”. Dessa forma, tornar-se bela se reveste da ideia de uma conquista individual e, como corolário, só permanece feia quem quer (SANT’ANNA, 2012, p.

¹¹² “Estamos sempre vigiadas pelos homens, que continuam a se meter em nossas coisas para nos dizer o que nos convém ou não, e sobretudo somos vigiadas por outras mulheres, através da família, das revistas feminina e dos discurso dominante” (DESPENTES, 2016, p. 15).

¹¹³ “As mídias de massa – das quais são exemplos o cinema e a televisão – eram predominantemente mídias verticais, que vinham ‘de cima para baixo’ e permitiam pouca interatividade. Nesse contexto, as pessoas se identificavam e emulavam seus ídolos. Nas mídias digitais – internet e afins – o que predomina é a horizontalidade das relações, nas quais todos interagem. Assim, nelas as pessoas sentem-se aptas a construir sua própria persona para uma audiência segmentada” (MISKOLCI, 2017, p. 260).

115). A mídia tornou-se, então, importante instrumento de divulgação e capitalização do chamado “culto ao corpo” (SIQUEIRA; FARIA, 2007, p. 179).

Depois da década de 1960 um tom científico se afirmou na cosmética, “época dos primeiros congressos internacionais sobre o assunto e de uma progressiva evolução dos produtos”. Abriu-se então o caminho para a “mega indústria da beleza contemporânea” (SANT’ANNA, 2012, p. 117), na qual a beleza foi se tornando uma mercadoria que pode ser adquirida em vários tipos de estabelecimentos, como em salões de beleza e centros de estética, espaços criados para oferecer serviços a todos que desejam melhorar o seu corpo (CASTRO, 2005, p. 14).

A partir daí, parece impossível falar do corpo e de seu funcionamento sem recorrer ao vocabulário médico (FAURE, 2012, p. 13) porque historicamente a “supervalorização da aparência física é acompanhada pelo crescimento de uma medicina da beleza” (POLI NETO, CAPONI, 2007, p. 569). Não foi por acaso que, nesse contexto, os “problemas” em torno da aparência física se revestiram de uma maior complexidade com a banalização do vocabulário médico e de suas promessas de intervenção. Do vocabulário psicanalítico, por exemplo, foi apreendida a expressão “vergonha do corpo”, a qual “tinha lá suas razões inconscientes”, além de “trauma” e “frustração”. Outro fator de mudança dos roteiros “da beleza e da sedução” foram os “movimentos de emancipação feminina e o advento da contracultura, a necessidade de ser autêntico e sexualmente livre” (SANT’ANNA, 2012, p. 119).

Houve, digamos assim, uma intensificação do “gosto por si” que logo foi captado pela crescente indústria. A partir daí percebeu-se que os produtos cosméticos deviam ser benéficos para a relação da mulher consigo mesma, enquanto uma satisfação pessoal, e não apenas para uso com o parceiro (SANT’ANNA, 2012, p. 120). Só nas décadas seguintes cai por terra o antigo tabu das cirurgias plásticas com a “evolução das próteses e técnicas, somada ao permanente espetáculo midiático de um corpo rigorosamente jovem e infalivelmente sedutor” que encheu de naturalidade a decisão de remodelar determinadas partes do corpo. Surge então o imperativo e a naturalidade de “passar o corpo a limpo” (SANT’ANNA, 2012, p. 122-123), quando a “linguagem da beleza” é penetrada de vez pelo vocabulário científico.

Como será amplamente discutido nos artigos deste livro, na segunda metade do século XX, o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas. Industrialização e mercantilização, difusão generalizada das normas e imagens, profissionalização do ideal estético com a abertura de novas carreiras, inflação dos cuidados com o rosto e com o corpo: a

combinação de todos esses fenômenos funda a ideia de um novo momento da história da beleza feminina e, em menor grau, masculina. A mídia adquiriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, generalizou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos de beleza e tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um número maior de mulheres e homens (GOLDENBERG, 2007, p. 8).

Mais tarde, no século XXI, os discursos favoráveis às cirurgias plásticas, que podem ser encontrados na Internet, chamarão atenção para a importância delas na manutenção de uma vida conjugal equilibrada: diz-se que as mulheres temem desagradar seus maridos e namorados, então o investimento na aparência íntima seria uma maneira eficaz de melhorar a “*autoestima*” e principalmente o relacionamento com o parceiro para evitar que o problema se desdobre “*em consequências devastadoras para o casal*”¹¹⁴. É dessa maneira que a “*recauchutagem íntima*”¹¹⁵ surge como fundamental para a “*modificação da intimidade*”. Em contrapartida, diz-se também que embora os “*pequenos procedimentos no corpo e na genitália*” femininos produzam “*grandes transformações na alma feminina*”, a cirurgia “*não salva casamento, não dá orgasmos e nem traz ou ‘segura marido’*”, o que realmente importa é que a mulher redescubra sua “*feminilidade potencial que está prisioneira dos tabus*”¹¹⁶. Ou seja, o “*embelezamento íntimo*” seria, em última instância, um investimento na “*autoestima perdida*”. Os olhares masculinos não importariam tanto quanto o próprio olhar da mulher sobre si mesma, embora fique claro nessa produção favorável as cirurgias íntimas que um dos principais motivos de as mulheres busca-las seja a opinião de seus parceiros ou o medo a respeito dessa opinião.

2.1.2 A depilação íntima

A depilação íntima é um dos tipos de intervenções não cirúrgicas mais populares no que se refere ao mercado de embelezamento íntimo¹¹⁷ e é também “*uma prática de*

¹¹⁴ VÍTOR, A. Cirurgia íntima. Revista boa vida, 2014. Disponível em: <<http://alvarovitor.com.br/cirurgia-plastica-vaginal-revista-boa-vida/>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

¹¹⁵ BATISTA, D. Em busca da perfeição íntima. Tribuna do planalto, 2012.

¹¹⁶ NEMOV, W. Dr. Paulo Guimarães esclarece mitos sobre cirurgia plástica íntima. Finíssimo, 4 fev. 2015. Disponível em: <<http://finissimo.com.br/2015/02/04/dr-paulo-rodriguez-esclarece-mitos-e-verdades-sobre-a-cirurgia-plastica-vaginal/>>. Acesso em: 9 jan. 2016.

¹¹⁷ Em matéria publicada na Revista Trip em julho de 2009, afirma-se que “a indústria de cosméticos só cresce no Brasil”, a terceira maior do mundo. A matéria continua: “Olhando nas prateleiras das farmácias dá para perceber. Só os sabonetes íntimos, aqueles fabricados especialmente para você lavar a sua xoxota, são encontrados em dez tipos. Dois anos atrás, eram três ou quatro. Hoje, tem com cheiro de morango, os indicados para o verão e por aí vai. Existe até, pasmem, sabonete íntimo ‘teen’. Há também uma grande

higienização internacionalmente popular”¹¹⁸. Dentre os vários tipos de depilação dos pelos pubianos, as mais procuradas são a parcial ou “cavada” (apenas virilha), a “*depilação total*”¹¹⁹ e a “*definitiva*”¹²⁰, resultados que podem ser obtidos com o uso de técnicas variadas que utilizam lâmina, cera, creme depilatório, linha ou laser. Nesse contexto, convém atentar para a internacionalmente famosa “*depilação à brasileira*”, chamada de *Brazilian Wax*¹²¹, constantemente requisitada por mulheres fora do Brasil¹²² a partir da década de 1990¹²³.

Em “*Entrevista sobre depilação e outras imposições*”¹²⁴, comenta-se que pelo fato de a pornografia - na qual há presença massiva de atrizes depiladas, com vulvas rosadas e lábios vaginais simétricos - ter se popularizado, “*atualmente o que é visto como ‘normal’ é a vagina sem pelos*”. O texto publicado em “*Delas*” (2017) reitera o papel da pornografia: “*Em revistas íntimas e filmes pornográficos, as mulheres*

variedade de protetores para a calcinha de uso diário. Um segmento que cresce 15% por ano, de acordo com o Guia das Farmácias. Os da moda são os que prometem evitar ‘possíveis odores naturais’”. LEMOS, N. Nojenta. Revista Trip, 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nojenta>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹¹⁸ BANHOLZER, M. Mitos e verdades sobre depilação dos pelos pubianos em homens e mulheres. NE10, 2015. Disponível em: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/saude/noticia/2015/04/09/mitos-e-verdades-sobre-depilacao-dos-pelos-pubianos-em-homens-e-mulheres-541144.php>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹¹⁹ A depilação íntima total, que consiste na remoção de todos os pelos da região da vagina e ânus, é um dos estilos mais pedidos pelas mulheres, segundo afirma Ester Abreu, do Instituto de Depilação Vanessa. A depiladora Sílvia da Cunha, do Advanced Center, confirma a tendência. “De cada dez que chegam aqui, sete pedem para depilar tudo”, conta. Modinha, proximidade do verão ou simplesmente para provocar o parceiro na cama, as justificativas variam. Para Ester, a praticidade também conta: “É uma maneira fácil para não se preocupar com os pelinhos indesejados”. Depilação aumenta a autoestima feminina. Internet da Mulher: agora a internet tem tudo, 2013. Disponível em: <<http://internetdamulher.blogspot.com.br/2013/04/depilacao-aumenta-auto-estima-feminina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹²⁰ FILGUEIRAS, P. Papo íntimo: autoestima vaginal. Paloma Figueiras, 2013. Disponível em: <<http://palomafilgueiras.blogspot.com.br/2013/07/papo-intimo-autoestima-vaginal.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019, e Guia da vagina: 10 curiosidades que podem melhorar a sua vida. Donna, 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2015/03/guia-da-vagina-10-curiosidades-que-podem-melhorar-a-sua-vida-cjplepna00somncnfao2by69.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹²¹ BANHOLZER, M. Mitos e verdades sobre depilação dos pelos pubianos em homens e mulheres. NE10, 2015. Disponível em: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/saude/noticia/2015/04/09/mitos-e-verdades-sobre-depilacao-dos-pelos-pubianos-em-homens-e-mulheres-541144.php>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹²² BANHOLZER, M. Mitos e verdades sobre depilação dos pelos pubianos em homens e mulheres. NE10, 2015. Disponível em: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/saude/noticia/2015/04/09/mitos-e-verdades-sobre-depilacao-dos-pelos-pubianos-em-homens-e-mulheres-541144.php>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹²³ A depiladora brasileira Reny Ryan, proprietária do *Reny's Skin Care*, na Califórnia, e autora do livro onde ela conta *histórias de salão* chamado *Confessions of a Brazilian Bikini Waxer*, revelou que *as gringas só abriam as pernas para duas pessoas: o parceiro e o ginecologista*, mas que desde a década de 1990 elas estão mais abertas a esse tipo de técnica que, segundo ela, consiste numa *dor instantânea com resultados incríveis*. Depilação aumenta autoestima feminina. Aqui em tempo real, 2013. Disponível em: <<http://aquiemtemporeal.blogspot.com.br/2013/04/depilacao-aumenta-auto-estima-feminina.html>>. Acesso em: 22 set. 2017.

¹²⁴ ARONOVICH, L. Entrevista sobre depilação e outras imposições. Escreva Lola escreva, 2014. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/07/entrevista-sobre-depilacao-e-outras.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

retratadas sempre têm vulvas completamente depiladas e com lábios pequenos. Por serem muitas vezes expostas apenas a esse tipo de estética, muitas mulheres se sentem inseguras quanto a aparência da própria vagina desde a pré-adolescência e busquem formas de "melhorá-la"¹²⁵. Ou seja, de acordo com o senso comum os pelos não são esteticamente desejáveis, além de anti-higiênicos. A imagem da vagina com os pelos aparados ou com ausência deles simbolizaria, pois, uma vagina mais higiênica, mais desejável, mais limpa, portanto, feminina. Uma vagina “peluda”, por sua vez, transmitiria uma imagem de descuido, aspecto relacionado à sujeira e à masculinidade.

Cada indivíduo é considerado responsável (e culpado) por sua juventude, beleza e saúde: só é feio quem quer e só envelhece quem não se cuida. Cada um deve buscar em si as imperfeições que podem (e devem!) ser corrigidas. O corpo torna-se, também, capital, cercado de enormes investimentos (de tempo, dinheiro, entre outros). (...) Quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo. Se é bem verdade que o corpo se emancipou de muitas de suas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias, atualmente encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente” (GODENBERG, 2007, p. 9).

É para sustentar uma imagem mais higiênica da mulher que cresce a quantidade de produtos. Controlar o cheiro natural do corpo é o passo seguinte nessa tentativa de conformidade ao “*ideal de vagina perfeita*”. Na matéria intitulada “*Mitos e verdades sobre depilação dos pelos pubianos em homens e mulheres*”, uma depiladora confirma que a depilação total dos pelos pubianos, incluindo a região próxima ao ânus significa mais higiene, “*melhor na hora de lavar com o sabonete*”, mas que “*Quando vou à ginecologista ela sempre reclama, diz que os pelos são uma proteção*”¹²⁶.

Argumenta-se que as “*adeptas da depilação total ou parcial dos pelos pubianos têm uma vida sexual mais prazerosa do que as que optam pelo visual natural na região íntima*”, pois são mais propícias a receberem sexo oral de seus parceiros¹²⁷,

¹²⁵ "Maquiagem para a vagina" é lançada e gera polêmica; veja detalhes. Delas Ig, 2017. Disponível em: <<https://delas.ig.com.br/amoresexo/2017-07-25/iluminador-para-vagina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹²⁶ BANHOLZER, M. Mitos e verdades sobre depilação dos pelos pubianos em homens e mulheres. NE10, 2015. Disponível em: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/saude/noticia/2015/04/09/mitos-e-verdades-sobre-depilacao-dos-pelos-pubianos-em-homens-e-mulheres-541144.php>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹²⁷ Depilação aumenta autoestima feminina. Aqui em tempo real, 2013. Disponível em: <<http://aquiemtemporeal.blogspot.com.br/2013/04/depilacao-aumenta-auto-estima-feminina.html>>. Acesso em: 22 set. 2017.

consequentemente terem uma autoestima melhor e maior satisfação sexual¹²⁸. Nesse sentido, sugere que o tipo de depilação escolhida pelas mulheres tende a ser influenciada pela “preferência dos homens” e pela ideia de “melhoria da higiene genital”. Em salões de beleza, de acordo com o texto “USP pesquisa preferência de homens e mulheres sobre depilação feminina”¹²⁹, confirma-se ainda que a idade influencia no “tipo de depilação adotada” de acordo com o depoimento de uma esteticista, a qual afirma que “mulheres mais jovens preferem a depilação completa, enquanto as mais maduras optam por retirar menos pelos”, apenas da virilha. Uma das hipóteses é que algumas mulheres acham a depilação completa “vulgar”. Assim, as depilações parciais seriam indicadas mais para as mulheres “recatadas”¹³⁰. Outra esteticista afirma que “a mudança nos tipos de depilação” aconteceu em decorrência do “lugar que a mulher ocupa atualmente na sociedade”: como as mulheres estão mais independentes, a depilação ficou “mais ousada”. Ou seja, a “mulher moderna” é tão liberada e ousada que prefere uma vulva sem pelos. Mas ao mesmo tempo, ela pode ser julgada moralmente por desejar que sua vulva não tenha pelos.

Observei ainda enunciados que consideram que a “depilação radical” (uma das formas como a depilação total é chamada) não é saudável, tendo em vista que os “pelos formam uma camada de proteção local”, especialmente vindos de especialistas em saúde da mulher.

“Em entrevista ao Bolsa de Mulher, a ginecologista Claudia Leitão explicou que a remoção total dos pelos da região íntima pode tornar a região genital mais propensa a irritações e vulvovaginites (inflamações na vulva e na vagina), uma vez que facilita a entrada de bactérias. Ela conta ainda que os pelos fazem parte do nosso sistema de defesa e funcionam como uma barreira física muito importante para impedir a invasão de agentes patogênicos. A ginecologista contou também que é mito achar que cultivar os pelos pubianos é anti-higiênico, ao contrário, eles evitam que a “sujeira” chegue a lugares onde pode ser mais perigosa, como o canal vaginal”¹³¹.

¹²⁸ BANHOLZER, M. Mitos e verdades sobre depilação dos pelos pubianos em homens e mulheres. NE10, 2015. Disponível em: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/saude/noticia/2015/04/09/mitos-e-verdades-sobre-depilacao-dos-pelos-pubianos-em-homens-e-mulheres-541144.php>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹²⁹ TESTA, F. USP pesquisa preferência de homens e mulheres sobre depilação feminina. O Globo, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/06/usp-pesquisa-preferencia-de-homens-e-mulheres-sobre-depilacao-feminina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹³⁰ Pesquisa quer entender preferência de homens e mulheres sobre depilação feminina. IBahia, 2015. Disponível em: <<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/pesquisa-quer-entender-preferencia-de-homens-e-mulheres-sobre-depilacao-feminina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹³¹ PAGAN, M. Mulheres se depilam para deixar vulva bonita e por outros 6 motivos sem saber dos riscos. Vix. (s.d.). Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/bdm/saude/522586/mulheres-se-depilam-para-deixar-vulva-bonita-e-por-outras-6-motivos-sem-saber-dos-riscos>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Nesse sentido, “*aparar e tirar excessos, mantendo uma faixa em volta dos grandes lábios seria o ideal*”, já que o “*raspar com lâminas ou cera quente levam ao aparecimento de inúmeras micro lesões de pele, além de traumas pelo atrito das roupas, que podem favorecer o aparecimento de infecções secundárias*”. Já a “*depilação a laser diminui esses problemas e pode ser definitiva, dependendo da pele e cor dos pelos*”¹³². Portanto, à polêmica sobre tirar parte ou todos os pelos pubianos, se depilar tudo seria vulgar ou não, soma-se se a depilação seria ou não um hábito saudável¹³³.

Dessa forma entende-se que a depilação total ou definitiva tende a “*estimular um excesso de higiene e fazer com que a mulher perca a proteção natural da pele*”¹³⁴, “*contribuindo para o aparecimento de infecções ou alergias*”¹³⁵. Além disso, “*dermatologistas também atentam para o fato de que, a depilação feita com cera ou gilete, seguida de exposição ao sol, podem provocar um escurecimento da região, em caso de se depilar e ir à praia por exemplo, ou ainda sessões de depilação com cera muito contínuas*”¹³⁶. Mas não são só os especialistas (ginecologistas, obstetras e dermatologistas) que argumentam sobre os aspectos negativos da depilação íntima.

Em 2016 encontrei uma matéria intitulada “*Técnica inventada no Egito e na Grécia Antiga, depilação hoje é questionada pelo movimento feminista*”¹³⁷ que fala sobre iniciativas de grupos feministas que não concordam com a “*exigência estética*” da depilação, tais como o documentário “*My body, my hair*” (“Meu corpo, meus pelos”, em tradução livre), filmado em Londres, que mostra o dia a dia de seis mulheres que optaram por não se depilar e o site brasileiro “*Pelos pelos*” que traz dezenas de

¹³² Porque algumas vaginas tem a cor mais escura que a pele?. Aquelas coisas, 2015. Disponível em: <<http://www.aquelascoisas.com.br/blog/porque-algumas-vaginas-tem-a-cor-mais-escura-que-a-pele/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹³³ Disponível em: <http://www.vix.com/pt/bdm/saude/522586/mulheres-se-depilam-para-deixar-vulva-bonita-e-por-outras-6-motivos-sem-saber-dos-riscos>. Acesso em: 7 de fevereiro de 2017.

¹³⁴ “...os pêlos que a gente aprende desde o útero a odiar são a nossa calcinha natural”. Trecho de texto escrito por Letícia Bahia (psicóloga e diretora institucional da Revista AzMina), BAHIA, L. Incomodada ficava sua avó. Reflexões de uma lagarta, 2014. Disponível em: <<https://reflexoesdeumalagarta.blogspot.com/2014/12/incomodada-ficava-sua-avo.html?m=1>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹³⁵ LAGINHA, F. Formato e cor da vagina raramente indicam uma doença. Minha Vida, 2017. Disponível em: <<http://www.minhavidade.com.br/saude/materias/17144-formato-e-cor-da-vagina-raramente-indicam-uma-doenca>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹³⁶ Porque algumas vaginas tem a cor mais escura que a pele?. Aquelas coisas, 2015. Disponível em: <<http://www.aquelascoisas.com.br/blog/porque-algumas-vaginas-tem-a-cor-mais-escura-que-a-pele/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹³⁷ COHEN, M. Técnica inventada no Egito e na Grécia Antiga, depilação hoje é questionada pelo movimento feminista. O Globo, 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/tecnica-inventada-no-egito-na-grecia-antiga-depilacao-hoje-questionada-pelo-movimento-feminista-15531359>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

fotos de corpos femininos “*ao natural*”, com a intenção de provocar uma reflexão sobre ‘a naturalidade dos pelos’”¹³⁸. Voltando oito anos no tempo, em 2008, a escritora britânica Charlotte Roche lançou o livro ficcional “*Zonas Umidas*”, no qual há uma crítica ferrenha à “pressão moderna contra os pelos” (ROCHE, 2009). Roche argumenta que seu livro é um “ato político” porque as mulheres em geral rejeitam suas “*zonas úmidas*” e considera a depilação completa brasileira, a famosa “*brasilian wax*” “*uma coisa negativa*”, moda que ela afirma ser consideravelmente recente e popular na Alemanha. No ano seguinte, aconteceu em Londres uma manifestação denominada de “*Muff March*” (traduzindo para o português “*Marcha das Peludinhas*”), contra o aumento do número de cirurgias íntimas no país¹³⁹. Em 2012 a mesma manifestação aconteceu novamente em Londres, dessa vez as participantes apareceram com “*pequenas perucas que simulavam pelos pubianos sobre as calças, as participantes da ‘Marcha das Peludinhas’ pediam nos cartazes: ‘Deixem nossos pelos em paz’*”¹⁴⁰.

O ideal vigente de corpo e de feminilidade que desponta nesse cenário associa a presença de pelos com uma atitude anti-higiênica e antiestética, e “*não estar dentro do padrão de beleza é por em dúvida a nossa feminilidade*”¹⁴¹.

2.1.3 As cirurgias íntimas

As cirurgias íntimas, por sua vez, são procedimentos mais radicais se comparados com os demais e um dos mais polêmicos, já que para modificar a região vulvovaginal é preciso da ajuda do bisturi (e de outras ferramentas, como veremos a seguir). A priori, é importante dizer que quando uso o termo “*cirurgia íntima*”, estou me referindo especialmente à *Labioplastia* ou *Ninfoplastia*, como também é chamada, que consiste na abordagem cirúrgica dos pequenos lábios vaginais cuja finalidade é a busca do “*aperfeiçoamento e modelamento da assimetria dos lábios menores e do tecido*”

¹³⁸ Brochmann e Dahl (2017, p. 30) ressaltam, inclusive que, “Ser mulher significa ter pelos na genitália”.

¹³⁹ GROSKOP, V. The Muff March against 'designer vagina' surgery. The Guardian, 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/the-womens-blog-with-jane-martinson/2011/dec/08/muff-march-designer-vagina-surgery>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁴⁰ “Depilação aumenta auto estima feminina e estudo aponta para maior libido da mesma. As mulheres depiladas receberam o dobro de procura de seus maridos para a prática do sexo oral, passando , inclusive mais tempo junto à Maçã”, Depilação aumenta autoestima feminina. Aqui em tempo real, 2013. Disponível em: <<http://aquiemtemporeal.blogspot.com.br/2013/04/depilacao-aumenta-auto-estima-feminina.html>>. Acesso em: 22 set. 2017.

¹⁴¹ ARONOVICH, L. Entrevista sobre depilação e outras imposições. Escreva Lola escreva, 2014. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/07/entrevista-sobre-depilacao-e-outras.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

redundante da vulva, objetivando o seu aprimoramento funcional e estético” (Dornellas et. al, 2016). A terminologia “cirurgia íntima” é também adotada em Borges (2011), Vieira-Baptista (2014), Vieira et al (2015) e Silva et al (2017), mas existem outros termos comumente utilizados tanto na literatura médica como midiática, tais como “*estética genital feminina*”, “*estética vaginal*”, “*cirurgia íntima*”, “*bioplastia íntima*”, “*cirurgia estética genital*”, “*medicina estética e ginecologia*”, “*ginecologia estética*”, “*estética íntima*”, “*plástica da intimidade*”, “*cirurgia da intimidade*” e “*cirurgia cosmética vaginal*”.

Nos sites da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP)¹⁴² e da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS)¹⁴³ estão disponíveis relatórios com estatísticas nacionais e globais a respeito dos procedimentos cirúrgicos, respectivamente, dados que são frequentemente citados em ambos os universos empíricos que compõem a tese. Fundada em 1948 em São Paulo, a SBCP surgiu com o objetivo de “*promover e aprimorar o estudo da cirurgia plástica no Brasil*”. Com sede também em São Paulo, conta com regionais em 19 estados brasileiros e é composta por aproximadamente seis mil cirurgiões plásticos “*entre titulares, associados e aspirantes a membros*”¹⁴⁴. Considerada a maior organização do ramo e com presença em 95 países distribuídos em todos os continentes, a ISAPS foi fundada em 1970 e tem sede nos EUA. Atualmente conta com mais de 2 mil e quatrocentos cirurgiões que “*são membros de suas sociedades nacionais de cirurgia plástica e, a este respeito, a ISAPS serve como uma ponte importante entre muitas sociedades profissionais e organizações diferentes*”¹⁴⁵.

No site da ISAPS estão disponíveis as estatísticas globais dos anos de 2010 a 2016 (com exceção de 2012)¹⁴⁶ enquanto que no site da SBCP estão disponíveis apenas dados do Censo de 2009 e 2016, além do mesmo material disponível no site do ISAPS referente ao ano de 2013¹⁴⁷. De acordo com as estatísticas globais disponibilizadas pela ISAPS, o Brasil ocupa a segunda posição no ranking dos países¹⁴⁸ onde houve mais

¹⁴² Disponível em: <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/>>. Acesso em: 31 de outubro de 2018.

¹⁴³ Disponível em: <<https://www.isaps.org/pt/>>. Acesso em: 31 de outubro de 2018.

¹⁴⁴ Informações disponíveis em: <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/sbcp/sobre/>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2019.

¹⁴⁵ Informações disponíveis em: <<https://www.isaps.org/pt/sobre-isaps/>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2019.

¹⁴⁶ Todos os dados estão disponíveis em: <<https://www.isaps.org/medical-professionals/isaps-global-statistics/>>. Acesso em: 24 de julho de 2018.

¹⁴⁷ Disponível em: <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/pesquisas/>>. Acesso em: 24 de julho de 2018.

¹⁴⁸ Em uma lista de trinta países.

demandas por cirurgias plásticas e cosméticas de 2010 a 2016, perdendo apenas para os EUA, e ocupa a primeira posição mundial em relação ao número de cirurgias íntimas. Esse tipo de cirurgia aparece nos relatórios da ISAPS em 2010 e 2011 como “*Rejuvenescimento vaginal*”, em 2013 como “*Rejuvenescimento vaginal – Labiaplastia*” e a partir de 2014 como duas categorias distintas, “*Rejuvenescimento vaginal*” e “*Labiaplastia*”. Embora estes procedimentos, ambos voltados para a região vulvovaginal, não sejam identificados no documento como os mais populares em nenhum dos países que compõem a lista, é possível observar um crescimento significativo de procedimentos realizados nessa área, especialmente no Brasil, como ressaltam muitos textos que compõem ambos os universos empíricos.

Examinei o conteúdo de textos midiáticos publicados entre 2008 e 2017 tais como “*Cirurgia íntima: questão de bem-estar e autoestima*”¹⁴⁹, “*Bioplastia genital feminina*”¹⁵⁰, “*Cirurgia íntima: melhorando sua auto-estima e vida sexual*”¹⁵¹, “*Cirurgia da intimidade*”¹⁵², “*Aumenta a procura por cirurgias plásticas íntimas entre mulheres brasileiras*”¹⁵³, “*Estética genital feminina*”¹⁵⁴, “*O que é cirurgia estética genital feminina?*”¹⁵⁵ e “*Cirurgia íntima*”¹⁵⁶; em sites de revistas e blogs voltados para o público feminino, tais como “*Como disfarçar pepeca gorda*”¹⁵⁷, “*Plástica íntima pode melhorar a vida sexual e a autoestima*”¹⁵⁸, “*Mulheres contam como a plástica*

¹⁴⁹ COLANERI, A. *Cirurgia íntima: questão de bem-estar e autoestima*. Dicas de mulher, 2013. Disponível em: <<http://www.dicasdemulher.com.br/cirurgia-intima-questao-de-bem-estar-e-autoestima/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁵⁰ *Bioplastia genital feminina*. Clínica Midas – Medicina e Estética. Disponível em: <<http://www.midas.med.br/bioplastias/bioplastia-genital-feminina>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁵¹ *Cirurgia íntima: melhorando sua auto-estima e vida sexual*. Defyna Plástica, 2011. Disponível em: <<http://defynaplastica.blogspot.com.br/2011/01/cirurgia-intima-melhorando-sua-auto.html>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

¹⁵² *Cirurgia da intimidade*. Estética Brasil. Disponível em: <<http://www.esteticabrasil.com.br/cirurgiaintimidade.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

¹⁵³ *Aumenta a procura por cirurgias plásticas íntimas entre mulheres brasileiras*. Clínica Plenna Cirurgia Plástica – Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://clinicaplenna.blogspot.com.br/2012/09/aumenta-procura-por-cirurgias-plasticas.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁵⁴ *Estética genital feminina* Clínica Larosier. (s.d.). Disponível em: <<http://www.larosier.com.br/estetica.html>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

¹⁵⁵ VIEIRA, F. R. *O que é cirurgia estética genital feminina?*. Reforma Íntima, 2013. Disponível em: <http://fatimedica.blogspot.com.br/2013/01/o-que-e-cirurgia-estetica-genital_3898.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁵⁶ VÍTOR, A. *Cirurgia íntima*. Revista boa vida, 2014. Disponível em: <<http://alvarovitor.com.br/cirurgia-plastica-vaginal-revista-boa-vida/>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

¹⁵⁷ POSKUS, R. *Como disfarçar pepeca gorda*. Blog mulherão, 2014. Disponível em: <<http://blogmulherao.com.br/17763/como-disfarcar-pepeca-gorda/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁵⁸ MANBRINI, V. *Plástica íntima pode melhorar a vida sexual e a autoestima*. Delas IG, 2011. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/plastica-intima-pode-melhorar-a-vida-sexual-e-a-autoestima/n1237959719603.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

vaginal mudou suas vidas”¹⁵⁹, “Cirurgia íntima x auto estima”¹⁶⁰, “Vaginoplastia, reconstruindo a intimidade e a auto-estima”¹⁶¹, “Melhorando o que está escondidinho - cresce número de ninfoplastias”¹⁶², “Uma questão de bem estar”¹⁶³; e também sites e blogs jornalísticos, tais como “Cirurgias íntimas com finalidade estética geram controvérsia entre os médicos”¹⁶⁴, “Especialistas alertam para número de meninas interessadas em cirurgias estéticas vaginais”¹⁶⁵, “Mulheres recorrem ao rejuvenescimento íntimo em busca de mais prazer sexual”¹⁶⁶, “Cirurgia para ter “vagina perfeita” vira moda e preocupa especialistas britânicos”¹⁶⁷, “Saiba se a cirurgia estética nos lábios vaginais é uma boa alternativa”¹⁶⁸, “Cirurgias íntimas em mulheres sobem 75% em quatro anos e especialista garante: “melhora vida sexual”¹⁶⁹; os quais em geral são textos informativos que mobilizam argumentos mais associados a “autoestima” e saúde da mulher e menos à vaidade, embora a maioria afirme que a principal motivação da busca por cirurgias íntimas é apenas estética.

¹⁵⁹ OLIVEIRA, M.; SANDOVAL, A. Mulheres contam como a plástica vaginal mudou suas vidas. *Universa*, 2015. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2015/04/27/mulheres-contam-como-a-plastica-vaginal-mudou-suas-vidas.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁶⁰ Cirurgia íntima x auto estima. A2 Motell. (s.d.). Disponível em: <<http://a2motell.com.br/index.php/noticias/item/52-cirurgia-intima-feminina-x-auto-estima>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁶¹ Silva, D. Vaginoplastia, reconstruindo a intimidade e a auto-estima. *Garota Beleza*, 2011. Disponível em: <<http://garotabeleza.com.br/vaginoplastia-reconstruindo-a-intimidade-e-a-auto-estima/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁶² Melhorando o que está escondidinho - cresce número de ninfoplastias. *Cultura Teen*, 2015. Disponível em: <<http://www.culturarteen.com/2015/03/melhorando-o-que-esta-escondidinho.html>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

¹⁶³ Uma questão de bem estar. *Clube da Calcinha*, 2011. Disponível em: <<http://www.clubedacalcinha.com.br/blog/?p=1751>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

¹⁶⁴ PRONIN, T. Cirurgias íntimas com finalidade estética geram controvérsia entre os médicos, *Uol*, 2008. Disponível em: <<http://cienciaesaude.uol.com.br/ultnot/2008/04/01/ult4477u447.jhtm>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁶⁵ Especialistas alertam para número de meninas interessadas em cirurgias estéticas vaginais. *BBC Brasil*, 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110829_cirurgiavaginal_is.shtml>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁶⁶ AMIN, J. Mulheres recorrem ao rejuvenescimento íntimo em busca de mais prazer sexual. *O Globo*, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/mulheres-recorrem-ao-rejuvenescimento-intimo-em-busca-de-mais-prazer-sexual-21860352>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁶⁷ EUSÉBIO, M. Cirurgia para ter “vagina perfeita” vira moda e preocupa especialistas britânicos. *Marco Eusébio In Blog*, 2011. Disponível em: <<http://www.marcoeusebio.com.br/coluna/cirurgia-para-ter-vagina-perfeita-vira-moda-e-preocupa-especialistas-britanicos/12150>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁶⁸ Saiba se a cirurgia estética nos lábios vaginais é uma boa alternativa. *Diário Gaúcho*, 2014. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/12/saiba-se-a-cirurgia-estetica-nos-labios-vaginais-e-uma-boa-alternativa-4655993.html>>. Acesso em 31 mar. 2019.

¹⁶⁹ SANTOS, M. Cirurgias íntimas em mulheres sobem 75% em quatro anos e especialista garante: “Melhora vida sexual”. *R7*, 2015. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/saude/cirurgias-intimas-em-mulheres-sobem-75-em-quatro-anos-e-especialista-garante-melhora-vida-sexual-25072015>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Existem muitas contradições nesse debate, a começar pela profusão de termos para designar as cirurgias e as especialidades que tratam do assunto. Vieira-Baptista (2014) sugere que a profusão de designações para o mesmo procedimento é sintomática de que provavelmente algo está errado no cenário, onde, por exemplo, num mesmo grupo de especialistas parece não se falar a mesma linguagem. Outros dois pontos contraditórios desse debate dizem respeito às medidas ideais dos lábios para que sejam operáveis e também sobre se as cirurgias são “reparadoras”/“funcionais” ou apenas “estéticas”, pois não existe um parâmetro que defina isso, ficando a critério subjetivo dos especialistas, como comprova a própria literatura médica

Levando em conta os resultados que encontrou em sua pesquisa, Borges (2011, p. 276-277) afirma que a “aparência única dos órgãos genitais femininos parece ser levada ao pé da letra no caso da cirurgia íntima”, mas observei a ausência de um consenso, especialmente na literatura médica sobre o assunto, tendo em vista uma negociação dos elementos que Schimitt (2014, p. 15) chama atenção no contexto de sua pesquisa:

[...] classificações/definições do que seriam as hipertrofias genitais femininas; possíveis causas de tais hipertrofias; referências e padrões anatômicos e ou estéticos concernentes às genitálias femininas; patologização das hipertrofias genitais; comparações anatômicas de corpos masculinos e femininos; relação entre fatores psicológicos e as cirurgias estéticas íntimas.

Apesar da falta de consenso, muitas técnicas são aplicadas com o intuito de produzir coerência com base em um determinado padrão imaginado de “beleza íntima”. Entre estas, as que visam o aumento dos lábios vaginais, a diminuição/redução dos pequenos lábios vaginais (chamada de Ninfoplastia ou Labiaplastia), correção da dilatação da vagina, eliminação/enxerto da gordura do púbis, reconstrução do hímen (himeoplastia), remodelagem do clitóris (clitórioplastia), reconstrução do períneo (perineoplastia), ampliação do ponto G, dentre outras. Nos procedimentos são utilizados instrumentos variados, como *lasers* e injeções de colágeno/ácido hialurônico/Polimetacrilmetacrilato¹⁷⁰; a chamada “*Terapia Drácula*” para o

¹⁷⁰ PONTES, D. Bioplastia vaginal. Davi Pontes Cirurgia Plástica, 2012. Disponível em: <<http://daviPontes.blogspot.com.br/2012/06/bioplastia-vaginal.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

“rejuvenescimento da vagina”, por exemplo, utiliza injeções de plasma rico em plaquetas¹⁷¹.

No que se refere aos procedimentos, estes recebem termos correlatos para falar sobre o mesmo assunto na produção online, como “técnicas”, “tratamentos” (estéticos ginecológicos), “correção”, “remodelagem”; são encarados como uma “alternativa”, além de identificados como simples e “rápidos”, em geral, com duração de 30 a 60 minutos. Quando se trata de observar o que tem sido escrito sobre esse assunto, parece não haver clareza sobre quais são os procedimentos mais voltados a tratar da aparência e os mais voltados à “funcionalidade” da vagina.

Os sites e blogs constituem arenas de discussões nos quais nota-se um jogo retórico em torno das cirurgias enquanto “estéticas” e reparadoras ou “corretivas”, ligado à percepção de que a noção de beleza “se expande e se conecta à de bem-estar, saúde” (FERIANI, 2014, p. 519), muito embora em alguns discursos haja a afirmação de que a cirurgia íntima é apenas “estética”. Segundo alguns sites, a cirurgia plástica íntima é considerada um tipo de cirurgia estética, não uma plástica corretiva¹⁷² que dá conta das “desarmonias que comprometem a beleza e a função da genitália feminina”¹⁷³. No entanto, há os que divulgam a informação de que se tratava apenas de uma cirurgia reparadora inicialmente e, com o tempo, os médicos perceberam que poderia ser indicada para melhorar o “lado psicológico” das mulheres insatisfeitas com o aspecto estético da sua intimidade. Hoje, a cirurgia íntima faz parte das opções estéticas que a cirurgia oferece, funcionando como “um resgate da mulher”¹⁷⁴.

Em “Plástica íntima pode melhorar a vida sexual e a autoestima”¹⁷⁵ um especialista do ramo da cirurgia plástica afirma que 5% das pacientes o procuram para fazer a cirurgia reparadora, enquanto 95% chegam por razões estéticas. Em outro site, outro especialista afirma que suas pacientes falam mais: “olha que horrível, doutor” e

¹⁷¹ PAGAN, M. Terapia Drácula usa injeções de sangue para rejuvenescer a vagina e melhorar orgasmos. Vix. (s.d.). Disponível em: < <https://www.vix.com/pt/bdm/saude/terapia-dracula-usa-injecoes-de-sangue-para-rejuvenescer-a-vagina-e-melhorar-orgasmos> >. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁷² Saiba se a cirurgia estética nos lábios vaginais é uma boa alternativa. Diário Gaúcho, 2014. Disponível em: <<http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/12/saiba-se-a-cirurgia-estetica-nos-labios-vaginais-e-uma-boa-alternativa-4655993.html>>. Acesso em 31 mar. 2019.

¹⁷³ Estética genital feminina Clínica Larosier. (s.d.). Disponível em: <<http://www.larosier.com.br/estetica.html>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

¹⁷⁴ VÍTOR, A. Cirurgia íntima. Revista boa vida, 2014. Disponível em: <<http://alvarovitor.com.br/cirurgia-plastica-vaginal-revista-boa-vida/>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

¹⁷⁵ MANBRINI, V. Plástica íntima pode melhorar a vida sexual e a autoestima. Delas IG, 2011. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/plastica-intima-pode-melhorar-a-vida-sexual-e-a-autoestima/n1237959719603.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

menos “ai, isso aqui machuca”¹⁷⁶. Por outro lado, em “*Cirurgia íntima: questão de bem-estar e autoestima*”¹⁷⁷, diz-se que se a mudança operada pela cirurgia não é “visualizada”, não configura uma alteração “estética”. Há uma divergência, nesse sentido, pois enquanto muitos sites divulgam ambas as motivações, estéticas e funcionais, outros afirmam ser apenas “com objetivo puramente estético”¹⁷⁸, ainda que a relacione com a saúde da mulher. Argumento comum é que “a mudança física é muito menor do que a psicológica na maioria dos casos”¹⁷⁹.

Para tornar o assunto ainda mais controverso, são apresentadas as opiniões de alguns médicos que criticam a vontade de “*esculpir ou clarear a genitália só para ficar igual à última estrela da Playboy*”¹⁸⁰. Assim, quando o médico percebe que a paciente está “descontando” mágoas na cirurgia, é orientada a não fazê-la¹⁸¹. É nesse sentido que “a classificação da cirurgia como estética ou reparadora vem acoplada a uma série de significados e moralidades referentes a gênero, corpo, idade, o que leva a uma tipificação dos próprios pacientes” (FERIANI, 2014, p. 520) ancorada em características físicas e emocionais. Dessa forma, a mudança física é diretamente associada à psíquica.

No entanto, “corrigir e embelezar” foi o lema que guiou o ramo da cirurgia plástica desde seu início, reforçados com a imperativa publicidade que valoriza os procedimentos e a divulgação de “um padrão de beleza no qual o sucesso está sempre junto às aparências jovens e longilíneas, à pele impecavelmente lisa e firme”. Foi a partir de 1980 que o tema ganhou um destaque sem precedentes no Brasil, quando foi dada a largada à “aventura de passar o corpo a limpo” (SANT’ANNA, 2014, p. 166).

¹⁷⁶ SANTOS, M. Cirurgias íntimas em mulheres sobem 75% em quatro anos e especialista garante: “Melhora vida sexual”. R7, 2015. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/saude/cirurgias-intimas-em-mulheres-sobem-75-em-quatro-anos-e-especialista-garante-melhora-vida-sexual-25072015>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁷⁷ COLANERI, A. Cirurgia íntima: questão de bem-estar e autoestima. Dicas de mulher, 2013. Disponível em: <<http://www.dicasdemulher.com.br/cirurgia-intima-questao-de-bem-estar-e-autoestima/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁷⁸ Aumenta a procura por cirurgias plásticas íntimas entre mulheres brasileiras. Clínica Plenna Cirurgia Plástica – Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://clinicaplenna.blogspot.com.br/2012/09/aumenta-procura-por-cirurgias-plasticas.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁷⁹ Cirurgia íntima x auto estima. A2 Motell. (s.d.). Disponível em: <<http://a2motell.com.br/index.php/noticias/item/52-cirurgia-intima-feminina-x-auto-estima>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁸⁰ PRONIN, T. Cirurgias íntimas com finalidade estética geram controvérsia entre os médicos, Uol, 2008. Disponível em: <<http://cienciaesaude.uol.com.br/ultnot/2008/04/01/ult4477u447.jhtm>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁸¹ MANBRINI, V. Plástica íntima pode melhorar a vida sexual e a autoestima. Delas IG, 2011. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/plastica-intima-pode-melhorar-a-vida-sexual-e-a-autoestima/n1237959719603.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Com o desenvolvimento das tecnologias, o corpo humano passa a ser imerso em uma atmosfera pós-biológica/pós-humana/pós-orgânica na qual há uma indiscernibilidade entre orgânico e maquínico, nascendo assim a noção de corpo “híbrido” como uma possibilidade mais próxima do que remota. A noção de “pós-humano” recebe várias conotações a partir de 1995, quando passa a ser mais frequente em publicações e exposições de arte, fala-se na representação do corpo construído como sendo parte de um “circuito integrado de informação e matéria que inclui componentes humanos e não humanos”, a ideia de que nossa visão daquilo que constitui o ser humano está passando por transformações e, ainda, que será possível a convergência geral dos organismos com as tecnologias até o ponto de se tornarem indistinguíveis (SANTAELLA, 2003, p. 192).

Assim a “vagina”, como as demais partes do corpo, é remodelada e protética: enxertada, implantada, híbrida; têm suas funções ampliadas, é corrigida. De fato, parece difícil dizer onde começam e terminam os “corpos naturais” e onde começam as “tecnologias artificiais” (PRECIADO, 2014, p. 158), já que as próteses¹⁸² borram as margens entre o que é compreendido como “natural” e o que é entendido como “artificial”, marcando uma intersecção entre dois sistemas: tecnológico e orgânico (SANTAELLA, 2003, p. 201). Essa “construção técnica” da feminilidade (PRECIADO, 2014, p. 142) produz a vagina pós-orgânica, híbrida, um produto da mistura de tecnologias, apesar de já nascermos cirurgiados pelas tecnologias heteronormativas (“é menino ou menina?”).

Desde o início dos anos 1980, especialmente nos Estados Unidos, têm proliferado estudos sobre as relações entre tecnologia e corpo feminino e têm sido difundidas leituras mais progressistas relacionando tecnologia e gênero que partem da concepção de que “em um mesmo corpo, reúnem-se o mecânico e o orgânico, a cultura e a natureza, o simulacro e o original, a ficção científica e a realidade social” (SANTAELLA, 2003, p. 186).

A partir da segunda metade do século XX houve um progresso significativo na área das cirurgias plásticas acompanhado de discursos otimistas sobre segurança e os progressos científicos, muito embora não fosse um recurso aconselhado para mudanças radicais, conforme comento no início deste capítulo. Era possível melhorar

¹⁸² Para Preciado (2014, p. 210), não há outra forma de “ser corpo” nas sociedades “pós-industriais” se não for através da “prótese”: ela é um “acontecimento da incorporação”. Prótese seria tudo aquilo que produz “gênero”, tais como “complementos, dildos, implantes, drogas, hormônios etc”.

anatomicamente as “feiuras” através das novas tecnologias da beleza que se insinuavam cada vez mais sub-repticiamente no cotidiano das mulheres. Paulatinamente, o recurso às cirurgias plásticas passou de um “pecado à obra divina” a uma “prova de autoestima” (SANT’ANNA, 2014, p. 172), na qual assume-se a busca por “algo que nada tem de palpável ou concreto: beleza, prestígio, aceitação social, bem-estar, elevação da autoestima” (CASTRO, 2011, p. 14), ora remetendo ao sofrimento físico ora ao emocional e, às vezes, misturando-os. A “falta de autoestima” pode configurar uma espécie de “doença” que a plástica pode “curar”: “inventa-se a ‘doença’ ou o defeito e promove-se a sua cura mágica” (VIEIRA-BAPTISTA, 2014, p. 225). O termo “autoestima” é usado tanto por pacientes, isto é, mulheres que passaram por procedimentos afins, como especialistas, “num jogo retórico que envolve constrangimento, dilemas e expectativas” (FERIANI, 2014, p. 517). Correlatos dos desenvolvimentos da “medicina estética”, vários procedimentos cirúrgicos são entendidos como “tratamentos estéticos” (SANT’ANNA, 2014, p. 173), termo que tem como objetivo reforçar a relação entre saúde e beleza, naturalizando ainda mais a relação entre “*falta de autoestima*” e doença, reforçando o processo de patologização de corpos foram da norma, do padrão desejado.

Na produção favorável aos procedimentos cirúrgicos que acessei essas tecnologias são representadas e comentadas tanto pelos autores dos textos como por especialistas e pacientes, fazendo com que as intervenções sejam personalizadas e transformadas em uma realidade mais palpável. É nesse contexto que surge um modelo de mulher, a “*mulher moderna*”, que seria aquela que aproveita as novidades tecnológicas para proveito próprio e que “*está cada vez mais sexualmente libertada*”¹⁸³, o que indica que a decisão de se submeter a uma cirurgia íntima seria “um sinal de agência e determinação” (BORGES, 2011, p. 270). Continuando com Borges (2011, p. 270):

Pode-se entender então que tomar conta de si mesma, modelar o corpo e preocupar-se com a aparência física é um sinal de autoconfiança, um sinal de que a ‘mulher moderna’ gosta de si mesma (apesar de todos os defeitos que ela constantemente identifica em si). Cabe à mulher escolher se quer ‘melhorar’ (e sempre melhorar) a sua performance como mulher e como ser sexual. Basta que ela verifique qual é o problema que lhe aflige e que esteja disposta a remediá-lo.

¹⁸³ AMIN, J. Mulheres recorrem ao rejuvenescimento íntimo em busca de mais prazer sexual. O Globo, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/mulheres-recorrem-ao-rejuvenescimento-intimo-em-busca-de-mais-prazer-sexual-21860352>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Em “*Mulheres contam como a plástica vaginal mudou suas vidas*”¹⁸⁴, são apresentados relatos de mulheres que passaram pela “*reconstrução*” dos genitais. Segundo a matéria, uma mulher afirma que tinha “*problemas*” com seus pequenos lábios e que, além de ter “*vergonha de usar biquíni*” porque “*marcava na calcinha*”. Ela inclusive comenta que chegou a descartar a hipótese de ter um parto normal para evitar o “*constrangimento*” de ter “*de ficar muitas horas em uma posição que todos olhariam para a minha vagina*”. Outra mulher lembra que sentia dores durante a relação sexual e quando tinha de ficar sentada durante um longo período “*chegava ao destino toda dolorida. Eu tinha de ajeitar o lábio para dentro para amenizar*”. A matéria afirma ainda que, nessas queixas, “*não é só estética*”: há um incômodo que gera insatisfações em momentos cotidianos, inclusive vindo a atrapalhar a relação sexual, e que o procedimento cirúrgico, opção mais viável para solucionar o “*problema*”, é “*rápido e quase indolor*”. Essas são informações corriqueiras nos textos que publicitam as chamadas “*cirurgias da intimidade*”.

Dessa forma as cirurgias íntimas são apresentadas como uma “*questão de bem estar*”¹⁸⁵ majoritariamente psicológico embora também físico, que com seu “*poder transformador*” é capaz de satisfazer mulheres insatisfeitas com suas partes mais íntimas, ainda que no Brasil, a realização de uma cirurgia íntima seja considerada um tabu e “*muitas mulheres que desejam ou optam realizar essa espécie de cirurgia o fazem em segredo*”¹⁸⁶. Mas um tabu para quem? Sobre este assunto, gostaria de abrir um parêntese para citar um exemplo.

Em 10 de outubro de 2017, a Folha de São Paulo publicou uma matéria intitulada “*Mulheres superam tabu e encaram laser e cirurgia para ter ‘vulva ideal’*”. Além de mencionar o alto índice de demandas por Ninfoplastia no Brasil e apresentar relatos de mulheres que se submeteram a esse tipo de cirurgia, o mote da matéria foi que o tema “*vaginas*” vem deixando de ser um tabu entre as mulheres. Logo que a matéria foi disponibilizada no site, uma postagem no Facebook “*viralizou*” na internet, se tornando o centro de textos publicados naquele dia e alguns dias depois, tais como

¹⁸⁴ OLIVEIRA, M.; SANDOVAL, A. Mulheres contam como a plástica vaginal mudou suas vidas. *Universa*, 2015. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2015/04/27/mulheres-contam-como-a-plastica-vaginal-mudou-suas-vidas.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁸⁵ Uma questão de bem estar. *Clube da Calcinha*, 2011. Disponível em: <<http://www.clubedacalcinha.com.br/blog/?p=1751>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

¹⁸⁶ Cirurgia íntima: melhorando sua auto-estima e vida sexual. *Defyna Plástica*, 2011. Disponível em: <<http://defynaplastica.blogspot.com.br/2011/01/cirurgia-intima-melhorando-sua-auto.html>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

“Folha apanha nas redes por conta de matéria sobre ‘vulva ideal’”¹⁸⁷, “A discussão sobre esta matéria da Folha mostra MAIS UMA VEZ que precisamos do feminismo”¹⁸⁸ e “Querida Folha, hoje minha vagina pode ser do jeito que é...”¹⁸⁹, provocando inclusive uma modificação no título da matéria, que passou a ser apenas “Mulheres encaram laser e cirurgia para ter ‘vulva ideal’”¹⁹⁰. No entanto, um *printscreen* do título original continuou circulando na internet junto do texto-resposta da leitora. Enquanto escrevo, o texto-resposta à Folha de São Paulo publicado em modo público no perfil pessoal da leitora tem aproximadamente 35 mil curtidas, 55 mil comentários e cerca de 24 mil compartilhamentos¹⁹¹. O texto diz o seguinte:

Querida Folha de S.Paulo,

Queria te contar que não é muito fácil ter uma vagina. Hoje me dou bastante bem com a minha, mas não foi sempre assim. Eu já quis que ela tivesse um cheiro diferente daquele que é o seu natural, e durante anos paguei a uma outra pessoa pra arrancar dela os pêlos em um processo que só pode ser definido como tortura auto infringida (que loucura, não?). Mas eu superei o tabu, e hoje minha vagina pode ser do jeito que é.

Eu queria sugerir, Folha, pra de repente você fazer uma reportagem sobre os homens que não superaram o tabu da vagina. Porque a vagina, você sabe, quase sempre precisa passar por uma série de rituais (como aqueles que eu abandonei) pra que um homem possa gostar dela. É difícil achar um homem que goste de uma vagina com cor de vagina, cheiro de vagina, pelo de vagina, gosto de vagina e todas as outras coisas de vagina que as vaginas têm. Então, Folha, a mim me parece que os homens é que têm um tabu com a vagina. Infelizmente, algumas de nós acabam comprando esse tabu. Você mesma, Folha, deu um exemplo nessa reportagem torta!

"Tinha um volume, mas não me incomodava", falou a Fernanda pra você. Só que a Fernanda emenda: "Até que no início do ano meu marido disse meio brincando: 'nossa, você tem um negócio pendurado'. Isso mexeu com a minha feminilidade". Olha só, Folha: tava tudo bem com a Fernanda, ela estava em paz com a própria vagina. Quem tinha um problema era o marido da Fernanda, mas ao invés de ir o marido da Fernanda sentar em um divã,

¹⁸⁷ LONGO, I. Folha apanha nas redes por conta de matéria sobre “vulva ideal”. Revista Fórum, 2017. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/folha-apanha-nas-redes-por-conta-de-materia-sobre-vulva-ideal/>>. Acesso em: 30 julh. 2018.

¹⁸⁸ PASSOS, C. A discussão sobre esta matéria da Folha mostra MAIS UMA VEZ que precisamos do feminismo. BuzzFeed, 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/clarissapassos/estetica-vaginal-debate-folha?utm_term=.of3EqPey1a#.rqA6WGABMx>. Acesso em: 30 julh. 2018.

¹⁸⁹ “Querida Folha, hoje minha vagina pode ser do jeito que é...”. Pragmatismo Político, 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/10/querida-folha-hoje-minha-vagina-pode-ser-do-jeito-que-e.html>>. Acesso em: 30 julh. 2018.

¹⁹⁰ BOTELHO, R. Mulheres encaram laser e cirurgia por ‘vulva ideal’. Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2017/10/1925738-mulheres-encaram-laser-e-cirurgia-por-vulva-ideal.shtml>>. Acesso em: 30 julh. 2018.

¹⁹¹ O texto na íntegra está disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10211538559113024&set=a.1716832154061.2091759.1035942369&type=3&theater>. O texto também foi disponibilizado nas matérias dos três sites que menciono acima. Acesso em: 30 julh. 2018.

conversar sobre "eu tenho sentimentos estranhos sobre a vagina da mulher que amo", ficou a Fernanda como a torta. Você fez parecer que é ela quem tem tabu de vagina, só porque, d'ar, a vagina dela não é igual a nenhuma outra. Quer dizer, na verdade a vagina da Fernanda era igual à da irmã gêmea dela. E continua sendo, porque o desfecho - você me contou - foi um par de cirurgias vaginais, uma pra cada gêmea.

E, Folha, tem outra coisa, outra coisa bem grave. Você falou bastante sobre as vaginas rosadas serem tidas como as vaginas ideais, do que deriva toda uma sorte de tratamentos para clarear a vulva. Folha, chega aqui: isso é racismo. Você não pode sair falando por aí sobre tratamentos clareadores de pele, sobre peles rosadas serem "as mais bonitas", sem pelo menos colocar algumas perguntinhas sobre como se construiu esse gosto estético. Essa semana mesmo a Dove tomou um baile das redes sociais por conta de uma propaganda que mostrava uma mulher negra se transformando em uma mulher branca. Pegou mal, sabe? Eu sei que você é de outro tempo, mas hoje em dia esse negócio de embranquecer as pessoas, Folha, não pode mais. Não faz mais isso, tá bem? As vaginas das mulheres negras são mesmo mais escuras do que a de mulheres como eu, e tá tudo certo. O que tá errado e precisa ser tratado é uma sociedade que acha que as pessoas precisam mudar de cor pra serem bonitas.

Vamos montar junto um material pra você, Folha? Sei que você é inteligente e um pouco de leitura pode te ajudar a desconstruir esse seu - desculpe, mas está evidente - tabu de vagina. Podemos montar um grupo de estudos, você e alguns dos especialistas (ouch!) que entrevistou. Olha por exemplo o cirurgião plástico José Octávio de Freitas: "mulheres sempre se incomodaram com a aparência dos lábios", disse o doutor. E, no entanto, cá estou eu, feliz com os meus (e não são pequenos, viu?).

Sei que não é fácil pra você falar sobre vaginas, Folha. Mas vem com a gente que a gente te ajuda. A gente te ensina tudo que há pra saber sobre elas. Porque a gente manja de vagina e não é pouco, viu?

Este texto menciona alguns trechos da matéria e de uma forma sutil, sugere uma série de equívocos culturais que foram reiterados na ocasião. Muitos desses equívocos são temas de outros textos que tive acesso e que compõem o material empírico da tese. Seu texto encarna um tipo de posicionamento sobre o assunto que é recorrente no universo do ativismo da vagina, sobre o qual falarei no quarto capítulo. Agora podemos prosseguir.

De uma maneira geral, nos sites e blogs consultados cria-se um cenário justificativo para a adesão aos procedimentos propostos, onde é afirmado que são realizados com muita frequência, são simples¹⁹² e livres de complicações (VIEIRA-BAPTISTA, 2014, p. 24), havendo a mobilização de termos diversos sobre um mesmo assunto. Afirma-se, por exemplo, que as intervenções cirúrgicas “melhoram” e

¹⁹² Privilegiando “procedimentos não invasivos, feitos nos próprios consultórios médicos”. AMIN, J. Mulheres recorrem ao rejuvenescimento íntimo em busca de mais prazer sexual. O Globo, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/mulheres-recorrem-ao-rejuvenescimento-intimo-em-busca-de-mais-prazer-sexual-21860352>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

“corrigem” “aspectos funcionais” e estéticos/da aparência da “vagina”, que a “ginecologia estética apresenta soluções capazes de atenuar o envelhecimento ginecológico” de forma a “aprimorar”, “aumentar”, “fazer adquirir”, “reestabelecer”, “levantar”, “recuperar”, “devolver a autoestima e a qualidade de vida”, a “segurança sexual”, o “poder de sedução” e fala-se até em “milagres íntimos”, como atesta Borges (2011, p. 261):

Cirurgias plásticas, programas televisivos transnacionais sobre transformações radicais e as mais diversas intervenções cosméticas, com resultados propagados através de fotos – ‘o antes e o depois’ – fazem parte do dia-a-dia de qualquer pessoa que viva em sociedade e que tenha algum tipo de contato com um meio de comunicação. Fotos e reportagens mostrando as distintas etapas de várias metamorfoses ilustram, por um lado, que tipos de transformações físicas são desejáveis e indicam, por outro lado, que tipo de pessoas deveriam se candidatar a tais transformações. A cirurgia plástica moderna, muitas reportagens dizem, é capaz de realizar milagres.

Fala-se ainda que os procedimentos cirúrgicos sejam apropriados para a “correção” de “alterações”, “deformidades”, “anomalias”, “problemas”, algum tipo de “aspecto inestético da genitália” (DAHER, 2015, p. 45), “imperfeições” e “defeitos” na genitália feminina, os quais podem: ser “congênitos”¹⁹³; “adquiridos” por vários processos “naturais” tais como o envelhecimento; “provocados”, como gravidez, obesidade, o uso de anticoncepcionais, má nutrição, tabagismo, dentre outros; ou ainda “imaginados”, podendo gerar ansiedade, depressão, perda de autoestima, frustração sexual e perda da libido. “Seja para se soltar mais na cama ou para poder usar uma roupa justa sem se sentir desconfortável”, afirma-se que é significativo o número de mulheres que estão recorrendo à cirurgia plástica para “remodelar” ou “corrigir” “imperfeições” na região pubiana¹⁹⁴ ainda que seja dito que “o assunto ainda é tabu”¹⁹⁵.

O diferente (mesmo que ele seja mencionado como ocorrendo em grande parte da população feminina) é descrito como indesejável e pouco estético (leia-se pouco belo ou pouco atraente). A performance da mulher melhora, quer dizer, ela se torna mais estética e atraente, a partir do momento em que

¹⁹³ “A hipertrofia dos pequenos lábios vaginais, na maior parte dos casos, tem etiologia congênita, porém pode se desenvolver com o envelhecimento e após o uso de hormônios ou quadros de inflamação cutânea crônica” (BATTISTI, 2018, p. 175).

¹⁹⁴ VIEIRA, F. R. O que é cirurgia estética genital feminina?. Reforma Íntima, 2013. Disponível em: <http://fatimedica.blogspot.com.br/2013/01/o-que-e-cirurgia-estetica-genital_3898.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁹⁵ AMIN, J. Mulheres recorrem ao rejuvenescimento íntimo em busca de mais prazer sexual. O Globo, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/mulheres-recorrem-ao-rejuvenescimento-intimo-em-busca-de-mais-prazer-sexual-21860352>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

ela se agrega ao grupo das mulheres com órgãos genitais “normais” (BORGES, 2011, p. 273).

As partes externas da genitália mais mencionadas nos sites de blogs pesquisados, vale ressaltar, são os pequenos e grandes lábios e o monte de Vênus chamado popularmente de “*capô de fusca*”¹⁹⁶. As alterações anatômicas relatadas são excesso ou falta de gordura, seja nos lábios vaginais ou no monte de Vênus, excesso ou “rarefação” de pelos, flacidez, assimetria, escurecimento, ressecamento, palidez, cicatrizes, alargamento do canal vaginal (em virtude de um ou mais partos vaginais), “distopias” (prolapsos de útero, bexiga e reto) e incontinência urinária de esforço. Todos esses “problemas” são responsáveis por incômodos emocionais e/ou físicos, como vergonha em momentos íntimos, seja em relação à estética ou à dor. O incômodo físico está relacionado, por exemplo, quando o tamanho “exagerado” dos pequenos lábios pode causar dor durante a relação sexual. Neste caso, haveria o risco das “estruturas” dobrarem para dentro durante a penetração, podendo assim causar lesões na região; configura, portanto, que a “intervenção” visaria mais à “funcionalidade” da vagina do que à “estética”. Tendo em vista que os pequenos lábios têm por função “proteger a entrada da vagina dificultando o aparecimento de inflamações bacterianas além de ajudar na lubrificação”, seria preciso atentar para que a intervenção não comprometa essa função.

O cirurgião Evandro Lucena afirma que “a preocupação com a estética na região íntima sempre existiu”, no entanto, o que tem mudado é que as mulheres agora têm mais acesso à informação sobre a possibilidade de “melhorá-la” do que antes¹⁹⁷. Contudo, é recorrente a afirmação de que muitas mulheres, por vergonha ou escassez de informação, não contam para ninguém seu dilema¹⁹⁸, enquanto outras usam as redes sociais digitais para publicizarem as transformações cirúrgicas pelas quais se submeteram, sejam elas mulheres anônimas ou famosas, como lembra Borges (2011, p. 262): “Expressões como ‘o poder do bisturi’, ‘a magia das cirurgias plásticas’, ou ‘a marcha do progresso científico’ aparecem frequentemente como um modo de se descrever a cirurgia plástica na mídia brasileira”. Recorrer a cirurgia íntima passou

¹⁹⁶ POSKUS, R.. Como disfarçar pepeca gorda. Blog mulherão, 2014. Disponível em: <<http://blogmulherao.com.br/17763/como-disfarcar-pepeca-gorda/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

¹⁹⁷ Melhorando o que está escondidinho - cresce número de ninfoplastias. Cultura Teen, 2015. Disponível em: <<http://www.culturarteem.com/2015/03/melhorando-o-que-esta-escondidinho.html>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

¹⁹⁸ Cirurgia da intimidade. Estética Brasil. Disponível em: <<http://www.esteticabrasil.com.br/cirurgiaintimidade.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

então de algo que faz parte da dimensão do segredo para algo público, visível, e também como algo positivo, vantajoso. Esses também são argumentos comuns aos quais constantemente se recorre, como por exemplo:

Muitas mulheres sofreram em silêncio por muito tempo, sem coragem para procurar ajuda e se livrar de um problema que causa bloqueios psicológicos e impede que a vida sexual seja plena. Atualmente, felizmente, existe correção para a parte mais íntima da mulher também. À primeira vista, para quem não tem ideia do que signifique, pode até parecer uma futilidade querer modificar a anatomia da vagina, mas, quem se sente incomodada com o tamanho dos lábios vaginais ou com o púbis, acaba se retraindo, de tal forma que até mesmo o uso de biquínis ou calças justas passa a ser evitado.¹⁹⁹

A faixa etária das pacientes constitui mais uma das controvérsias nesse meio, assim como o caráter da motivação que levou a paciente a procurar pelo procedimento cirúrgico. É por essa e outras questões que, conforme a *cirurgia para ter uma vagina perfeita*²⁰⁰ vira moda, começa a gerar controvérsias e preocupar especialistas requerendo dos médicos que dediquem mais tempo para entender o que está embutido na vontade de operar. Nas informações sobre intervenções cirúrgicas realizadas no Brasil nos sites e blogs pesquisados observei que as cirurgias são mais procuradas por mulheres jovens, casadas ou solteiras e, ainda, realizadas somente a partir da idade de 18 anos, com base no argumento de que o corpo da mulher não está “plenamente desenvolvido” até os 15 anos de idade; antes disso, não haveria como saber a aparência definitiva da vulva. Em contrapartida, especialistas do ramo afirmam que não deve haver restrição de idade e que a plástica pode ser feita a partir dos 14 anos, no início da puberdade. No entanto alguns cirurgiões plásticos afirmam, preocupados com a procura por meninas em idade escolar²⁰¹ e pelo caráter irreversível dos procedimentos, que os profissionais devem requerer mais “rigor” no sentido de perceber se a motivação da paciente não é “puramente emocional”, pois ainda que seja atestada que as medidas de suas vulvas são consideradas “normais”, as pacientes insistem na concretização da intervenção. Se antes a imagem da mulher bela confundia-se com a de uma boa esposa e

¹⁹⁹ Silva, D. Vaginoplastia, reconstruindo a intimidade e a auto-estima. Garota Beleza, 2011. Disponível em: <<http://garotabeleza.com.br/vaginoplastia-reconstruindo-a-intimidade-e-a-auto-estima/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁰⁰ EUSÉBIO, M. Cirurgia para ter "vagina perfeita" vira moda e preocupa especialistas britânicos. Marco Eusébio In Blog, 2011. Disponível em: <<http://www.marcoeusebio.com.br/coluna/cirurgia-para-ter-vagina-perfeita-vira-moda-e-preocupa-especialistas-britanicos/12150>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁰¹ Especialistas alertam para número de meninas interessadas em cirurgias estéticas vaginais. BBC Brasil, 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110829_cirurgiavaginal_is.shtml>. Acesso em: 31 mar. 2019.

boa mãe, cuja feminilidade “refletiria em um corpo arredondado, volumoso, seios generosos, ancas desenvolvidas – qualidades apropriadas à maternidade” (ROHDEN, 2002, p. 121), no discurso atual sobre o “embelezamento íntimo” é a vagina o símbolo da feminilidade no qual há um crescente investimento.

2.1.4. O clareamento da região íntima



Figura 1 - Printscreens de postagem do Facebook sobre clareamento vaginal.

Ao pesquisar “clareamento da região íntima” no Google, por sua vez, temos acesso a uma série de textos que informam sobre procedimentos estéticos e receitas caseiras que prometem modificar a cor tanto da virilha como dos lábios vaginais e do ânus, inclusive é possível perceber a expansão de um mercado de produtos cosméticos voltados para essa finalidade, como em “*Iuminador para a vagina é o novo hit de beleza; Entenda o que o produto faz*”²⁰², “*‘Maquiagem para a vagina’ é lançada e gera polêmica; veja detalhes*”²⁰³ e “*Sério: agora tem iluminador pra vagina! será que a*

²⁰² Iuminador para a vagina é o novo hit de beleza; Entenda o que o produto faz. Revista Glamour, 2017. Disponível em: < <https://revistaglamour.globo.com/Beleza/Beauty-news/noticia/2017/07/iluminador-para-vagina-e-o-novo-hit-de-beleza-entenda-o-que-o-produto-faz.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁰³ “Maquiagem para a vagina” é lançada e gera polêmica; veja detalhes. Delas Ig, 2017. Disponível em: <<https://delas.ig.com.br/amoresexo/2017-07-25/iluminador-para-vagina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

'beleza íntima' tá virando mesmo um mercado?"²⁰⁴, ambos publicados em julho de 2017 em portais de revistas cujo público alvo é as mulheres: "Revista Glamour", "Delas" e "Garotas Estúpidas", respectivamente. O texto da "Revista Glamour" mantém o mesmo tom de surpresa e humor de "Autoestima vaginal: como anda a sua?"²⁰⁵ ao informar às suas leitoras que "no mundo da beleza as novidades são as mais excêntricas possíveis". É que o "ideal de vagina perfeita" também requer que ela seja branca, simétrico e sem excessos. Os meios de comunicação e propaganda²⁰⁶ ajudam na reprodução e preservação desse ideal, propagando "o branqueamento como ideologia e prática", cravando "no imaginário social, a superioridade da raça branca" (BERTH, 2018, p. 109). Fortalecem-se, dessa maneira, modelos e estereótipos que prescrevem comportamentos, promovendo constrangimentos sociais racistas e sexistas²⁰⁷.

Gostaria de abrir um parêntese para comentar sobre esse tom de surpresa em torno do embelezamento íntimo, apesar de todas as imposições sociais que recaem sobre as mulheres no que se refere a necessidade de ser bela literalmente da cabeça aos pés. Por exemplo, em junho de 2005 no texto intitulado "Beleza interior"²⁰⁸ informa que a "tirania da beleza" parece ter atingido o "clímax" ao chegar a vagina. O texto inicia afirmando que a *ansiedade* pela *melhoria* da aparência física ultrapassou os "limites do razoável" com a possibilidade de construção de vaginas. Apesar disso, as cirurgias íntimas têm ganhado um espaço em textos disponíveis na internet que antes era ocupado por outra prática de embelezamento íntimo que já era popular: a depilação. Então, "a

²⁰⁴ FERNANDES, A. Sério: agora tem iluminador pra vagina! Será que a "beleza íntima" tá virando mesmo um mercado?. Garotas Estúpidas, 2017. Disponível em: <<https://www.garotasestupidas.com/serio-agora-tem-iluminador-para-vagina-sera-que-beleza-intima-ta-virando-mesmo-um-mercado/>>.

Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁰⁵ LARANJEIRA, Livia; STOPA, Beatrice. Autoestima vaginal: como anda a sua? . Revista Glamour, 2013. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁰⁶ "São múltiplas as formas utilizadas pela propaganda para persuadir as mulheres a usarem determinados produtos ou apresentarem certos comportamentos. Por meio da propaganda, a mulher é convidada a adquirir o produto/marca, conseqüentemente, ao consumo. Com isso, ganha sobretudo a indústria que a cada dia coloca novos produtos nas prateleiras das lojas de departamento, dos supermercados, farmácias, perfumarias, shoppings, etc" (Araújo, 2009, p. 5).

²⁰⁷ "Infelizmente, podemos perceber que, ainda hoje, o tamanho dos lábios vaginais está estreitamente relacionado a concepções anatômicas simplistas e até mesmo moralizantes, o que contribui para reiteração de padrões estéticos dicotômicos e para um desconforto constante daquelas que fogem à norma estética estabelecida" (SCHIMITT, 2014, p. 10).

²⁰⁸ Beleza Interior. Revista Trip, 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=CWIEAAAAMBAJ&pg=PT55&lpg=PT55&dq=a+tirania+da+beleza+atingiu+seu+climax&source=bl&ots=EMtZb-tqMN&sig=ACfU3U153z9uruR4MbiJGHaacVOE-uAVA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwj9iJTpbngAhWIKrkGHQu1AKUQ6AEwAHoECACQAQ#v=onepage&q=a%20tirania%20da%20beleza%20atingiu%20seu%20climax&f=false>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

imposição de uma ‘bela vulva’ segue a tendência geral de lidar com os corpos como produtos que devem ser constantemente aperfeiçoados”, como se “a genitália precisasse refletir os valores que se espera da mulher”. Nesse sentido, “É tanta prescrição de como a vulva devia se portar que talvez o melhor apelido para ela seja mesmo perseguida”²⁰⁹.

Ainda que seja cada vez maior o número de mulheres em busca de cirurgias íntimas e que são adeptas à depilação da região, algumas das novidades ainda são vistas como “*excentricidade*”, como algo fora do comum. “*Você quer que sua região vaginal pareça iluminada?*”, indaga o texto, incitando a polêmica em torno do “*produtinho*” chamado “The Perfect Vagina”, o qual se propõe como um iluminador que “*clareia e minimiza qualquer imperfeição da região*” dando “*radiância instantânea para a área*”. Felizmente ou não, “*por enquanto*” não há disponibilidade dele no Brasil, apenas na Escandinávia. “*Será que isso é mesmo necessário? Bom, nós achamos que não. Mas, se você quer saber como é ter brilho, rs, entre as pernas, talvez esse seja um bom produto*”, finaliza o texto curto e objetivo, que como deixa evidente de forma jocosa sua reprovação a respeito da novidade. Necessário ou não, a existência desse novo item voltado para o embelezamento íntimo corresponde a uma demanda concreta. A matéria publicada em *Delas* ressalta outras qualidades do produto. Referindo-se ao produto como “maquiagem para a vagina”, menciona sua capacidade de “rejuvenescer a pele da região íntima e “disfarçar imperfeições”, conferindo a região vulvovaginal um “brilho iridescente”. Ressalta ainda que na verdade se trata de uma “*linha de produtos que amplia ainda mais a enorme gama de produtos oferecidos para mulheres com a promessa de ajudar na higiene íntima. Chamada de “The Perfect V”, a linha inclui fluido de limpeza, creme esfoliante, sérum, hidratante e um produto ainda mais inusitado: um iluminador para a vulva*”. Aqui a pergunta sobre sua necessidade se repete: “*Mas será que ele é mesmo um item necessário para a mulher?*”.

Já o texto publicado em *Garotas Estúpidas* parece estar na mesma sintonia que os outros dois, em concordância anunciada na frase de abertura do texto: “*Quando você pensa que não tem mais nada para se inventar no mundo da beleza... a gente se depara com um lançamento desses*”, e também ao falar que “*disso tudo parecer meio bizarro*”. Outro produto que compõe esse emergente nicho de mercado aparece aqui: “*um batom vaginal que promete ‘manter a pele equilibrada, hidratada e purificada’ (eles também*

²⁰⁹ CUNHA, J. A Perseguida. Revista Trip, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/a-perseguida>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

contam com sabonete líquido, creme e balm hidratante). Todos esses produtos, vale ressaltar, são para uso na região externa da vagina” (grifo do próprio texto).

Em ambas as três matérias fica evidente certo incomodo com o que os produtos representam. “*Garotas Estúpidas*” promove uma importante reflexão sobre os possíveis impactos na subjetividade feminina:

*“Ficamos aqui pensando se isso é o tipo de coisa que daqui a uns bons anos vamos olhar e não conseguir imaginar como vivíamos sem, como aconteceu com muita coisa diferente que foi surgindo na indústria da beleza (sei lá, né). O mais provável até é que não, afinal já temos tantos outros cuidados que já são uma preocupação (pressão?) diária que não tem por que inventar mais esse, né?! Por outro lado, se essas coisas vão surgindo é porque tem um mercado aí... vai que esses produtos, de alguma forma, realmente ajudam alguém a lidar com alguma encanação? Como sempre que falamos de tendências e lançamentos, o que importa é se sentir à vontade com seu próprio corpo, poder justamente **escolher** o que é melhor para você...E aí, o que acharam? Será que essa categoria de produtos de beleza “pega””* (grifos do próprio texto).

“*Delas*”, por outro lado, não só se posiciona como mostra o posicionamento de “*alguns internautas*”, ressaltando que as novidades mal chegaram no mercado “*mas já estão gerando polêmica nas redes sociais*”, mencionando, assim como “*Garotas Estúpidas*”, sobre os impactos na “*autoestima*” femininina:

“A questão mais comentada é a de que mulheres já são constantemente afetadas por padrões de beleza – que consideram cor da pele, textura do cabelo, peso, tamanho dos seios, entre outros – e que não precisam se preocupar com a estética da vagina e da vulva , parte do corpo que é diferente em cada mulher”.



almente necessário?

Figura 2 - Imagem que ilustra o texto “Maquiagem para a vagina”

As duas imagens acima estão disponíveis em “*Dela*” e complementam a discussão a qual me referia, onde, como atenta o texto, “*alguns internautas*” aproveitaram a polemica para “*fazer algumas piadas e ridicularizar o produto*”. Mas muitas mulheres são ridicularizadas por conta da cor de sua região vulvovaginal, como demonstram duas “*experiências pessoais*” disponíveis em “*O que fazer com nossas vaginas?*”²¹⁰:

“Eu sinto vergonha sim da minha vagina, na verdade da cor dela. Ela é escura. Isso me constrange tanto. Tempos atrás (2014, se não me engano) me relacionei com um cara branco, passei meses com ele. Mas ele não queria nada comigo, inclusive fazer sexo oral. Ele dizia que não gostava e eu me questionava sobre aquilo, olhava pra minha vagina e me culpava. Ele ainda chegou a dizer que nunca tinha ficado com alguém como eu. Na hora eu não soube o que dizer, veio muita coisa na cabeça. Depois de um tempo vi que ele nunca ia me assumir, e aí decidi partir. Nunca mais quis sair com ele. Já havia me apegado, mas sempre lembrava do que ele falou e do que ele não “gostava” de fazer. Hoje, estou tentando melhorar essa relação com minha vagina. Mas ainda é difícil, tenho vergonha.”

“Meus ex-parceiros comentavam que eu era escura na vagina, sabe? Que não era rosa, que o cheiro de vagina negra era “diferente”. Até que o meu ex-namorado me traiu com uma moça branca e eu caí na besteira de ir ler as conversas que eles trocavam, e vi q ele elogiava muito a pele dela, como ela

²¹⁰ RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. Plano Feminino, 2018. Disponível em: <<https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

ficava bem de batom rosa porque combinava com a pele branquinha, como o cheiro dela lá embaixo era doce. Aí eu parei de me olhar. Fiquei doente e levei uma bronca da médica porque eu não estava me lavando direito, mas é porque eu não tinha coragem de ficar me encarando, sabe? De olhar direito tudo preto ali.”

A reflexão de Schimitt (2014) a respeito dos modelos ideais de normalidade que dizem respeito à genitália feminina que são referentes aos padrões estéticos produzidos no discurso e na prática médica das cirurgias íntimas tem como pano de fundo ilustrativo o caso específico da descrição do anatomista Georges Cuvier sobre a genitália de Saartjie Baartman, conhecida como Vênus Negra.

O termo *sinus pudoris* - cortina do pudor - foi utilizado por Lineu - *Systema Naturae*, 1758 - para denominar o que, alguns anos depois, o naturalista Georges Cuvier¹ (1769 – 1832) chamará de “avental hotentote” em seu relatório de dezesseis páginas sobre Saartjie Baartman, conhecida como a Vênus Negra (GOULD, 1990). A cortina do pudor se refere ao que hoje, na medicina ocidental, seria chamado de *hipertrofia dos pequenos lábios genitais femininos*. Em sua descrição, Cuvier dedica ao menos nove páginas a um relato minucioso acerca da genitália de Saartjie, que, enquanto viva, foi exibida em circos europeus por motivo de suas peculiaridades anatômicas e, por esse motivo, é tida como símbolo do combate ao racismo e sexismo promovido pelo colonialismo europeu nos séculos passados (FERREIRA; HAMLIN, 2010). Saartjie, assim como demais mulheres dos povos Khoi Khoi e Khoi- San – na África meridional - chamaram atenção de cientistas ocidentais por possuírem os “pequenos lábios” vaginais muito maiores do que os ditos “grandes lábios”. Enquanto em sua cultura de origem o relativo excesso de pele pendendo da vulva era algo considerado extremamente belo e símbolo de poder, na Europa a peculiaridade de Baartman foi associada a inúmeras categorias depreciativas que a relacionavam a uma natureza essencialmente sexual e animalesca (BLACKLEDGE, 2004) (SCHIMITT, 2014, p. 9).

A “natureza sexual da mulher negra” era o foco desse discurso, a qual, de acordo com o naturalista Julien-Joseph Virey “poderia ser demonstrada a partir da anatomia de sua genitália, que, em comparação com a genitália das mulheres europeias brancas, era considerada excessivamente grande”²¹¹ (SCHIMITT, 2014, p. 10). Assim, a mulher negra passou a ser entendida como “detentora não só de um apetite sexual primitivo, como também de símbolos externos – genitália proeminente - que atestariam a sua natureza assustadoramente sexual” (GILMAN, 1985 apud SCHIMITT, 2014, p. 10). A autora demonstra, partindo do caso de Saartjie, que existe uma “íntima relação

²¹¹ “A concepção, amplamente difundida, de que a genitália feminina não comporta excessos, que ela deve ser pura, pequena e delicada mostra-se um campo profícuo para análises de significados que dizem muito a respeito da sociedade que produz estas representações e, nesse sentido, são importantes como foco da análise de cunho antropológico” (SCHIMITT, 2014, p. 11).

entre concepções atuais e pressupostos médicos dos séculos XVIII e XIX acerca do que é considerado belo e adequado a essa parte do corpo feminino” e que esses ideais assumiram “um viés extremamente racista e sexista por difundir amplamente as variações de tamanho dos pequenos lábios como evidência de superioridade de uma civilização sobre a outra, estabelecendo padrões de normalidade que relacionam o pouco volume genital a uma maior pureza, feminilidade e ingenuidade” (SCHIMITT, 2014, p. 10), concepção que continua sendo difundida, como podemos observar em um episódio que aconteceu na Copa do Mundo em 2018.



Figura 3 - Printscreen de postagem do Instagram da Campanha Clitorínea.

“Essa é bem rosinha! Essa é bem rosinha! Essa é bem rosinha! Ai que delícia! Buceta rosa! Buceta Rosa! Buceta Rosa! Buceta Rosa! Buceta Rosa!”, repete um conjunto de homens adultos vestidos com a camisa da seleção brasileira em um vídeo com duração de dezesseis segundos que viralizou na internet em junho de 2018, gravado na Rússia durante a Copa do Mundo. Nele quatro brasileiros cercam e induzem uma mulher russa a acompanhá-los naquela entoação ritualística a respeito da cor da sua genitália. Na ocasião, todos riam, pulam e parecem se divertir, mas o conteúdo do vídeo dividiu opiniões. Foi apenas uma brincadeira inocente ou se trata de machismo?



Figura 4 - Imagem do texto "Vídeo machista de torcedores brasileiros..."

Recebi a notícia a respeito desse episódio no momento em que eu estava finalizando o trabalho de campo, sendo o último assunto sobre o qual pesquisei com a finalidade de complementar o debate. Resolvi então focar nos discursos midiáticos produzidos no período em que aconteceu a divulgação do vídeo, em junho de 2018. Inseri no buscador Google *“essa é bem rosinha”* com o propósito de localizar o vídeo original. Logo encontrei uma das versões dele na plataforma do Youtube com duração de dezesseis segundos, com 63.298 visualizações e 655 comentários²¹². Uma breve observação dos comentários possibilita percebermos o quanto o episódio dividiu opiniões: de um lado pessoas, homens em sua maioria, expressam a opinião de que *“tudo não passou de uma brincadeira”* e que a opinião contrária é *“mimimi”*; do outro lado tanto homens como mulheres consideram *“desrespeito”* e um exemplo do que é a *“cultura brasileira”*, na qual supostamente esse tipo de comportamento masculino é naturalizado, queo tratamento do corpo feminino como um objeto de desejo erótico masculino, faz parte da normalidade da masculinidade hegemônica.

Continuei a busca por outras expressões chaves utilizando o Google, tais como *“essa é bem rosa”* e *“essa é rosinha copa”* porque foram sugestões que apareceram na plataforma do referido buscador. A pesquisa resultou em mais páginas online onde o vídeo foi exposto e problematizado. De modo geral, a mídia brasileira tratou o comportamento dos protagonistas do vídeo como *“machista”* e como *“assédio”*. Para

²¹² Versão disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VFw6m-FHs6A>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.

ilustrar esse dado, selecionei quatro matérias publicadas nos dias 17 e 19 de junho de 2018: “*Vídeo machista de torcedores brasileiros na Rússia viraliza*”²¹³ (1), “*Brasileiros são acusados de machismo e racismo na Copa da Rússia*”²¹⁴ (2), “*‘Foi brincadeira de muito mau gosto’, diz um dos que insultaram russa em vídeo*”²¹⁵ (3) e por fim, “*Assédio não é brincadeira: no Brasil, vídeo machista renderia multa*”²¹⁶ (4).

Uma leitura dos títulos dos textos selecionados já nos permite perceber qual o posicionamento adotado pela mídia a respeito da polêmica. Com um olhar menos distanciado, vemos que o episódio é interpretado como “*o momento mais machista da Copa (até agora)*” e uma “*situação absolutamente machista*” em (1); como uma “*objetificação*”, pelo fato de que ali uma desconhecida foi “*reduzida aos órgãos genitais*” em uma situação de “*machismo alarmante*” em (2); um “*insulto*” em (3) e em (4) como “*assédio sexual*”, “*exposição*” e “*constrangimento*”.

O ponto de vista dos “*internautas*” também é ressaltado em ambos os textos: em (1) afirma-se que o vídeo “*vem revoltando internautas e causando nojo em muitas mulheres brasileiras*” e causando vergonha e reflexão “*sobre machismo no Brasil*”; em (2) que provocou “*reações inflamadas na internet*” e que “*nas redes sociais, o ato foi apontado como uma demonstração de machismo e racismo*”, apresentando alguns exemplos de reações de usuários do Twitter que se manifestaram contra o ato, dentre eles da Deputada Federal pelo Rio Grande do Sul, Maria do Rosário.

Uma terceira opinião a respeito do episódio aparece em (3), representada pela fala de um dos envolvidos que diz que “*foi uma brincadeira de muito mau gosto*”. Ainda em (3), as falas de outras duas pessoas chamam atenção: “*Foi uma brincadeira de mau gosto, mas quem nunca cantou MC Kevinho?*” e “*No máximo, foi uma piada infantil, uma piada pesada, mas morreu ali. Não precisa ir atrás da vida dos caras. Tem cara aqui preocupado se vai perder o emprego ou não. Ninguém agrediu a mulher,*

²¹³ VÍDEO machista de torcedores brasileiros na Rússia viraliza. Catraca Livre, 2018. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/video-machista-de-torcedores-brasileiros-na-russia-viraliza/>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.

²¹⁴ CAMPOLI, Clara. Brasileiros são acusados de machismo e racismo na Copa da Rússia. Metrôpoles, 17 de jun 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/mundo/brasileiros-sao-acusados-de-machismo-e-racismo-na-copa-da-russia>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.

²¹⁵ MARTÍ, Silas. "Foi brincadeira de muito mau gosto", diz um dos que insultaram russa em vídeo. Notícias do Dia, Florianópolis, 19 de jun 2018. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/foi-brincadeira-de-muito-mau-gosto-diz-um-dos-que-insultaram-russa-em-video>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.

²¹⁶ CASTRO, Carol. Assédio não é brincadeira: no Brasil, vídeo machista renderia multa. Revista Carta Capital, São Paulo, 19 jun 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/assedio-nao-e-brincadeira-no-brasil-video-machista-renderia-multa>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

ninguém forçou a mulher a fazer nada”. As falas são de dois amigos do participante, uma mulher e um homem respectivamente, e ambos complementaram suas falas dizendo que o episódio se tratou de uma *“brincadeira imprudente”* e que suas ressonâncias na rede foram desproporcionais. Como ressaltam (3) e (4), alguns dos *“agressores”* foram identificados e expostos em redes sociais, mas não houve punição de fato, apenas manifestações de repúdio dos respectivos órgãos públicos aos quais dois dos envolvidos estavam ligados: a Polícia Militar de Santa Catarina e a OAB de Pernambuco.

Considero ainda importante mencionar que: a) esse não foi o único vídeo desse tipo que viralizou nesse mesmo período no qual homens induzem mulheres a falarem *“besteiras sexuais”*, como ressalta (4), foi apenas o primeiro; b) apenas (2) disponibiliza o vídeo com o aviso de que se trata de *“cenas fortes e ofensivas”*.

A *“buceta rosa”* é o modelo desejado e celebrado pelos protagonistas do vídeo; ainda que ela não apareça explicitamente no vídeo, é violada por de fato estar sendo exposta publicamente, por não ter sido evocada por sua *“proprietária”* em um contexto acolhedor, por estar sendo usada como uma forma de acesso e de identificação daquela mulher. Mas não apenas isso: o texto (2) lembra que *“Ao exaltar a cor da mulher, deduz-se que outros tons de pele são inferiores”*. E essa preferência não é inocente, mas uma expressão do racismo característico de nossa sociedade.

2.1.5 Os produtos de higiene íntima feminina

Embora o *“ideal de vagina perfeita”* difundido na internet não inclua que cheiro²¹⁷ ela deve ter, podemos observar que o cheiro parece importar muito porque os textos publicitários que tratam dos produtos de higiene feminina *“reiteram uma imagem estigmatizada dessa parte do corpo”* (SCHIMITT, 2014, p.13). É comum encontrarmos nas prateleiras de farmácias e supermercados produtos que servem como inibidores de odores naturais do corpo, especialmente da vagina: *sabonetes, perfumes, lencinhos, absorventes e cremes focadas neste segmento que, de uma maneira subliminar, mostram que uma genitália feminina pode ser feia, suja, com uma umidade “não*

²¹⁷ “O olfato é o único sentido do qual não temos muito controle, ele é um tapa na cara, incontrolável e insaciável. O domesticaram, é verdade, mas é justamente por ser o mais visceral dos sentidos que ele precisou ser silenciado”. MARGARIDA, P. Minha vagina não é cupcake. Cínicas, 2017. Disponível em: <<https://www.cinicas.com.br/minha-vagina-nao-e-cupcake/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

*normal" e com odor pouco agradável que "deve ser tratado"*²¹⁸. São tantos os produtos que mais parecem um “arsenal de guerra”²¹⁹ contra os cheiros da mulher.

Como se não bastassem as prateleiras cheias de produtos, há também a atuação de receitas caseiras. Em agosto de 2017, enquanto eu navegava pelas atualizações do meu feed no Facebook, me deparei com a postagem de uma moça em um grupo de mulheres do qual fazia parte nessa rede social. A postagem era composta pela imagem ilustrativa de um vidrinho identificado pelo nome essência de baunilha e uma calcinha do lado acompanhada por uma legenda que visava instigar um debate, como que uma convocatória para que as integrantes do grupo manifestassem suas opiniões sobre aquilo indagando: “*vocês sabiam que a mais nova novidade é colocar essência de baunilha na calcinha pra deixar a xana cheirosa?*” Imediatamente começaram a surgir comentários incrédulos, alguns em tom jocoso, outros em tom de preocupação. Um confirmaram que já tinham ouvido falar sobre isso, enquanto outras adicionaram ao debate novas informações, como por exemplo, o uso de creme dental ao invés de sabonete na depilação com gilete com a mesma finalidade: deixar a “*xana cheirosa e fresquinha*”. Até então eu não conhecia essas duas técnicas e não havia lido ou ouvido falar naquilo. Alguns dias depois, novamente atualizando meu feed encontrei uma postagem da historiadora Palmira Margarida sobre o assunto.

Além de lançar uma campanha em suas páginas online do Facebook e do Instagram, a historiadora havia escrito sobre isso em duas ocasiões: uma em setembro de 2017 em “*Minha vagina não é cupcake*”²²⁰ e outra em outubro de 2017 em um texto intitulado “*Folha de São Paulo, minha vagina não é cupcake!*”²²¹. Palmira Margarida, que também é perfumista, considera que essa prática se dá porque vivemos em uma “*sociedade doente e olfativamente domesticada*” que objetiva, através da mobilização

²¹⁸ LAGINHA, F. Formato e cor da vagina raramente indicam uma doença. Minha Vida, 2017. Disponível em: <<http://www.minhavidacom.br/saude/materias/17144-formato-e-cor-da-vagina-raramente-indicam-uma-doenca>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²¹⁹ No trecho: “Não acredite em todo aquele arsenal de guerra que a farmácia impõe contra a sua “pepeka”. Use tudo o mais natural possível, com menos corante e menos cheiro. Chega de tanto absorvente e lençinho, liberte-se disso tudo, liberte a sua vagina! Deixe que ela exale o seu perfume natural. Não oprima o seu poder e o perfume da sua essência. Eu te afirmo: você não é suja nem imunda e também não tem “cheiro de bacalhau”. Se está tudo certo, ginecologista em dia e banho tomado, deixa a sua vagina em paz! Ela é sua amiga, e não uma vergonha, como te fizeram acreditar!”. MARGARIDA, P. Cheiro de buceta. Revista Vertigem, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@palmiramargarida/cheiro-de-buceta-a55631d4d3ab>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²²⁰ MARGARIDA, P. Minha vagina não é cupcake. Cínicas, 2017. Disponível em: <<https://www.cinicas.com.br/minha-vagina-nao-e-cupcake/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²²¹ MARGARIDA, P. Folha de São Paulo, minha vagina não é cupcake! Medium, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@palmiramargarida/folha-de-s%C3%A3o-paulo-minha-vagina-n%C3%A3o-%C3%A9-cupcake-2fd327b4e6c8>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

de vários mecanismos, “transformar a mulher e, principalmente, o seu centro de poder e criação (a vagina) em um repertório de confeitaria”²²², isto é, ocultar os aromas naturais dessa parte do corpo da mulher, para inseri-los em um determinado padrão, nesse caso, o “padrão cupcake”.²²³



Figura 5 - Printscreen de postagem do Instagram da campanha Minha pepeka não é cupcake.

O episódio da essência de baunilha sinaliza para uma preocupação cultural e translocal com o cheiro da vagina, tanto é que existe um mercado de práticas de higienização do corpo feminino que são mobilizadas especialmente para que “a tentadora vagina”²²⁴ se mantenha neutra e livre de suspeição porque seu cheiro possui um poder moral, “equivalente à tentativa de disciplinar as ‘partes pudendas’ da mulher, de forma que elas não se mostrem indóceis, incontrolláveis ou

²²² MARGARIDA, P. Minha vagina não é cupcake. Cínicas, 2017. Disponível em: <<https://www.cinicas.com.br/minha-vagina-nao-e-cupcake/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²²³ MARGARIDA, P. Folha de São Paulo, minha vagina não é cupcake! Medium, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@palmiramargarida/folha-de-s%C3%A3o-paulo-minha-vagina-n%C3%A3o-%C3%A9-cupcake-2fd327b4e6c8>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²²⁴ HILGERT, Ananda. Em busca de novos apelidos para a vagina. Geledés, 2015. Disponível: <<https://www.geledes.org.br/ananda-hilgert-em-busca-de-novos-apelidos-para-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

denunciantes”²²⁵. O título “*Nojenta*”²²⁶ é representativo do pensamento hegemônico a respeito desse cheiro. Aqui “*A mulher perfeita não tem cheiro, nem pelos, hálito, chulé ou gosto*”²²⁷. A imagem feminina expressa nesse discurso seria consequência – ou potencializada – por uma mania de limpeza corporal, um fenômeno recente²²⁸ e que vem “*deixando as mulheres cada vez mais distantes do que realmente são*”²²⁹. A concepção de que o cheiro de vagina deve ser controlado seria, pois uma das consequências do processo de industrialização²³⁰: “De um lado, a industrialização colocou no mercado uma variedade de produtos, por outro lado, a publicidade se encarregou de convencer e conquistar o interesse da mulher que incorporou os novos produtos de beleza ao seu cotidiano” (ARAÚJO, 2009, p. 4). Causa ou efeito, o “aroma natural da vagina é odiado, pelo menos no Brasil” tendo em vista sua associação recorrente com o termo “mau”, revelando assim que o que a sociedade deseja é “*uma mulher com cheiro de florzinha e baunilha*”²³¹ (aromas que, historicamente, correlacionam-se aos séculos XVIII e XIX, eras em que as mulheres eram totalmente submissas e que deveriam mostrar fragilidade) representa uma fêmea domesticada”.

²²⁵ LEMOS, N. Nojenta. Revista Trip, 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nojenta>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²²⁶ LEMOS, N. Nojenta. Revista Trip, 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nojenta>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²²⁷ LEMOS, N. Nojenta. Revista Trip, 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nojenta>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²²⁸ “Essa mania de limpeza excessiva, vale lembrar, é recente. A historiadora Mary del Priori, autora de História das Mulheres no Brasil (ed. Contexto), conta que o termo “cc” surgiu na década de 40 e significa exatamente cheiro de corpo. “Havia um apreço ao cheiro natural da mulher. Napoleão Bonaparte, em suas cartas para a amante Maria Josefina, pedia que ela não se lavasse”, lembra. A assepsia, segundo ela, começou a virar mania a partir dos anos 70. “Foi nessa época que a Barbie se espalhou pelo mundo. E com ela a imagem de uma mulher sem pelos, sem manchas, literalmente de plástico.” De acordo com a estudiosa, a partir daí, a fêmea passou a ser desodorizada”. LEMOS, N. Nojenta. Revista Trip, 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nojenta>. Acesso em: 31 mar. 2019.. Palmira Margarida acrescenta: “Não foram os homens de agora, exatamente, que resolveram que vagina deveria cheirar a baunilha, ter gostinho de cupcake e aparência de uma boneca Barbie europeizada, foi a industrialização junto ao processo civilizador, fomentados em meio a mentalidade machista, que ditaram as regras sobre o que é ser mulher: dominada, frágil, pequena, lânguida, branca, ‘rosinha’, completamente depilada e cheirar a flor ou a doce”. MARGARIDA, P. Minha vagina não é cupcake. Cínicas, 2017. Disponível em: <<https://www.cinicas.com.br/minha-vagina-nao-e-cupcake/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²²⁹ LEMOS, N. Nojenta. Revista Trip, 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nojenta>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²³⁰ MARGARIDA, P. Cheiro de buceta. Revista Vertigem, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@palmiramargarida/cheiro-de-buceta-a55631d4d3ab>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²³¹ Daí a ideia de “*padrão cupcake*” mobilizada pela historiadora Palmira Margarida.



Figura 6 - Printscreen de postagem do Facebook sobre "cheiro de buceta".

Com o excesso de produtos, parece que há uma tentativa de construção da ideia de que as mulheres são naturalmente mal cheirosas e imputa-lhe a responsabilidade pelo cuidado de seu corpo tendo em vista que faz parte da feminilidade esse tipo de cuidado: se é malcheirosa é porque a mulher falhou, é descuidada e não é adequada aos padrões de feminilidade hegemônicos. “A *civilidade, a normatividade, a racionalidade machista e a conduta moralista* consideram o *cheiro natural de buceta*”²³² ameaçador, algo que precisa ser silenciado, controlado e sufocado²³³. Essa vigilância teria como consequência o sentimento de repulsa e o nojo²³⁴, um “*mal*

²³² O beabá da higiene íntima em cada fase da vida. M de mulher, 2016. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/saude/o-beaba-da-higiene-intima-em-cada-fase-da-vida/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²³³ Como ressalta Perrot (2003, p. 21), “As representações religiosas, existentes nas grandes religiões monoteístas ocidentais, adotam essas perspectivas. Segundo o Gênesis, foi por causa da mulher – Eva – que a dor e o sofrimento ingressaram no mundo. É preciso impor-lhe o silêncio”, e dessa forma, “A mulher é assimilada ao pecado: uma tentadora da qual é mister se defender”.

²³⁴ “O nojo é um dos chamados sentimentos sociais, ou seja, depende da forma como aprendemos a dissociar em nosso corpo o que é permitido do que é proibido, o prazer desejável do prazer interdito. Freud dedicava grande importância ao nojo como afeto social muito primitivo, tanto na história da criança, quanto na história de nossa cultura. De fato relação com secreções e excreções são as experiências originárias do nojo, e apontam para o que deve ser excluído e escondido em nossa cultura e em nós mesmos... Ou seja, o nojo como afeto deslocado, o nojo excessivo, o nojo fora de lugar, aponta

*contemporâneo*²³⁵ que as mulheres sentem de suas vaginas, relacionado com a falta de conhecimento sobre suas anatomias.

*“Na puberdade, dizem que nossas vaginas cheiram mal e que deveríamos dar “um jeito nisso” se quisermos ter “namoradinhos”... Por fim, quando menstruamos, o nosso sangue é visto como nojento, mesmo sendo fruto de um processo natural. Até bolsinhas para esconder absorventes são vendidas como estratégia de acobertar essa manifestação corriqueira”*²³⁶.

Essa questão é tão controversa quanto inúmeras outras quando se trata da representação da “vagina”: não podemos tocar nela nem conhecê-la, mas devemos higienizá-la com cuidado e zelo, porque somos femininas. Por outro lado, nem sempre esse é um cheiro indesejável, já que estão sendo produzidas fragrâncias de perfumes que prometem reproduzir o aroma da intimidade feminina como o “*Vulva Original*”, em cujo site oficial se refere a esse cheiro como uma “*essência erotizante, sedutora e desejada*”²³⁷. Diferente do afirmado acima, nesse caso o “*cheiro de mulher*” não só é bem vindo como se torna um objeto de consumo armazenado em um frasco de vidro que pode estar ao alcance de quem quiser/puder comprar. Outra questão controversa diz respeito ao nojo que alguns homens têm de fazer sexo oral na mulher²³⁸, justamente porque o imaginário de que a vagina tem cheiro e gosto ruim ou é muito cabeluda ou muito úmida ou é feia²³⁹ é amplamente disseminado.

“Pelo menos é isso que diz a pesquisa da empresa Sex Wipes, que falou com 1.252 homens heterossexuais e sexualmente ativos entre 18 e 30 anos. O

para um aspecto da sexualidade do qual não queremos saber em nós mesmos. Uma mulher percebida como suja ou insuficientemente limpa é associada com alguém que coloca seu desejo ativamente, que tem vontade de se sexualizar ou, inversamente, alguém que não se importa com a opinião (e logo com o desejo) dos outros. Portanto, a higienização feminina liga-se tanto ao processo de cuidar, de observar e de tratar do próprio corpo (como satisfação intrínseca) quanto ao processo pelo qual a mulher se apresenta como capaz de controlar seu corpo (logo sua sexualidade)... Mas vale lembrar que um ser humano essencialmente cheira. O cheiro é o rastro de suas experiências com os outros e consigo mesmo. A obsessão de não ter cheiro é a expressão da negação de nossa humanidade”. LEMOS, N. Nojenta. Revista Trip, 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nojenta>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²³⁵ LEMOS, N. Nojenta. Revista Trip, 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nojenta>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²³⁶ RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. Plano Feminino, 2018. Disponível em: <https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²³⁷ Disponível em: <https://vulva-original.com/>.

²³⁸ 43% dos homens se sentem incomodados em fazer sexo oral em mulheres. Catraca Livre, 2015. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/saude-bem-estar/indicacao/43-dos-homens-se-sentem-incomodados-em-fazer-sexo-oral-em-mulheres/>. Acesso em: 31 mar. 2019. Mais em: Gays tocam vagina pela primeira vez e vídeo viraliza. Catraca Livre, 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/inusitado/indicacao/gays-tocam-vagina-pela-primeira-vez-e-video-viraliza/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²³⁹ MARI. Bucetaria Gourmet. Lugar de mulher, 2014. Disponível em: <http://lugardemulher.com.br/bucetaria-gourmet/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

resultado diz que 78% recebe sexo oral frequentemente, mas quatro em cada 10, o que representa 43% deles, não o pratica de volta. Tentar entender o que passa na cabeça dos caras não é tarefa fácil, mas mesmo dentre os que fazem sexo oral na parceira, 35% diz ter nojo durante a brincadeira. Eles explicam que só o fazem porque têm “medo de ser considerado gay”, “medo de ser traído”, “porque estou com tesão e não penso na hora”, “porque amo minha parceira”, “para dar prazer a ela” e “para retribuir”. Mas, afinal, do que eles têm tanto nojo? Do cheiro, do gosto, da umidade, dos pelos, da aparência da vagina. Outras respostas, ainda mais surpreendentes, foram: “sou egoísta” e “não acho que a boca foi feita para isso”. É claro que no meio há questões como medo de contrair DST, religião, falta de confiança na parceira e a falta de vontade da própria parceira. Acredito que um ponto importante para se observar é a falta de intimidade com o órgão feminino”²⁴⁰.

Uma das muitas questões que reforçam o tabu social em torno do cheiro da “vagina”, além da presença dos pelos, são as secreções, não apenas a menstruação, mas também em relação ao corrimento, algo que faz parte da experiência de ter uma vagina já que “a vagina é uma saída, não apenas um lugar onde se podem inserir coisas” (Brochmann e Dahl, 2017, p. 49). A palavra “secreção”, lembram Brochmann e Dahl (2017, p. 49), “evoca imagens de coisas secretas”, conseqüentemente desconhecidas, portanto, “[é] compreensível que a secreção não figure entre os assuntos mais falados ou divulgados. Parece algo meio nojento e impuro”. As autoras reforçam ainda que a secreção é normal e necessária (Brochmann e Dahl 2017, p. 50), pois é o que torna a “vagina” um canal autolimpante²⁴¹. “Em outras palavras, a secreção não é algo sujo que deve ser eliminado, e sim uma importante aliada. O problema é que as pessoas acham a secreção nojenta, como se fosse um sinal de impureza ou falta de higiene”. Por outro lado, em algumas situações a umidade da “vagina” é até desejada, como quando a mulher está excitada, uma vagina “molhadinha” é motivo para uma ereção. Em “Zonas úmidas” a protagonista da história contada em primeira pessoa experimenta uma relação com seu corpo diferente do convencional, especialmente com seus fluidos corporais. Ela reflete em muitos momentos do livro sobre a preocupação social com a higiene das “regiões íntimas” que para ela é excessiva, e que resume bem nossa discussão:

²⁴⁰ PATROCÍNIO, C. Pesquisa diz que homens têm nojo da vagina. Qual o problema deles?. Yahoo! Vida e Estilo, 2014. Disponível em: <<https://br.vida-estilo.yahoo.com/blogs/preliminares/pesquisa-diz-que-homens-tem-nojo-da-vagina-qual-o-145109476.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁴¹ “[...] a secreção está estreitamente ligada ao bem-estar do aparelho genital, portanto, não é uma surpresa que ela possa nos contar muito sobre a situação lá embaixo, se prestarmos um pouco de atenção. A secreção pode mudar por causa de uma infecção ou de um desequilíbrio na flora vaginal, mas também há grandes mudanças ao longo de um ciclo menstrual normal. Em outras palavras, é importante se familiarizar com as características costumeiras da secreção vaginal, tanto no que diz respeito ao cheiro quanto à coloração e à consistência” (Brochmann e Dahl, 2017, p. 52).

Não dou bola para a higiene. Em algum momento percebi que meninas e meninos recebem lições diferentes sobre como manter limpas suas regiões íntimas. minha mãe sempre valorizou muito a higiene da minha xoxota, mas nunca ligou para a higiene do pênis do meu irmão. Ele pode até fazer xixi sem se limpar e deixar o resto sujar a cueca. Em casa, a limpeza da xoxota é tratada como uma ciência absolutamente séria. Supostamente, seria muito difícil mantê-la limpa. É claro que isso é uma idiotice total. Um pouquinho de água, um pouquinho de sabão, esfregar e esfregar. Pronto. Nada de limpar demais. Primeiro, pela importante flora da xoxota. Mas também pelo cheiro e seu gosto, muito importantes para o sexo. Isso tem de ser preservado. Faz tempo que coleciono experiências com minha xoxota sem lavar. Meu objetivo é que a calça exale um leve cheiro sedutor, mesmo se for um jeans ou parte da roupa de esquí. Os homens não percebem isso de maneira consciente, mas subconsciente, porque nós somos animais que queremos acasalar. De preferência com alguém que cheire a xoxota. (...) Mas por que não usamos nosso próprio perfume, muito mais potente? Na realidade, o cheiro de xoxota, pinto ou suor dá tesão em todo mundo. A maioria das pessoas não sabe disso e pensa que tudo que é natural fede, e o que é artificial cheira bem. Quando uma mulher perfumada passa do meu lado, tenho vontade de vomitar. Tanto faz se ela usou muito ou passou só um pouquinho. O que ela tem a esconder? (ROCHE, 2009, P. 17-18).

Todas as reflexões que Helen (a personagem do livro) faz são importantes para pensarmos a respeito da artificialidade das normas de higiene que regem nossa sociedade porque consideramos “naturais” muitas práticas que passaram a existir há pouco tempo. *“Manifesto contra os desodorantes íntimos”*²⁴² questiona: *“Não é contraditório que a intimidade feminina seja ao mesmo tempo a coisa mais perseguida, valorizada, glamurizada, fetichizada da espécie humana – e ao mesmo tempo um negócio do qual as mulheres têm que sentir vergonha, e esconder por pudor, e tratar como uma desvantagem invencível em relação ao homens?”*. Pois que os homens aceitem o cheiro das vaginas, aconselha *“Homens devem aceitar o cheiro das vaginas, adverte ginecologista”*²⁴³, porque parece difícil *“achar um homem que goste de uma vagina com cor de vagina, cheiro de vagina, pelo de vagina, gosto de vagina e todas as outras coisas de vagina que as vaginas têm”*²⁴⁴. E isso contribui com a *“encucação estética”* apontada no texto *“Autoestima vaginal: como anda a sua?”*²⁴⁵, porque a

²⁴² SINCERO, E. Manifesto contra os desodorantes íntimos. Executivo Sincero, 2015. Disponível: <<http://www.executivosincero.com.br/2015/05/31/manifesto-contra-os-desodorantes-intimos/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

²⁴³ Homens devem aceitar o cheiro das vaginas, adverte ginecologista. Yahoo! Vida e Estilo, 2017. Disponível em: <<https://br.vida-estilo.yahoo.com/homens-devem-aceitar-o-cheiro-das-vaginas-adverte-ginecologista-114308482.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁴⁴ BAHIA, L. Querida Folha de S. Paulo. Facebook, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10211538559113024&set=a.1716832154061.2091759.1035942369&type=3&theater>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁴⁵ LARANJEIRA, Lívia; STOPA, Beatrice. Autoestima vaginal: como anda a sua? . Revista Glamour, 2013. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

opinião do outro, especialmente dos homens, parece importar muito para a “*autoestima vaginal*”.

2.2 “*Ela foi cientificamente ignorada por anos*”²⁴⁶: A invenção dos órgãos genitais como se fossem “naturais”

2.2.1 A invenção anatômica da vagina e do corpo sexuado

Denise Sant’Anna (2006, p. 3 - 4) destaca que o corpo, ainda que seja uma evidência, é um território tanto biológico quanto simbólico, é sempre “biocultural”, sujeito “a transformações nem sempre desejáveis ou previsíveis”. Mergulhado em um mundo de significações, o corpo é um objeto/entidade histórica atravessada por concepções, estereótipos e normas, e essa história, como nos conta Corbin, Courtine e Vigarello (2012, p. 13), “não poderia escapar à história dos modelos de gênero e das identidades”. Um desses mundos de significações é o que é conhecido no senso comum como heterossexualidade, que é tido como natural e originário, quando na verdade, a heterossexualidade não existiu sempre (PRECIADO, 2018, p. 133) e é uma invenção, algo construído cotidianamente “através das várias tecnologias do gênero (p. ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero” (LAURETIS, 1994, p. 228).

Preciado (2014, p. 143) destaca a existência de um trabalho social heteronormativo de produção dos corpos que os classifica como masculinos ou femininos utilizando os genitais como prerrogativa de uma “economia dos órgãos”, onde “a ordem sexo/gênero reflete a divisão do trabalho reprodutivo”. Observa o autor que a “heterossexualidade é uma tecnologia social e não uma origem natural fundadora” (PRECIADO, 2014, p. 30). Esta tecnologia social é um elemento fundamental na produção da vagina idealizada nas cirurgias íntimas, mas é uma “ficção naturalizante” (PRECIADO, 2014, p. 38) na qual a vagina e o pênis são investidos artificialmente de significados enquanto órgãos cuja função é essencialmente o sexo heterossexual, sendo sexo também uma construção social. O processo que Vieira (2002) denomina de

²⁴⁶ Patrocínio, 2015.

medicalização do corpo feminino, sobre o qual falaremos no tópico seguinte, auxilia na conformação daquela tecnologia social. Continuando com Preciado (2014, p. 25):

O sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas. (...) A natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade. O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...) que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual.

Butler (2013, p. 253-254) afirma que a categoria “sexo” “não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa”, assim, “toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo”. Além disso, a materialidade dos corpos, questão importante no trabalho da autora, tem a ver com o fato de essas normas regulatórias trabalharem em prol da construção da materialidade dos corpos, da diferença e, conseqüentemente, da heterossexualidade obrigatória/compulsória (RICH, 2010).

A norma governa inteligibilidades, permitindo que determinadas práticas e ações sejam reconhecidas como tais, impondo uma grelha de legibilidade sobre o social e definindo os parâmetros do que será e do que não será reconhecido como domínio do social. A questão acerca do que estará excluído da norma estabelece um paradoxo, pois se a norma confere inteligibilidade ao campo social e normatiza esse campo para nós, então estar fora da norma é continuar, em certo sentido, a ser definido em relação a ela (BUTLER, 2014, p. 253).

A heteronormatividade, portanto, se apresenta como uma norma a qual os corpos devem se encaixar, uma lei “que regula e determina a impossibilidade de vida fora dos marcos”, um lugar que “designa a base da inteligibilidade cultural através da qual se naturaliza corpos/gêneros/desejos e definirá o modelo hegemônico de inteligibilidade de gênero” (BENTO, 2008, p. 51). Por causa disso, “‘homem’ e ‘mulher’ são conceitos políticos de oposição” (WITTIG, 1980, p. 4), duas categorias que são cultivadas e reproduzidas como se fossem “naturais”. As normas de gênero, nesse sentido, “definirão o considerado ‘real’, delimitando o campo no qual se pode conferir humanidade aos corpos (Butler, 1990)” (BENTO, 2008, p. 20).

Como podemos observar, os ideais de normalidade que envolvem o corpo não são neutros pois correspondem a um conjunto de valores preconcebidos; “normalidade” é um conceito que carrega, em geral, determinadas representações sobre ideais estéticos e comportamentais que nem sempre correspondem ao que é comum e recorrente.

É importante dizer que as normas “não existem por si mesmas. Elas existem relação a um polo oposto e definido. A norma, seguindo o raciocínio de Judith Butler (1991) prevê o desvio e depende desse para legitimar seu próprio significado. A relação entre o normal e o desvio é hierárquica, ou seja, o ‘normal’ vem frequentemente associado com o ‘natural’ e ‘inquestionável’ assim como o ‘desvio’ vem associado ao ‘não-natural’ ou ‘marginal’”, dessa forma, “a norma prevê e depende do desvio para justificar sua própria existência, sua estabilidade precária, o que implica que as relações entre a norma e o desvio são frágeis e instáveis” (idem). Normalidade é também “um estímulo para como a pessoa deve ser. Desta forma, o conceito se aproxima da representação do ideal” (BORGES, 2011, p. 264-265).

Mas essa concepção de que masculino e feminino deve habitar “corpos diferentes radicalmente opostos” (BENTO, 2008, p. 24) que devem se complementar também é uma invenção. Muitas das transformações das concepções mais significativas se devem ao “progresso científico”, particularmente da ciência médica. No entanto, a cronologia das descobertas nessa área do conhecimento não se alinhava com as concepções de corpo sexual que surgem a partir do século XVIII. “Descobrir” é um importante verbo que vai desdobrar muitas controvérsias e atores e as concepções acerca do corpo sexual vão se complexificar ainda mais no final do século XIX com a teoria freudiana, como destaca Nunes (2000), quando Freud chama atenção para a importância do tato e da visão para o desenvolvimento sexual do ser humano²⁴⁷.

A ciência, como descreve Zordan (2003, 278-279) citando Londa Schiebinger, adquire a posição de árbitro das questões sociais especialmente no que se refere às diferenças entre os sexos. Para justificar a hierarquia entre ambos, a ciência vai produzir um conhecimento sobre o corpo feminino que o posiciona em um lugar de incompletude, como inferiorizado em relação ao masculino, especialmente no que se refere aos órgãos genitais. Essa concepção, tem influência nas teorias galênicas, adotadas por Vesálio e depois explorada e reformulada por Colombo. Mas os órgãos

²⁴⁷ “Se Freud concebe o tato essencial à sexualidade, mesmo assim ele não deixa de reproduzir sua hierarquia pessoal (e cultural) dos sentidos, privilegiando a visão no contato amoroso. ‘É a impressão visual que mais frequentemente desperta a libido... O olho, zona erógena mais afastada do objeto sexual, exerce uma função particularmente importante nas condições em que se realizará a conquista deste objeto, transmitindo a qualidade especial da excitação que nos dá o sentimento da beleza’ (FREUD, 1961: 42 e 115)” (LE BRETON, 2016, p. 75).

genitais femininos não serão apenas inferiorizados, serão também difamados. É o que acontece com o útero, o qual já foi descrito como possuidor de chifres, responsabilizado pelos “males inerentes ao corpo feminino”: A ideia de que ‘a mulher, muito mais que o homem, é determinada pela sua sexualidade’ está intimamente ligada ao preconceito de que as sensações experimentadas pelos órgãos sexuais femininos ‘limitam a capacidade cerebral’ (Tosi, p.32)”.

A genitália feminina foi por muito tempo entendida como uma ausência (e essa concepção ainda se sustenta com algumas ressalvas), principalmente porque na história da ciência ela não foi representada em fotografias e desenhos ou citações em livros de anatomia de forma explícita desde o início. A atmosfera de mistério que a cerca que sentimos atualmente pode ser considerada uma herança dos séculos em que esse silêncio se manteve. Quando citava, a anatomia íntima feminina era usada para justificar a noção de que o corpo feminino é desprovido de energia ou calor. Houve ainda um tempo em que disseminou-se a ideia de que o corpo da mulher era o inverso de sua matriz, o corpo masculino. “Nesse sentido, o excesso no corpo feminino tornou-se contraditório, e a “falta” esperada.” (SCHIMITT, 2014, p. 11-12).

Até o século XVIII, considerava-se a genitália masculina o modelo de normalidade e a genitália feminina era interpretada pelos anatomistas e médicos da época como um pênis virado para dentro. De acordo com a tradição aristotélica, nos conta Nunes (2000, p. 31-32), especificamente no século II, “Galeno desenvolveu um poderoso e resistente modelo de pensamento sobre a natureza dos órgãos reprodutores de homens e mulheres”, no qual estabeleceu “o princípio de uma identidade do aparelho anatômico nos dois sexos, propondo a existência de uma semelhança inversa entre os órgãos masculinos e femininos”. Segundo o anatomista, “as genitálias masculina e feminina não eram essencialmente diferentes, apenas que, na mulher, os órgãos estavam localizados dentro do corpo”. Formulou-se, assim, “uma analogia entre a genitália dos dois sexos, órgão por órgão”, que incluía também a equivalência “entre, por exemplo, os testículos e os ovários, o pênis e a vagina e assim por diante”, princípio de um modelo de corpo/sexo único, concepção que atravessaria os séculos, até o final da Renascença: “Quanto mais os anatomistas da Renascença dissecavam, examinavam e representavam visualmente o corpo feminino, mais convencidos ficavam de que era ele uma versão do corpo do homem” (LAQUEUR, 2001, 95-96). A mulher seria, de acordo

com esse modelo²⁴⁸, “o representante inferior de um sexo cujo potencial máximo de realização só era alcançado no corpo masculino”, “um homem com algo ‘a menos’”, um “homem incompleto” (NUNES, 2000, p. 29), e a vagina seria “um pênis eternamente precário e por nascer” (LAQUEUR, 2001, p. 44).

Laqueur (2001, p. 16) chama essa concepção de “modelo mulher-como-homem”. No avançar dos séculos, as concepções de normalidade corporal mudam significativamente embora tenham permanecido algumas controvérsias e ambiguidades. As mulheres ainda são vistas como o “sexo oposto”, ideia que eleva os homens ao status de modelo, a referência a qual os outros corpos são comparados²⁴⁹. “A sobrevivência desse discurso médico até um período tão tardio deu-se”, de acordo com Nunes (2000, p. 33), “paralelamente à ascensão e expansão do Cristianismo, com o qual não entrava em conflito, pois o pensamento cristão, desde o seus primórdios, também via a mulher como um homem imperfeito” (NUNES, 2000, p. 33).

No século XVII ainda se utilizavam nomes associados para designar os ovários e os testículos. Apenas em 1700 o órgão sexual feminino passará a ter um nome diferenciado. A ‘vagina’ foi definida como a ‘bainha ou órgão côncavo no qual o pênis se encaixa durante a relação sexual e por onde os bebês nascem’ (Laqueur, 2001; 199). Os dois atributos que são sentido ao feminino, a heterossexualidade e a maternidade estão presentes nesta definição. Se o órgão diferenciador e qualificador do feminino é a vagina; se a vagina tem como funções a heterossexualidade e a maternidade, logo toda mulher tem vagina, então, por este raciocínio as lésbicas não são mulheres e as mulheres transexuais jamais conseguiriam sair da posição de seres incompletos (BENTO, 2008, p. 29-30).

O rompimento do suposto silêncio sobre a genitália feminina tem início com o anatomista Mateo Realdo Colombo, discípulo de Vesálio, em seu livro lançado em 1559, no século XVI, onde ele descreve sua descoberta – o clitóris - que é narrada no livro “O anatomista”, de Federico Andahazi (2008), mas como também narra o livro, por sua descoberta Colombo foi acusado de heresia, blasfêmia, bruxaria e satanismo (Andahazi, 2008, p. 126) já que o “novo achado do anatomista superava todos os limites da tolerância”, ultrapassando “o permissível para a ciência” (ANDAHAZI, 2008, p. 41). Este Colombo reclama para si sua “América”, um órgão até então desconhecido, ignorado: o “pênis feminino”, “uma anomalia” (ANDAHAZI, 2008, p. 118-119), o que

²⁴⁸ Importante ressaltar que se trata de um modelo centrado na figura do homem hétero branco como modelo supremo, normal, diante do qual todos os outros gêneros existentes devem se igualar, ou ainda, diferenciar, até nos tempos atuais.

²⁴⁹ “Só em 1759 é que alguém se importou em reproduzir um esqueleto feminino detalhado num livro de anatomia para ilustrar suas diferenças do esqueleto masculino. Até essa época havia uma estrutura básica do corpo humano e essa estrutura era masculina” (LAQUEUR, 2001, p. 21-22).

ele chamará de “Amor ou Prazer de Vênus (*Amor Veneris, vel Dulcedo Apeleteur*)”, desvelado assim algo comparável “à alma masculina” (p. 159), o que prova irrefutavelmente a “inexistência da alma nas mulheres”²⁵⁰ (p. 125), pois descobre ele que “a mulher é governada pela influencia do Amor Veneris e que todas as suas ações, das mais nobres às mais repugnantes, das mais dignas e honrosas às mais vis e desprezíveis, têm como fonte o órgão que vos mencionei” (p. 160). A preocupação de Colombo com as terminologias era inexistente, no entanto: “Tanto faz chamá-lo de matriz, útero ou vulva, dizia, e continuava nominando...Caminhava por onde nenhum homem havia estado jamais” (p. 124).

Apesar da representação um tanto inusitada dessa descoberta, é incontestável a importância dos anatomistas para a “invenção” biomédica da “vagina”²⁵¹, em um processo que começa mais ou menos no final da Idade Médica, quando teve início na Europa a manipulação de cadáveres humanos para o estudo da anatomia.

As hipóteses que podemos sugerir a este respeito terão por ponto de partida a recepção da medicina greco-árabe no Ocidente medieval. Isto se fez por meio de uma vasta tarefa de tradução. Primeiramente no sul da Itália, onde, na segunda metade do século XI, Constantino o Africano traduziu, no mosteiro do Monte Cassino, muitos textos médicos árabes para o latim. Dois deles devem ser particularmente lembrados: o *Isagogo*, uma introdução à medicina de Galeno composta por Hunain Ibn Ishaq (falecido em 877), e o *Liber pantegni*, uma obra enciclopédica do médico de origem persa Harly Abbas (século X). Uma segunda etapa importante teve lugar em Toledo, no século XII. As contribuições fundamentais do domínio da medicina datam do período marcado pela presença, naquela cidade, de Gerardo Cremona, que chegou lá depois de 1145 e traduziu, aparentemente como chefe de uma

²⁵⁰ “A voracidade atribuída à vagina, órgão ‘engolidor’, cria o mito do feminino desprovido de alma, pura matéria bruta, que tal qual a terra, consome o que resta do corpo. É sobre essa crença de que as mulheres estão atreladas à natureza, que emerge o discurso psicanalítico, no qual as ‘possibilidades fálicas’ relacionadas a uma suposta qualidade masculina de ação e realização prendem-se ‘aos limites impostos pelo corpo’ (Kehl, 1998, p. 234), território matérico, carnal, feminino por excelência. As crenças pós-iluministas postergam a noção de feminino identificado com a dor, com a punição do coito, a castração e o parto (idem, p. 248-249). Ao constituir o feminino como castrado, ‘Freud ata a mulher ao estado da natureza determinado pela falta real inscrita em seu corpo, a partir daí, supõe um mistério, um silêncio, um vazio’ (Kehl, 1998, p. 308), de modo que a ‘mulher é não-toda e anseia a Plenitude’ (Birman, 1999, p. 193). Apesar dos deslocamentos introduzidos ao final de sua obra, podemos dizer que o ‘discurso freudiano construiu uma imagem das mulheres caracterizada pela passividade, pelo masoquismo e pela inveja do pênis’ (idem, p. 205)” (ZORDAN, 2003, p. 278-279), “sendo a genitália o lócus dos mais diferentes males e a própria definição da mulher para a sociedade do século XIX” (SCHIMITT, 2014, p. 35), apesar de que “O buraco da vagina é indispensável para o prazer viril” (ZWANG, 2000, p. 202).

²⁵¹ Apesar de que, no que se refere a forma como os anatomistas representavam a vulva, Zwang (2000, p. 42) alerta a comum representação sucinta e errônea, o que inicialmente se justificava pelo fato de que durante muitos séculos “o único ‘material feminino’ à disposição de seus bisturis era o de mulheres idosas e mortas na miséria e no abandono” e dessa forma, esse tipo de acesso a genitália ficava comprometida porque deteriorava “irremediavelmente as dobras vulvares, a vagina se escancarava, o clitóris se reduz a tal ponto que certos anatomistas da Renascença – quando caiu enfim a proibição religiosa – não hesitavam em dizer que era quase impossível encontra-lo na mulher morta”.

equipe, dezenas de obras. Entre as obras médicas, podemos citar o *Liber de medicina ad Almansorem*, de Rhazés (falecido por volta de 930), a *Cirurgia* de Albucasis (falecido em 1013), o comentário de Ibn Ridwan (século XI) à *Arte médica* de Galeno, adaptações árabes de tratados galênicos e, sobretudo, o *Cânon da medicina* de Avicena (MANDRESSI, 2012, p. 415-416).

As traduções do árabe foram fundamentais para a evolução do saber médico latino porque contribuíram particularmente na expansão das teorias galênicas.

Por volta de 1185, Burgúndio de Pisa fez versões greco-latinas de tratados como *Do método terapêutico*, *Das complexões* ou *Dos lugares afetados*. A essas traduções sucederam, em particular, as de Niccolò da Reggio, médico da corte argevina de Nápoles que traduziu, em 1317, *Da utilidade das partes do corpo* [*De usu partium*], trazendo a primeira recuperação direta de uma exposição essencial da anatomofisiologia galênica. Do fim do século XI ao começo do século XIV, sob a influência desse conjunto de obras, a posição dos conhecimentos anatômicos ganhou em clareza e em precisão (MANDRESSI, 2012, p. 416).

É a partir da constituição do saber anatômico que o olhar adquire uma força maior, tendo em vista a anatomia necessitar da observação e de recorrer, portanto, a um “*verdicto* dos sentidos”²⁵², o qual se torna “o método adequado para resolver os casos de opiniões discordantes das autoridades, para verificar *de visu* o que é dito nos textos, ou ainda, conforme o caso, para corrigir as autoridades” (MANDRESSI, 2012, p. 417).

Os olhos, mas também as mãos. A visão e o tato são vias do conhecimento que, desde o fim do século XV, são proclamadas pelo anatomista, à maneira de Galeno, como os fundamentos da nova ciência que eles pretendem edificar. Assim Charles Estienne, em 1545, para quem ‘não há nada mais certo às coisas subjacentes à descrição do que a fidelidade ao olho’. A verdade e os olhos, uma não vai sem os outros: ‘veneramos Galeno como um deus, e atribuímos muito talento a Vesálio em anatomia’, concede Realdo Colombo em seu *De re anatômica* (1559), mas ‘onde eles concordam com a natureza’, porque, se as coisas aparecem à vista de maneira diferente do que foram descritas, ‘nós somos mais favoráveis à verdade e algumas vezes constrangidos a nos afastar deles’ (MANDRESSI, 2012, p. 420-421).

André Vesálio, então professor de anatomia em Pádua, foi responsável por uma das revisões da obra de Galeno para a edição latina dos *Galení omnia opera* que foi publicada em Veneza em 1541. Naquela época ele preparava seu *De humani corporis fabrica*, lançado em 1543 e havia colaborado com Guinther na elaboração de

²⁵² “Os sentidos constituem a pedra de toque do conhecimento anatômico, empírico e qualitativo, descobrindo formas, cores, texturas, consistências e temperaturas. A visão e o tato são as chaves da ciência dos corpos, onde se vê abolir a distancia que separa o sábio da natureza. Eis os pilares sobre os quais os anatomistas pretendem ter fundado, em meados do século XVI, a nova anatomia... Entre os sentidos e o conhecimento não há espaço vazio, mas livros, que permitem ver porque eles dizem como ver” (MANDRESSI, 2012, p. 425).

Institutionum anatomicarum, lançado anos antes, em 1536, livro completamente inspirado nas obras anatômicas de Galeno (MANDRESSI, 2012, p. 419). “Se no Prefácio da *Fabrica*, Vesálio é o autor de uma espécie de manifesto anunciando a irrupção de uma *scienza nuova* lançada pela virtuosidade manual e pela acuidade do olhar, este programa já havia sido anunciado por outros anatomistas, os chamados pré-vesalianos”, como Berengário da Carpi e Alessandro Benedetti, este sendo o primeiro a descrever o chamado “teatro de anatomia” (MANDRESSI, 2012, p. 421), onde as dissecações eram exibidas para um público interessado em anatomia, um dispositivo todo organizado em prol da visão. “Na França, [nos idos de 1550] a faculdade de medicina de Montpellier foi a primeira a ter seu teatro”, onde também havia um “teatro de demonstração”. Apesar disso, só em 1584 se consolidará um teatro permanente, em Pádua, respaldado por Girolamo Fabrici d’Acquapendente, que havia sido professor de anatomia e cirurgia em Pádua, de 1565 a 1613. Ele havia feito de seu “teatro anômico” uma grande “metáfora concreta do olhar”, pois era como se as dissecações acontecessem no interior de um olho, estrutura que “permitia a um público numeroso participar na consagração da experiência visual como pedra angular do conhecimento anômico” (MANDRESSI, 2012, p. 421-423).

Mas para a consolidação do estudo da anatomia não bastou que as dissecações fossem abertas ao público em anfiteatros, pois para “estender o império dos sentidos da anatomia renascente é preciso que o cadáver aberto possa ser colocado à vista a todo o momento”, e para isso recorreu-se à imagem, isto é, aos pintores, e as primeiras “anatomias ilustradas” são creditadas a Berengário da Carpi, inaugurando assim uma “duradoura relação de colaboração entre artistas e anatomistas” (MANDRESSI, 2012, p. 424).

Para que sua obra ‘seja proveitosa a todos aqueles aos quais é recuada a observação experimental’, Vesálio ‘inseriu nela representações tão fiéis dos diversos órgãos que elas parecem colocar um corpo dissecado diante dos olhos daqueles que estudam as obras da Natureza’. Dar a ver no papel o que podia ser observado na mesa de dissecação, eis o papel atribuído por Vesálio às suntuosas pranchas que ilustram sua obra. A transformação do leitor em espectador, o intuito pedagógico no uso das ilustrações e seu desdobramento intensivo são novidades trazidas pelo anômico século XVI (MANDRESSI, 2012, p. 423-424).

A arte teve, portanto, uma participação importante no “estabelecimento da iconografia anômica”, pois havia a convicção de que “a ilustração cumpria um papel

essencial no dispositivo de conhecimento organizado em torno da percepção visual”, tendo em vista que os artistas acrescentaram aos textos anatômicos “um olhar que vai além do objeto morto deitado na mesa de dissecação” (MANDRESSI, 2012, p. 425), coisa que pintores e escultores já faziam desde o século XVI, pois estes dedicaram “atenção renovada à representação do corpo humano, tanto em seu detalhe anatômico como em suas capacidades expressivas” (ARASSE, 2012, p. 541). “A arte e a retórica das anatomias da Renascença proclamam a autoridade da visão e o poder de dissecação” (LAQUEUR, 2001, p. 102). Vale ressaltar ainda que Vesálio, que havia sido um dos primeiros a inserir em sua obra ilustrações cheias de detalhes de partes do corpo humano, abriu as portas para que seus sucessores aprofundassem as técnicas usadas por ele, tais como Gabriele Fallopio²⁵³, quem também dedica parte de sua obra sobre os órgãos genitais femininos. No entanto, conforme Laqueur (2001) chama atenção, “muito do que está em jogo não se pode decidir empiricamente” (LAQUEUR, 2001, p. 92) porque a “história das representações das diferenças anatômicas entre o homem e a mulher é extraordinariamente independente das verdadeiras estruturas desses órgãos, ou do que se conhecia sobre elas” (LAQUEUR, 2001, p.111).

É apenas no século XVII que “os médicos começam a questionar as ideias antigas” (NUNES, 2000, p. 33-35) a respeito do modelo de corpo/sexo único: é nesse período que surgem as primeiras ideias a respeito da diferença sexual. Neste século “duas importantes reformas na visão médica sobre a mulher começam a ganhar força”, em primeiro lugar, se trata de “uma mudança na maneira de tratar os órgãos sexuais femininos, que passam a ser vistos como perfeitos e adequados às suas funções”, e em segundo lugar, há uma mudança de perspectiva “em relação ao papel da mulher na reprodução, que passa a ser cada vez mais valorizado”. No século seguinte, mais especificamente na segunda metade do século XVIII, em decorrência dessa e de outras mudanças, tornou-se politicamente importante falar sobre essa diferença anatômica e fisiológica “mediante o uso do discurso científico”²⁵⁴, a partir daí que “milhares de trabalhos que apontavam a importância das diferenças sexuais na determinação do

²⁵³ É creditado a ele a “invenção” do termo “vagina”, assim como a descrição do clitóris e a delimitação dos tubos que unem ovário e útero. No entanto, não foi ele quem descobriu a função desses tubos, que posteriormente se chamaram “trompas de falópio” (PORTER, VIGARELLO, 2012, p. 452-453), por exemplo.

²⁵⁴ “Como a ênfase no sexual, a ‘diferença sexual’ é antes de mais nada a diferença entre a mulher e o homem, o feminino e o masculino; e mesmo os conceitos mais abstratos de ‘diferenças sexuais’ derivados não da biologia ou da socialização, mas da significação e de efeitos discursivos (e a ênfase aqui é menos no sexual e mais nas diferenças como ‘différance’) acabam sendo em última análise uma diferença (da mulher) em relação ao homem – ou seja, a própria diferença no homem” (LAURETIS, 1994, p. 207).

comportamento são escritos (Laqueur, 2001: 192)” (BENTO, 2008, p. 25). Como diz Thomas Laqueur, foi aí que “o sexo como nós conhecemos foi inventado”, invenção acompanhada de mudanças dos nomes dos órgãos: “que tinham nomes associados – ovários e testículos – passaram a ser distinguidos em termos linguísticos. Os que não tinham nome específico – como a vagina - passaram a ter” (LAQUEUR, 2001, p. 189). Além de nomes diferentes, são insistentemente ressaltadas as diferentes funções de cada órgão, o que implicitamente, de acordo com Preciado (2018, 49) significou o início de “um governo preciso da boca, mão, ânus, vagina” (PRECIADO, 2018, p. 49).

Aos poucos, a linguagem tornou-se dimórfica. Os significantes cristalizaram-se, fixaram-se os significados. Já não era possível entender o corpo como um significado flutuante, como poderia ocorrer no isomorfismo. As estruturas que eram consideradas comuns ao homem e à mulher – o esqueleto e o sistema nervoso – foram diferenciadas. Conforme apontou Costa (1996), em meados do século XIX, os manequins científicos do homem e da mulher já estavam prontos. De homem invertido, a mulher passou a ser o inverso do homem. E aqui se opera uma inversão: os corpos-sexuados que foram inventados pelos interesses de gênero ganharam o estatuto de fato originário (BENTO, 2006, p. 116).

Ainda que o homem continue como o modelo de normalidade, de acordo com a heteronormatividade, apenas dois gêneros, masculino e feminino, são admitidos como inteligíveis. Nesse universo, vaginas devem habitar corpos femininos, serem penetradas por um pênis e servirem de passagem para bebês. Muitas técnicas serão criadas para que os roteiros de gênero normais sejam mantidos e também para “a correção de possíveis ‘disfarces’ da natureza”, tornando-se, como afirma Bento (2008, p. 26), uma “obsessão pelo sexo verdadeiro”, processo que se intensifica no século XIX, quando a “luta para a construção de uma leitura dos corpos fundamentada na diferenciação radical entre os corpos-sexuados se impõem hegemonicamente”, “propiciando a emergência de novas subjetividades e de novas identidades coletivas”, especialmente daqueles que são considerados “anormais”, como os(as) hermafroditas, intersexuais e os(as) transexuais, sujeitos que entram em “conflito com as normas de gênero” (BENTO, 2008, p. 18) hegemonicamente estabelecidas, além de existirem mulheres cis que nascem sem útero e/ou o canal vaginal, portadoras de uma condição diagnosticada como Síndrome de Rokitansky ou Agenesia Vaginal.²⁵⁵

²⁵⁵ Ceará faz cirurgia revolucionária de reconstrução vaginal com pele de tilápia. Jornal O Povo, 2018. Disponível em: < <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/02/ceara-faz-cirurgia-revolucionaria-de-reconstrucao-vaginal-com-pele-de.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

A discussão a respeito do “hermafroditismo” tem ocupado a mente de filósofos, médicos, juristas, etc., há séculos. “Foucault, em seus estudos sobre as definições de ‘anormalidade’ e ‘monstruosidade’ do século XIX, aponta que os hermafroditas constituíam um tipo de “monstro” privilegiado na Idade Clássica”, ressaltando a atuação de “diferentes medidas regulatórias e ‘reparadoras’ que recaíam sobre esses indivíduos, ora pensados como ‘imperfeições da natureza’, ora como possíveis desviantes morais”, como nos conta Machado (2005a, p. 251). A autora ressalta ainda que Mircea Eliade, “em seus apontamentos sobre os comportamentos religiosos e os valores espirituais não europeus, também mostra como a figura do andrógino ou a androginia tem sido uma preocupação que desafia o pensamento ocidental”. O que atormentava o imaginário hegemônico e ainda passa a atormentar nos dois séculos que se seguem é a “inadequação genital” desses sujeitos, condição essa que passa a ter um diagnóstico médico e, portanto, “pode ser manejado por profissionais capacitados” para que seja possível a restauração de sua “natureza incompleta” (MACHADO, 2005a, p. 253).

Ainda na Baixa Idade Média, o extermínio dos hermafroditas é substituído pela necessidade de adoção de condutas. Por essa perspectiva, os indivíduos deveriam escolher um sexo para guiar sua conduta cotidiana e se comportar de acordo por toda a vida. O século XIX traz inovações médicas para todos os âmbitos do cuidado com o corpo. A Medicina disciplinadora aparece no mundo ocidental com uma maior institucionalização do saber médico, o hospital como parte do itinerário terapêutico e cuidados com o corpo como obrigatórios (Foucault, 2006). Uma das grandes descobertas (ou invenções) da medicina do século XIX foi a existência e a obrigatoriedade de um sexo único e real. Ainda que as cirurgias reparadoras da genitália não existissem, os hermafroditas eram agora diagnosticados e tratados no intuito de se descobrir a que sexo, afinal, cada um deles pertencia. Cirurgias exploratórias na busca por ovários, testículos, análise de tamanhos e formas de seios e falos tornaram-se recorrentes (Dreger, 1998). Uma vez descoberto o sexo real, a conduta adotada pelo indivíduo deveria ser condizente com o esperado do mesmo, independente de sua idade ou de sua socialização (Foucault, 2001) (SILVA, 2009, p. 3).

Mais tarde, na sociedade contemporânea, com a expansão das cirurgias plásticas se impõem outras técnicas e definições a respeito dos sujeitos com “‘genitália ambígua’ ou, mais atualmente, ‘genitália incompletamente formada’”: surgem na linguagem médica os “estados intersexuais”, definições que se referem “a corpos de crianças nascidas com a genitália externa e/ou interna nem claramente feminina, nem claramente masculina” (MACHADO, 2005a, p. 252), os quais podem ser divididos em quatro principais categorias, tais como: pseudo-hermafroditismo feminino (que é quando “o

bebê possui ovário, o sexo cromossômico é 46 XX,2 a genitália interna é feminina, mas a genitália externa é ‘ambígua’; pseudo-hermafroditismo masculino (quando “a criança possui testículos, cariótipo 46 XY, mas a genitália externa é ‘feminina’ ou ambígua”); disgenesia gonadal mista (isto é, quando “o bebê nasce com gônadas disgenéticas”); e hermafroditismo verdadeiro (quando as crianças possuem tecido ovariano e testículos na mesma gônada ou separadamente) (MACHADO, 2005a; 2005b).

Até aproximadamente metade do século XX, os intersexuais foram diagnosticados sem a possibilidade de cirurgia reparadora ou acompanhamento hormonal. Eram, ainda, explorados como atrações circenses e fotografados por profissionais especialistas em retratar aberrações estéticas, especialmente em províncias interioranas na América e na Europa (Santos, 2000). Entre os anos 50 e 60, torna-se possível a construção estética de uma genitália que suporte a conduta sexual heteronormativa, ou seja, o que não é penetrante deve ser penetrável. A exceção seria referente à construção de um pênis funcional, procedimento deliciado e comum grau relativamente alto de insucesso até hoje (Santos, 2006). Com a possibilidade de reconstrução de uma genitália feminina a busca pelo sexo real perdeu espaço para a construção do sexo único, que permita uma vida sexual considerada normal (SILVA, 2009, p. 4).

O sexo único nesse sentido seria o feminino, buscado cirurgicamente, tendo em vista que:

[...] desde finais da década de oitenta, existem diversas técnicas cirúrgicas que permitem construir ‘órgãos genitais femininos’ sem que seja possível distingui-los dos órgãos que chamamos ‘normais’. Mas se atentarmos para o plano estritamente discursivo das práticas médicas, veremos que a medicina não fala em construção da vagina, e, sim, mais precisamente, da possibilidade de transformar (‘invaginar’) um pênis em uma vagina. Como se o pênis tivesse naturalmente a possibilidade de um ‘devir-vagina’ (PRECIADO, 2014, p. 124-125).

Nesse sentido, continuando com Preciado (2014), em se tratando não apenas das cirurgias em intersexos, mas também em transexuais, “não é necessário construir uma vagina: basta encontrar a vagina que já está no interior do pênis” (p. 126), o que significa dizer que “não há um devir-pênis na vagina” (PRECIADO, 2014, p. 127), mas sim um devir-vagina no pênis²⁵⁶. Mas o que realmente importa nesse contexto é que seja

²⁵⁶ “E cada vez mais tem técnicas melhores para você fazer uma vagina, que fica com o molde menos tempo, que dá menos problema, que aquele tecido começa a se perceber como vagina e que você usa os dilataadores por menos tempo, o risco de fechar é menor, os riscos com aquelas mazelas do centro cirúrgico é menor... Isso foi avançando. Os avanços com a reconstrução, se você olhar o que tinha á trinta anos, você fala que é fantástico o que se tem hoje. Sim, é fantástico, mas se você for pesar, você consegue criar uma vagina que já tem uma certa sensibilidade e você faz uma cliteroplastia que a crianças perde cerca de 20% da sensibilidade, o que é pouco. Tudo bem que tem uma questão psicológica envolvida também. Você consegue fazer uma vagina no final dos anos 90 que já é com outro tipo de tecido: você já

possível construir um órgão com “de aparência ‘normal’ e ‘funcional’” (PRECIADO, 2014, p. 123)²⁵⁷. Por outro lado, também há o uso de hormônios que podem ajudar a performatizar uma feminilidade ou masculinidade almejada nesse corpo ambíguo. Duas questões se impõem de imediato a partir daí: em primeiro lugar que se as tentativas de reparo das genitálias ambíguas não funcionam, “o corpo não ‘corrigido’ será considerado não natural” (MACHADO, 2005a, p. 270), sendo que existe ali um sujeito precocemente submetido a intervenções médicas que “não tem a menor capacidade de opinar sobre ele [seu corpo] e, caso tenha, raramente tem saberes teóricos e legítimos e consigam distanciá-lo do convencimento da legitimidade do discurso médico” (SILVA, 2009, p. 14).

Bento (2006), Machado (2005a) e Preciado (2014) citam Jonh Money e suas formulações a respeito de corpos com genitais ambíguos. Money era sexólogo e professor de psicopediatria do Hospital Universitário Johns Hopkins, e foi quem primeiramente utilizou a palavra “gênero” em suas teses sobre a diferença dos sexos, em 1955, “para dar conta da possibilidade de modificar cirúrgica e hormonalmente a morfologia sexual das crianças intersexos e das pessoas transexuais” (PRECIADO, 2011, p. 13). Em suas teorias, ele propunha “a diferenciação entre sexo biológico e sexo psíquico. Foi ele quem primeiro descreveu o caso de um bebê submetido a uma cirurgia de (re)construção genital, tornando-se uma referência no campo biomédico nesse assunto. (MACHADO, 2005a, p. 257-258). Esse bebê se tratava de David Reimer, “que tinha um irmão gêmeo, fora vítima de uma complicação durante um procedimento de circuncisão, no qual seu pênis fora severamente queimado. Procurado pela família, Money sugeriu que a criança tivesse o sexo reformulado e fosse transformada em uma menina” (MACHADO, 2005a, p. 257-258). No entanto, o que era para ser um experimento de sucesso, teve como desfecho o suicídio de Reimer em 2004, depois de inúmeros procedimentos cirúrgicos e demais métodos invasivos em seu corpo e sua subjetividade.

não pega da perna, pega do intestino uma parte do tecido e ela começa a se portar mais como vagina do que o outro o fazia. Então começa quase a pensar como se fosse uma e funcionar. Garante um prazer muito maior do que garantia antes. Mas a questão peniana ainda é muito ruim” (SILVA, 2009, p. 15).

²⁵⁷ “A aparência e, mais especificamente, o parecer com (um pênis ou uma vagina natural), assume uma importância fundamental no período pós-cirúrgico e o resultado estético ou cosmético dos genitais construídos emerge como uma das preocupações peculiares à cirurgia. As técnicas cirúrgicas são empregadas no sentido de tornar a genitália da criança o mais próximo possível do normal, de acordo com determinados padrões de tamanho, forma, terminação do trajeto urinário (mais na ponta do pênis para os meninos; mais abaixo nas meninas) uso (construir vaginas “penetráveis” e pênis “que penetrem”). O sexo deixa, assim, de ser natural na medida em que é a técnica cirúrgica, associada a intervenções medicamentosas, e o olhar da ciência que o constrói” (MACHADO, 2005a, p. 264).

Money acreditava, de acordo com Bento (2006, p. 40-41), que “o gênero e a identidade sexual seriam modificáveis até os 18 meses de idade”. Utilizando a heterossexualidade como “prática normal”, ele pensava que “o social, mediante o uso da ciência e das instituições, poderia assegurar a diferença dos sexos”. Dessa forma, continuando a autora, a “construção do canal vaginal nas crianças intersexuais não era simplesmente destinado à produção de um órgão: dirigiam-se sobretudo à prescrição das práticas sexuais, uma vez que se define como vagina o orifício que pode receber um pênis, conforme apontou Preciado (2002)”. Só não previu John Money “que algumas dessas meninas intersexuais seriam lésbicas e reivindicariam o uso alternativo de seus órgãos”.

Apesar de que suas teorias tivessem como foco “bebês hermafroditas, suas teses terão um peso fundamental na formulação do dispositivo da transexualidade” (BENTO, 2006, p. 41-42), sendo que a transexualidade configura-se como “um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo” (BENTO, 2008, p. 19). Esses sujeitos também serão tão estigmatizados como os hermafroditas e intersexuais, e de acordo com Bento (2008, p. 17), no século XIX começam a “desaparecer da vida pública para serem encontrados nos compêndios de medicina e nos espaços confessionais da clínica”, diagnosticados como doentes e disfuncionais.

Os olhares acostumados ao mundo dividido em vaginas-mulheres-feminino e pênis-homens-masculino ficam confusos, perdem-se diante de corpos que cruzam os limites fixos do masculino/feminino e ousam reivindicar uma identidade de gênero em oposição àquela informada pela genitália e ao fazê-lo podem ser capturados pelas normas de gênero mediante a medicalização e patologização da experiência. Na condição de ‘doente’, o centro acolhe com prazer os habitantes da margem para melhor excluí-los. Esse centro constituirá explicações aceitas como oficiais. A simplicidade binária (vagina-mulher-feminino versus pênis-homem-masculino) se propunha organizar e distribuir os corpos na estrutura social, perde-se, confunde-se. E finalmente, chega-se à conclusão de que ser homem e/ou mulher não é tão simples (BENTO, 2008, p. 22).

Mais uma prova de que de fato não é nada simples ser homem e/ou mulher se manifesta no diagnóstico definido como agenesia vaginal ou ainda síndrome de Mayer-Rokitansky-Kuster-Hauser. Descrita ela primeira vez em 1572 pelo mesmo anatomista que “descobriu” o clitóris, Realdo Colombo.

A incidência de atresia ou agenesia vaginal ocorre em 1 para 4000 ou 5000 nascimentos femininos, sendo a causa mais comum desta anormalidade a

síndrome de Mayer- Rokitansky-Kuster-Hauser. Tais pacientes encontram-se incapacitadas para a procriação e para satisfação sexual própria e do parceiro. A síndrome de Mayer-Rokitansky-kuster-Hauser caracteriza-se por útero e tubas uterinas rudimentares, ausência total ou parcial da vagina, anomalias no trato urinário e alterações na coluna cervical. A vulva, derivada do seio urogenital, e os ovários apresentam-se usualmente sem alterações. Ocorre falha no sistema de tubos Mullerianos devido à resposta insuficiente aos hormônios secretados pelos ovários; não existe anomalia genética. Podemos encontrar três tipos: Tipo I: Vagina e útero estão ausentes ou rudimentares. Os caracteres sexuais secundários surgiram na época esperada e a falta de menstruação e/ou a impossibilidade do coito levam-na ao médico. É a mais frequente. Tipo II: A anomalia é apenas ou principalmente do útero, o coito é possível, às vezes doloroso, e a amenorreia primária é o motivo da consulta. Tipo III: A anomalia é apenas vaginal. O quadro clínico consiste em ausência de menstruação, surgimento de cólicas e, posteriormente, de dores contínuas e progressivas com exacerbação cíclica, caracterizando hemoperitônio. Intervenção cirúrgica até mesmo de urgência é indicada. Diagnóstico diferencial com hímen imperfurado é importante” (DORNELLAS et. al., 2010, p. 526).

O que podemos deprender dessa reflexão? Que conforme reflete Preciado (2014, p. 112-113), os órgãos sexuais são “biocódigos de regimes de poder e conhecimento”, “ficções biopolíticas” que são utilizados como base para “a ordem sexo/gênero”, de acordo com a qual existe uma “divisão do trabalho reprodutivo” onde qualquer corpo “com ou sem pênis, será atribuído como feminino se for suscetível de gravidez e parto” (PRECIADO, 2014, p.143). Butler (2014, p. 254) assevera que o discurso da heteronorma não é apenas “um discurso restritivo” que insiste “no binarismo homem e mulher” como “atua no sentido de efetuar uma operação reguladora de poder que naturaliza a instância hegemônica e exclui a possibilidade de pensar sua disrupção”. Preciado (2014, p. 127) entende que esse discurso, bem como suas práticas regulatórias, os quais ele define como parte da “tecnologia sexual”, funciona como uma “espécie de ‘mesa de operações’ abstrata na qual se leva a cabo o recorte de certas zonas corporais como ‘órgãos’ (sexuais ou não, reprodutivos ou não, perceptivos ou não etc.)” (PRECIADO, 2014, p. 127). Já que estamos todos imbrincados nesse regime hegemônico, então todos “nós passamos por essa mesa de operações performativa” (PRECIADO, 2014, p. 131).

Se entendermos que a inteligibilidade dos corpos sexuais depende da clareza anatômica de seus genitais, percebemos que na verdade, “os critérios de atribuição do sexo não são científicos e sim estéticos, porque a visão e a representação assumem o papel de criadores da verdade nesse processo” (PRECIADO, 2014, p. 137). E as cirurgias estéticas operam, nesse contexto, como uma ferramenta privilegiada utilizada com finalidade de “acabar com a ambiguidade física do corpo na busca por uma cura

social” (SILVA, 2009, p. 16) para aquilo que não está em conformidade com a norma. É a materialização do que Preciado (2014, p. 140) chama de “política do centímetro”, onde o excesso ou não de carne vai decidir quais as técnicas mais apropriadas para “a construção técnica da feminilidade” (PRECIADO, 2014, p. 142). Fica evidente, então, que “a cirurgia reconstrutora genital é o principal delator da tentativa de manutenção de uma norma social para muito além de uma demanda fisiológica” (SILVA, 2009, p. 17-18), denunciando tanto a artificialidade das tecnologias heteronormativas como suas arbitrariedades. Assim, a ideia de que vivemos na era das vaginas pós-orgânicas faz mais sentido ainda, a partir do momento em que compreendemos que todos os discursos envolvidos na difusão do “*ideal de vagina perfeita*” participam dessa grande narrativa ficcional. Circunscreve-la em prescrições sobre como ela deve parecer e como deve cheirar, revela, nesse sentido, um trabalho social de controle de suas potencialidades, para além de suas funções dentro dessa narrativa hegemônica. Mas existem outras formas de controle social da vagina, e algumas delas serão empreendidas através da medicalização do corpo e da sexualidade das mulheres, apenas uma dentre tantas “tecnologias do corpo sexual no século XX” (PRECIADO, 2011, p. 13).

2.2.2 Vaginas medicalizadas: o objeto “privilegiado” da medicina

Naomi Wolf (2013, p. 16-17) relata em seu livro “Vagina: uma biografia” que a genitália feminina tem sido historicamente, especialmente no Ocidente, alvo “de abuso, violência e controle”. De acordo com a autora, existe um “controle social da vagina” que também tem como alvo a sexualidade das mulheres e que é mobilizado como um “veículo para controlar a mente e a vida interior das mulheres” e esse controle é exercido especialmente por “comentaristas de jornais, manuais médicos e a ascensão da ginecologia como uma especialidade médica” (WOLF, 2013, p. 162). Ainda de acordo com Wolf (2013, p. 161), “a concepção ocidental ‘moderna’ da vagina, tal como a conhecemos hoje”, que é rodeada de vergonha e hiperssexualização, foi desenvolvida no século XIX, apontado por ela e outros autores com os quais dialogaremos aqui, como sendo o século do controle medicalizado da sexualidade. Um exemplo dessa atenção especial ao corpo feminino foi a criação no século XIX de especialidades médicas voltadas às mulheres, a ginecologia e a obstetrícia, ressaltando assim a “diferença” entre homens e mulheres que está posto para além de seus papéis sexuais. Nesse contexto, a

“vagina” será normalizada, controlada e vigiada a fim de que seja encaixada no regime heterossexual a partir de narrativas e práticas biomédicas.

As narrativas biomédicas produzidas a partir do século XVIII mobilizam afirmações categóricas sobre o corpo feminino e têm, em geral, como protagonistas homens médicos. Estes detém cada um na sua área de atuação, um tipo de autoridade sobre o corpo da mulher e são responsáveis pela codificação da funcionalidade dos órgãos reprodutivos femininos²⁵⁸. Em “A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado”, Liv Strömquist (2018, p. 8-25) aborda essa fase da história da medicalização do corpo das mulheres em tom de denúncia ao apresentar uma lista de “homens que se interessaram um pouco demais por aquilo que se costuma chamar de ‘genitália feminina’”, dentre eles Jonh Harvey Kellogg²⁵⁹, Dr. Issac Baker–Brown²⁶⁰, Jonh Money²⁶¹ e Barão Georges Cuvier²⁶². Logo mais veremos que de fato a “patrulha pode ser violenta”²⁶³.

Uma observação crítica do processo de medicalização do corpo considera esse protagonismo masculino como uma colonização²⁶⁴ do corpo das mulheres, isto é, foi “um conhecimento que foi construído prioritariamente por homens a partir de perspectivas masculinas dentro da cultura patriarcal” (ZORDAN, 2003, p. 278), por isso nem sempre os saberes e intervenções biomédicas são vistos com bons olhos pelas mulheres por conta do poder de normatização que a prática e o discurso médico têm. Este subtópico trata dos deslocamentos que compõem esse campo, de sua penetrabilidade na vida íntima das mulheres²⁶⁵. Essa é, portanto, a história da vagina

²⁵⁸ Vieira (2002, p. 71) complementa afirmando que “se trata do discurso da verdade, o discurso da ciência, o legítimo. Será este, e apenas este, então, que poderá dar a palavra final sobre as dúvidas e inquietudes”.

²⁵⁹ Médico que “escreveu livros de educação em saúde, defendendo a ideia de que a masturbação causava câncer cervical, epilepsia, loucura, bem como debilidade física e mental em geral” e que propôs como tratamento para a masturbação feminina a aplicação de ácido carbólico no clítoris

²⁶⁰ Outro médico “fervoroso opositor da masturbação feminina” cuja proposta para tratamento para a masturbação era a remoção cirúrgica do clítoris, isto é, a clitoridectomia, sobre o qual falo mais tarde.

²⁶¹ Sobre quem falei no tópico anterior.

²⁶² Sobre quem falo na primeira parte deste capítulo.

²⁶³ LEMOS, Nina. Libera a vagina! Revista Trip, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/libera-a-vagina>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁶⁴ “Colonização vaginal” é um termo usado por Gerárd Zwang (2000) para acusar uma feminista em seu livro, mas que é reapropriado por mim contra ele, tendo em vista sua pretensão de apresentar aos leitores de seu livro.

²⁶⁵ “Ademais, os doutores conseguiram ampla penetração social, como inúmeros estudos mostram, interferindo incisivamente na constituição do imaginário social e sexual, sobretudo por apresentarem-se como portadores do discurso científico legítimo, produtor da verdade e das soluções aos problemas da doença e da morte. Nesse sentido, o saber médico informou uma série de práticas autoritárias e misóginas, que permitiram justificar objetivamente a exclusão das mulheres de inúmeras atividades políticas, econômicas e sociais, para não dizer das sexuais, estigmatizando aquelas que, como as feministas, se

medicalizada, na qual o ver e o olhar serão fundamentais por sua força simbólica, sempre carregada de considerações morais, exercendo um poder ambíguo: “é uma tomada de poder, já que cumula a distância e captura, ele é imaterial e mesmo assim age, já que põe a descoberto” (LE BRETON, 2016, p. 75).

Le Breton (2016, p. 49) relembra que no século XIX o valor da visão conhece uma expansão significativa, especialmente na medicina, onde o “império do ver” e o “registro do visual” foram alargados com o desenvolvimento das novas tecnologias tais como o microscópio, a fotografia e os raios X, tecnologias que possibilitaram “A observação meticulosa dos cadáveres através de sua dissecação”, a qual por sua vez, “alimenta um novo saber anatômico que não é mais fundado na repetição de uma palavra consagrada (LE BRETON, 1993)” (LE BRETON, 2016, p. 47). O século XVI já anunciava uma transformação das formas de ver e de reflexão sobre o olhar precisamente com a difusão do impresso, e posteriormente no século XVII, com as descobertas óticas, tais como os telescópios e os óculos de grau²⁶⁶. Donna Haraway (1995, p. 22) chama atenção para a ausência de neutralidade do olhar da ciência quando afirma que “Os ‘olhos’ disponíveis nas ciências tecnológicas modernas acabam com qualquer ideia da visão como passiva”, pois são “artifícios protéticos” que nos demonstram “que todos os olhos, incluídos os nossos olhos orgânicos, são sistemas de percepção ativos, construindo traduções e modos específicos de ver”.

No século XX, a psicanálise e a teoria crítica contextualizaram a visão como poder. A obra de Michel Foucault foi marco fundamental para uma sociedade baseada na vigilância e na ameaça de punição. A visibilidade tornou-se uma forma de controle social e, para aqueles e aquelas sob particular escrutínio, um verdadeiro regime disciplinador (MISKOLCI, 2017, p. 267).

Nunes (2000, p. 11) destaca que há a partir do início do século XVIII a elaboração de estratégias de regulação do corpo feminino provenientes, sobretudo, dos campos da psiquiatria e da sexologia, cujo objetivo principal era “circunscrever as mulheres à esfera doméstica e à maternidade”, tornando assim “a mulher e sua sexualidade como assunto privilegiado dos discursos médicos” e, simultaneamente,

colocaram na contramão. Ao mesmo tempo, propôs alternativas para um reajustamento das relações de gênero, mantendo inalteradas as formas da dominação masculina” (RAGO, 2001, p. 63).

²⁶⁶ “A elaboração do diagnóstico doravante funda-se no visual, num esquecimento relativo dos outros sentidos. Mas não é um olhar qualquer que a tecnologia aprimora. Trata-se de um olhar padronizado, racionalizado, calibrado por uma busca de indícios através de uma ‘visão do mundo’ bastante precisa” (LE BRETON, 2016, p. 50).

como assunto de higiene pública, “reforçando velhos mitos e caucionando um projeto de controle minucioso sobre a sexualidade feminina”. Rohden (2002, p. 28-30) ressalta que há importantes transformações entre os séculos XIX, XX e XXI, no tocante a medicalização da sexualidade feminina, apesar de haver manutenção de algumas regularidades. A autora diz que enquanto no século XIX, o lócus da atenção concentrava-se em questões anatômicas e na fisiologia, já no século XX a medicalização volta-se para questões hormonais, substancializando a diferença entre homens e mulheres e alocando nos hormônios, ou na falta deles, a razão de inúmeras patologias e desequilíbrios. Posteriormente, no século XXI, o cérebro passa a ganhar lugar central, e atualmente, também irá englobar a estética, acentuando um aspecto higienizante e fortemente relacionada à sexualidade.

De acordo com Vieira (2002, p. 23) a medicina consiste em uma importante “tecnologia de intervenção” sobre os corpos das mulheres e suas sexualidades²⁶⁷, pois produz um modelo específico de feminilidade com base na anatomia e na biologia que contribui consideravelmente para a forma como as mulheres passaram a conhecer/desconhecer²⁶⁸ seus próprios corpos. O uso do termo medicalização aqui é entendido nos termos propostos por Vieira (2002, p. 19), enquanto processo que transforma “aspectos da vida cotidiana em objeto da medicina de forma a assegurar conformidade às normas sociais”. O corpo feminino passa a ser objeto privilegiado da medicina quando esta passa a ter legitimidade enquanto saber científico, fato que se dá especialmente a partir da formação da sociedade capitalista, no âmbito da qual surge a preocupação na elaboração e manutenção de um projeto de “medicalização dos corpos” que aperfeiçoará o papel político e social da prática médica.

A medicalização do corpo feminino é um aspecto específico da medicalização da sociedade ocidental que vai voltar a atenção do médico para questões como “a

²⁶⁷ “No século XIX, é através o discurso médico sobre a sexualidade e a reprodução que se coloca esse corpo como campo subordinado ao controle médico. Embora a regulamentação da sexualidade baseada em preceitos científicos não tenha se restringido ao corpo feminino, no entanto, assaz contundente em relação a este, já que o seu processo de medicalização permitiu que esta regulação fosse exercida através de intervenções médicas radicais, dentre elas a castração ou a mutilação...” (VIEIRA, 2002, p. 38).

²⁶⁸ Pude observar repetidas vezes no material empírico que consultei, em sua maioria produzido por mulheres, a afirmação de que a prática médica, especialmente a ginecológica, contribui mais para o desconhecimento sobre a anatomia do que o contrário e com isso, contribui também para a falta de intimidade entre vagina e proprietária. O termo “proprietária” tomo de empréstimo de Livoti e Topp (2006, p. 14) as quais afirmam que “a vagina e seu ambiente permanecem como um bem não reclamado pela proprietária, examinado por outros, mas deixado de lado durante boa parte do tempo”. Com o objetivo de reforçar essa ideia, trago alguns trechos desse material que em muitos sentidos, apresentam um tom de denúncia mas também de esperança de que haja uma transformação na forma como o saber médico cuida e representa o corpo feminino.

regulação dos nascimentos e a demografia, a partir da qual o corpo feminino vai estar incluído, seja através da preocupação com a higiene social no século XVIII, seja com o aparecimento da obstetrícia e da ginecologia no século XIX (VIEIRA, p. 20-21), especialidades para as quais o desenvolvimento tecnológico foi fundamental (VIEIRA, 2002, p. 16). Nesse processo, é importante mencionar a instauração de modelos de normalidade genital relacionados a uma “sexualidade útil” e para a produção de um ideal de feminilidade com base na diferenciação sexual, processo que visa naturalizar as diferenças entre os papéis de sexo e de gênero nas sociedades ocidentais.

Historicamente, o processo de “medicalização do corpo” feminino baseia-se na concepção de uma “natureza biológica” que determina e domina a mulher²⁶⁹. Esse é precisamente o argumento que concede legitimidade ao discurso médico sobre o corpo feminino, encontrando base nos “eventos físicos” que as mulheres experimentam no decorrer da vida, como a capacidade reprodutiva. Tal “determinação biológica” feminina contribui fundamentalmente na “divisão de gênero na sociedade”, conseqüentemente, para a diferença sexual (MARTIN, 2006, p. 55-63).

A ideia de ‘natureza feminina’ baseia-se em fatos biológicos que ocorrem no corpo da mulher – a capacidade de gestar, parir e amamentar, assim como também a menstruação. Na medida em que essa determinação biológica parece justificar plenamente as questões sociais que envolvem esse corpo, ela passa a ser dominante, como explicação legítima e única sobre aqueles fenômenos. Daí decorrem ideias sobre maternidade, instinto maternal e divisão sexual do trabalho como atributos ‘naturais’ e ‘essenciais’ à divisão de gêneros na sociedade (VIEIRA, 2002, p. 32)²⁷⁰.

O perfil ideal feminino passa a ser pensado em conjunto com essa “diferença”, embora até o século XVII, de acordo com Thomas Laqueur, “a diferença entre homens e mulheres não era pensada como uma derivação direta da diferença sexual” (NUNES, 2000, p. 29) posto que predominava o modelo de pensamento proposto por Galeano no século II, que formulara “o princípio de uma identidade do aparelho anatômico nos dois sexos” (NUNES, 2000, p. 31), como já foi mencionado. A grande reviravolta nesse processo foi justamente a mudança de pensamento quanto aos órgãos

²⁶⁹ “A via para medicalizar o corpo feminino vai ser a questão da reprodução; daí o discurso médico atribuir particular importância à educação das mulheres... Dessa forma, os discursos médicos serão diferentes para as mulheres de condições sociais diferentes, como as escravas e prostitutas, tal como assinala Nunes (1982)” (VIEIRA, 2002, p. 36).

²⁷⁰ “É com base na ‘natureza feminina’ [e por causa dela], portanto, que se constrói o discurso médico-social, assim como se tenta entender a fisiologia desse corpo, realizando-se intervenções médicas que ampliarão o processo de medicalização do corpo feminino” (VIEIRA, 2002, p. 31).

reprodutivos/genitais: não só a mudança de um modelo de sexo único para um modelo que admite a diferença entre ambos os órgãos, masculinos e femininos²⁷¹, mas também o fato de que os órgãos reprodutivos femininos passaram por uma valorização tendo em vista o ambiente adequado para a maternidade. Acrescenta-se, ainda, que se reforçou mais que a diferença entre os sexos estava para além dos genitais, pois haveriam as diferentes atribuições relativas ao corpo, a alma, as características físicas e morais (NUNES, 2000, p. 39). Eis portanto o fundamento da noção de corpos sexuados.

O que se observa é a colocação do sexo não só como algo a ser vigiado e regulado, mas sobretudo a instalação de um processo por meio do qual o indivíduo moderno passou a ser pensado e a se pensar como ser sexuado” (NUNES, 2000, p. 13).

No entanto, a partir do século XVIII a medicina adquire o poder de intervenção e de normatização do corpo que vai se intensificar à medida que circunscreve e investe na construção do corpo feminino como um objeto privilegiado de seu saber e de sua prática pois a mulher seria portadora de uma singularidade estratégica para a heterossexualidade, especialmente pela sua capacidade de procriação. Nunes (2000), Laqueur (2001) e Vieira (2002) nos contam como esse poder vai penetrando o cotidiano e operando enquanto um projeto social de higienização da sociedade e de naturalização da figura feminina - essencialmente voltada para um tipo de exercício da feminilidade baseada no matrimônio heterossexual e na maternidade, função que passou a ser tratada como “uma função feminina por excelência” (NUNES, 2000, p. 21) -, a partir do século XVIII enquanto Rohden (2001; 2002; 2008), Martins (2004) e Freitas (2008) refletem sobre o surgimento e a consolidação do ramo da medicina especializado em mulher a partir do século XIX – a ginecologia e a obstetrícia.

A história da apropriação do corpo feminino pelo saber médico foi efetivamente marcada pelo desenvolvimento de um conhecimento cirúrgico e tecnológico promovido pela aproximação da medicina com o momento do parto...Esta dará origem a outras disciplinas médicas que pretendem cuidar do corpo feminino, tal como a ginecologia e outras relativas à reprodução humana...O controle sobre o corpo feminino relaciona-se ao aprimoramento de uma tecnologia que permitiu a resolução de problemas cruciais para a sobrevivência das mulheres e crianças, emergindo num momento em que a manutenção da vitalidade e da saúde é fundamental para a reprodução social (VIEIRA, 2002, p. 23).

²⁷¹ Embora a comparação anatômica e funcional, principalmente com relação ao clitóris e sua “eficácia” (ZORDAN, 2003, p. 283) e analogias deste com o pênis, exista até hoje.

Manifesta-se desde sua expansão na “cultura médica”²⁷², portanto, um interesse diferenciado pelos corpos de homens e de mulheres, notadamente na passagem do século XIX para o XX, quando se constituem as especialidades que têm a função de “cuidar” do corpo feminino, a ginecologia e a obstetrícia²⁷³. (Rohden, 2002, p. 107). Ao passo que a mulher passa a ter um lugar privilegiado no hospital, em torno dos cuidados médicos, estes se baseiam na ideia de que as doenças das mulheres são difíceis de tratar e são “acompanhadas de muito sofrimento e sensibilidade nervosa, o que requeria atendentes especialmente treinados para lidar com os perigos desse excitação nervoso” (Rohden, 2002, p. 110). Tratar dos “males” femininos requer, então, maior cuidado, principalmente pela singularidade desse corpo que é portador de uma sensualidade “natural”, no sentido de que as mulheres são mais dominadas pelas funções sexuais e por isso caracterizadas como mais físicas, instintivas e emotivas (Rohden, 2002, p. 116-119).

O modelo médico em relação ao corpo feminino que se estabelece então, concordante com as normas sociais vigentes, implica que as mulheres só poderiam atingir uma vida saudável se estivessem sexualmente ligadas em matrimônio com finalidade reprodutiva (VIEIRA, 2002, p. 26).

Mas a mulher “é considerada eternamente doente”, no sentido de que seu corpo a submete a etapas naturais de adoecimento como durante a gravidez, durante e após o parto, durante o aleitamento, no período da menstruação, durante e após a menopausa, experiências da vida feminina que a colocam constantemente em risco (NUNES, 2000, p. 60).

A mudança qualitativa no discurso, que passa então a disciplinar o corpo feminino de modo absoluto, traz a necessidade de demonstrar que existe uma degeneração de base comum a todas as mulheres, desqualificando-as como sujeitos e, portanto, desqualificando o saber que elas detêm sobre seu próprio corpo. A ‘natureza feminina’ vai explicar a loucura, a degeneração moral, a criminalidade, de tal forma que a mulher é considerada como um ser incapaz de autonomia. Apesar de deter o importante papel de transmissora da moral, a mulher é um ser tutelado (VIEIRA, 2002, p. 30).

²⁷² Emily Martin (2006, p. 49) lembra que, ainda que em muitos sentidos a medicalização do corpo feminino seja “aviltante” para as mulheres, os médicos como indivíduos não devem absolutamente ser considerados responsáveis (muito embora alguns especificamente reproduzam uma lógica de insensibilidade diante dos problemas particulares de suas pacientes, negligenciando-as), tendo em vista que existe uma “cultura médica” com um sistema poderoso de socialização que é também cultural, que exige conformação para que se possa pertencer a ele.

²⁷³ “A partir da criação da obstetrícia, a medicalização se expande não apenas alicerçando as políticas públicas sejam elas de saúde ou demográficas, mas principalmente sendo construída e re-construída em sociedade, com suas promessas e expectativas” (VIEIRA, 2002, p. 72).

O sexo também a colocaria em risco, tendo em vista que no século XIX delineou-se cada vez mais a ideia do homem como um ser sexual e a mulher seu oposto: “Ao homem é permitido extravasar seus excessos sexuais com as mulheres da rua”, ou seja, há ainda uma classificação entre as mulheres, uma divisão entre as respeitáveis e as mulheres da vida, prostitutas, consideradas como um mal necessário “por ser o lugar de descarga dos excessos de fluxo seminal do corpo masculino”, um instrumento, portanto, na manutenção da “asepsia do espaço doméstico” (NUNES, 2000, p. 76).

É na segunda metade do século XIX também que vemos o surgimento do que Rohden (2001) chama de “uma ciência da diferença”, isto é, do “ramo da medicina dedicado ao estudo da mulher” (ROHDEN, 2002, p. 101), a ginecologia, que vai demarcar de uma vez por todas o interesse “diferenciado por parte da medicina no que diz respeito a homens e mulheres na passagem do século XIX para o XX” (ROHDEN, 2002, p. 102). O surgimento dessa ciência que reforça a “diferença e complementaridade” (NUNES, 2000, p. 36) entre homens e mulheres foi possível por causa das transformações sociais e políticas que passam a acontecer na segunda metade do século anterior, quando uma “questão feminina”, isto é, “a mulher enquanto um objeto a ser estudado, controlado, investigado, coloca-se de forma mais contundente e que a necessidade de criar novos papéis sociais para homens e mulheres foi sendo elaborada, possibilitando que um novo ideal feminino ganhasse força”. Nesse contexto, “a maternidade aparece como um ideal ao qual às mulheres devem corresponder” (NUNES, 2000, p. 41). É preciso, pois, tratar e vigiar de perto essa condição feminina, posto que a ginecologia, desde o início, se constitui “a partir da noção de que o corpo e o papel social femininos são determinados pela função procriativa” (ROHDEN, 2002, p. 101), revelando assim o foco desta “ciência da mulher” com a sexualidade e a reprodução.

As razões para essa percepção diferenciada da mulher e do homem em relação à sexualidade e à reprodução devem ser buscadas no contexto de surgimento das novas especialidades médicas no século passado. A onda de novos desenvolvimentos científicos e a fomentação de novas ideologias nos fornecem indícios para compreendermos o significado mais amplo da construção de uma saber específico e único sobre a mulher, retratado na ginecologia.... no século XIX, a primeira observação a ser feita refere-se às consequências particulares que os progressos técnicos tiveram nesse caso. Sem dúvida, a asepsia, a anti-sepsia e a anestesia foram revolucionárias para a medicina em geral, mas foram as condições técnicas básicas para que essa nova especialidade se produzisse. Até essa época, a ginecologia, ou seja, o estudo e tratamento do aparelho reprodutivo e das doenças femininas, confundia-se com a obstetrícia. Ao longo do século, esses dois ramos da

medicina vieram a constituir disciplinas separadas... (ROHDEN, 2002, p. 107).

Constituída como um “campo de intervenção sobre a mulher” com uma íntima relação com o campo da cirurgia, a matéria prima da ginecologia “ultrapassa em muito o simples cuidado dos órgãos reprodutivos”, pois muitas técnicas foram adquiridas como parte de seu campo de atuação no decorrer daquele século, com as inovações que iam surgindo. O foco no “cuidado com as doenças femininas” já vinha se desenvolvendo desde a primeira metade do século XIX, particularmente nos Estados Unidos, como nos conta Rohden (2002, p. 108). As primeiras cadeiras de instrução médica no referido país foram instaladas na Universidade da Pensilvânia em 1791, sendo que em 1810 surgiu também o primeiro departamento de obstetrícia. No que se refere a essa íntima relação entre ginecologia e cirurgia, não é “sem razão que se costuma considerar dois cirurgiões americanos como os pais da ginecologia”, são eles Ephraim MacDowell, quem fez a primeira “ovariotomia (extração dos ovários, inicialmente apenas em caso de problemas como quistos)” em 1809, e James Marion Sims, primeiro a realizar a “cirurgia de fístula vesico-vaginal” em 1849. No entanto, sobre esse episódio é importante abrir um parêntese sobre os métodos usados por Sims para desenvolver a “cura cirúrgica” (LIMA, 2016) dessa condição.

Wolf (2013), Schimitt (2014), Lima (2016) e Ribeiro (2018) nos contam que o cirurgião, a quem também é atribuída a origem da “cirurgia genital feminina” (Schimitt, 2014, p. 40-41)²⁷⁴, realizou suas descobertas à custa de pelo menos dez mulheres negras que naquela época viviam como escravas, protagonizando um controverso momento da ginecologia porque realizava seus experimentos nas escravas sem anestesia e sem o consentimento delas. Por conta desse passado controverso, Ribeiro (2018) considera que para as mulheres negras, “a ginecologia foi sendo traçada como tortura e não como cuidado”²⁷⁵.

As desconhecidas que tornaram possível que Sims desenvolvesse a cura para a fístula são pesquisadas pela médica e historiadora Vanessa Gamble, da Universidade George Washington, nos EUA. Dez mulheres escravas foram

²⁷⁴ “A cirurgia estética íntima contemporânea está envolta por inúmeras controvérsias, assim como as antigas ovariectomias, cliteridectomias e demais procedimentos cirúrgicos relacionados aos genitais femininos. Apesar de essas novas cirurgias terem como objetivo - em boa medida - questões de ordem estética, elas têm uma relação estreita com os procedimentos cirúrgicos ginecológicos dos séculos XVIII e XIX que foram discutidos anteriormente neste trabalho” (SCHIMITT, 2014, p. 40-41).

²⁷⁵ RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. Plano Feminino, 2018. Disponível em: <<https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

centrais para os experimentos do médico. Três são nomeadas em seus registros: Anarcha, Lucy e Betsy. “Essas mulheres eram propriedades, não tinham condições de consentir”, afirma Gamble no podcast “Hidden Brain”, dedicado às ciências sociais e ligado à rádio pública americana “NPR”. Segundo Vanessa Gamble, Sims passou a conduzir cirurgias de caráter experimental em mulheres negras escravizadas na tentativa de encontrar uma solução para a fístula vesico-vaginal. Essa condição de saúde, incurável até 1850, consiste em uma comunicação entre a vagina, a bexiga ou o intestino, que faz com que urina ou fezes passem diretamente pelo canal vaginal. Ela pode ser causada por um trauma obstétrico, uma infecção, ou acompanhar a mulher desde o nascimento. Os experimentos De acordo com a historiadora, Sims chegou a realizar 30 cirurgias em Anarcha, atendida pela primeira vez aos 17 anos, após um parto traumático que causou a fístula. Foram necessárias tentativas consecutivas para aperfeiçoar a técnica. O médico também registrou como Lucy chorava de dor por conta das cirurgias e achava que fosse morrer. Ao mesmo tempo, ele também escreveu que as escravas queriam a cirurgia para não terem mais que lidar com aquela condição. Como o relato de Sims é o único disponível, não há como ter certeza se essas mulheres queriam ou não ser operadas. “O que fica faltando nessa história são as palavras e vozes das próprias mulheres”, observa a professora Vanessa Gamble. “As cirurgias eram feitas sem anestesia. Na época, acreditava-se que pessoas negras não sentiam dor da mesma maneira [que pessoas brancas], não eram vulneráveis à dor, especialmente as mulheres negras. A dor delas era ignorada” Vanessa Gamble No podcast “Hidden Brain” Segundo a historiadora, com os experimentos, as escravas ficavam incapacitadas de dar à luz e tinham sequelas que as impediam de trabalhar. Consequentemente, perdiam valor para seus donos. À medida que a reputação de Sims por sua “pesquisa” crescia, outros médicos começaram a ser convidados para assistir às cirurgias. Operadas nuas, as mulheres não tinham escolha sobre esses eventuais espectadores. O sucesso de um procedimento de reparo cirúrgico da fístula vesico-vaginal foi registrado por Sims pela primeira vez em 1852. O médico se consagrou: ele é lembrado por três estátuas em estados onde viveu nos EUA: uma na Carolina do Norte, outra no Alabama e a terceira em Nova York, no Central Park²⁷⁶.

Além de o século XIX ter sido palco para o aprimoramento do processo de medicalização do corpo feminino, é também visto como o período onde surgem práticas específicas de punição e controle da sexualidade das mulheres, especialmente do orgasmo, como nos informam Wolf (2013), Preciado (2014) e Schmitt (2014), porque geraram controvérsias que põem em dúvidas a ética profissional dos médicos (ROHDEN, 2002, 114). Como havia mencionado no tópico anterior, Liv Strömquist (2018) menciona os nomes de Jonh Harvey Kellogg e Dr. Issac Baker– Brown, como envolvidos nesse processo.

²⁷⁶ LIMA, J. D. Anarcha, Lucy e Betsy: as escravas mães da ginecologia moderna. *Jornal Nexo*, 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/03/Anarcha-Lucy-e-Betsy-as-escravas-m%C3%A3es-da-ginecologia-moderna?fbclid=IwAR0TznLperMeVGV1kwKFMISync4bRVWucWxU1x409FsN0-07IIMXTEdwhTQ>. Acesso em: 31 mar. 2019.

De acordo com Wolf (2013, 167), entre 1860 e 1890, “a brutalidade e a natureza punitiva das práticas ginecológicas masculinas atingiram seu ápice”, e foi nesse período que se tornou comum o uso da clitorectomia, naquela época um “tratamento inédito” para “garotas que insistiam naquele vício pavoroso, a masturbação feminina”. Baker-Brown “introduziu a clitorectomia na Inglaterra em 1858, e ainda era muito praticada por ele dez anos depois”, pois tornou-se muito procurado por sua “cura”, “que aplicada em garotas fogosas, após a excisão de seu clitóris, fazia que voltassem para suas famílias em um estado de docilidade, mansidão e obediência”, evidentemente “um resultado que podemos agora compreender como inquestionavelmente resultante do trauma e também da interrupção da atividade neural” (WOLF, 2013, p. 167). E ele ficou conhecido, como relatam os autores, por realizar esse procedimento sem que suas pacientes soubessem.

No entanto, como nos conta Rohden (2002, p. 114), em 1867, “ele chegou mesmo a ser expulso da Obstetrical Society of London e esta não foi a sua única sanção”, tendo em vista que Baker Brown foi acusado “de praticar a cliteridectomia sem o conhecimento das pacientes, dos maridos e pais, trazendo a injúria para a profissão médica”. A autora ressalta ainda que “da perspectiva das autoridades médicas que o perseguiram, não estava em discussão o atentado à integridade física da mulher, inclusive porque esse tipo de procedimento cirúrgico não era assim tão incomum”, mas sim “a moralidade da profissão e a honra dos maridos desavisados”.

De acordo com Scull e Favreau, 1986, o problema, no caso Baker Brown, era o fato de a publicização das suas intervenções chamar a atenção das mulheres para a masturbação, que era a principal causa alegada para justificar a excisão do clitóris. Além disso, ele trazia para a medicina a imagem indesejada da associação com um tema tão indecente quanto o da masturbação, abrindo brechas para a desonra da profissão. Na verdade, isso resumia o grande dilema da ginecologia. Intervindo no terreno da reprodução e da sexualidade femininas, os ginecologistas estavam sujeitos aos questionamentos de ordem moral. Eles aliavam, paralelamente, o prestígio advindo com a maior precisão das intervenções, eficácia nos tratamentos e complexificação das teorias, à fragilidade moral inerente ao seu campo de atuação. Os casos de médicos famosos e reconhecidos que, por um lapso ameaçaram a autoridade de pais e maridos e sofreram perseguições públicas e mesmo judiciais, ilustra como a ginecologia se constituiu durante o século XIX, assentando suas fundações sobre um solo instável e perigoso. Ao mesmo tempo, definiu-se enquanto a especialidade guardiã da honra feminina e da regulação das manifestações corporais da mulher, de modo que a maternidade fosse bem encaminhada, a reprodução garantida e a ordem social cristalizada (RODHEN, 2002, p. 114-115).

É importante mencionar também a participação de Jonh Harvey Kellogg, também adepto da ideologia anti-masturbação, mas que, no entanto, “vai contribuir também para a produção e comercialização dos primeiros vibradores elétricos nos Estados Unidos” (PRECIADO, 2014, p. 111), instrumentos, diga-se de passagem, que deveriam ser utilizados pelos médicos no ambiente hospitalar, para darem conta da alta demanda de “viciadas” que passaram a receber. É assim que, como relata Preciado (2014, p. 111-112), os “primeiros vibradores, como o famoso Chattanooga, eram excessivamente caros, pesados e de uso estritamente profissional, e por isso restritos ao contexto hospitalar” (PRECIADO, 2014, p. 111-112). “A ideia profundamente arraigada de que herdamos ‘boas’ e ‘más’ vaginas – a primeira, que seria protegida pela sociedade e pelo Estado, e a segunda, um inimigo legítimo merecedor de punição e violência – descende desse momento” (WOLF, 2013, p. 162).

Dando prosseguimento às descobertas cirúrgicas, dois outros americanos “A. M. Heath, em 1843, e C. Clay, em 1844, realizaram as primeiras histerectomias abdominais (cirurgia do útero atingido por um câncer, por exemplo). Mas, fatos marcantes para a história da ginecologia também vão acontecer na Inglaterra e na França”.

Simultaneamente, no Reino Unido, Robert Lawson Tait e William Tyler Smith foram os pioneiros da ginecologia dominada por homens. Essa dominância masculina em um campo de cuidados médicos que por milênios esteve nas mãos de parteiras ou doulas não foi questionada até o final dos anos 1890, quando uma das primeiras mulheres ginecologistas, Helen Putnam, começou a clinicar em Providence, Rhode Island (WOLF, 2013, p. 165).

No que se refere à introdução da anestesia na cirurgia ginecológica e na obstetrícia, só há o reconhecimento de sua utilização “após a administração do clorofórmio à Rainha Vitória, em 1853, durante um parto. E, na França, o famoso Recamier reinventava, entre 1842 e 1846, a curetagem uterina, tornando possível a exploração da cavidade do útero” (ROHDEN, 2002, p. 108 – 109).

Além de todos os procedimentos controversos que foram criados no período, havia constrangimentos em torno do exame ginecológico. Zwang (2000, p. 41) destaca que por muito tempo os médicos só puderam examinar suas pacientes em quartos escuros porque não era permitido visualizarem suas vulvas. O toque vaginal, por sua vez, foi por muito tempo revestido de tabus, mesmo quando se tratava da figura do

medico²⁷⁷. Rohden (2002, p. 112-113) destaca que se instalou um mal estar nesse quesito, por significar a “intromissão de um homem estranho” na “intimidade de uma mulher”, especialmente quando se tratava da introdução do espécuro, instrumento que havia entrado em “desuso” durante a Idade Média e a Renascença, mas que voltou a ser empregado na ginecologia por Recamier, no começo do século XIX, tendo se expandido a partir daí, assim como se expandiu a crença de que a “biologia feminina servia de maneira privilegiada para pensar a ordem social a partir da natureza” (RODHEN, 2002, p. 116).

Conforme Rohden (2002, p. 119-122), havia muitas ideias recorrentes no pensamento do ginecologistas da época, que focavam nas diferenças entre homens e mulheres. Ambos seriam diferentes em suas capacidades intelectuais, no caso, estas “eram mais características do homem, o que ficava evidente nas medidas do seu crânio e tamanho do cérebro”, enquanto as mulheres “eram mais dominadas pelas funções sexuais e, por isso, eram caracterizadas como mais físicas, instintivas e emotivas”, portanto, o “instinto sexual era de tal forma determinante para a mulher”. Nesse sentido, a mulher “seria determinada, em seu corpo e mente, pela função sexual, fazendo com que sua fisiologia e patologia sexual afetassem o seu comportamento e tendo conseqüências sociais e morais que não teriam paralelo no caso do homem”, que continuava, mesmo com a mudança do isomorfismo para o dimorfismo, sendo o modelo de corpo normal. Para esses médicos a “natureza já tinha estabelecido a divisão e a ordem que a sociedade deveria reproduzir”, ordem da qual era impossível escapar, pois fazer isso “era ir contra as leis da espécie e da evolução”. Nesse sentido, a “ciência da mulher é a que descreve e justifica a diferença sexual” (RODHEN, 2002, p. 122).

²⁷⁷ Wolf (2013, p. 166) inclusive comenta que os “ginecologistas vitorianos também convencionaram os exames pélvicos por trás de um manto ou véu; era proibido aos médicos realmente observar visualmente a vagina ou o colo do útero. Eles tinham que efetuar seus diagnósticos apenas pelo toque. Por fim, um novo discurso permeado pelo julgamento e pela vergonha se construiu à volta desse lugar altamente contestado, a vagina”.

3 A VAGINA-PALAVRA E AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE PODER

“Eu digo a palavra porque acredito que aquilo que não dizemos nós também não vemos, não reconhecemos ou lembramos. O que não dizemos se transforma num segredo, e segredos, muitas vezes, criam vergonha, medos e mitos. Eu digo a palavra invisível porque quero dizê-la um dia sem sentir vergonha ou culpa. Quero dizê-la com tranquilidade” (Eve Ensler, Introdução do livro *Os monólogos da vagina*).

Neste capítulo apresento textos aliados e ativistas que dialogam com um conjunto de autores que refletem sobre o poder que a linguagem²⁷⁸ tem de materializar a heteronormatividade, os efeitos do tabu social em relação às palavras que são usadas popularmente sobre a vagina, que de acordo com Wolf (2013, 210) “criam ambientes que afetam diretamente o corpo das mulheres” e que “mudam, para melhor ou para pior, o que elas implicam ou descrevem” a respeito de si mesmas. Essa discussão configura o foco do primeiro tópico deste capítulo, seguido de outros dois tópicos que tratam também de como as mulheres nomeiam suas vulnerabilidades e se apropriam de suas próprias narrativas a respeito de suas vaginas na internet através de um processo de “retrospectiva de memória” (hooks, 2019, 137-138), especialmente no segundo tópico, onde apresento alguns dos relatos que compõem os “projetos” PPP, TVG e VLL. O terceiro tópico, por sua vez, tem como foco uma reflexão a respeito das consequências desse compartilhamento de experiências subjetivas na internet, tais como a recriação de si e a possibilidade de criação de uma cultura afetiva que extrapole os espaços digitais que denomino de cultura vulvófila

3.1 “As palavras, quando empregadas em relação à vagina, são sempre mais que ‘meras palavras’”²⁷⁹: sobre palavrões, sinônimos e falas populares

O texto *“Vulva, precisamos falar mais esta palavra”* traz ao debate uma frase que considero paradigmática no que se refere às palavras relacionadas à genitália

²⁷⁸ “A linguagem é, ao mesmo tempo, intimamente ligada ao campo político, onde tudo o que concerne a linguagem, a ciência e o pensamento se refere à pessoa enquanto subjetividade e à sua relação com a sociedade¹⁰. Não podemos deixar estas coisas no poder do pensamento hétero ou do pensamento de dominação” (WITTG, 1980, p. 5).

²⁷⁹ WOLF, 2013, p. 209.

feminina que costumamos utilizar no cotidiano: “*Muitas de nós, desde meninas, crescemos com pudor anatômico e linguístico em relação aos nossos órgãos genitais externos*”²⁸⁰. Minhas experiências pessoais também confirmam isso. Em algum momento da minha infância, meus pais sentiram a necessidade de nomear minha genitália. Por conta disso, cresci “barata” por parte de pai e “xibirico” por parte de mãe. Outras palavras foram usadas com a mesma finalidade e eventualmente circulavam em meu ambiente familiar, mas foram essas duas que marcaram meu imaginário. Talvez esse ato nominativo inaugural dos meus pais tenha me alertado para essa parte do meu corpo que era nomeada de uma forma diferente do meu braço que se chamava braço, do meu pé que se chamava pé e do meu joelho que sempre se chamou joelho. Talvez esse ato de nomeação tenha me tornado consciente da minha genitália, ao ponto de eu ter conseguido notar o surgimento dos primeiros pelos pubianos, novidade que recebi com uma preocupação infantil fruto do que eu costumava escutar minhas tias falarem. Ouvia sempre que eu era uma criança precoce: inteligente demais para minha idade; como fui uma criança gorda, então era “grande” demais para minha idade. Consequentemente, não foi diferente nem com os pelos – pubianos, das pernas e do rosto - e nem com a primeira menarca: estes também vieram cedo, antes dos 11 anos de idade.

Essas características – ser inteligente e grande demais para minha idade – eram por si só coisas muito anunciadas nas conversas no meu ambiente familiar e também na escola. Em um momento era um atributo positivo, em outro, negativo, motivo de chacota. E eu no meio de tudo isso, só queria passar despercebida, nunca queria ser o centro da conversa. Então quando os primeiros pelos pubianos apareceram, eu não queria mais uma vez ser o centro da conversa, ser a menina precoce que já tinha pelos “lá”, porque por algum motivo, eu já sabia que aquilo se transformaria em algo maior do que parecia. Ninguém nunca precisou me dizer “tira a não d’AÍ menina”, mas ainda assim pensando nisso resolvi cortar os pelos eu mesma, com uma tesoura de costura da minha tia, utensílio grande e pesado demais para mim naquela época.

Essa é uma das minhas mais vívidas lembranças: eu ainda criança, entrando no banheiro na casa das minhas tias, em um fim de tarde, segurando uma tesoura pesada e grande, escondida para que ninguém me visse e com o coração acelerado. Lembro-me de ter baixado o short, ter posicionado a tesoura e cortado. Cortei a primeira vez e

²⁸⁰ GOSÁLVEZ, Patrícia. Vulva, precisamos falar mais esta palavra. El País, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/02/cultura/1501690142_000166.html>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2018.

caíram uns fios. Cortei a segunda vez e aconteceu o mesmo. Lembro bem da sensação de estar no controle, de ser capaz de resolver meus próprios problemas. Mas em algum momento o controle foi perdido e acabei cortando parte de um dos meus lábios vaginais. Chorei, me desesperei e me arrependi logo em seguida. O sangue em minhas mãos me fez acreditar que alguma coisa muito errada tinha acontecido. Mais tarde, naquele dia, contei para minha mãe. Ela ficou preocupada, me fez mostrar a ela, e depois de ter brigado comigo porque eu poderia ter me machucado mais ainda, ela disse: “mas isso é porque você é precoce”. Conclusão: não resolvi o problema. Essa provavelmente foi minha primeira experiência com minha vulva. Os anos passaram e eu continuei tendo problemas com meus pelos. O fato é que eu não queria ter um “bicho cabeludo” entre minhas pernas, porque ouvia que aquilo podia dizer muito sobre mim. Ouvia também as mulheres da minha família se referirem às “vaginas” uma das outras como “bicho”, então isso de uma certa forma me assustava.

Quis introduzir o capítulo com esse pequeno relato biográfico porque de fato o episódio que narrei me causou impacto, tanto é que consigo lembrar tudo muito vividamente. Aquela menina precoce com medo de ter pelos na vulva achava que os pelos significavam o fim e o começo de alguma coisa que ela não sabia o que era, mas tinha uma noção pelas palavras que saíam das bocas de seus familiares. Quatro nomes para a genitália feminina aparecem aí, mas lembro de que “buceta” era outro muito comum. Nunca “vagina”, nunca “vulva”. Cedo pude perceber que essa é uma parte do corpo “*evitada já no discurso*”, que se tratava de uma palavra “*metaforizada e escondida em diminutivos que não crescem com o passar do tempo*”, tal qual afirma “*Força na vagina*”²⁸¹. Mas minha experiência com palavrões, sinônimos e falas populares não se resume a isso, no entanto, esse episódio evidencia o incômodo que é nomeá-la.

Béjin (1983, p. 239) relata que “[...] muitas vezes, com efeito – nota Gilberto Tordjman – quando se trata de órgãos e de funções sexuais, as pessoas recorrem a um vocabulário infantil ou voluntariamente de gíria. A verdade é que se tem medo das palavras”. Por essa afirmação confirma-se a dificuldade (expressa nas palavras) que as pessoas apresentam ao se referirem às partes do corpo relativas aos genitais e a algumas práticas sexuais. Parece que há a necessidade de se modificar a linguagem, como garantia de uma proteção psíquica e até social, para que possa ser mais bem aceita socialmente, como também para interiorizar uma maior tranquilidade (MAIO, 2011, p. 83).

²⁸¹ LAZARI, Marina. Força na vagina. Jornal O Povo, 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cienciaesaude/2018/01/forca-na-vagina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Sentia esse incômodo no tom de voz das pessoas ao meu redor ao pronunciarem esses diferentes nomes: falar baixo para que outras pessoas não escutassem, falar alto para expressar irritação (buceta, especialmente). Nesse jogo de palavras e tons de voz diferentes, as palavras influenciaram muito na minha forma de me relacionar com minha “vagina”. Cresci com uma curiosidade misturada com tendências ao pudor e ao medo; a repulsa também visitou meu imaginário, sentimentos que variaram a depender do contexto e do tempo. “*Será que não dizemos – vagina – porque não queremos ou porque somos ensinados a ignorar uma coisa que está ali presente no nosso corpo?*”, questiona “*Vagina: motivo de se envergonhar?*”²⁸², reflexão essa pertinente para pensarmos meu relato como os que compõem este capítulo, episódios que se repetem na vida de muitas mulheres. O texto “*O que fazer com nossas vaginas?*”²⁸³ também faz um reflexão nesse sentido:

“Não à toa, essa conversa remete à minha infância, quando eu nem sabia nomear o “elemento” no meio das pernas, mas que minha avó me ensinava em tom de piada a chamá-la de “perseguida”. Não parece haver nome melhor para definir essa parte do nosso corpo, ainda perseguida pela santa inquisição da “moral e dos bons costumes” misóginos. Da forma como fui criada, parecia que ter vagina era um fato vergonhoso: Esconde isso. Não fala disso. Não toca nela! Para um número considerável de mulheres, essa é uma história comum. Não é motivo de espanto, conseqüentemente, parece sempre haver algo errado com a nossa vagina—se odiar é um processo importante para manutenção dessa sociedade doente, onde o repúdio de tudo que está associado à mulher ou ao feminino é uma constante. Nos ensinam desde muito cedo que tocar nas nossas vaginas é feio, enquanto alguns que têm pênis crescem fazendo campeonatos de ejaculação mesmo em espaços públicos sem serem repreendidos”.

Seja qual for o nome usado, “*muitas de nós crescemos sem uma palavra compartilhada para falar de nossa vulva, o que acrescenta ao pudor anatômico, o linguístico*”, conforme “*Vulva, precisamos falar mais esta palavra*”. Tanto quanto as metáforas infantilizantes, os apelidos que remetem ao tamanho, ao cheiro e ao formato da vulva/vagina contribuem na formação de uma imagem negativa, ridicularizando a vagina, ou positiva, que as mulheres têm de si mesmas pois, ao escutar esses nomes desde cedo “*A gente vai crescendo e entendendo que é suja, que deve esconder nossos*

²⁸² ARRUDA, Regiane. Vagina: motivo de se envergonhar?. Blogueiras Feministas, 2012. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2012/05/vagina-motivo-de-se-envergonhar/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁸³ RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. Plano Feminino, 2018. Disponível em: <<https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

cheiros, mesmo que sejam naturais para todas as mulheres”, de acordo com “Em busca de novos apelidos para a vagina”²⁸⁴; aprendemos também “que peixe podre e vagina tem o mesmo odor”, que eventualmente “Carregamos um túnel “cheiroso” no meio das pernas, motivo de piada, medo, objeto de controle”. Parece uma piada inofensiva, “mas carregam um peso muito maior que uma comédia boba. Muitas mulheres realmente acabam tendo nojo de si mesmas, não conhecem suas próprias vaginas, não tocam em si mesmas”.

Durante a pesquisa de campo, descobri através do texto “*A vagina como ela é*”²⁸⁵ que “*A vagina tem mais de 4 mil apelidos (des)conhecidos*”, informação que me causou espanto pois os quatro nomes que eu conheci na infância acrescidos dos que passei a conhecer no decorrer da vida adulta não chegavam perto dessa quantidade. Confirmei essa informação quando encontrei um texto intitulado “Deslistas: Nomes populares para a vagina”²⁸⁶ disponível no site *Desciclopedia*, onde são apresentados quase 4 mil nomes e expressões conhecidos para designar a genitália feminina. Ao digitar “nomes populares para a vagina” na ferramenta de busca do Google, podemos encontrar centenas de textos que prometem elucidar essa curiosidade, mas esta foi a lista mais longa eu encontrei. Houve ainda outra que chamou minha atenção. Existe um canal de vídeos no Youtube²⁸⁷ chamado “canal100palavras”²⁸⁸ que possui aproximadamente 29 mil inscritos e 48 vídeos publicados cuja descrição diz “*Aumente seu vocabulário descobrindo que há diversas maneiras de se falar algo*”. Usualmente o foco da câmera se concentra na boca de uma mulher que fala cem palavras sobre alguma coisa qualquer. Dentre esses 48 vídeos, há um vídeo intitulado “100 palavras para: VAGINA”²⁸⁹, postado há três anos, com 880.620 visualizações e outro intitulado “100 palavras para: PÊNIS”²⁹⁰, também postado há 3 anos atrás, com 453.019

²⁸⁴ HILGERT, Ananda. Em busca de novos apelidos para a vagina. Geledés, 2015. Disponível: <<https://www.geledes.org.br/ananda-hilgert-em-busca-de-novos-apelidos-para-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁸⁵ PATROCINIO, Carol. A vagina como ela é. Revista Galileu, 2015. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/12/vagina-como-ela-e.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁸⁶ Deslistas: Nomes populares para a vagina. Desciclopedia, 2016. Disponível em: <https://desciclopedia.org/wiki/Deslistas:Nomes_populares_para_a_vagina>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁸⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/>.

²⁸⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCU64eSJuh_ZVI-2jiu1unmQ>.

²⁸⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jHt1WIdTFAY>.

²⁹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5XWgNvvMmLY>.

visualizações, dado que sugere que a palavra embora seja um tabu, também desperta a curiosidade das pessoas²⁹¹.

Em duas das fontes bibliográficas com as quais a tese dialoga encontrei mais duas outras listas. Na pesquisa de Maio (2001), ela identificou 494 nomações, enquanto Zwang (2000) identificou aproximadamente 165 nomes/expressões diferentes. A particularidade destas duas últimas listas, além de corresponderem a textos acadêmicos, é que ambos os autores empreenderam classificações a respeito das expressões simbólicas. Maio (2001, p. 156-161) categoriza-as: em nomes/expressões que evocam força, violência e vergonha; diminutivos (que também demonstram fraqueza, inocência); nomes próprios que apresentam “propensão para o deboche, como também busca trazer proximidade do órgão à pessoa” (p. 160); alimentos, “o que releva que a vulva é algo para ser ‘comido, experimentado, deliciado’ (BLACKLEDGE, 2004, p. 79, principalmente para o prazer masculino” (MAIO, 2011, p. 161); nomes de animais e receptáculos. Zwang (2000, p. 234 – 257), por sua vez, organiza os apelidos em sete categorias: “os nomes que não o são” (coisa, coiso, lá em baixo); “a situação geográfica” (meio, miolo); “as características anatômicas” (associação do monte de vênus com a proa de um navio); “as afinidades geométricas” (círculo, triângulo); “as características funcionais” (umidade, odor); “imagens e nomes do clitóris” e por fim, “a afinidade profunda” (associação com os mistérios das profundezas do mar). Como podemos observar, essas são categorias que se referem ao formato, a cor, ao tamanho, ao cheiro e a respeito da presença ou não de pelos, os quais põem em movimento simbologias que giram em torno de referências a animais, flores, alimentos, diminutivos, dentre outros, que variam entre pronúncias e dicções tanto no masculino como no feminino, e também gírias, neologismos, estrangeirismos e regionalismos que de fato são produto e produtoras de repressões e proibições, especialmente na cultura brasileira: “as palavras carregam consigo as proibições, as exigências e as expectativas que são aceitas ou interditas de acordo com determinado momento histórico-cultural” (MAIO, 2011, p. 82).

²⁹¹ Esses são dados que observei em 3 de maio de 2017.



Figura 7 - Imagem que ilustra o texto “Cheiro de buceta”.

Tanto em Schimitt (2014, p. 12-13) como em parte do corpus empírico o incomodo em nomear a genitália feminina é considerado um obstáculo, chegando até a ser comparado a uma forma de anulação não só das palavras, mas do órgão em si e também da subjetividade feminina. Schimitt atenta a essa questão, afirma que:

[...] mesmo na literatura especializada, autores optam por se referirem à genitália feminina apenas como “vagina”, esquecendo-se que a vagina em si engloba apenas o orifício que inicia no hímen e vai até o colo do útero, de acordo com a literatura médica. Dessa maneira, ao se referirem à genitália feminina apenas fazendo alusão ao canal vaginal, reproduz-se a ideia da anatomia da sexualidade feminina apenas como receptáculo.

Ecoa aqui a persistência do modelo galênico de sexo único, segundo o qual o corpo masculino é tomado como matriz de inteligibilidade para pensar a diferença sexual, tal como analisado por Thomas Laqueur (2001), produzindo-se invisibilidade e desconhecimento sobre o corpo feminino.

E por que será que são usados tantos sinônimos? Questiona Eliane Rose Maio (2011) em seu livro “O nome da coisa”. A hipótese da autora é a seguinte:

Talvez por serem recursos extremamente válidos e criativos para prover o vocabulário de expressões que traduzem nossos sentimentos. No caso dos “palavrões” proferidos em relação à sexualidade, podem servir para mascarar, agredir ou aliviar sentimentos relacionados à temática. Como este assunto é permeado por mitos e tabus, talvez o eufemismo sirva mesmo para suavizar, polir a palavra, numa ideia de substituição, para driblar ou se adaptar aos preconceitos sociais, historicamente construídos (MAIO, 2011, p. 31).

Ou ainda porque esse de fato “*não é um assunto encarado com naturalidade*”, como sugere o texto “*Toque, olhe, pense, fale*”²⁹². Já de acordo com “*O que fazer com nossas vaginas?*”²⁹³, “*As questões inerentes ao sexo feminino passam a ser consideradas indignas de serem entendidas e tratadas com a devida naturalidade*”, sendo também “*rapidamente colocadas na caixinha dos tabus*”, e quando existe o tabu, as palavras se transformam em palavrões. Palavrão, de acordo com o dicionário Aurélio significa, dentre outras definições, palavra obscena ou grosseira. Obsceno, por sua vez, significa Contrário à decência ou ao pudor; Indecente, desonesto, torpe; Lascivo; lascivo, por seu turno, Libidinoso; Sensual; Travesso, folgazão. Dizer algo indecente é cometer uma grosseria, portanto, algo que não é recomendável em situações sociais, isto é, publicamente. O palavrão é socialmente entendido como algo que se refere de forma simbólica ao campo da sexualidade, portanto, sensual, libidinoso²⁹⁴. Fazer uso de palavras que não correspondem a essas categorias é mais recomendável, eis que a necessidade faz com que sejam criados sinônimos e que estes, sendo popularizados, se tornam falas populares²⁹⁵. Esse processo acontece, de acordo com Maio (2011, p. 85), “principalmente pela repressão que permeia essa atividade humana”.

“A repressão da pronúncia das palavras é antiga e violenta”, como assinala Maio (2011, p. 58) porque denota posicionamentos políticos e culturais que dizem muito sobre as normas de sexo e papéis de gênero na sociedade porque derivam de ideias que são negativas. Com o pênis as coisas são diferentes, porque, continuando com a autora, “A auto-imagem e a auto-estima do homem continuam dependente da sua empatia com o pênis” (MAIO, 2011, p. 89), e as mulheres “não têm a mesma amizade por suas vaginas e vulvas, sem dúvida, porque é preciso fazer um esforço para enxergá-las. É difícil ficar amiga de quem não se consegue ver” (MAIO, 2011, p. 160), mas porque

²⁹² TERRA, Adriana. Toque, olhe, pense, fale. Tab Uol, 2017. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/vagina#toque-olhe-pense-fale>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁹³ RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. Plano Feminino, 2018. Disponível em: <<https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁹⁴ “Os autores [Masters e Johnson] complementam que os sentimentos que algumas pessoas têm sobre as partes sexuais do corpo, assim como sobre práticas sexuais, são refletidos nas palavras que empregam para falar sobre elas. Observam que algumas palavras são consideradas ‘[...] boas’ e ‘adequadas’, enquanto outras são ‘feias’ ou ‘grosseiras’. Essa diferenciação é devida à maneira como interpretamos as palavras, não a uma propriedade inerente às palavras em si” (MASTERS; JOHNSON, 1988, p. 31)” (MAIO, 2011, p. 80).

²⁹⁵ “Também é importante indagarmos, como diz Barbosa (1984), a razão pela qual acabamos por transgredir as normas, criando palavras, ‘palavrões’, sinônimos e falas populares para exprimir aquilo de que temos vergonha, pudor ou nojo de expor socialmente (a sujeira, o escárnio, improbidades) e o que não podemos esquecer, o desejo” (MAIO, 2011, p. 86).

ele recebe apelidos que remetem ao seu formato que não são pejorativos, tais como “cenoura, nabo, cano, anaconda, espeto e tantos outros mais”²⁹⁶ enquanto:

“à vagina direciona-se outro tipo de apelido, muito mais pejorativo, como: bacalhau; carne mijada; nugget de peixe; marisco; suvaco de coxa; túnel cheiroso; suadinha. A vagina e seus perseguidos odores! Fedor de peixe, suor, mijo. A vagina é nojenta, tem mau cheiro. Tudo que o homem hétero quer é que sua estaca crave esse marisco, mas sem abrir mão de rebaixar essa pobre carne mijada ao seu devido lugar”.

Citando o livro *A história da V: abrindo a Caixa de Pandora*, Maio (2011, p. 95) “afirma que as palavras para designar essa parte corporal feminina, são compreendidas como perturbadoras, e assim são mais difíceis de serem verbalizadas” (MAIO, 2011, p. 95). Nesse sentido, “mesmo falar ‘vagina’ ou ‘vulva’, que são nomes científicos, continua uma questão contemporânea, seja no público ou no privado”²⁹⁷. A “dificuldade de falar vagina”²⁹⁸, é considerado um “problema sério” e internacional em “*Libera a vagina!*”²⁹⁹.

O tabu em torno das palavras “vagina” e “vulva” podem provocar situações inusitadas como relata “*A dita cuja*”³⁰⁰, como por exemplo: “em 2007, três alunos do ensino médio foram suspensos por terem falado ‘vagina’” durante uma discussão sobre o famoso livro de Eve Ensler, *Monólogos da Vagina*, e que “em 2012, uma política norte-americana foi expulsa do plenário por ter falado ‘vagina’ durante a discussão de um projeto de lei sobre aborto com deputados republicanos, no que ficou conhecido como o *Vaginagate*”. O desconforto com as palavras revela um desconforto com tudo o que diz respeito ao órgão, além de causar “*estranhamento e até mesmo nojo, como se estivéssemos falando de algo sujo ou que devesse continuar escondido*”.

“Vagina” e “vulva” são palavras que possuem cada uma, uma história diferente e que evocam lugares sociais diferentes. “Vagina” é, por exemplo, também a palavra usada nos títulos das fontes bibliográficas com as quais a tese dialoga, com exceção de Liv Strömquist (2018), pois ela utiliza ambas, para falar tanto da parte externa como

²⁹⁶ HILGERT, Ananda. Em busca de novos apelidos para a vagina. Geledés, 2015. Disponível: <<https://www.geledes.org.br/ananda-hilgert-em-busca-de-novos-apelidos-para-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁹⁷ TERRA, Adriana. Toque, olhe, pense, fale. Tab Uol, 2017. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/vagina#toque-olhe-pense-fale>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

²⁹⁸ Pereira, L. d. A dita cuja. Revista Trip, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/a-dita-cuja>>. Acesso em 31 de mar. 2019.

²⁹⁹ LEMOS, Nina. Libera a vagina! Revista Trip, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/libera-a-vagina>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁰⁰ Pereira, L. d. A dita cuja. Revista Trip, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/a-dita-cuja>>. Acesso em 31 de mar. 2019.

interna do órgão. Esta, como afirma Maio (2011), é a “mais bem assimilada como o órgão sexual feminino, como um simbólico buraco, receptáculo para guardar algo, que seria o pênis”, ou seja, remete à passividade, mesmo quando usada para fazer referência à sua parte externa³⁰¹. Zwang (2000) se refere metaforicamente a ela como “porto de chegada”, além de “caverna fascinante e cheia de mistérios”, “locus da feminilidade”, “terra prometida” e “órgão do amor”, todos derivados de uma mesma ideia: a passividade e, conseqüentemente, com a feminilidade. Esta palavra, “no mínimo, soa como uma infecção, talvez um instrumento médico”, afirma Eve Ensler em *Os Monólogos da Vagina* (2000, p. 27).

Blackledge (2004) faz referência à etimologia da palavra *vagina* e explica que, em latim, a palavra originalmente teria relação com a bainha de proteção da espada. No entanto, no século XVI, a palavra começa a ser usada para denominar parte específica do corpo feminino. Apesar de não haver uma referência exata, acredita-se que Matteo Realdo Colombo, anatomista italiano, teria sido o primeiro a utilizar tal palavra no sentido que conhecemos hoje. Todavia, passaram-se quase cem anos para que esta fosse utilizada como termo padrão na área médica. Assim como a expressão *vagina*, o termo *genitália* também faz alusão às qualidades reprodutivas da mulher, já que provém de *genitalis* do latim, que faz referência à geração, portanto, à reprodução (SCHIMITT, 2014, p. 13).

“Vulva”, por sua vez, “é muito clínico” (BLACKLEDGE, 2004, p. 62 apud MAIO, 2011, p. 95), é parte da “linguagem médica” (ainda que “vagina” também seja). Observa-se ainda uma questão em torno das palavras “genitais” e “genitália”, pois ambas “derivam da representação desses órgãos como partes da geração. Pode-se dizer que há aqui um jogo escondido, já que tal vocabulário atribui uma função específica à genitália”, ou seja, são termos que reduzem essa parte do corpo à reprodução sexual, embora “Conceber crianças definitivamente não é o que a vagina e o pênis mais fazem. É significativo que essa terminologia omite toda e qualquer referência a esses órgãos também como órgãos de êxtase e prazer, capazes de produzir orgasmos, além de bebês” (BLACKLEDGE, 2004, p. 63-64 apud MAIO, 2011, p. 97). Outros termos como “buceta” e “chana” e carregam um simbolismo forte, estereótipos sexuais, e são

³⁰¹ “Um dos problemas frequentes com a compreensão real da sexualidade feminina em nossa cultura é que toda nossa linguagem a respeito da vagina posiciona a mulher em um estado de passividade sexual e retrata o homem envolvido como o perseguidor sexual – em vez de entender que a vagina também está na busca” (WOLF, 2013, p. 324).

encaradas com hostilidade em contextos diferentes por evocarem “palavras visuais” (Zwang, 2000, p. 28)³⁰².

Existe aí uma negociação dos significados em torno dessa parte do corpo da mulher que não pode ser explicitada, ou que deve ficar no campo do privado, local de onde ela, essa cujo nome deve ser evitado ou dito através de metáforas, não deve sair. É “*vulgar*” falar nela em público, conquanto seja permitido em determinados lugares sociais como o consultório médico, o quarto, a pornografia. Cada tipo de palavra usada pra designá-la evoca um determinado saber sobre ela, uma determinada informação, palavra que almeja alcançar a “proprietária” da genitália. Em tom de piada, ela é chamada de “carne mijada” tendo em vista a proximidade com fluidos corporais e urina. É chamada de “bacalhau” tendo em vista a hipótese de que ela pode ser mal cheirosa. E também é chamada de “floresta amazônica” tendo em vista a hipótese de que ela seja peluda. Cada apelido nos leva a um ou vários caminhos diferentes, evocam sentidos diferentes sobre o que é e como deve ser uma vulva, como se assim evocasse uma verdade sobre ela e sobre sua “proprietária”, referente ao seu formato, tamanho, cor, cheiro, textura.

Existe uma frase que é atribuída a Virginia Woolf que diz: “A coisa nenhuma deveria ser dado um nome, pois há perigo de que esse nome a transforme”. Penso que é exatamente isso que acontece: ela é transformada pelos nomes atribuídos a ela, mas também pelos atores e lugares sociais. O poder que existe no ato de nomear algo ou alguma coisa é um poder de fazer existir essa coisa – assim como poder negar realidades. Essa ideia coaduna com o que Roxane Gay (2017, p. 215-126) fala acerca de como as pessoas costumam rotular o que ela chama de “corpos indisciplinados”, sendo o corpo da mulher o mais vigiado e controlado dentre os corpos humanos. Obviamente falo aqui de corpos que constituem a matriz de inteligibilidade heteronormativa, a qual tem como base o binarismo homem-pênis e mulher-vagina. Roxane Gay diz o seguinte:

Existe uma taxonomia para o corpo humano indisciplinado, acima do peso, e essa taxonomia se torna mais específica para o corpo o indisciplinado de uma mulher. Como uma mulher gorda, me tornei intimamente familiar com essa taxonomia, pois esse é o vernáculo com o qual as pessoas demais discutem meu corpo e suas partes. Na cultura, de maneira geral, mulheres gordas

³⁰² “É importante enfatizar que algumas palavras trazem consigo um juízo de valor quanto ao seu uso. E falar de sexualidade empregando novas palavras que designam as partes genitais e algumas práticas sexuais traz uma variante ainda mais própria, mais íntima, para a discussão, pois elas podem criar confusões e até diferenciações em seu entendimento” (MAIO, 2011, p. 82).

podem ser muitas coisas entre pessoas educadas – MGB (mulher grande e bela) ou MMGB (mulher muito grande e bela). Ela pode ser arredondada, curvilínea, rechonchuda, cheinha, agradavelmente carnuda, roliça, ‘saudável’, pesada, forte, vigorosa, robusta ou parruda. Entre as pessoas mal-educadas, uma mulher gorda pode ser uma porca, porca gorda, vaca, vaca prenha, balofa, balão, banhuda, um poço de banha, dragão, baranga, baleia, elefante, jaburu e mais uma porção de nomes que não tenho ânimo para compartilhar. Quando se trata de nossa vestimenta, temos tamanho GG, moda plus size ou numeração extragrande. Partes específicas do corpo, ‘regiões problemáticas’, também ganham rótulos – bunda de geleia, pandeiro, padaria, pneus, queixo duplo, pança, gordurinhas, braços de biscoiteira, coxas gordas, etc. Esses termos – os clínicos, os informais, as gírias e os insultuosos – são todos destinados a lembrar pessoas gordas de que nosso corpo não é normal. Nosso corpo é tão problemático que possui designações específicas. É uma coisa horrível ter nosso corpo tão rudemente, publicamente dissecado, definido e difamado.

As formas de evitação das palavras pressupõe um “*silenciamento silenciosamente imposto*”, de acordo com “*Por que é importante falar de buceta?*”³⁰³ que não permite que a energia d’aquela cujo nome não se fala³⁰⁴, possa fluir. “*O nosso sexo*”³⁰⁵ corrobora essa afirmação observando que “*Evitamos qualquer menção ao nosso sexo, especialmente na frente dos homens, porque a vulva é sempre suja ou pornográfica – o que pode dar na mesma. Insinua-se o mal cheiro, a presença abominável de pelos e as anatomias depreciáveis*”. Schmitt (2014, p. 43-44) acrescenta:

[...] dados apresentados pelo “The International Vagina Dialogue Survey”²⁰ nos fornecem pistas para uma compreensão mais situada deste fenômeno. O estudo entrevistou 9.441 mulheres de 30 diferentes países sobre suas atitudes, percepções e conhecimentos sobre suas vaginas (aqui entendida como parte externa e interna da genitália feminina), e mostrou que 60% supõem que o tamanho e aparência de suas genitálias não são adequados, dado que contribui para denotar a importância de estudos mais aprofundados acerca dos padrões de adequação e normalidade acionados pelas práticas cirúrgicas voltadas à genitália feminina. Além disso, o survey apresenta outros inúmeros dados relevantes, tais como: 47% das mulheres entrevistadas admitem ser a vagina a parte do corpo que conhecem menos; apenas 41% observam a vagina de forma regular; 27% relatam saber exatamente como é a aparência de suas genitálias, 48% têm uma razoável ideia e 24% têm uma ideia parcial ou não sabem como é a aparência de suas vaginas. Todavia, 78% das entrevistadas concordam que os tabus sociais causam inúmeros equívocos em relação ao tema em questão.

³⁰³ CARVALHO, A. C. Por que é importante falar de buceta?. Medium, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@annaclaracarvalho/por-que-%C3%A9-importante-falar-de-buceta-1bf826679d1e>>. acesso em: 31 mar. 2019.

³⁰⁴ PATROCINIO, Carol. A vagina como ela é. Revista Galileu, 2015. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/12/vagina-como-ela-e.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁰⁵ AVILA, Rebeca. O nosso sexo. Re, escreva e reescreva, 2013. Disponível em: <<https://reescreva.me/2013/03/31/o-nosso-sexo/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Wolf (2013, 209) recorda que o filósofo John Austin em *How to Do Things with Words* fala sobre os “enunciados performativos”, isto é, palavras ou expressões que causam efeitos físicos reais, que alteram a realidade, e que frequentemente são usadas como forma de controle social. Há, ainda, queixas sobre grande quantidade de nomes possíveis, que faz parecer que a “vagina” está passando por uma “*crise de identidade*”. É comum que o termo “vagina”, por exemplo, seja usado para designar a totalidade do órgão, mesmo que seja apenas a parte interna dele. Como nos aconselha Eliane Rose Maio (2011, p. 77-78), é importante lembrarmos que:

[...] o valor semântico das palavras não é estático, mas certas evoluções históricas, bem como regionais, sociais, políticas e culturais influenciam a sua transmutação ou a pluralidade de seus significados. Do mesmo modo, muitas palavras (neologismos, estrangeirismos etc.) são integradas à linguagem em sua forma original, antes de sofrer uma possível transformação ou adaptação pelas regras que regem o idioma de acolhimento.

Marie-France Dépêche (2008, p. 209) nos lembra da importância das palavras na construção das coisas. Palavras têm uma materialidade que se desenvolve no social, criam realidades, expressam interpretações de mundo. A linguagem, diz-nos a autora, “é uma máquina simbólico-ideológica”, “uma instituição instável, um lugar de exercício do poder, de confronto entre forças adversas e, portanto, potencialmente violenta, principalmente quando define, a partir dos corpos, os lugares de fala e de inserção sócio-política”. E numa sociedade regida pelo “sistema patriarcal eminentemente polarizado masculino/feminino, a linguagem se coloca a serviço da ideologia ambiente, fazendo a apologia da força para impor o poder de um sobre o outro”. Esse poder reforçado constantemente nesse tipo de sistema não precisa se manifestar através de uma violência material para fazer-se presente, e também nem sempre é manifestado de forma explícita, já que pode ser expressa em forma de “brincadeira”. A autora acrescenta que “Entre representação e intervenção, a linguagem se encaixa nos sistemas de opressão, mas de maneira sutil, a ponto de não ser tomada a sério, como se fosse branda em relação às agressões físicas” (DÉPÊCHE, 2008, p. 212).

Do ponto de vista da linguagem enquanto uma instituição social, podemos observar que práticas discriminatórias machistas e racistas podem se manifestar em forma de apelidos e usos de metáforas que configuram intimidação e insultos sexuais, invasão de privacidade e violação da intimidade, e violam o que para o feminismo é fundamental: a propriedade de si, que Biroli (2014, p. 112) assinala como algo que “foi

codificada de maneiras distintas para homens e mulheres”. Os exemplos que menciono são algumas das formas mais sutis de violência misógina cometidas contra as mulheres, e é no cotidiano que elas se manifestam, que são naturalizadas, já que “O cotidiano permite sentir de perto as agressões ‘benignas’ da linguagem, que resvalam para a agressão física” (DÉPÊCHE, 2008, p. 216) (sic), e como demonstra o *corpus* empírico, “*A violência contra a vagina é disseminada no cotidiano*”³⁰⁶.

A teoria e a prática feminista apontam que historicamente várias formas culturais do Ocidente foram e continuam sendo misóginas e que todas nós podemos recuperar algum episódio em nossas memórias no qual nos sentimos invadidas e constrangidas pelas “formas cotidianas da dominação masculina” (BIROLI, 2014, p. 43). Essa é uma prova “do grau em que a violência misógina condiciona a experiência feminina em sociedades como as nossas” (DAVIS, 2017, p. 43), de mulheres de todas as raças e classes sociais, independentemente de sua orientação sexual e nacionalidade.

Considero como misoginia não apenas uma forma de expressão explícita de ódio ou aversão cujo alvo são as mulheres, mas também, como sugere Bloch (1995, p. 13), um modo de falar sobre as mulheres no qual “a mulher é o sujeito da frase e o predicado um termo mais geral”, no qual mulheres são transformadas em uma “essência que, enquanto essência, é eliminada do palco histórico do mundo”. E essa transformação é violenta, um reflexo da violência entranhada na sociedade de modo geral. Bloch (1995, p. 13) acrescenta que o discurso da misoginia é repetitivo e monótono, quase ritualístico, afirmação corroborada por Dépêche (2008, p. 217): a autora diz que “a linguagem é violenta ao criar materialidades hierarquizadas por engendrar assujeitamentos em suas pedagogias sociais e no próprio aprendizado da língua, violento instrumento de separação, oposição, exclusão, criando uma sociedade violenta que, por sua vez, cria uma linguagem violenta e autoriza a violência física”.

O episódio da “buceta rosa” é um exemplo de como tratamentos discriminatórios racistas e misóginos se manifestam na sociedade contemporânea. Sua espetacularização, isto é, o compartilhamento de alcance internacional e em rede através das mídias digitais, demonstra que situações como essas são banalizadas já que encontram terreno para se manifestarem.

³⁰⁶ BRUM, E. Vagina. El País, 2013. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/09/opinion/1386595765_588331.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Debord (2003) define como a “sociedade do espetáculo” a sociedade em que vivemos, na qual há uma intensificação do consumo de imagens por ávidos espectadores, onde tudo vira mercadoria. E de acordo com o pensamento feminista as mulheres são “ser - percebido, sempre sob o olhar dos outros” (NÃO ME KAHLO, 2016, p. 30) e “espécie a ser consumida, apropriada pelo conjunto dos homens” (DÉPÊCHE, 2008, p. 213), isto é, mercadoria por excelência dessa sociedade que tudo mercantiliza e objetifica seja através da redução de uma pessoa a um órgão sexual ou dos “mecanismos opressivos da beleza” (BIROLI, 2014, p. 118). Além disso, a linguagem naturaliza o corpo feminino como corpo feito para o prazer masculino e “justifica qualquer ato violento de um homem em qualquer mulher no mundo” (DÉPÊCHE, 2008, p. 211).

A partir do momento em que um insulto sexual a uma mulher é naturalizado como uma “brincadeira”, afirma-se com isso que essa é uma prática que constitui a masculinidade hegemônica, e vice-versa. Biroli (2014, p. 111), lembrando sobre a questão da diferença da propriedade de si entre homens e mulheres, afirma que “é necessário desnaturalizar o direito de alguns de governar outros” (BIROLI, 2014, p. 111). Se “brincadeiras” que dizem respeito a partes do corpo das mulheres fazem parte da normalidade da masculinidade hegemônica, significa a cultura reforçando mais uma vez que mulheres não tem poder sobre seus corpos. É preciso, pois, que a linguagem seja usada como um dos instrumentos de transformação.

Como, então, lidar com o tabu linguístico? Existem muitas narrativas que reivindicam determinados termos – porque são consideradas e ressignificadas como palavras fortes, empoderadoras - ou que os rejeitam – porque são consideradas pejorativas e ofensivas. Há inclusive quem afirme que “*todos os nomes possíveis nos constroem*”³⁰⁷ porque parece que há sempre uma associação com o “*obscuro, ao desconhecido – à intimidade e ao segredo*”. Mas “As mulheres estão tentando ‘responder’ ou ‘retribuir o xingamento’” (WOLF, 2013, p. 237). Karen, Kelly, Lóri, Adriana, Molly e Hilde sugerem alguns caminhos. Na descrição de seu projeto, Molly decidiu justificar o uso da palavra “*pussy*” – equivalente a buceta em português - ao invés de “vulva” e “vagina”. Em primeiro lugar, ela considera o nome mais chamativo, em segundo lugar porque é o nome que mais usa no âmbito do privado e que ela acha ser amplamente conhecida e utilizada. Em sua fala ela atenta para a “*confusão sobre a*

³⁰⁷ AVILA, Rebeca. O nosso sexo. Re, escreva e reescreva, 2013. Disponível em: <<https://reescreva.me/2013/03/31/o-nosso-sexo/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

[...] quanto mais mulheres começarem a dizer a palavra, menos isso parecerá uma grande coisa! A palavra se tornará parte da nossa linguagem, parte de nossas vidas. Nossas vaginas se tornarão integradas, respeitadas e sagradas. Elas passarão a ser parte dos nossos corpos, conectadas às nossas mentes; passarão a alimentar o nosso espírito. E a vergonha irá embora, e a violação parará porque nossas vaginas são visíveis e reais.

Como diz o título do primeiro texto que aparece no início do capítulo “*Vulva, precisamos falar mais esta palavra*”, assim como de “vulvas”, “bucetas”, etc. “*Por que é importante falar de buceta*” então? Falar “*buceta*” porque significa “*a autonomia que não somos incitados a ter sobre nossos corpos*” e porque significa uma conexão e revolução: “*uma revolução desde que comecei a falar buceta em voz alta, a berrar buceta, a cantar buceta, a ser buceta, a amar buceta*”, que sente “*menos dependente do olhar do outro para me movimentar, mais conectada comigo mesma e com o que é essencial*”.

Kelly e Karen, criadoras do LB me contaram durante uma conversa que tivemos via Skype em maio de 2017 que um dos primeiros *feedbacks* que tiveram das pessoas mais próximas a elas, quando criaram o projeto, foi o questionamento sobre o nome que escolheram para batizá-lo “*se era pornografia ou se não era. E aí a gente foi lidando com essas questões*”.

3.2. “Eu tinha perdido minha voz, mas tinha palavras”³¹⁰: sobre silêncios, monólogos e diálogos

3.2.1 Rompendo silêncios³¹¹: as oficinas e as pedagogias feministas

Na Introdução comento que havia tentado incorporar um terceiro universo empírico através de uma experimentação presencial. Estou me referindo a uma oficina que resolvi realizar inspirada nos projetos LLP, PPP, VLL, TVG, dentre outros, no que

³¹⁰ GAY, 2017.

³¹¹ Em “Os silêncios do corpo da mulher”, Michelle Perrot (2003, p. 13 -22) comenta o silêncio que envolve o corpo feminino, este corpo cercado por paradoxos e ambiguidades, sobretudo sobre sua “vida íntima”, “reforçado ao logo do tempo pelo discurso médico ou político”. Embora seja silenciado, o corpo feminino está representado em todo lugar, é onipresente nas obras de poetas, médicos, políticos, aparece em quadros, esculturas, cartazes. Mas ainda que sejam expostas como objeto de desejo e do olhar masculino, as mulheres foram e são ainda desautorizadas a falarem abertamente sobre seus corpos e sua intimidade. Existe um pudor “que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios” que a autora identifica como sendo “a própria marca da feminilidade”. Ser mulher é, portanto, possuir a virtude do silêncio, do comedimento, é ter pudores. Nesse sentido podemos pensar o corpo da mulher como um corpo paradoxalmente “silencioso e dissecado”, público e privado, cercado de códigos que variam de acordo com o lugar e o tempo.

havia lido sobre a oficina “*Fique Amiga Dela*”³¹² (DINIZ, et.al., 2000; 2003), sobre pedagogias feministas (SANDENBERG, 2011; SANTOS, 2012; hooks, 2013; PAIVA et. al., 2015; SILVA, 2016) e na atmosfera do livro *Os monólogos da vagina* (Ensler, 2000). Mas antes de relatar minha experiência, gostaria de contextualizá-la identificando esses pontos de inspiração que acabo de mencionar.

A oficina “Fique Amiga Dela” é promovida pelo Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde (CFSS). A oficina, em parceria com a Coordenação Nacional de DST/AIDS desde 2000, com o Ministério da Saúde e a UNESCO, surgiu a partir da experiência com as consultas individuais oferecidas pelo coletivo, nas quais “*a mulher é convidada a conhecer e saber mais sobre seus genitais e secreções, com ênfase no que é normal e na promoção da saúde*” (DINIZ, 2003). Em 2002 foi trabalhada a “*promoção do auto-cuidado com a saúde sexual das mulheres e dos homens, em parceria com o CES (Centro de Educação em Saúde)*”. Tanto o site, como a cartilha e a apresentação de slides utilizados durante a oficina são divididas em três partes: 1) “*a anatomia genital e como promover a forma saudável e ter uma vagina poderosa*”; 2) “*a fisiologia genital e como promover o funcionamento saudável*”, e por fim; 3) “*a ecologia vaginal, como promover o equilíbrio das secreções e prevenir doenças sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS*”³¹³. De acordo com as proponentes da oficina, a promoção dos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres é um direito de todos, mulheres e “*homens de boa vontade, de usufruir da sexualidade de maneira saudável e prazerosa e o direito à integridade corporal*”, enfatizando o “*autoconhecimento, a promoção da saúde e à prevenção de problemas (doenças)*”.

De acordo com Diniz et.al (2000) a história do CFSS é importante “para a história do movimento de mulheres no Brasil, dentro do contexto de democratização e construção de cidadania”. Fundado em 1981, em São Paulo, por Elisabeth Souza Lobo, Maria José de Oliveira Araújo e Maria Tereza Verardo, cujas propostas, em síntese, eram resgatar a saúde como uma questão de direito das mulheres e a discutir coletivamente sobre as questões políticas e pessoais vivenciadas na época, como maternidade, aborto, mortalidade materna, orgasmo, métodos contraceptivos, DSTs/AIDS, etc. As primeiras atuações do Coletivo foram a realização de cursos de sensibilização para questões relacionadas à saúde das mulheres, em sindicatos,

³¹² Disponível em: <http://mulheres.org.br/v1/fiqueamigadela/index.html>.

³¹³ Disponível em: Link: <http://mulheres.org.br/v1/fiqueamigadela/apresentacao.html>. Acesso em: 4 de dezembro de 2016.

associações de bairros e demais entidades localizados na periferia de São Paulo e vizinhança, com o propósito de possibilitar às mulheres a reflexão sobre seus corpos, saúde, contracepção e maternidade, e também instigar a participação de outras mulheres na política em favor de reivindicações por melhores condições de vida para todas. Com o acúmulo de experiências e posteriormente ampliação dos cursos oferecidos pelo CFSS, em São Paulo foi criado um grupo com o intuito de trabalhar na formação de mulheres com a finalidade de possibilitar que elas se tornassem multiplicadoras das ideias e propostas do movimento. Dentre os resultados desse trabalho, consta a elaboração de materiais educativos provenientes de temas trabalhados nos cursos, como o caderno “O Prazer é Revolucionário” (PAIVA, 2015, p. 687) e a cartilha da oficina “Fique Amiga dela” (DINIZ, 2003).

Em setembro de 2016 tive acesso a dois relatos de mulheres que foram “atendidas” no CFSS, nos quais ambas relatam com encantamento a experiência de “brincar de médica de si mesma” e de conhecer o próprio colo do útero no âmbito das consultas que tiveram. Um dos relatos³¹⁴ foi publicado no Facebook em 21 de setembro de 2016³¹⁵. Na postagem, a “atendida” descreve a médica e o espaço no qual fora recebida, ambos incomuns para ela, tendo em vista que “em ambientes de saúde, eu sempre sei quem é o médico só de olhar”. Exceto alguns “itens imprescindíveis de uma g.o.”³¹⁶. (cama forrada com papel, alguns materiais descartáveis), a conversa progrediu de “coisas não comuns para uma consulta a assuntos ginecológicos”. O que parece mais surpreendente de acordo com a autora da narrativa foi quando a médica ajudou-a, a se examinar, dando o instrumento, a perneira, para que a própria colocasse em si mesma, entregando em seguida um espelho para que a “atendida” pudesse ver o próprio colo do útero. Nesse momento, podemos perceber o encantamento diante da “horizontalidade da experiência e de descoberta” do próprio corpo:

“Cara, o colo do útero é lindo. Ver é bem diferente de conhecê-lo por toque. Eu saí chocada que em 25 anos nunca nenhum ginecologista dividiu comigo essa imagem de algo meu. Simplesmente uma parte muito importante está omitida das mulheres. Algumas talvez não queiram ver como é, outras talvez conheçam e achem feio, mas é uma loucura pensar que pra quase zero essa chance é dada. Eu achei muito poético. É unicamente feminino, participa do processo menstrual, da fecundação, do parto. Muda de acordo com o momento do nosso ciclo, nos dá as informações pra entendermos os

³¹⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/erica.asaz/posts/1184455064945126>>. Acesso em: 13 de out. de 2016.

³¹⁵ A postagem, em 13 de outubro de 2016 já possuía mais de 19 mil curtidas, aproximadamente 4.200 compartilhamentos e mais de 2 mil comentários.

³¹⁶ Ginecologista Obstetra.

processos do nosso corpo. É a parte visível de um órgão de poder. Não faz sentido nenhum que consideremos uma zona escura e desconhecida o que está além de dois dedos da entrada da vagina. Somos em grande maioria, e me incluo, ignorantes sobre nosso funcionamento, falhamos solenemente quando poderíamos entender porque x está y através de auto-percepção e só. Mas a culpa não é nossa, já sabemos bem nossas chances (ou falta de) aqui e agora. Não nos dão esse voto de confiança nem essa auto-estima para nos regermos por questões de perigo de revolução”.

No segundo relato³¹⁷, a “*atendida*” exclama que encontrou “*um oásis no meio do deserto de profissionais de saúde que cuidam de mulheres*”, também referindo-se a uma consulta experienciada no coletivo. Esta, por sua vez, também chama atenção para a aparência do local, “*sem cara de consultório, com coletores e absorventes ecológicos menstruais e diafragmas no armário logo na entrada, folhetos e cartões de profissionais holísticos, mulheres de todos os tipos transitando*”. Essa situação, para ela, é uma novidade, pois o “*comum é cada um no seu consultório, no máximo, numa clínica, onde cada um fica no seu quadrado*”, mas no coletivo é diferente, tendo em vista que a médica fez algumas perguntas “*e não assumiu nada, não tomou decisões por mim, não me forçou a ABSOLUTAMENTE NADA!*”

“Tirei a calcinha, arreganhei as pernas e ela veio me oferecendo o espelho para eu mesma colocar. Me orientou como fazer, colocou o espelho e uma luz, e lá fui eu brincar de médica de mim mesma. Fiz, ela abriu, e voilá, minha linda vagina enrugadinha por dentro com um colo do útero espetacularmente aveludado com um pouco de fluido cervical branquinho. Fiquei absolutamente encantada. Foi uma das experiências mais incríveis da minha vida! Uma coisa é eu me tocar com o dedos, sentir as texturas, a umidade, as contrações. Outra coisa é ver aquela belezura toda como nos livros que eu venho estudando há tantos anos, só que ao invés de ser de uma mulher desconhecida, ser a minha vagina, meu colo do útero, meu corpo ali sendo apresentado para mim primeira vez. Fiquei pensando: quantas de nós nem os dedos coloca ali embaixo? Muito menos olha a própria vagina no espelho? E ainda acha estranho e/ou nojento olhar ou tocar seu próprio corpo?”.

Diante desses relatos, fiquei muito interessada em conhecer um pouco mais sobre tipos de metodologias que podem ser desenvolvidas em oficinas como “*Fique Amiga Dela*”, que possibilitassem uma experiência de proximidade afetiva que eu senti que havia em ambos. Seria possível realizar uma oficina com proposta semelhante em Fortaleza? Seria eu capaz de conduzir/mediar uma conversa sobre vaginas

³¹⁷ SETÚBAL, M. Minha visita a uma ginecologista feminista. Melissa Setubal Saúde Integrativa, 2016. Disponível em: <<http://www.melissetubal.com.br/minha-visita-a-uma-gineco-feminista/>>. Acesso em: 14 de out. 2016.

presencialmente? Então para conhecer um pouco mais sobre o assunto, resolvi consultar algumas referências que eu havia encontrado ao pesquisar no Google Acadêmico o termo “pedagogias feministas”, ainda naquele ano de 2016.

Paiva et al. (2015) tecem reflexões sobre as possibilidades e potencialidades da prática educativa em saúde sexual e reprodutiva, segundo o Movimento Feminista – no Brasil, marcado pela diversidade (MESQUITA, 2005), que considera a integralidade³¹⁸ como norteadora das ações educativas³¹⁹, partindo da valorização do sujeito e das suas experiências de vida. Essa seria uma iniciativa que visa a humanização dos cuidados em saúde que surge da “preocupação com a humanização da assistência e a sensibilização da equipe e das instituições de saúde, que tem como alvo atendentes, que como cuidadores, também demandam atenção” e atendidos, através do “respeito à individualidade das pessoas, da escuta atenta, da valorização das crenças e da comunicação”, considerados “ingredientes básicos da humanização” (CAMPOS, 2007, p. 979). Os temas saúde sexual e reprodutiva femininos são temas de saúde contemplados pela estratégia educativa desde o Movimento Feminista e do PAISM³²⁰, considerados essenciais para estimular o “empoderamento” das mulheres no cuidado com sua vida e saúde (PAIVA et. al., 2015, p. 686).

Paiva et. al. (2015, p. 687) e Sandenberg (2011, p. 22) destacam que grupos de mulheres que refletiam conjuntamente sobre o cotidiano do “ser mulher” foram difundidos pelos Estados Unidos e incorporados ao Movimento Feminista internacional, em 1966, na época, pequenos grupos autônomos cujos membros realizavam reuniões semanais nas casas umas das outras e utilizavam nas reuniões a técnica chinesa de “Falar da Dor para Reviver a Dor” (e assim, superá-la). Assim, era possível o diálogo sobre vivências/experiências acerca de temas de interesse das participantes: sexualidade,

³¹⁸ A visão de integralidade proposta pelo feminismo tem como propósito colocar a mulher como em uma posição diferente do que a sociedade hegemonicamente a coloca, enquanto um sujeito de direitos, que seja “percebida como uma totalidade, e não reduzida a um corpo reprodutivo, individual ou populacional” (D’OLIVEIRA, 1999, p. 108). Contudo, o movimento de mulheres que resiste a dominação masculina e do saber médico sobre o corpo feminino é também o mesmo que solicita que as mulheres tenham um acesso mais igualitário e amplo aos serviços de saúde.

³¹⁹ Com base na “prática educativa feminista” que, de acordo com Paiva (2015, p. 689), faz a utilização de metodologias construtivas e participativas que objetivam valorizar a igualdade a partir da participação ativa das pessoas participantes em “dinâmicas de incentivo ao trabalho em equipe, oficinas, seminários e módulos participativos, com eventos que estimulem a participação e o diálogo, geradores de processos de autoestima, autonomia e empoderamento; elaboração de cartilhas e manuais interativos, entre outros recursos didáticos”.

³²⁰ D’Oliveira (1999) reitera que o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, o PAISM, foi lançado no Brasil pelo Ministério da Saúde no início dos anos 1980 influenciado por diversas correntes de saber e práticas sociais, dentre elas o feminismo.

maternidade, relações afetivas e de trabalho, dentre outros. Esses grupos deram margem à conotação “o pessoal é político” como princípio norteador das práticas político-pedagógicas feministas. Então, pouco tempo depois, essa prática se difundiu pelos Estados Unidos, sendo depois incorporada ao movimento feminista internacional.

Na década de 1960 a bandeira “o pessoal é político” ganha vulto, politizando o privado, “desfazendo as tradicionais barreiras que opõem o público-masculino ao privado-feminino”. Com isso, assumiu-se a discussão pública de aspectos da sexualidade (RAGO, 2001, p. 64, tirando muitos “*assuntos-que-não-devem-ser-falados*”³²¹ do armário, revelando que não “existe um corpo da mulher fixo, unívoco, a-histórico” (ZORDAN, 2003, p. 277). Falar do próprio corpo e das próprias dificuldade de ser mulher foi important porque “a sanidade mental das mulheres foi salva quando elas alardearam essas experiências que mantinham em segredo, deram nomes a elas”³²². Nesse caminho, hooks (2019, p. 133) assinala, no que se refere às mulheres negras que a partir dos anos 1960 “a mulher negra está nomeando sua infelicidade para exigir a escuta, um reconhecimento de sua realidade, e uma mudança em sua situação” embora permaneçam “presas a noções convencionais de sexualidade e de ser desejável” (hooks, 2019, p. 133).

No final dos anos 1960, começo dos 1970, na Europa e nos Estados Unidos, há a emergência de um movimento feminista autônomo e radical, que ao propor a politização da esfera privada, dá visibilidade política ao corpo. Politizar o privado significava ampliar a visão da política para além dos limites da esfera pública e de suas implicações institucionais, como também, considerar que as relações de poder entre os gêneros atravessavam as duas esferas, isto é, o conjunto das relações sociais. Essa questão surgia em um contexto histórico especial, no qual, os movimentos, ditos minoritários, traziam à tona novos sujeitos políticos, novas identidades coletivas, novas problemáticas, que propiciavam contornos multiformes à vida política e social. Negros, mulheres, pacifistas, estudantes, homossexuais, entre outros grupos, conquistavam o direito de falar a partir de suas questões específicas, na contramão dos discursos políticos tradicionais, que costumavam falar em nome de um sujeito uno e universal. Esses movimentos sociais visavam transformações profundas nas relações sociais, cada qual por meio de problemas específicos. O feminismo, ao formular, teórica e politicamente, uma crítica aos mecanismos de controle do corpo e da sexualidade feminina, entre outras questões, busca(va) subverter as relações de gênero que perpassa(va)m o conjunto das relações sociais (SCAVONE, 2010, p. 48).

³²¹ RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. Plano Feminino, 2018. Disponível em: <<https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³²² Gloria Steinem, no Prefácio dos Monólogos (Enslar, 2000, p. 12).

Dessa forma, os grupos de (auto)reflexão criados no âmbito do Movimento Feminista propõem-se como espaços solidários e de cuidado, onde as mulheres possam compartilhar vivências corporais e por via da reflexão coletiva sobre essas questões, posteriormente reivindicar o controle dos próprios corpos, de suas sexualidades. No Brasil, essa experiência de reflexão, de valorização das experiências das pessoas e do reconhecimento de que as participantes têm realidades singulares, “ajudou na elaboração das ações educativas para promoção da saúde sexual e reprodutiva propostas pelo PAISM, elaborado em 1983” (PAIVA, 2015, p.688), por exemplo.

Tais atividades educativas propõem que as pessoas pensem sobre conceitos e ideias, que expressem suas demandas e que, posteriormente, cada integrante se coloque como multiplicadoras das ações. Para Hooks (2013, p. 11-16) transformar o cotidiano e os modos de vida é o primeiro passo para transformar toda uma cultura, assim, o conhecimento sobre modos de vida e de comportamento são políticos por serem potencialmente transformadores. Hooks afirma ainda que há dois tipos de educação, aquela como “prática de liberdade” e a outra que “só trabalha para reforçar a dominação”. Dessa forma, a educação como prática de liberdade seria o ideal a ser seguido, pois busca através do pensamento crítico e a não conformação, questionar os estereótipos e as normas. Contudo, asseveram Paiva et.al. (2015, p. 690) que se faz necessário que os profissionais da saúde também estejam abertos a construir esse espaço de troca.

Uma das ideias básicas do feminismo contemporâneo sobre o corpo, no seu momento inaugural, foi expressa pela máxima *Nosso corpo nos pertence*, na qual ele aparece como um dos elementos centrais das relações de poder entre os gêneros, no espaço público e privado. Este princípio – além de um grito coletivo de liberdade e tática de resistência – tratava de dar um novo significado ao corpo, ao questionar os corpos disciplinados e controlados; as sexualidades normalizadas, com base na experiência cotidiana da vida privada, que encontrava seu lócus na família conjugal heterossexual. Muito mais que uma luta pelo direito individual de dispor de seu próprio corpo, estava em jogo a manifestação das práticas de liberdade afrontando o controle social dos corpos mantidos sob o padrão de sexualidade vigente, celebrado no matrimônio ou na união consentida. O discurso feminista se abria, então, para um debate político sobre o corpo ao afirmar suas diferenças, reivindicar seus direitos, praticar sua liberdade e se insurgir incansavelmente contra o controle social ao qual era submetido. A insubmissão contra um corpo assujeitado, medicalizado, à mercê de políticas morais, religiosas ou demográficas de Estado, fundadas na ideia de natureza, foi uníssonas nos países do Norte nos anos 1970 e se espalhou pelo mundo, tendo como característica a crítica de uma percepção homogênea e determinista da corporeidade. Sob esta ótica, o corpo era considerado como um lugar de disputa de poder e dominação (SCAVONE, 2010, p. 49).

De acordo com Scavone (2-10, p. 51), foi nesse período que começaram a surgir publicações militantes que davam voz ao clamor feminino pela (re)apropriação das suas próprias narrativas, que tratavam de “explicações sobre o funcionamento do corpo, conselhos de autocuidado e de autoexame”, como por exemplo a obra *Our bodies, ourselves* (THE BOSTON WOMEN’S HEALTH BOOK COLLECTIVE, 1971), “cujo sucesso comercial extrapolou o espaço militante e contribuiu para difundir ideias do feminismo contemporâneo sobre saúde reprodutiva”. O foco em ações educativas ficou evidente nessas publicações, as quais incentivavam as mulheres a terem contato com saberes e conhecimentos sobre seus corpos e o funcionamento deles, e isso “era imprescindível para que cada mulher pudesse controlá-lo melhor”. Ainda de acordo com a autora, “este aprendizado era passado na prática nos próprios ‘grupos de consciência’”, os quais reuniam práticas “que, após a derrubada das barreiras dos preconceitos, foram reabsorvidas com finalidades consumistas, por outros setores da sociedade, sobretudo, a indústria farmacêutica e a medicina, ao produzir e divulgar não só o autocuidado, mas os produtos naturais” (SCAVONE, 2010, p. 51).

Na década de 1990, o livro *Os monólogos da vagina* (Enslér, 2000) também pode ser considerado um importante dispositivo que dá voz a esse clamor feminino por se tratar de uma obra paradigmática, particularmente para a “vagina”. Há muitas referências na Internet sobre o livro e sua autora. A peça originalmente interpretada por ela discute a relação que a mulher estabelece com o seu corpo, mais especificamente, com a sua vagina. Escrita em 1996, virou livro, foi traduzida para mais de 45 línguas, teve peças adaptadas que foram exibidas em mais de 130 países e versão televisiva para a HBO em 2002, e também apresentada no Brasil há anos. A justificativa do projeto amplamente difundida pela autora é de que ela quis montar o espetáculo após conduzir entrevistas, durante cinco anos, com 200 mulheres, sobre sexo, corpo, violência contra as mulheres, dentre outros assuntos relacionados à vida íntima feminina, nos quais suas vaginas eram sempre o foco central das falas de suas interlocutoras, e a inspiração veio também de jornais e revistas aos quais ela teve acesso. O que Eve Enslér objetivava com o livro-peça? Induzir seu público a relacionar-se intimamente com suas partes ignoradas; dá voz a um “coro de histórias”, oferecendo ainda “além de uma forma pessoal, uma forma corporal para as mulheres marcharem em direção ao futuro” (ENSLER, 2000, p. 13). Os relatos que compõem o livro de Eve Enslér falam sobre pelos, questões geracionais, sobre menstruação, sobre estupro, cheiro e descobertas, sobre muitas das coisas secretas que as mulheres não podiam e não queriam falar sobre.

Eve Ensler demonstra com seu livro o quanto as mulheres se sentem desconfortáveis para falar a respeito do assunto, seja por medo, nojo ou falta de conhecimento. É como se “ela” não existisse. Mas existe uma necessidade de expor exatamente para que “ela” não continue sendo “escondida” e que mereça atenção.

No que se refere à minha tentativa de me apropriar dessas referências, tudo começou em 24 de novembro de 2016 quando divulguei em meu perfil pessoal no *Facebook* que dali há alguns dias aconteceria uma oficina que intitulei de “Oficina sobre Autoestima Vaginal e Masturbação Feminina”. À princípio, essa oficina faria parte da programação de atividades organizadas pelos alunos do curso de Ciências Sociais que estavam acontecendo durante a ocupação do prédio do curso. A ocupação em questão fazia parte do movimento de ocupação de instituições de ensino públicas em protesto contra a PEC 241, Projeto de Emenda Constitucional 241 ou 55, aprovada no Governo Temer pela Câmara dos Deputados e pelo Senado que tinha como proposta um teto para os gastos públicos. Muito comentada na época e dividindo opiniões pelos possíveis entraves que causaria em setores como a educação, saúde e trabalho, foi alvo de muitos protestos, incluindo um movimento intitulado “Movimento Ocupa”, liderado pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), entidade de representação estudantil para o ensino médio, que contou com ocupações em todo o país e com participação dos alunos de universidades públicas. A UFC foi uma das universidades onde aconteceram ocupações no Ceará, e minha proposta era de realizar a oficina no curso de Ciências Sociais.

A ideia inicial que tive foi de oferecer alguma atividade que visasse discutir saúde da mulher, fosse uma roda de conversa, oficina ou seminário, como uma maneira de ampliar o escopo da tese. Tão logo entrei em contato com algumas pessoas via *Facebook* que estavam participando da ocupação a fim de que pudesse colocar o plano em prática, chamei uma amiga do curso de Psicologia e conseguimos articular um grupo de mulheres de cursos diferentes interessadas na realização de um evento voltado para mulheres dentro da universidade. Resolvi então criar um grupo no *Whatsapp* para que pudessemos compartilhar ideias e tentar organizar algo. Como estávamos todas muito empolgadas com a ideia, logo foi decidido que o evento se chamaria “Semana de promoção da saúde e sexualidade feminina” e que acolheria rodas de conversas com diferentes temáticas, tais como técnicas de autocuidado, maternidade e métodos contraceptivos. Nós duas combinamos de oferecer a oficina de autorreflexão sobre

autoestima vaginal e masturbação, inspiradas nos projetos que conheci durante a pesquisa, temática que também dialogava com os interesses de pesquisa dela.

Como tudo parecia correr bem, resolvi criar um cartaz para fazer a divulgação digital da oficina, usando uma imagem que havia encontrado na internet a qual inseri, com ajuda do programa *Microsoft Power Point*, algumas informações sobre nós e o evento. Fiz a divulgação, como mencionei, na tarde do dia 24 de novembro de 2016 no modo público em meu perfil do Facebook e compartilhei o cartaz no grupo do *Whatsapp* que havia criado.

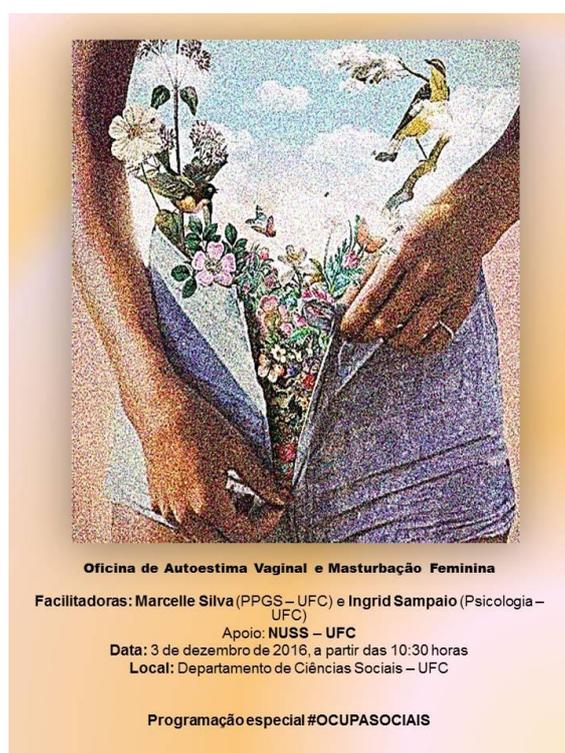


Figura 9 - Cartaz da Oficina.

Logo que postado, o cartaz foi compartilhado por alguns dos meus contatos naquela rede social, mas depois de quatro dias, em 28 de novembro, uma pessoa me alertou através de uma mensagem via chat que minha postagem não só havia sido *printada* e divulgada para além dos meus contatos e para além de Fortaleza, como estava rendendo uma polêmica que questionava a seriedade da minha pesquisa, a reputação do feminismo, da universidade, do movimento de ocupação e inclusive a trajetória do NUSS, núcleo ao qual sou vinculada. Logo que fiquei sabendo, me manifestei no Facebook, perguntando se mais alguém sabia sobre o que tinha

acontecido e explicando que a oficina se tratava de uma conversa, e não uma exploração do corpo alheio em espaço público, como as pessoas poderiam estar pensando. Em seguida, muitos dos meus contatos naquela rede social comentaram a postagem confirmando que havia tomado conhecimento da repercussão, pois receberam o *printscreen* da minha postagem em grupos de *Whatsapp*, e que conhecidos seus de outros estados também haviam recebido o *printscreen*. Dentre os compartilhamentos da minha postagem, uma chamou mais a minha atenção por ter exposto meu rosto e meu nome:



Figura 10 - Printscreen 1 de postagem do Facebook sobre a polêmica.



Figura 11 - Printscreen 2 de postagem do Facebook sobre a polêmica.

Gostaria de chamar atenção para um dos comentários acima: “*Na verdade é que essa estudiosa descobriu que a vagina tem sentimentos próprios e essa capitalismo malvadão está acabando com a auto estima de milhares de vaginas*” (sic). Ironicamente, o autor do comentário acertou sobre um dos intuitos dessa tese, que é a reflexão sobre como a sociedade de consumo se comporta de forma ambígua diante da “vagina”. Falar em público sobre a vaginas, seja como for, parecia dizer muito sobre mim: que se trata de uma mulher extremamente sexualizada (e qual o problema nisso?), que é obcecada por vaginas, uma lésbica, uma feminista, uma “*vagabunda*”, uma “*desocupada*” e que “*tem merda na cabeça*”. Se antes o estereótipo da feminista socialmente difundido dizia respeito a uma figura “dessexualizada, amargurada e sem perspectivas” (RAGO, 2001, p. 58), hoje a imagem socialmente difundida é da feminista hipersexualizada, que gosta de mostrar os peitos, que detesta homens, não se depila, que é uma “ideóloga de gênero”, uma figura pervertida que tem como objetivo doutrinar os “cidadãos de bem”. E sim, através dos relatos pessoais disponibilizados nos “*projetos*” que acessei, descobri que minha vagina pode ter “*sentimentos próprios*” e

que ela pode se “*comunicar*” comigo³²³. Então, o que era para ser um xingamento, uma provocação, um deboche, serviu como combustível para a continuidade da pesquisa e também da oficina. Eu tinha que continuar porque a mudança já estava começando a acontecer com a instalação do incomodo nessas pessoas, porque minha postagem fez com que essas pessoas tirassem dos seus armários seus medos e expussem a misoginia encrustada na sociedade, que expussem o ódio a vagina de que tanto eu via os textos ativistas e aliados falarem.

Por conta da repercussão, tive de mudar o local e a forma de divulgação da oficina. Achei que seria mais seguro para mim e as participantes da oficina que eu solicitasse que as interessadas entrassem em contato comigo via chat do Facebook ou e-mail, para que pudessem se informar sobre o novo local, o horário e também para que eu pudesse ter um pouco mais de controle sobre quem tinha acesso a essas informações.

Até o dia da oficina, recebi dez inscrições; eu havia sido procurada por homens e mulheres me dizendo que queriam participar (alguns dos homens afirmaram que queriam acompanhar suas esposas/namoradas, apesar de que desconfio que essas mensagens fossem de perfis fakes ou estratégias para que eu tivesse medo de levar a ideia adiante). Recebi também algumas mensagens com críticas, xingamentos e questionamentos sobre a seriedade da minha pesquisa, como por exemplo de uma mulher que deixou uma mensagem apenas com a frase “*Vai fazer oficina na casa do caralho*”. No mesmo dia em que soube da polêmica, fui procurada por uma jornalista de um jornal local interessada em me entrevistar. No dia seguinte, ela me telefonou e conversamos por aproximadamente dez minutos. Alguns dias depois, a jornalista publicou a matéria intitulada de “*Aumento de cirurgias plásticas vaginais revela que mulheres não conhecem seus corpos*”³²⁴. Apesar disso, a oficina aconteceu em uma manhã de sábado, no dia 3 de dezembro de 2016, na Praça da Gentilândia, no bairro Benfica, em Fortaleza, contou com a participação de cinco pessoas além de mim e foi registrada apenas através de fotografias.

³²³ Em breve apresento algumas posições disponíveis em textos ativistas e aliados que abordam uma forma de agência da “vagina” que considero uma abordagem interessante, porém não isenta de aspectos problemáticos. Sabemos que um órgão do corpo humano não tem agência própria, não possui autonomia em relação ao corpo ao qual pertence. Mas ainda assim muitos sujeitos que compõem o campo empírico dessa pesquisa insistem nessa perspectiva.

³²⁴ JOVINO, A. C. Aumento de cirurgias plásticas vaginais revela que mulheres não conhecem seus corpos. Tribuna do Ceará, 2016. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/mulher/mulher/aumento-de-cirurgias-plasticas-vaginais-revela-que-mulheres-nao-conhecem-seus-corpos/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Uma das finalidades daquele momento era recriar um espaço de acolhimento assim como eu via nos espaços digitais dos “projetos” que recebem contribuições/doações das leitoras. Havia combinado, eu, a amiga da Psicologia e uma das inscricas na oficina, de fazermos um lanche durante o momento, então levamos café, sucos, biscoitos, água e toalhas para que pudéssemos sentar no chão da praça.

A conversa, que inicialmente seria mediada por mim e Ingrid, aconteceu naturalmente sem foco no que o título da oficina propunha: as meninas iam chegando, sentando e comentando sobre suas expectativas e experiências. Falamos sobre como nós mulheres somos criadas rodeadas por proibições e pudores, mas também compartilhamos o desejo de que aquele momento pudesse se repetir e ser contínuo. Então outra das participantes da oficina, teve a ideia de mantermos um grupo secreto no Facebook para que pudéssemos compartilhar dicas de filmes, livros e afins sobre a temática. Ao chegar em casa naquele dia, criei o grupo que passou a se chamar de “*Minha buceta minha vida*”, e também para que fosse um canal para que outras mulheres pudessem ter acesso a oficina e pudéssemos combinar os próximos encontros. Logo que criado, o grupo começou a agregar mais mulheres, convidadas pelas membros do grupo e no total, conseguimos agregar 40 mulheres.

Combinamos de nos encontrarmos novamente em 21 de janeiro de 2017. Na ocasião, achei que seria interessante que pudéssemos conversar sobre algumas declarações que estavam circulando na internet, feitas por um pastor brasileiro a respeito da pornografia, então resolvi divulga-lo como Roda de conversa “*Nos deixem gozar’: sobre conservadorismos, pornografia e masturbação feminina*”, que acabou não acontecendo porque, chegado o dia, ninguém apareceu além de mim e Ingrid. Continuei postando de vez em quando no grupo do Facebook sobre algumas das minhas descobertas no âmbito da tese, e também algumas das “membras” eventualmente faziam o mesmo, mas o grupo parou de funcionar. Ainda assim, decidi organizar outro encontro que divulguei como “*Conversas Vulvares: higiene íntima feminina*”. A divulgação deste, diferente dos outros dois, contava com um evento criado no Facebook, compartilhado apenas com meus contatos. No decorrer dos dias que o antecederam, quinze mulheres haviam confirmado presença, mas no dia, em 6 de outubro de 2017, ninguém apareceu. Por conta dessas duas últimas experiências, desisti e resolvi focar apenas na produção de conteúdo online.

3.2.2 Narrativas íntimas em espaços imaginados

Decidi então dar às narrativas disponíveis em PPP, VLL e TVG os contornos de um grupo de autoreflexão imaginado, estabelecendo diálogos entre as histórias, dando nomes às suas narradoras³²⁵ como se todas tivessem de fato se encontrado para falarem sobre suas “vaginas”. Mas antes de descrever esse encontro imaginado, vale ressaltar que observei que ao relatarem “experiências da vagina” (WOLF, 2013, p. 17), as mulheres ressaltaram que têm uma relação conflituosa com seus corpos, em especial com suas genitálias, e esses relatos pessoais descortinam pensamentos e sentimentos que habitaram períodos específicos de suas trajetórias pessoais, tais como a infância, o início da puberdade, a adolescência e a vida adulta e sobre diferentes acontecimentos que marcaram esses períodos de suas vidas, em casa, na escola, na rua, no trabalho ou no consultório médico; o primeiro contato manual, o primeiro contato visual, o primeiro apelido, a primeira experiência sexual, o primeiro estupro. À medida que ia lendo, mais ia me identificando e refletindo sobre minha própria experiência – por isso resolvi iniciar o capítulo com um relato pessoal –, mais ia percebendo que os mesmos mecanismos eram usados para nos manter próximas ou distantes das nossas vaginas. Recordar sobre a infância é lembrar-se da ausência de uma educação sexual esclarecedora, da presença de valores tradicionais e religiosos no ambiente familiar, de abuso sexual, as primeiras experiências e descobertas sexuais, o bullying, a curiosidade infantil sobre o próprio corpo. Recordar a adolescência, essa época culturalmente vista como uma fase de desordem, em que os jovens estão expostos constantemente aos perigos do mundo e ao “desconforto” provocado pelas mudanças corporais. Na vida adulta, por sua vez, os relatos se complexificam. Vejamos sobre o que elas falaram.

“Nos primeiros anos de vida, nossos pais e família são aqueles que nos ensinam a relacionar-se com todas as coisas estranhas que vemos no mundo, às vezes esquecem que as coisas mais estranhas para nós podem ser nossos próprios corpos”, começa “Lucia”³²⁶. “Flávia”³²⁷, “Lula”³²⁸, “Chelle”³²⁹ e “Aurora”³³⁰ parecem

³²⁵ Os nomes das autoras dos relatos disponíveis em VLL são os mesmos utilizados no “projeto”.

³²⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BaLerhHAAcm/?taken-by=project_wallflower. Acesso em: 2 de abril de 2018.

³²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcVKMshHzgP/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril.

³²⁸ Disponível em: <http://www.vulvalovely.com/meet-the-models/lula/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

³²⁹ Disponível em: <http://www.vulvalovely.com/meet-the-models/chelle/>. Acesso em: 30 de março de 2018.

concordar, tendo em vista que retomam o ambiente familiar ao iniciarem seus próprios relatos. “Lula” diz que sua história começa como tantas outras, pois cresceu “em uma família conservadora e fui para uma escola católica particular”. “Flávia”, que diz ter crescido em uma “pequena família” não foi para uma escola católica como “Lula”, mas ambas afirmam que suas respectivas famílias não falavam sobre sexualidade e sexo, pois esses eram assunto privados e proibidos. Já para “Aurora” foi diferente porque “eu não tinha pais que escondiam as coisas para me impedir de crescer”. “Chelle” lamenta que sua “própria imagem corporal foi distorcida desde que me lembro. Eu sou e sempre tenho excesso de peso. Se não fosse as outras crianças zombando de mim, era a minha própria família”. “Sofia”³³¹, por sua vez, confessa que “não tinha ideia de como ela era e fiquei muito intimidada por ela. Sempre me disseram que ninguém deveria tocar neste lugar sagrado, nem mesmo eu. Temendo que eu me tocasse por acidente, tomei cuidado extra quando tomei banho ou mudei minha calcinha”. “Flor”³³² acrescenta que cresceu “em uma época em que as meninas aprendiam que era sujo e desagradável e nunca tocá-la, a menos que você tivesse papel higiênico ou um pano na mão”.

As meninas têm uma experiência com sua genitália que contrasta com a dos meninos. “Muitas mulheres nunca nem se tocaram ou olharam para própria vagina”, afirma “O poder do clitóris”³³³, porque elas não são estimuladas a tocá-la e examiná-la, pois ela deve ficar escondida, longe das mãos e dos olhos da “proprietária”, e em segundo lugar, porque a transformação da menina em mulher é “uma mutação suave que as encaminha ao papel de reprodutoras” (PERROT, 2003, p. 15). Nesse sentido, a jornada de autoexploração que para os meninos faz parte do seu desenvolvimento natural enquanto homem é negado às meninas porque é feio, sujo e imoral. “Tudo da vulva e da vagina é recriminado, tanto a anatomia como a fisiologia” denuncia o médico cirurgião e ginecologista francês Gérard Zwang (2000, p. 191). Representada no imaginário coletivo ocidental como uma ausência, aquela cujo nome não se fala, a vulva

³³⁰ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/aurora/>. Acesso em: 30 de março de 2018.

³³¹ Disponível em: <https://serviceslut.blogspot.com.br/2012/08/bush-confidence.html?zx=61c0d838629fbce0>. Acesso em: 2 de abril de 2018.

³³² Disponível em: <https://mollysdailykiss.com/2014/03/01/proud-a-guest-post-for-pussy-pride-project/>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2019.

³³³ Andrade, D. O poder do clitóris. **Jornal O Povo**, 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/cienciaesaude/2018/01/o-poder-do-clitoris.html>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

não é vista como “sinônimo da força do gênero”³³⁴ assim como acontece com o pênis. Sem que sejam autorizadas a verem suas próprias vaginas e conseqüentemente não possuem um parâmetro para comparação, as meninas tem mais dificuldade em lidar com a aparência de suas genitálias e de encontrar referências mais realísticas do que as dos filmes e fotos produzidos no âmbito da indústria pornográfica.

Livoti e Topp (2006, p. 15-21) ratificam essa teoria afirmando que “raramente discutimos a quantidade de pelos, o odor, a cor ou o tamanho relativo de nossa genitália, porque não temos muitos parâmetros de comparação”. Por essa razão, segundo as autoras, não é nenhuma surpresa que diante do assunto “as mulheres se sintam de algum modo insatisfeitas não só com seu corpo, mas especialmente com sua vagina”. De acordo com esta perspectiva, as meninas aprendem desde cedo que precisam sentar de pernas bem fechadas, que nada pode aparecer e suas “*vergonhas*” não podem estar à mostra. As autoras completam que:

A maioria das mulheres jamais verá sua vagina. Além de não estar em um local exatamente conveniente para exame, muitas mulheres pensam que uma vez equipadas com um espelho na mão, garantida certa privacidade e criada aquela coragem para enfrentar alguma surpresa inesperada, porque se dar ao trabalho? Essas mulheres são as mesmas que inspecionam cada poro dilatado do rosto, cada defeito no esmalte e cada fio de cabelo fora do lugar, contudo sua vagina e seu ambiente permanecem com um bem não reclamado pela proprietária, examinado por outros, mas deixado de lado durante boa parte do tempo (LIVOTI E TOPP, 2006, p. 14).

Voltemos aos relatos. Os familiares que mais são citados são os pais, em especial a figura materna, seguida do pai, o padrasto, irmã e primos. Lydia³³⁵ reclama que nunca havia sido “*verdadeiramente informada sobre a minha vagina*” embora não fosse “*completamente ignorante sobre a minha anatomia, não é como se fosse algo muito tabu em nossa casa, não era apenas um tópico que foi levantado*”. Ela diz que não culpa sua mãe, mas gostaria de ter feito mais perguntas a ela. “*Kia*”³³⁶ lembra que cresceu entendendo que havia uma ambigüidade que colocava em risco seu “*valor*”, no sentido de que “*a vulva era vista como sagrada, mas suja ao mesmo tempo. Era um presente que só deveria ser desembrulhado por um marido e que, se você não o salvasse para ele ou decidisse agradá-la por conta própria, você era uma prostituta*”.

³³⁴ AVILA, Rebeca. O nosso sexo. Re, escreva e reescreva, 2013. Disponível em: <<https://reescreva.me/2013/03/31/o-nosso-sexo/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

³³⁵ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/lydia/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

³³⁶ Disponível em: disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/kia/>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

Para “*Bashr*”³³⁷ e “*Adrastea*”³³⁸, como tantas outras, não havia a permissão de acesso a esse tipo de conhecimento. A genitália era a representação de algo sujo, secreto, privado, pecaminoso, errado, intocável, inapreciável, inferior, indigno. Era algo que deveria ser usado para fazer xixi e para a saída dos bebês, acrescenta “*Adrastea*”. Por causa disso, Bashr diz ter crescido “*muito desconectada da minha vulva*” e com medo do que poderia acontecer “*se eu me permitisse estar totalmente conectada*”.

As mães são responsabilizadas nos relatos por revelarem ou encobrirem o assunto, por fornecerem ferramentas para que o amadurecimento de suas filhas ou contribuíssem para que crescessem inseguras. “*Aurora*”, “*Chelle*” e “*Lucia*” nos falam sobre isso. “*Grace*”³³⁹, “*Jenny*”³⁴⁰, “*Bashr*”, “*Kira*”³⁴¹, “*Lydia*” e “*Brenda*”³⁴² entram na conversa. “*Lucia*” lembra que sua mãe “*nunca me disse muito sobre o meu Yoni*”³⁴³, *nada mais do que a informação necessária para a limpeza*”. Por conta disso, ela só sabia que esse era um lugar para ser visto apenas no chuveiro. “*Minha mãe sempre foi muito desconfortável falando sobre esses tipos de assuntos*”, acrescenta “*Grace*”, inclusive fazia piadas sobre menstruação. “*Lydia*” diz que as duas únicas coisas sobre as quais sua mãe falou foi que sua vagina sangraria e que ela poderia “*fazer bebês*” porque ela acha que sua mãe “*queria ter certeza de que eu não estava no escuro sobre o meu período, como ela estava*”. Apesar de ter chegado a conversar sobre menstruação em meio às piadas que sua mãe fazia, ainda assim a primeira menarca “*foi um choque, provavelmente porque ela não me deu nenhum detalhe além da explicação clínica*”. Então, a partir disso, “*acho que tomei a deixa da minha mãe e me distanciei da vulva, da vagina e de todas as partes da mulher*”.

³³⁷ Disponível em: <http://www.vulvalovely.com/meet-the-models/basht/>. Acesso em: 30 de março de 2018.

³³⁸ Disponível em: <http://www.vulvalovely.com/meet-the-models/adrastea/>. Acesso em: 30 de março de 2018.

³³⁹ Disponível em: <http://www.vulvalovely.com/meet-the-models/grace/>. Acesso em: 30 de março de 2018.

³⁴⁰ Disponível em: <https://ajourneythroughsubspace.wordpress.com/2012/01/20/cunt-confidence/>. Acesso em: 29 de março de 2018.

³⁴¹ Disponível em: <http://www.vulvalovely.com/meet-the-models/kira/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

³⁴² Disponível em: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcpiHIGnNsZ/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁴³ Yoni “é uma palavra do Sânscrito que significa “passagem divina”, “lugar de nascimento”, “fonte de vida”, “templo sagrado” e ainda o órgão sexual feminino. (...) No Kama Sutra, é um termo usado para designar a vulva (ou a vagina), que recebe o pênis (Lingnam). (...) Para o Tantra a Yoni é um local de poder, um local de meditação, de sacralidade... (...) Usá-la somente como um objeto sexual é totalmente ignorante da parte de quem o faz, pois ela é o Templo Sagrado que desperta a consciência...”-. GREGHLI. Yoni: quem te toca deusa sagrada?. Sat Love, 2016. Disponível em: <<https://satlove.wordpress.com/2016/06/26/yoni-quem-te-toca-deusa-sagrada/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

A primeira menarca é uma das experiências que demarcam um antes e um depois no/do corpo. É um assunto recorrente nas falas das interlocutoras. Em muitas delas, como o(a) leitor(a) pode perceber, é um momento traumático. Sapherea³⁴⁴ conta que “me disseram que a menstruação era repugnante, um doloroso castigo de Deus por algo que eu não fiz”. No entanto, as transformações corporais nem sempre sejam indesejadas. Muitas interlocutoras comentam que menstruaram cedo demais, algumas aos oito, outras aos dez, como aconteceu com Chelle.

Menstruar é uma experiência singularmente marcante porque é a partir dela que é preciso lidar com a ação [ou atuação?] de novos fluidos corporais, como o sangue, o corrimento, ou seja, com aquilo que a sociedade entende como sendo uma “mulher”, um incômodo para Grace pois ela afirma que “Ao longo de tudo isso, eu não pensei em minha vulva, e era como se ela não fosse uma parte de mim, exceto quando a dor da menstruação me fazia desejar que eu não fosse uma mulher”. Fica mais evidente também a questão da higiene íntima, assim como o cuidado com a evitação de uma gravidez precoce/indesejada e com a própria sexualidade.

“Lucia” não tinha muitas informações em casa sobre assuntos relacionados a corpo, sexo e sexualidade, mas isso mudou quando sua irmã quatro anos mais velha do que ela começou a “sair com os meninos”. Ela conta que seu pai chegou a trancar as portas em um quarto argumentando que o que tinham entre as pernas eram apenas objetos para a satisfação sexual dos homens e que todos os homens só as procurariam em busca de autossatisfação: “Melhor fugir dos homens e da minha Yoni, eles são feitos apenas para sexo, e isso é algo ruim, eu pensei”.

A puberdade de “Jenny” chegou muito cedo quando ela tinha oito anos, e com isso, as transformações em seu corpo também ocorreram cedo demais: “Lembro-me de meu médico de família sugerindo à minha mãe uma pílula que eu pudesse tomar que retardaria a abertura da minha glândula pituitária para que meus colegas pudessem me alcançar”, diz ela, arrematando que ela e sua mãe “não concordamos em muitas coisas, mas concordamos em deixar a natureza seguir seu curso”.

As experiências de “Aurora” e “Bashr” foram diferentes. “Aurora” diz-se agradecida por ter sido “a criança mais jovem que eu conheci que tinha visto a verdade”, pois teve uma mãe que, “para me manter segura”, não só a ensinou sobre seu corpo, como aos cinco anos de idade ela soube que “o sexo era quando um homem

³⁴⁴ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/sapherea-2/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

e uma mulher se entrelaçavam” e “até me ensinou como o bebê é formado e me mostrou todos os estágios de desenvolvimento”. “Bashr” lamenta que, no seu caso, tudo tenha mudado com a chegada do padrasto, porque ele “era alguém que acreditava que essas questões precisavam ser escondidas de nós” e isso fez com que ela escondesse da mãe quando sua primeira menstruação chegou, aos oito anos: “tive que manter isso em segredo, porque eu iria ficar em apuros por ter crescido. Minha mãe nunca soube que eu comecei tão cedo; ela acha que foi um ano ou dois depois”. “Kira” conta que sua mãe até era aberta com sua própria sexualidade, mas quando se tratava da dela, era proibido. “Brenda”, por sua vez, conta uma experiência ainda mais diferente das outras. Insegura sobre sua vulva como tantas outras meninas, ela descobriu por intermédio de sua mãe de que ela havia sido circuncidada, por motivos religiosos, quando era um bebê. “Como a circuncisão em mulheres é MGF, não tem nenhum benefício. Mas minha vulva parece normal”.

Além da menstruação, com a puberdade também surge outro problema muito comum: o aparecimento quase incontrolável dos pelos. Para a mãe de “Chelle”, “deixar a natureza seguir seu curso” era não deixar a filha depilar os pelos púbicos, por exemplo: “Minha mãe às vezes não era completamente honesta com certas coisas para me afastar de qualquer coisa que ela considerasse tabu. Por exemplo, ela me disse que não era saudável para uma mulher raspar seu cabelo púbico”. Mas muito cedo elas começaram a se depilar, como “Daya”³⁴⁵. Ela comenta que começou a depilar-se ao quatorze anos e que nunca havia se questionado sobre isso naquela época. “Julia”³⁴⁶ conta que os pelos começaram a crescer em lugares que antes não cresciam. Um dia, na escola, ouviu alguns garotos gritando a uma menina de sua turma que ela era uma “vadia” porque tinha muitos pelos. Por conta disso ela começou a questionar se ela era estranha por não depilar seus pelos, e foi então que resolveu começar a fazê-lo diariamente. No entanto, ela conta que sua pele “não aguentou” e que logo sua vulva “sangrou, coçava o tempo todo e quanto mais eu coçava, pior ficava”. Mas ela sentiu que tinha de continuar porque parecia o certo a fazer. Por conta disso, atualmente “Julia” possui “minúsculas cicatrizes, pequenas manchas descoloridas, inchaços e,

³⁴⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BdxgIHanxdc/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁴⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcVKMshHzgP/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril.

ocasionalmente, pêlos encravados". *"Laila"*³⁴⁷ diz que também se machucou muito por causa da *"necessidade de se manter depilada"* e como tinha muitas espinhas *"na linha do biquíni"*, restaram as cicatrizes roxas de acne. *"Eu me senti repugnante, grosseira e francamente repulsiva a qualquer parceiro sexual possível"*, ela confessa.

Diferente da maioria, algumas dessas mulheres dizem que nunca odiaram ou se sentiam desconfortáveis com suas vulvas, que nunca tiveram um confronto com sua autoimagem por conta de fatores externos como comentários de parceiros sexuais, como *"Roberta"*³⁴⁸ e *"Viviane"*³⁴⁹. Outras dizem que sempre tiveram consciência de que havia uma diversidade estética, embora não soubessem lidar com a informação. Como não costumam ter muitos exemplos *"reais"* ou a conversa sobre a variedade da genitália que *"George"*³⁵⁰ sentiu falta, as meninas pensam que são anormais e feias e que ser diferente é ruim e também não sabem o que pode acontecer com seus corpos quando ficam excitadas, até mesmo não sabem o que é ficar excitadas, tanto é que *"Leigha"*³⁵¹, por exemplo, em seu primeiro encontro, ao sentir que sua calcinha estava úmida por conta de sua excitação, pensou que tinha urinado.

O acesso à pornografia por curiosidade é uma constante nos relatos. O primeiro contato de *"Leigha"* aconteceu quando ela tinha oito anos, com os primos. Ela se lembra de ter sido uma experiência desconfortável e de ter se sentido estranha com as sensações que foram despertadas em seu corpo. A masturbação também entrou cedo em sua vida, na solidão do quarto. Ela conta que ainda que não fosse uma pessoa religiosa *"Toda vez que eu chegava ao clímax, me sentia tão envergonhada de mim mesma. Eu pensava que Deus pensaria que eu sou suja e dizia a mim mesma que nunca faria isso de novo"*. *"Jenny"* cresceu nos anos 1990. Aos doze foi quando ela afirma ter começado a assistir pornografia regularmente, na época em que *"a fita de sexo de Pamela Anderson vazou"*. *"Eu lembro de assistir (com amigos) e pensar que a minha não é assim. Na verdade, nessa idade eu ainda não tinha visto nenhum tipo de filme ou imagem pornográfica em que a buceta de uma mulher se parecesse com a minha"*.

³⁴⁷ Disponível em: <https://www.thevulgagallery.com/stories/2017/12/20/your-scars-are-not-a-flaw>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁴⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcaIIBJnMpt/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁴⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BdiElIiSHBUk/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁵⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BapXdGgBYYB/?taken-by=project_wallflower. Acesso em: 2 de abril de 2018.

³⁵¹ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/leigha/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

Uma proibição, seja ela em relação a uma região do próprio corpo ou a objetos cortantes como tesouras e facas, pode despertar a curiosidade das crianças. “Chelle” conta que suas curiosidades começaram cedo assim como as de “Safira”³⁵², “Aurora” e “Rita”³⁵³. “Safira” conta que a curiosidade era tanta que ela começou a se “cutucar como se eu fosse meu próprio projeto de pesquisa científica”. Movida pela vontade de saber mais sobre o que sua mãe falava, “Aurora” buscou por suas primeiras experiências sexuais persuadindo suas amigas – ela conta que as primeiras experiências foram com meninas - e amigos até que aos nove anos foi flagrada beijando uma das amigas pela mãe da menina. “Eu estava beijando a filha dela”, lembra, “e eu continuei orando para mim mesma que ela não diria nada para a minha mãe pela manhã. Valeu a pena, minha mãe nunca descobriu. E fiquei tão enojada comigo mesma que escondi tudo”. “Rita” justifica a atitude dizendo que “a maioria das crianças tende a descobrir seus genitais na primeira infância”. Assim, ela lembra que quando ela tinha entre sete e oito anos, se acariciava até adormecer.

Outro elemento comum às narrativas é a experiência de abuso sexual. “Kira”, “Jo”³⁵⁴, “Haven”³⁵⁵ e “Rita” foram abusadas sexualmente durante a infância. “Kira”, “Jo” e “Haven” consideram esse um acontecimento que mudou drasticamente a autoimagem e o relacionamento delas com suas vulvas. Para “Kira”, ser “molestada quando criança” fez com que ela ficasse ressentida com sua genitália. “Jo”, cuja primeira experiência com sua vulva foi o abuso sexual que sofreu aos quatro anos, mesmo que não entendesse o que e por que aquilo estava acontecendo, “eu sabia que não estava certo”. “Haven” diz que foi “violada” e que esse se tornou seu maior segredo e sua maior humilhação. “Fern”³⁵⁶ relata também o medo que sentiu de sua vulva “Depois de tudo o que aconteceu, foi difícil aceitar essa parte de mim mesmo, e foi difícil enfrentá-la”.

Como é possível perceber, na puberdade e na adolescência os problemas se intensificam. Os pais já não aparecem tanto nas narrativas, assim como o ambiente familiar fica um pouco mais distante, ainda que não ausente. Os lugares que mais

³⁵² Disponível em: <https://mollysdailykiss.com/2011/08/25/pussy-pride-project-saffy/>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

³⁵³ Disponível em: <http://rebelsnotes.com/2012/05/proud-pussy/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

³⁵⁴ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/6130-2/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

³⁵⁵ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/haven/>. Acesso em: 30 de março de 2018.

³⁵⁶ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/fern/>. Acesso em: 30 de março de 2018.

aparecem agora são a escola (colegial e o ensino médio), faculdade e o consultório médico. Outros personagens se fazem mais presentes: as relações de amizade, figuras masculinas diversas (amigos, parceiros sexuais, namorados, colegas de escola) e especialistas em saúde da mulher (ginecologistas, cirurgiões).

Alguns dos elementos mencionados anteriormente se repetem, tais como figuras masculinas, a experiência da menstruação, a presença cada vez maior da pornografia e relatos de estupro. Repetem-se também as falas sobre como se sentiam sujas, confusas, culpadas, promíscuas, com nojo de si e com medo após o acontecimento, e como aquilo prejudicou suas vidas. No que se refere à pornografia, a curiosidade ainda está presente, mas a diferença é que em algumas situações ela é usada como referência, como um lugar onde outras vulvas podem ser vistas e servirem de material de pesquisa.

As transformações que acontecem ao corpo a partir da puberdade não são bem recebidas, em geral. Em primeiro lugar porque chegam sem que as meninas estejam preparadas. Muitas questionam se são normais ou não e também usam as mesmas palavras para se referirem ao que sentem: depressão, ansiedade, desconforto, baixa autoestima, nojo, culpa. Mas não há só pensamentos negativos. Em segundo lugar, por não serem amplamente informadas, também reagem mal a condições médicas como vulvodínia, vaginismo, candidíase eventuais infecções e/ou alergias.

Como muitas das jovens não recebiam educação sexual ou qualquer tipo de informação no ambiente familiar sobre as mudanças que aconteceriam em seus corpos com a chegada da puberdade, muitas associavam essas mudanças a determinados comportamentos, como a masturbação. Podemos observar um exemplo do que estou falando na fala de “Erika”³⁵⁷: *“Eu tive um relacionamento desconfortável com eles [os lábios] desde que se tornaram proeminentes. Na puberdade, eu me perguntava se eles eram tão longos por causa do fato de que eu sempre brincara comigo mesma”*. A procura por profissionais da saúde é um recurso utilizado para tirar dúvidas, comprovar se a aparência da vulva é normal ou não, e esse recurso muitas vezes acaba por reforçar um sentimento de inadequação. Por causa desse sentimento, é comum que a vida sexual, caso já tenha iniciado, seja prejudicada.

O aparecimento de manchas, pelos e espinhas, o crescimento dos lábios vaginais, ambos são acontecimentos acompanhados de sentimentos adversos: curiosidade, ansiedade, desconforto, auto-ódio, baixa autoestima. Os fatores externos ao

³⁵⁷ Disponível em: <http://happycomelucky.com/2015/03/15/lippy/>.

corpo que costumam influenciar essa relação conturbada são a mídia, a pornografia e os comentários masculinos. A família, particularmente os pais, não tem aqui mais tanto peso quanto a opinião de terceiros. O “*excesso*” de carne nos lábios e/ou o tamanho da genitália e/ou o ato de se depilar ou não aparecem aqui como elementos que colocam em dúvida o comportamento das meninas/adolescentes, por exemplo: “*Ana Julia*”³⁵⁸ conta que quando tinha treze anos sofreu bullying porque tinha “*carne lá em baixo*”, isto é, nessa idade ela já tinha lábios vaginais internos longos, episódio esse que a afetou muito, enquanto “*Maricruz*”³⁵⁹ diz ter sido insultada de “*prostituta*” e “*vagabunda*” na escola “*por causa da minha aparência externa*” ainda que ela não fosse “*sexualmente ativa na época*”.

Além do “*excesso de carne*” a pigmentação na vulva é algo que também é mencionado. Ambos são dois fortes motivos para muitas evitarem usar determinado tipo de roupa, como maiôs, biquínis e roupas de academia. “*George*” conta que seus lábios vaginais começaram “*a se projetar*” aos onze anos, mas que até então ele nunca havia pensado “*conscientemente*” sobre isso. Até então, “*era apenas o meu corpo*”. Mas depois de um spa em uma festa entre amigos, um deles apontou para essa região de seu corpo alarmado perguntando o que era “*isso*”. Foi a partir daí que ele surgiu “*uma vergonha profunda baseada no pensamento de que meu yoni estava drasticamente anormal*”. “*Arianna*”³⁶⁰ também se sentiu assim, pois pensava que “*minha vulva era feia e eu nunca quis que alguém chegasse perto dela*”.

Talvez para buscar uma referência, uma imagem que pudesse comparar com a sua, a pornografia entra em sua história. Mas isso não aconteceu. Aos treze, “*George*” tentou outra estratégia e convidou uma amiga para que ambos desenhassem suas “*yoni*” para que pudessem compara-las. No entanto, essa foi mais uma ocasião na qual disse que confirmou a anormalidade da aparência da sua vulva. A aparência de seu genital também fez com que “*George*” questionasse seu gênero.

Na adolescência, a preocupação com a aparência da genitália chegou a virar motivo de ansiedade porque “*George*” queria ter tempo de realizar uma labioplastia antes de perder a virgindade, tamanho era o medo de rejeição. O tempo foi passando e houve uma transformação no pensamento sobre si. Mas ele lamenta que tenha tido de

³⁵⁸ Disponível em: <https://www.thevulgagallery.com/stories/2017/12/20/embrace-your-vulva>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁵⁹ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/maricruz/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

³⁶⁰ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/ariana/>. Acesso em: 30 de março de 2018.

passar por tudo isso e que tudo poderia ter sido evitado apenas “*com uma conversa sobre a variedade na genitália*”.

Quando tinha entre dez e doze anos, “*Virgínia*”³⁶¹ viu a vulva de uma menina mais velha por acaso, em um acampamento de verão. Ela percebeu que era muito diferente da sua, então achou que faltava alguma coisa nela. Anos depois, quando se tornou sexualmente ativa, a preocupação tomou novas proporções em parte por causa dos garotos e da visão que eles têm de uma vulva a partir da pornografia. A pornografia também afetou o “*relacionamento*” de “*Yolanda*”³⁶² com sua vulva. Ela diz que pensou que estava “*deformada*”, que chegou a entrar em pânico e que aquilo destruiu sua autoestima. “*Toda a minha sexualidade foi formada em torno desse ódio pela minha vulva, quando eu comecei a fazer sexo a única coisa em minha mente era como minha vulva parecia*”. “*Renata*”³⁶³ também comenta que a mídia e a pornografia a conduziu a ter uma “*imagem errada*” sobre si mesma por muito tempo. “*Mayara*”³⁶⁴ disse ter ficado horrorizada que seu corpo não se parecia em nada com os corpos das atrizes pornôs: “*Eu até comecei a pensar no meu corpo como nojento*”, além disso “*Eu também comecei a ouvir comentários na escola, sobre como os lábios devem parecer, e sobre como uma vagina “solta” sempre tinha lábios maiores*”.

Quando “*Vitória*”³⁶⁵ iniciou sua vida sexual aos quinze, passou a se preocupar especialmente com a tonalidade de sua genitália. Constrangida e apavorada, ela temia ser rejeitada pelo namorado que, segundo ela, também havia percebido “*a cor irregular*”. Por conta disso, ela procurou um médico que, por algum motivo, ao invés de dissuadida-la de que algo estava errado com ela, reforçou a ideia, tanto é que mesmo que ela gostasse de sexo e masturbação, a baixa autoestima fazia com que ela não conseguisse ter um orgasmo. “*Yolanda*” também resolveu procurar uma médica, aos quinze anos. Chegando lá ela disse que achava que estava deformada e que gostaria que “*ela cortasse meus lábios internos*”. A médica, assim como o médico que “*Vitória*” procurou, reforçou a insegurança de “*Yolanda*”, fazendo com que ela se sentisse ainda

³⁶¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ba_3xOEHBIm/?taken-by=the.vulva.gallery. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁶² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BchqMZlnSQz/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁶³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bc7cHsjHPD6/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁶⁴ Disponível em: <https://www.thevulvagallery.com/stories/2017/12/20/how-it-should-look-how-body-positivity-changed-me>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁶⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbPXVKUH5i2/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

mais “sem esperança”. A baixa autoestima e a insegurança genital pode afetar a vida sexual das mulheres, inclusive, prejudica-la. A baixa autoestima vaginal de Luara³⁶⁶, por exemplo, fez com que ela tivesse medo de fazer sexo.

De acordo com Brochmann e Dahl (2017, p. 270), como “é o caso do resto do corpo, a genitália feminina também passa por uma grande mudança na adolescência, mas não conseguimos recordar qualquer momento em que nos contaram exatamente o que acontece com a vulva”. “*Falta de intimidade e total desconhecimento da anatomia*”³⁶⁷ são dois resultados dessa ausência de socialização com o próprio corpo, além do medo, da culpa, do nojo e da vergonha, esta massivamente mencionada nas narrativas que constituem esta tese. Algumas mulheres não conseguem ao menos enxergar a própria vulva como uma parte de seu corpo, menos ainda uma parte sua que mereça tanta atenção, então a “vagina” acaba sendo “a região proibida no coração de toda mulher” e “um lugar onde você não vai” (ENSLER, 2000).

O conhecimento sobre a própria vagina representa algo revolucionário, capaz de mudar a vida das mulheres, é o que diz muitos dos textos disponíveis na Internet em formato de manuais, curiosidades, guias sobre como melhor usar suas genitálias, seja sozinha ou com parceiros(as). Afirma-se que a vagina “fala” e se expressa de formas diferentes através de corrimento, manchas, coceira e mal cheiro e que se faz importante que as mulheres estejam atentas, que “amem” suas genitálias e cuidem dela. Tocar-se é a melhor solução, aconselha alguns desses textos, para que as mulheres possam tomar as rédeas de seus corpos e sua saúde a partir do “*autoconhecimento*” tendo em vista que essa “*falta de intimidade*” com o próprio corpo tem consequências perigosas, como a não identificação de doenças ginecológicas, como o câncer. Nesse sentido, existem muitos textos circulando na Internet que reforçam essa ideia de “conheça seu corpo” e suas partes “mais íntimas e secretas” (Zordan, 2003, p. 273).

*“Durante os anos em que trabalho com grupos de mulheres o que mais me deparei foi com aquelas que **mal conheciam o próprio corpo**. Sofriam esse ou aquele problema, estavam assustadas e o grande mal nada mais era do que o **desconhecimento de seus pontos de prazer, muitas, jamais haviam olhado a vagina com um espelinho... Assim se torna difícil dominar o grande potencial que esta pequena parte da anatomia feminina possui...**”*

³⁶⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BbuR1JCni_M/?taken-by=the.vulva.gallery. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁶⁷ MARTINELLI, A. Só metade das mulheres sabe localizar a vagina em uma ilustração médica (PESQUISA). Huffpost Brasil, 2014. Disponível em: < <https://www.huffpostbrasil.com/2014/09/09/so-metade-das-mulheres-sabe-localizar-a-vagina-em-uma-ilustracao-a-21678936/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

*Sem conhecer, não há como usufruir... Ao sugerir o espelho, muitas demonstravam ficar totalmente desconfortável, como se eu tivesse sugerido um dvd pornô. Em alguns cursos, distribuí espelhinhos, como forma de incentivo. Ajudou e ajuda ainda mais quando relato o caso da pinta: Uma aluna que ao se vê no espelhinho, percebeu uma pequena pinta avermelhada, estranha, sentindo-se incomodada por não saber o que era, procurou um medico e descobriu tratar-se de um câncer em estágio inicial. Operou se livrou e agradece até hoje ter-se olhado no espelho a tempo... Essa é a importância de examinarmos o corpo, sempre*³⁶⁸.

Reproduzi acima um trecho da fala de Regina Racco, especialista em ginástica íntima, em “12 coisas que sua vagina adoraria que você soubesse”. Os trechos grifados por mim atentam para informações que se repetem na fala de muitas mulheres com quem conversei e nas narrativas que acessei: as mulheres conhecem pouco ou desconhecem seus corpos. Por conta disso que as mulheres precisariam dominar e perceber o potencial que suas vaginas têm porque toda a atenção gineco-obstétrica redobrada sobre o corpo feminino não fez com que as mulheres também tivessem uma atenção redobrada sobre si.

Em uma página na internet direcionada ao público adolescente que, além de vender produtos de higiene íntima, intenciona que as internautas aprendam sobre seu corpo e sua saúde (‘a melhor maneira de perceber mudanças em seu corpo é conhecê-lo bem’), as meninas são encorajadas a usar um espelho para examinar seus genitais: ‘dê uma olhada em si mesma’. O texto diz que mesmo que a menina se sinta ‘meio estranha examinando sua genitália sozinha’, está aprendendo sobre seu próprio corpo e ‘não há nada de embaraçoso nisso’, pois é importante para sua saúde (desde que isto seja um ato privado, como indica a palavra ‘sozinha’). Ver o próprio sexo e identificar as partes de sua anatomia dentro de uma prática exploratória individual, ou seja, descartando a possibilidade de jogos sexuais com parceiros do mesmo sexo ou do outro, é recomendado para as adolescentes como exercício de autoconhecimento (ZORDAN, 2003, p. 274-275).

Retornando aos relatos, até aqui os trechos que selecionei exploram experiências vivenciadas entre a infância e a adolescência, mas há também muitos que refletem sobre a vida adulta. “Marjane”³⁶⁹ relata que a história da sua vulva “começou a ser escrita relativamente tarde na minha vida, quando entrei nos meus 30 anos”, pois antes disso ela não havia se interessado pela “parte secreta do meu corpo” ainda que estivesse consciente dela, como algo que “existe, que eu posso sentir, tocar e desfrutar”. No

³⁶⁸ RACCO, R. 12 coisas que sua vagina adoraria que você soubesse. Pompoarte, (s.d.). Disponível em: <<http://www.pompoarte.com.br/info/info/4056/286/12-coisas-que-sua-vagina-adoraria-que-voc%C3%AA-soubesse>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁶⁹ Disponível em: <http://www.vulvalovely.com/meet-the-models/marjane/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

entanto, foi quando engravidou pela primeira vez que começou a “*perceber que eu via o meu corpo através de lentes totalmente diferentes, incluindo a visão da minha preciosa vagina*”, especialmente porque “*tiveram que interromper a entrada da minha vagina para entregar o bebê em segurança (episiotomia). Então eles costuraram e eu tive uma cicatriz grande que não cicatrizou bem*”, e então ela sentiu como se sua “*vagina*” a tivesse traído. Foi essa experiência que fez com que ela pela primeira vez examinasse a “*parte secreta do meu corpo*”. Foi o VLL que fez com que ela mudasse o olhar sobre a aparência atual de sua vulva: “*Eu queria aprender a admirá-la novamente. Em suas formas naturais. Com uma cicatriz curada enterrada no meu corpo. Porque aos meus olhos, ela lenta, mas seguramente se tornou uma flor maravilhosa que eu nunca vi antes na minha vida*”. “*Cristiane*”³⁷⁰ ressalta a importância da maternidade, assim como outras o fazem. Ela fala que “*Não, eu não tenho uma pequena buceta que parece nunca ter sido tocada. Eu tenho a buceta de uma mulher real, uma mulher que produziu três lindos filhos (algo para a minha buceta ter orgulho de si mesma)*”.

Algumas dizem estar conscientes de seu corpo durante toda a vida, outras afirmam não pensar sobre a própria “*vagina*” até que “*algo*” aconteceu. Falam sobre parceiros que as prejudicaram (com seus olhares críticos³⁷¹) ou ajudaram, sobre ausência de orgasmo, o primeiro orgasmo, sobre só conseguirem fazer sexo no escuro³⁷², sexo oral, masturbação, maternidade e parto. Por exemplo, “*Margô*”³⁷³ relata que sua “*boceta mudou muito depois de ter meu filho, obviamente cortar e fórceps nunca vai deixar sua anatomia como estava*” e também “*Fishnet Mama*”³⁷⁴, que afirma que o seu “*relacionamento com todo o meu corpo mudou desde que me tornei mãe*”. Também há relatos de quem teve vontade de fazer algum tipo de cirurgia com o intuito de modificar a aparência da vulva, assim como sobre doenças na região vulvovaginal. “*Aurora*” fala que realizou o movimento de “*auto-aversão para auto-estima só de ver que beleza ser uma mulher realmente pode ser. Não apenas ter dado à luz a minha filha*”.

³⁷⁰ Disponível em: <https://salaciouswhispers.blogspot.com.br/2012/02/had-i-been-attempting-to-write-this.html?zx=87f3d66bc2170e99>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

³⁷¹ Como menciona a autora do relato disponível em: Disponível em: <https://mollysdailykiss.com/2012/05/08/confront-your-cunt-guest-post/>. Acesso em: 1 de abril de 2018.

³⁷² Como menciona a autora do relato disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcXb8t6Hm63/?taken-by=the.vulva.gallery>. Acesso em: 3 de abril de 2018.

³⁷³ Disponível originalmente em: <https://musingonmoonbeams.wordpress.com/2011/06/06/purrrrfection/>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2019.

³⁷⁴ Disponível em: <http://www.vulvalovelovely.com/meet-the-models/fishnet-mama/>. Acesso em: 30 de março de 2018.

mudou minha visão sobre mim mesma, mas também transformou meu corpo". Para ela, *"ver minha nova vulva me levou a amar minha vulva do passado também"*.

3.2.3 Estabelecendo diálogos: uma reflexão sobre modos de (re)criação de si

Durante a conversa que tive em maio de 2015 com "Jessica Row", criadora da página TVP, ela me disse que havia começado seu "projeto" porque havia aprendido que cada pessoa no mundo carrega diferentes mensagens, e que sua *"vagina estava com raiva por ter sido silenciada, e minha vagina (na pintura) disse que vai usar as palavras que ela quer"*. Nessa ocasião, ela compartilhou comigo a imagem de um quadro que havia pintado³⁷⁵ no qual, segundo ela, sua "vagina" "gritava":

*"sobre como ela vai dizer o que ela quer. Minha vagina tinha algo a dizer. Ele tinha uma mensagem de que não seria silenciada. (Quero dizer, uma vulva tem lábios, uma vagina pode ser pensada como uma boca, por que ela não teria algo a dizer depois de todos esses anos de tortura e abuso na história humana!"*³⁷⁶.

Senti-me fascinada com essa fala de Jessica, e resolvi embarcar na metáfora, que parecia apropriada para pensar o rompimento de silêncio das "vaginas" na internet.

³⁷⁵ Jessica me enviou essa imagem, mas a mesma estava disponível no TVP. A imagem reproduz a necessidade de sua *"vagina ser ouvida"*, que a palavra "vagina" e outras referentes a ela, possam ser pronunciadas sem que *"haja um temor em torno disso"*.

³⁷⁶ Entrevista via e-mail em 22 de maio de 2015.

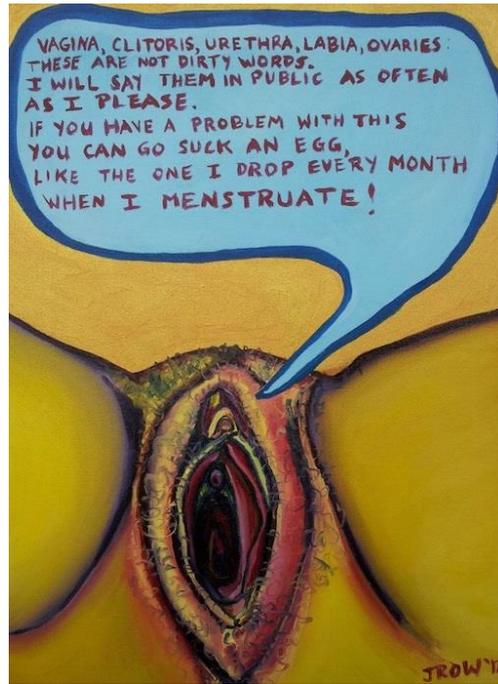


Figura 12 - A pintura de Jessica Row.

Encontrei alguns exemplos de textos midiáticos e aliados que se adequam a essa mesma perspectiva, a de que a “vagina” *“teria algo a dizer”*. *“Espelho, espelho meu – se minha vagina falasse”*³⁷⁷, *“Carta à vagina”*³⁷⁸, *“Um papo com a vagina”*³⁷⁹, *“Fale com ela – coisas que sua vagina gostaria de dizer a você”*³⁸⁰ e *“Sua vagina ‘fala’: 10 sinais para entender o que ela está querendo te dizer”*³⁸¹ são alguns deles. Esse tipo de representação aparece na produção de ativistas, mas são múltiplas as interpretações e há duas principais representações dessa fala. Por exemplo, *“Um papo com a vagina”*, *“Fale com ela”* e *“Sua vagina fala”* referem-se a capacidade de reação física do órgão a determinados estímulos externos, como abusos sexuais (em *“Um papo com a vagina”*) e como um *“termômetro”* a respeito da saúde da mulher, como menstruação e corrimentos, indicando o período do ciclo menstrual ou algum tipo de infecção. Por isso

³⁷⁷ Jacob, J. Espelho, espelho meu – se minha vagina falasse. Erosdita, 2014. Disponível em: <<http://orobofm.com.br/homepage/2014/10/17/espelho-espelho-meu-se-minha-vulva-falasse/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁷⁸ MENDES, C. Carta à vagina. Revista Bula, (s.d.). Disponível em: <<https://www.revistabula.com/4718-eu-eu-mesma-e-minha-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁷⁹ DUARTE, J. Um papo com a sua vagina. Cínicas, 2017. Disponível em: <<https://www.cinicas.com.br/um-papo-com-a-sua-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁸⁰ Fale com ela – coisas que sua vagina gostaria de dizer a você. Cosmopolitan, 2012. Disponível em: <<https://cosmopolitan.abril.com.br/amor-e-sexo/fale-com-ela-coisas-que-sua-vagina-gostaria-de-dizer-a-voce/>> Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁸¹ SILVA, C. Sua vagina "fala": 10 sinais para entender o que ela está querendo te dizer. Vix. (s.d.). Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/bdm/saude/sua-vagina-fala-10-sinais-para-entender-o-que-ela-esta-querendo-te-dizer>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

ela seria “sua amiga lá de baixo”³⁸², pois ela “conta” para sua “proprietária” quando algo não vai bem. “Você já falou com a sua vagina hoje?”³⁸³, pergunta inusitada feita em uma sociedade onde as mulheres têm dificuldade para estabelecer um vínculo de “amizade” com suas “vaginas”. “É mais ou menos como se você não conhecesse onde mora sua melhor amiga e nunca tivesse comentado nada sobre ela para seus pais e namorado. Imagine só o que ela diria se soubesse”³⁸⁴. “Converse com sua vagina e diga o quanto ela é linda”³⁸⁵, mensagem que também se repete nos textos ativistas. Já nos outros textos, uma abordagem diferente e ainda mais comum nos textos ativistas: falar dela como se ela fosse uma pessoa, como se ela tivesse uma consciência, alguém que possui informações sobre “sua proprietária” que ela não sabe, não quer ou tem medo de saber: ela pode “fazer revelações” até sobre seu estado emocional³⁸⁶. Portanto, conversar com ela seria a solução.

“Carta à vagina” e “Espelho, espelho meu”, por sua vez, dão uma voz a essa “amiga”. Naquele texto, a “proprietária” aconselha sua “vagina” sobre “não ser uma tarefa fácil” viver no “mundo aqui fora” porque “O mundo não exatamente curte o tipo de relação que nós temos. O mundo prefere que a gente não se entenda e que eu não te dê ouvido ou voz. Que eu não consiga te entender e te agradar” porque “mundo fica mais tranquilo quando mulheres e vaginas são inimigas”. O texto comenta que a relação conflituosa entre mulheres e suas “vaginas” é culpa da sociedade, que teme onde essa relação pode levá-las. “Ah, se eles soubessem o que se passa aqui... Mas não sabem. E não só no que diz respeito a você. O mundo não entende nada de mulher. E prefere assim”. Esse mundo do qual se fala é tão “machista” que produz uma narrativa na qual as mulheres acreditam na existência de um “mundo maravilhoso da intimidade feminina” que nem sempre é compensatório. No segundo texto, em formato de diálogo, vagina e “proprietária” são duas desconhecidas que conversam, que aprendem juntas

³⁸² Fale com ela – coisas que sua vagina gostaria de dizer a você. Cosmopolitan, 2012. Disponível em: <<https://cosmopolitan.abril.com.br/amor-e-sexo/fale-com-ela-coisas-que-sua-vagina-gostaria-de-dizer-a-voce/>> Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁸³ DUARTE, J. Um papo com a sua vagina. Cínicas, 2017. Disponível em: <<https://www.cinicas.com.br/um-papo-com-a-sua-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁸⁴ Fale com ela – coisas que sua vagina gostaria de dizer a você. Cosmopolitan, 2012. Disponível em: <<https://cosmopolitan.abril.com.br/amor-e-sexo/fale-com-ela-coisas-que-sua-vagina-gostaria-de-dizer-a-voce/>> Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁸⁵ DUARTE, J. Um papo com a sua vagina. Cínicas, 2017. Disponível em: <<https://www.cinicas.com.br/um-papo-com-a-sua-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁸⁶ SILVA, C. Sua vagina “fala”: 10 sinais para entender o que ela está querendo te dizer. Vix. (s.d). Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/bdm/saude/sua-vagina-fala-10-sinais-para-entender-o-que-ela-esta-querendo-te-dizer>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

uma sobre a outra. Aqui é a “vagina” quem ensina seus “mistérios”, desejando ser conhecida:

- *Pois eu duvido é você lembrar do meu rosto!*
- *Rosto?*
- *Estamos conversando há um tempão e você sequer olhou pra mim. Humpf!*
- *Ah, desculpa... mas você fica muito escondida aí embaixo. Não consigo te ver, é complicado... e não sou contorcionista!*
- *O problema é esse? Pois vamos resolvê-lo agora: pega um espelho.*
- *Hã?*
- *Um espelho, oras. Ali! Tem um ali no balcão da pia.*
- *Tá na mão. E agora?*
- *Coloca no meio das pernas e me olha. Tá me vendo?*
- *Tou!!*
- *Pronto. Pode me admirar à vontade.*
- *E eu que pensei que só a ginecologista podia ter essa visão... grandes lábios, pequenos lábios, clitóris... mas cadê a Vagina?*
- *Só dá pra ver a entrada dela, entre a uretra e o Ânus. Aproveita o embalo e olha pra ele também!*
- *Pessoal, como eu pude demorar tanto pra conhecer vocês ao vivo?*
- *Não se sinta culpada. Acontece com muitas mulheres.*
- *Tem explicação?*
- *É uma história meio manjada, mas vamos lá: há milhares de anos espalharam um boato que tudo relacionado aos órgãos sexuais é indecente, feio e até pecaminoso, sabe? E que por isso é melhor manter distância da gente para evitar olhares de reprovação.*
- *Meu Deus! Incrível que essa fofoca permanece até hoje!*
- *Pois é! Pra piorar, também inventam muita mentira sobre nós. Já ouviu falar no mito da vagina dentada?*
- *Sei! A história de que a vagina tem dentes afiados capazes de castrar o pênis que nela penetrar... nada mais ridículo!*
- *Mas tem gente que acredita, viu? E como poucas mulheres nos olham para conferir a nossa anatomia, o boato corre solto...*
- *Pois eu vou espalhar por aí que é tudo mentira! E dizer para as minhas amigas usarem o espelho, como fiz agorinha.*
- *Ótimo! Faça campanha a nosso favor! É preciso conhecer o próprio corpo. É preciso aprender a se gostar mais.*
- *Deixa comigo!*
- *Mas, voltando ao assunto, o fato é que, diante de tantas invenções, muitas mulheres já crescem com vergonha e pudor em relação à sua genitália. Algumas chegam também a ter nojo, acredita? E ainda por cima aprendem a me chamar de nomes depreciativos que não gosto nem de lembrar: baratinha, arrombadinha, arreganhada, bueiro, caranguejeira, encardida, mijada, perseguida...*
- *Que horror! Eu nunca tinha parado pra pensar... isso é bullying sexual! Não é justo fazerem isso com você!*
- *Epa! Não é justo fazerem isso com A GENTE! Esqueceu que estamos no mesmo corpo?*
- *Engraçado isso. Olha, eu adorei te ver no espelho. Eu não só te conheci, mas também me conheci melhor.*
- *É o tal de processo de autoconhecimento, querida. Tá na moda e faz um bem danado!*
- *Pois é... tou me sentindo tão bem! Obrigada por me fazer esse convite.*
- *Imagina... obrigada por ter aceitado.*
- *Você soube me convencer.*
- *E agora, hein?*
- *Agora eu vou cuidar melhor da gente, prometo!*
- *Confio em você. Aliás, sempre confiei.*

– Ah! Muito prazer, né?
– O prazer é todo NOSSO. Agora que somos amigas, tenho certeza que vamos nos divertir MUITO juntas.

“Jessica Row” falava também sobre a importância de as “pessoas com vagina” terem “uma voz”, e para ela, seu projeto era uma maneira de abrir espaço para isso. “Se não podemos sequer dizer uma palavra simples como vagina, em seguida, até onde podemos realmente obter com os direitos humanos relacionadas com o gênero?”³⁸⁷. Esse era exatamente um dos motivos que chamaram a minha atenção para os relatos pessoais que compunham os projetos PPP, VLL e TVG.

Diante de todas essas narrativas, penso, em primeiro lugar, que as pessoas que contribuem com esses “projetos” se identificam com o conteúdo dos espaços digitais e a partir dessa identificação, elas visibilizam suas inquietações, suas lutas pessoais, evocando suas vulnerabilidades e os estereótipos racistas/machistas que as perseguem. Elas conseguem ter acesso a outras narrativas nesse espaço imaginado, diante das quais podem se espelhar e construir novos repertórios, novos modos de vida, ressignificando suas próprias experiências, que como podemos perceber, foram fundamentais para a forma como elas enxergam sua própria imagem. Além disso, cada um dos espaços configura “um lugar para ser vulnerável, mas não ser julgada” (SILVA, PAIVA, 2017, p. 144). Conforme bell hooks (2019, p. 154) “Devemos criar o espaço de oposição onde nossa sexualidade pode ser nomeada e representada, onde somos sujeitas sexuais – não mais amarradas e acuadas”. E isso acontece nesses espaços que acessei.

Em segundo lugar, entendo que essas falas revelam uma prática de escrita confessional onde se constituem os “modos de subjetivação” dos sujeitos femininos. Ao confessarem seus segredos, seu dilemas, essas mulheres têm a possibilidade de inventarem a si mesmas na escrita e a partir dela, estabelecendo “outras relações de si para consigo e para com o outro” (RAGO, 2013, p. 43) através dessa busca por uma “cura” emocional através dessa escrita compartilhada. Trata-se “de assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade”, de um “tornar-se autor[a] do próprio script” (RAGO, 2013, p. 52) crucial para essas mulheres. É crucial para elas “contar suas histórias, dividi-las com outras pessoas” porque “nossa sobrevivência, como mulheres, depende desse diálogo” (ENSLER, 2000, p. 92). Essa modalidade de “escrita de si”, uma escrita “confessional”,

³⁸⁷ Entrevista via e-mail em 16 de maio de 2015.

também estaria, a meu ver, no coração de um projeto de fabricação de um “eu feminino coletivo”, a partir da fabricação de narrativas próprias sobre suas emoções, que como é possível observarmos nos relatos, afetam a sensibilidade vaginal e como a “vagina” é enxergada e experimentada pelas mulheres.

Em terceiro lugar, gostaria de mencionar um exemplo que dialoga com os relatos que acabamos de ver. Em seu livro “Fome”, Roxane Gay (2017, p. 40) reflete sobre sua experiência de escrita anônima confessional na internet, pensando a respeito da importância do compartilhamento das suas histórias, que na internet se uniram às histórias de outras mulheres que, como ela, foram vítimas de abuso, de estupro. Falar de questões tão pessoais na internet faz com que “esse compartilhamento se torne parte de algo maior, um testemunho coletivo de pessoas que também possuem histórias dolorosas”. Foi potente para a possibilidade de contar o que ninguém mais sabia, porque ao mesmo tempo em que ela não tinha condições emocionais de falar sobre sua dor, ainda assim ela podia escrever sobre isso: “Eu tinha perdido minha voz, mas tinha palavras” (p. 60), diz ela, pois guardar sua experiência para si mesma “não funcionou muito bem” (206).

Romper com um silêncio culturalmente imposto não é fácil porque dependendo do segredo que esse silêncio guarde, sua narradora pode passar por um sofrimento maior porque pode ser estigmatizada. Guardar um segredo pode ser uma forma de evitar a estigmatização como também pode ser uma estratégia de recalque da experiência vivida. Ao falarmos sobre algo, esse algo se materializa, se torna mais real, e a escrita seria uma forma de materialização do vivido. O anonimato cai bem nesse processo, como nos conta Gay (2017, p. 83), porque é possível mergulhar “no anonimato e na habilidade de me apresentar aos outros como bem quisesse”, sem correr o risco da estigmatização, ou ainda, uma forma de tornar coletiva uma história individual. Não é a toa que os relatos dos “projetos” que compõem o tópico anterior parecem conversar com as histórias de tantas outras mulheres, conversaram comigo, inclusive. Essa suposta liberdade de navegar anonimamente pela internet ajuda as mulheres a falarem sobre as experiências com suas “vaginas”, por isso a internet se torna o ambiente privilegiado para essa escrita confessional. Por se tratarem de assuntos tão íntimos e difíceis para elas, não estar diante de outra face e sim diante de uma tela é mais reconfortante, porque assim são elas que controlam o processo de elaboração de si mesmas.

Sabemos que a Internet é uma plataforma de extrema importância para a disseminação de conteúdo de tipos variados: imagens, textos, vídeos, músicas,

linguagens híbridadas, produzidos para e por públicos variados. A maioria de suas páginas informativas ou corporativas, conforme nos diz Spyer (2001, p. 56), representa vitrines de informação: você pode olhar, mas não deve por a mão (SPYER, 2011, p. 56). No entanto, muitos outros, como os “espaços sociais colaborativos” (HINE, 2004) mencionados, divergem do que Spyer chama de vitrines de informações, no trecho acima. As ações colaborativas mais importantes e que constituem esse espaço são, portanto, as doações de conteúdo (imagens, textos, comentários, curtidas, seguir, deixar de seguir, compartilhar: ações que fazem parte do vocabulário digital, tudo isso funcionando como catalizadores de novos conteúdos, que são produzidos pelos próprios usuários da rede) feitas pelas leitoras, que se tornam participantes da ambiência criada na página, fazendo com que os projetos continuem existindo fazendo circular bens públicos digitais, ainda que essas doações sejam disponibilizadas como anônimas. Esses bens públicos, o conteúdo das páginas, seus relatos, suas imagens, seus convites para colaborações, ficam então disponíveis pra quem quiser e puder usufruir dele, disponíveis para o consumo à qualquer momento e em qualquer lugar, caracterizando, assim, uma “economia de doação”, onde há oferta de ajuda e informação enquanto favores e/ou presentes, sem que envolva necessariamente expectativas quanto à retribuição direta e/ou imediata, o que não pressupõe que não haja desinteresse nesses tipos de doações.

A partir da definição de doação, é possível dizer que as trocas de informação e ajuda na Internet podem ser considerados presentes... os frequentadores de comunidades online geralmente não se conhecem e, depois que uma pessoa ajuda a outra, é possível que nunca mais se encontrem online. Portanto, a reciprocidade entre dois indivíduos específicos é difícil ou impossível de acontecer no ciberespaço (SPYER, p. 2011, p. 32).

A expansão de narrativas íntimas na internet reitera o colapso entre as esferas do público e do privado, por tratarem de assuntos da ordem da intimidade em suportes de fácil acesso a públicos diversos. Espaços como esse se estabelecem como tal por causa das doações de suas leitoras, admitindo dinâmicas e conexões que fazem dele um lugar privilegiado para configuração do que Zafra (2010 *apud* FERREIRA, 2015, p. 200) chama de “quarto próprio conectado à internet”, conseqüentemente em espaço público-privado online. Para a autora, o quarto próprio conectado é um espaço que se configura como um particular “centro de operações” de nossa vida online, assim, a “relação sujeito-máquina-online no espaço de concentração privado posiciona-se como um

território contemporâneo de experimentação on-line por excelência” (ZAFRA, 2011 *apud* FERREIRA, 2015, p. 200). Plummer (1995, p. 5) considera que todos nós somos “homo narrans”, isto é, narradores e contadores de histórias, tendo em vista que as sociedades nada mais são do que redes de “histórias texturizadas” que fazem funcionar os mundos sociais, e funcionam também em função de narrativas privadas que se tornam de propriedade pública, posto que “os domínios públicos e privados desmoronaram” (PLUMMER, 1995, p. 9). Os exemplos de “narrativas de experiências pessoais do íntimo” (p. 19) que apresento são histórias sobre como o mundo impacta a intimidade das mulheres, ou seja, como os enunciados hegemônicos são consumidos e resignificados nas experiências pessoais. Observa-se que esses quartos conectados são locus para a transformação e a “possibilidade de invenção de novos modos de existência, construídos a partir de outras relações de si para consigo e para com o outro” (RAGO, 2013, p. 43).

Como foi dito na introdução, a criadora do PPP deixa clara sua intenção de promover uma cultura de posituação da vulva, configurando assim um exemplo paradigmático do que considero ser uma cultura vulvófila, que incentiva as mulheres a terem sentimentos positivos sobre suas “*vaginas*” e conseqüentemente sobre si mesmas para que possuir uma “vagina” seja uma “*fonte de orgulho*”, não de “*vergonha*”. Assim, os quartos conectados possibilitam a elaboração conjunta e afetiva de narrativas, imagens e representações descentradas, contra hegemônicas, uma nova ordem discursiva feminina, sua insurreição verbal.

Os “*projetos*” atendem a demandas de mulheres de lugares diferentes do mundo, que possivelmente nunca se encontrarão fora daquele espaço, no qual encontram acolhimento, mesmo que momentâneo, mas entendo que ali “Uma cultura afetiva está socialmente em construção” (LE BRETON, 2009, p. 127) pois avalio que esses “projetos” são espaços de compartilhamento de experiências e de apoio a vivências positadoras da relação entre mulheres e suas vaginas (Silva e Paiva, 2016). Parece-me compatível dialogar este debate sobre o compartilhamento de experiências proposto pelos projetos com o que propõe Williams (1969, p. 325) com a expressão “comunidade de experiência”, da configuração de uma “cultura em comum” (p. 323) que se faz importante por remeter ao aprendizado a partir da experiência compartilhada. Essas experiências partilhadas podem também significar a criação de uma “cultura afetiva”, aqui no sentido abordado por Le Breton (2009), que afirma que, para que “um sentimento (ou emoção) seja experimentado ou exprimido pelo indivíduo ele deve

pertencer, de uma forma ou de outra, ao repertório cultural do seu grupo” (LE BRETON, 2009, p. 126).

Para Le Breton (2009, p. 113), a afetividade “simboliza o clima moral que envolve em permanência a relação do indivíduo com o mundo e a ressonância íntima das coisas e dos acontecimentos que a vida cotidiana oferece”. Nesse sentido, “As emoções são, portanto, emanações sociais ligadas a circunstâncias morais e à sensibilidade particular do indivíduo”, são “modos de afiliação a uma comunidade social, uma maneira de se reconhecer e de poder se comunicar em conjunto sobre a base da proximidade sentimental” (LE BRETON, 2009, p. 126-127). Continuamos com o antropólogo:

Uma cultura afetiva está socialmente em construção. Cada um impõe sua colocação pessoal ao papel que representa, com sinceridade ou distância, embora sempre reste uma tela de fundo que torna as atitudes reconhecíveis... compreender uma atitude afetiva implica desenrolar inteiramente o fio da ordem moral do coletivo, identificando a maneira como o sujeito que vive a situação define essa última (LE BRETON, 2009, p. 127).

A construção de uma cultura afetiva é, assim, uma estratégia de *criação* de um conjunto de referências que elas não tinham até então, e também de *resistência*, no sentido apontado por Baccheta (2009, p. 50), enquanto “resistência psíquica”, “transgressão”, “resistência transformativa” e “oposicionista”, no sentido de que, no caso da psíquica, significa ter consciência de que a forma como nos enxergamos é uma consequência da influência da cultura, que muitas vezes nos fazem construir imagens negativas sobre nós mesmos, então diante dessa identificação do que foi internalizado, resistir nesses termos seria superar para então transgredir a lógica cultural hegemônica. Como podemos aplicar essa ideia ao contexto estudado? O próprio movimento de rompimento do “*silêncio sobre a vagina*”, o exercício reflexivo que as mulheres fazem em suas narrativas, resgatando suas histórias pessoais são um exemplo claro dessa resistência psíquica, e assim como fala Baccheta (2009, p. 60), é possível pensarmos que ao refletirem e identificarem situações traumáticas, elas se desidentificam com esses contextos de opressão de suas subjetividades, revelando uma das faces desse tipo de resistência, que é a recriação de si. A partir daí, decide-se pelas demais formas de resistência apontadas pela autora, mas podemos observar que algumas das histórias revelam momentos de “transgressão”, no sentido de que existem pontos de ruptura de tabus relacionados ao corpo, por exemplo. A existência desses espaços digitais, assim

como sua composição, revela, por sua vez, uma face da “resistência transformativa” proposta por Baccheta (2009).

Le Breton lembra que, de acordo com o senso comum, emoção é geralmente associada a irracionalidade, falta de autocontrole e vulnerabilidade, “uma imperfeição que se deve emendar, corrigindo-se seu rumo na direção de uma existência razoável” (LE BRETON, 2009, p. 114). Contra o senso comum de que as emoções não têm o potencial de induzir a novas cognições sobre a existência social, entendemos que a análise da(s) cultura(s) afetiva(s) de uma sociedade, permite-nos, nas palavras de Le Breton, “desenrolar os fios da ordem moral do coletivo”.

No caso específico aqui tratado, a análise da cultura afetiva mobilizada mediante o compartilhamento de significações e experiências relacionadas ao corpo dessas “mulheres reais”, rizomatizadas em torno de TVG, PPP e VLL, permite-nos vislumbrar as palavras de ordem à “autoaceitação” e à “autoconsciência” como intervenientes nos modos de relação das mulheres com seus corpos: essa “autoconsciência” e “aceitação” se transformariam, nesse contexto, em *amor ao próprio corpo*, por meio da expressão das emoções de suas interlocutoras anônimas sobre suas *vaginas*. Assim é que, por intermédio dessa rede de “identificações horizontais”, vão se constituindo novas referências sobre mulheres, corpos e *vaginas*, assim como vão se forjando resistências coletivas que articulam como fio condutor o corpo, que como nos alerta Bourcier (2014, p. 13), é lugar de opressão, mas também um “espaço de construção biopolítica”, um centro de resistência.

Entender a autoavaliação de si mesmo e, principalmente, conseguir detectar aquilo que o sistema conseguiu adular em nós mesmos é um ato político importante. É lavar-se de toda a carga violenta e limitadora que os sistemas de opressão e dominação conseguiu implantar em nosso âmbito (BERTH, 2018, p. 119).

Os estereótipos são solidificados por conta da atuação cotidiana do senso comum, que muitas vezes nos ofende, rejeita, exclui e nos direcionam esses tratamentos ao longo da vida. Quebrar com esse ciclo, e ainda mais, ter consciência do impacto que isso tem sobre nós e romper com essa influencia faz parte do processo de empoderamento. Voltando ao que eu dizia no início deste tópico, é interessante perceber que nos relatos as mulheres se referem às suas *vaginas* como se fossem uma pessoa desconhecida, ou uma amiga, como um ser consciente, com sentimentos e pensamentos

próprios. Dessa forma, tanto os enunciados dos “projetos” como também alguns textos disponibilizados na mídia, como já citei alguns exemplos, assumem essa metáfora como uma forma de humanizar a vagina para então empreender um movimento de empatia por ela, atuando no processo de “*autoaceitação*” e “*autoconhecimento feminino*”. Assim, por exemplo, é a “vagina” que é “*envergonhada*”³⁸⁸ e não sua “proprietária”, “*Se ela pudesse falar (afinal tem lábios...) certamente mandaria alguns recadinhos para você*”³⁸⁹, ou ainda, quando se diz que “*Ela é nossa maior amiga*”³⁹⁰. Nesse sentido, cabe pensar no nome da oficina “*Fique Amiga Dela*” como um reflexo desse tipo de abordagem possível sobre a “vagina”. Percebo que esse tipo de ferramenta mobilizada para que as mulheres possam empoderar-se ainda está em fase de testes.

Então para que seja possível que as mulheres finalmente conheçam suas vaginas, se reconciliem com elas, modifiquem essa relação conturbada, além de terem um espaço para falar sobre isso, uma referência sobre outras pessoas que tenham os mesmos dilemas, é sugerido por ativistas e aliados que sejam criados espaços de acolhimento para elaboração conjunta e afetiva de narrativas e imagens onde as pessoas podem “revelar a própria intimidade sem perder a proteção do anonimato”, pois confessar segredos anonimamente parece se revestir de propriedades terapêuticas, espaços como o são os “*projetos*” mencionados, assim como é a oficina Fique Amiga Dela e tantos outros que encontrei no decorrer da pesquisa, que atuam, nesse sentido, como espaços de “apoio emocional” e “suporte subjetivo” (PRADO, 2014). Cada um desses espaços, a sua maneira, produzem dinâmicas e práticas de “ajuda mútua feminina” (FACIOLI, 2013), que podem auxiliar positivamente na autoestima vaginal dessas mulheres. Se a cultura hegemônica parece deixar as mulheres solitárias em relação às suas questões íntimas, parece importante que sejam criadas essas rotas de fuga para que elas possam trabalhar suas autoimagens pois como nos ensina Berth (2018, p. 108), ter uma “boa relação com a nossa autoimagem é uma ferramenta importante”, e que sejam criadas “possibilidade[s] de amparo pelas mídias digitais que as auxiliie a lidar com uma dinâmica de gênero que as posiciona em circunstâncias de dificuldades” (PRADO,

³⁸⁸ Artista faz campanha pela “diversidade da vagina”. Ig São Paulo, 2015. Disponível em: <http://on.ig.com.br/imagem/2015-09-15/artista-britanica-faz-campanha-pela-diversidade-da-vagina.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁸⁹ RACCO, R. 12 coisas que sua vagina adoraria que você soubesse. Pompoarte, (s.d.). Disponível em: <http://www.pompoarte.com.br/info/info/4056/286/12-coisas-que-sua-vagina-adoraria-que-voc%C3%AA-soubesse>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁹⁰ RACCO, R. 12 coisas que sua vagina adoraria que você soubesse. Pompoarte, (s.d.). Disponível em: <http://www.pompoarte.com.br/info/info/4056/286/12-coisas-que-sua-vagina-adoraria-que-voc%C3%AA-soubesse>. Acesso em: 31 mar. 2019.

2014, p. 11), sem perder de vista que as “tecnologias de comunicação” configuram-se como “ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos [e de nossas subjetividades]” (HARAWAY, 2013, p. 64), operando como um tipo de tecnologia subjetivo-corporal que engendra sujeitos” (MISKOLCI, 2017, p. 281).

4 A VAGINA-IMAGEM E AS ESTRATÉGIAS DE (IN)VISIBILIDADE

“[...] numa realidade onde VAGINAS são ainda escondidas por nós, que a temos, e pela sociedade em geral, ao contrário de pênis, que aparecem em todos os lugares, desde pichações em muros até nos discursos acalorados, falar de nossas VAGINAS publicamente pode ser considerado um ato político”³⁹¹. (Stephanie Ribeiro).

“Uma imagem vale mais do que mil palavras”, afirma um ditado popular, porque “abrem portas para infindáveis leituras e interpretações” (SCANDOLARA, 2013, p. 8). As imagens, afirma Arasse (2012, p. 535-536) “são portadoras de implicações e investimentos próprios”, tendo em vista que “seu modo de enunciar, não verbal, suas diversas funções (comemoração, edificação, prazer, etc.), suas esferas de recepção (pública, privada, íntima) não fazem delas apenas testemunhos que refletem situações e práticas existentes”, pois elas “servem também de modelos e de contramodelos” podendo “servir para significar as várias facetas das relações humanas” (SCANDOLARA, 2013, p. 8). No caso da “vagina”, vimos no capítulo anterior que as palavras materializam imagens-modelos, muitas delas negativas, e que estas definem experiências subjetivas femininas, sendo cruciais para a elaboração da “*autoestima vaginal*”. Isso significa que a forma como a sociedade representa a mulher, e conseqüentemente, a forma como representa seu órgão sexual, aquele que define sua “natureza”, condiciona sua autoimagem. Os relatos pessoais do capítulo anterior parecem confirmar que o “ideal de vagina perfeita” não só não serve para todas como causa sofrimento psíquico. Este capítulo, por sua vez trata de modos de construção de contramodelos em espaços digitais a partir da apropriação de referências normativas do universo imagético farmacopornográfico (PRECIADO, 2018), focando nas representações imagéticas da “vagina”, como ela aparece nas narrativas hegemônicas e como é ressignificada pelas ativistas, isto é, em narrativas contra hegemônicas.

³⁹¹ RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. Plano Feminino, 2018. Disponível em: <<https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

4.1 O olhar é “uma arma ou uma carícia”: uma reflexão sobre alguns discursos visuais da vagina/vulva no universo imagético farmacopornográfico

“Durante o século XX, as tecnologias de comunicação ampliaram o campo do que é socialmente visível, inserindo-o em um mercado de demanda e consumo de imagens e representações” (MISKOLCI, 2017, p. 265), e a “vagina”, nesse contexto de “hipervisibilidade” (MISKOLCI, 2017, p. 270), “*ganhou de vez os holofotes atualmente*”, como anunciou “*Autoestima vaginal: como anda a sua?*”³⁹², realidade diferente daquela apontada no segundo tópico do capítulo 2. Por conta disso, podemos acessar diversas narrativas imagéticas multissituadas e translocais diferentes sobre ela. Esse universo imagético mobiliza simbologias que revelam o potencial da “vagina” para além de sua função biológica, que é a procriação e sua consequente passividade diante do pênis. Nos capítulos anteriores pudemos observar que é isso que a sociedade espera de uma “vagina”: que ela se mantenha passiva, um objeto de contemplação masculina, seja como objeto de estudo ou de desejo. Mas como podemos perceber nos relatos disponíveis em PPP, VLL e TVG, ela se impõe como uma entidade, como se tivesse uma consciência, como se fosse um corpo a parte, autônomo e com sentimentos e pensamentos próprios. Diferente da passividade esperada, neste espaço construído para que suas potencialidades sejam ativadas, ela se rebela, olha e contempla a si mesma, “se pensa” como algo muito mais do que uma caverna inabitada, um buraco vazio, uma boca cheia de dentes afiados, um alimento suculento ou animal abatido.

O olhar farmacopornográfico, soberano por ser hegemônico e supor-se no controle da vida social, posiciona a “vagina” em um lugar ambíguo: ela é obscena, é suja, porém cobiçada, motor do gozo masculino, seja na tela de um artefato eletrônico ou não. O olhar masculino é “o olhar predador” (CRUZ, 2010), responsável por tê-la descoberto, por sua representação, por sua razão de ser, seu destino. Ela é a “marca da feminilidade”, mas é também o que faz das mulheres seres frágeis, passivos e consequentemente, submissos. A razão de ser de uma vagina, o seu destino biológico – o único aceitável, diga-se de passagem, - é o pênis, seu par, seu complemento.

³⁹² LARANJEIRA, Livia; STOPA, Beatrice. Autoestima vaginal: como anda a sua? . Revista Glamour, 2013. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

O olhar é efeito do sentido mais valorizado: a visão. É através dela que a “vagina” nos afeta primeiramente. Toda visão é interpretação imersa numa trama social e cultural. O olhar não é inocente justamente por isso, por chegar às coisas com uma história, por pertencer a um sujeito que constrói o mundo por suas próprias representações (LE BRETON, 2016, p. 93). E toda visão possui, de acordo com Donna Haraway, uma “natureza corpórea” que resvala para um “olhar conquistador”. A associação entre visão e conhecimento é um lugar-comum³⁹³ como pudemos ver no capítulo 2. Mas no caso da “vagina”, como pudemos perceber através dos relatos pessoais, ver nem sempre é conhecer, pois aprendemos que o correto é desviar o olhar, se se trata de um olhar feminino, um dos motivos para tanto desconhecimento e falta de intimidade feminina com sua própria intimidade. O olhar masculino, por sua vez, captura-a, toma posse, especialmente por meio da pornografia, por ela contribuir para a “trivialização da nudez” (SIBILIA, 2015a, p. 177).

A depender da maneira como a “vagina” é usada na pornografia – e aqui me refiro à pornografia *mastreiam* - faz dela algo obsceno, que deve permanecer ali, naquele lugar onde ela é tolerada e “natural” porque a ideia que se tem da nudez é que ela posiciona o corpo em uma posição de disponibilidade para o sexo. Fora desse contexto, ela é repulsiva. Em “*Autoestima vaginal: como anda a sua?*”³⁹⁴ a indústria pornográfica é apontada como uma das responsáveis pela difusão do “*ideal de vagina perfeita*”. Em alguns textos sobre cirurgias íntimas aparecem depoimentos de cirurgiões que comentam que algumas pacientes levam a seus consultórios “revistas pornográficas” em mãos para mostrar como gostariam que sua nova “vagina” se parecesse. É esse o tipo de depoimento que reforça a ideia de que as mulheres estão tendo mais acesso a pornografia, revelando também o que Wolf (2013) já observava que

³⁹³ “Ver ‘com os próprios olhos’ é um argumento sem apelação. O que ‘salta aos olhos’, o que é ‘evidente’ não se discute. Na vida corrente, uma coisa deve em primeiro lugar ser acessível à visão para ser percebida como verdadeira. ‘Tomar conhecimento, diz Sartre, é comer com os olhos’. Ver procede do latim *videre*, oriundo do indo-europeu *veda*, que significa ‘sei’, de onde derivam termos como evidência (que é visível), providência (prever segundo as inclinações de Deus). Teoria é contemplação, uma razão desvinculada do sensível...Várias metáforas visuais qualificam o pensamento, notadamente através do recurso à noção de clareza, luz, perspectiva, ponto de vista, visão das coisas, visão do espírito, intuição, reflexão, contemplação, representação etc” (LE BRETON, 2016, p. 70).

³⁹⁴ LARANJEIRA, Livia; STOPA, Beatrice. Autoestima vaginal: como anda a sua? . Revista Glamour, 2013. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

hoje a pornografia é onipresente³⁹⁵, que existe uma “colonização do espaço público pela pornografia” (p. 258).

Maria Filomena Gregori (2016) afirma que houve um aumento no consumo de pornografia pelo público feminino, consumo esse que foi facilitado pela privacidade do acesso à internet. Além disso, a autora chama atenção para a transformação que ocorreu nesse mercado que antes era voltado essencialmente para um público masculino, a introdução de um novo nicho que tem como proposta um “erotismo politicamente correto”, que nasceu num contexto de lutas dos movimentos feministas, dos movimentos gays e lésbicos pela ampliação de direitos sexuais nos Estados Unidos que se espalhou pelo Brasil criando um “nicho feminino” para a pornografia. É possível que tanto a facilidade de acesso possibilitada pela internet como o surgimento desse novo nicho tenha atraído a atenção das mulheres para a pornografia e conseqüentemente para suas próprias genitálias. Fiquei me perguntando se a pornografia seria a única culpada, tendo em vista a multiplicidade desse mercado que se expressa nos vários tipos de categorias nas quais os filmes podem se encaixar. Haveria um só culpado? Haveria um só modelo de vulva exibida nesses filmes? Não exatamente.

Representando uma das muitas posições feministas a respeito da pornografia, Naomi Wolf (2013) considera que sua onipresença acaba por “degradar” (p. 240) a “vagina”, a começar pelas imagens repetitivas de um modelo de vulva, o que para a autora é uma maneira negativa, ao afirmar que “Há muitas maneiras negativas nas quais a pornografia intervém e distorce o sentimento das mulheres sobre sua própria vagina” (p. 253). Em segundo lugar, a autora considera que “Ao oferecer ‘amostras grátis’ em abundância, os sites pornôns intencionalmente procuram incitar essa resposta viciante”, criando, por sua vez, efeitos negativos em seus consumidores, os homens (p. 248), porque ocasiona a eles um “curto-circuito”, gerando assim “Analfabetismo pornográfico e vaginal” (p. 254-256). Não é a toa que os homens também parecem desconhecer a anatomia feminina³⁹⁶. Nesse sentido, a autora acredita que a pornografia causa uma “dessensibilização geral dos usuários” de ambos os gêneros.

³⁹⁵ Existem muitas teorias que discorrem acerca dos impactos dessa tecnologia, principalmente para as mulheres, porque parte de sua narrativa é violenta, por difundir um “modelo pornográfico do coito” que se caracteriza como sendo “rápido, orientado ao objetivo, linear e focado no estímulo de uma ou duas áreas do corpo da mulher” (WOLF, 2013, p. 38), além da tendência da pornografia ser cada vez mais a valorização de imagens extremas e da valorização da penetração violenta.

³⁹⁶ TEJADA, C. Uma pesquisa pediu a homens que identificassem a vagina. Metade não conseguiu. Huffpost Brasil, 2017. Disponível em: < https://www.huffpostbrasil.com/2017/09/09/uma-pesquisa-pediu-a-homens-que-identificassem-a-vagina-metade-nao-conseguiu_a_23202228/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Em “*A perseguida*”³⁹⁷ diz-se que existe a diferença entre a nudez dita de bom ou mau gosto, e que isso de fato depende da “*forma como a vulva é trabalhada. Se aparece escancarada, é de mau gosto. Se é desvelada, se aparece mais como sugestão do que como órgão, aí tudo bem*”.

Podemos afirmar que a nudez faz parte da paisagem visual contemporânea. Utilizado como arma política e, muitas vezes, ainda considerado pelo viés da obscenidade, o corpo nu costuma questionar os limites do que é permitido expor e o que se deve esconder. Os protestos que utilizam a nudez como ferramenta política são realizados, em sua maioria, por mulheres. No entanto, cabe sublinhar que essa liberdade de mostrar o próprio corpo nem sempre existiu (MATOS, 2013, p. 1).

Voltando à ainda mais no tempo, nem sempre a vulva foi associada ao sexo, à pornografia; houve momentos na história da humanidade em que ela foi considerada sagrada. De acordo com Naomi Wolf (2013, p. 143) aconteceram “mudanças dramáticas de seu significado cultural e representação”. Tanto ela como Strömquist (2018) mencionam as simbologias da “vagina” entalhadas em cavernas e representadas em artefatos pré-históricos, como estatuetas de terracota encontradas na Europa Central. Strömquist (2018, p. 53) cita uma série de exemplos de figuras com a vulva exposta ao redor do mundo que segundo ela, comprovam que um dia as representações visuais da vulva não tinham o significado que têm hoje, mas sim um significado muito mais amplo: “a vulva (por ter sido encontrada em túmulos e templos) fazia parte do sagrado/espiritual/existencial e não era considerado o oposto do sagrado/espiritual/existencial, como foi o caso mais tarde. A vulva não causava o mesmo pânico que causa hoje em dia nas pessoas”. No entanto Wolf (2013, p. 143) pondera que “Não temos como saber com certeza o que essas vaginas sagradas representavam, mas historiadoras feministas, como Riane Eisler em *O cálice e a espada* e outras, têm certeza de que elas representavam um estado primordial de matriarcado”. As interpretações são muitas: *Muitas vezes compreendida como símbolo da fertilidade e do sexo, a imagem da mulher e seu órgão sexual pode representar uma série de outras significações, à diferença do que delas se entende hoje*³⁹⁸.

São muitos os mistérios e as culturas que se remetem à genitália feminina e ao restante do equipamento que permite a reprodução humana produzindo significados

³⁹⁷ CUNHA, J. *A Perseguida*. Revista Trip, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/a-perseguida>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

³⁹⁸ AVILA, Rebeca. *O nosso sexo. Re, escreva e reescreva*. 31 mar. 2013. Disponível em: <<https://reescreva.me/2013/03/31/o-nosso-sexo/>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2018.

diferentes e que chegam a serem contraditórios. Os dois significados mais antagônicos dizem respeito à vagina enquanto um objeto de adoração de um lado e como objeto de temor do outro; de um lado, o culto de adoração a *yoni*³⁹⁹ onde os órgãos genitais femininos são representados como lugares sagrados e curativos, imaginários esses desprovidos da conotação estritamente sexual vigente no Ocidente contemporâneo e do outro, a *vagina dentada*, onde a vagina é representada como uma boca cheia de dentes simbólicos, alternadamente vista como força devoradora, devastadora, insaciável, uma caverna com dentes, que causa pesadelos e, finalmente, a morte⁴⁰⁰; esta representação se revela como uma forma de materialização do “*medo da castração*”⁴⁰¹.

*Em culturas asiáticas, a vagina já foi enaltecida em forma de divindades, ritos e mitos. Era sagrada. Entre os gregos, tornou-se profana e controlada socialmente pelo casamento. Nas culturas judaico-cristãs, virou tabu e alvo de violência simbólica: ter uma vagina tornou-se motivo de vergonha e ódio, e esse “horror” foi literalmente trancado a chave. Na repressiva era vitoriana, aparecia em livros e canções sempre representada como manifestação do pior da condição humana. Na atualidade, mídia e pornografia não colaboram em nada para questionar isso*⁴⁰².

A “exposição ritual da vulva”, conta Liv Strömquist (2018, p. 46) era um componente recorrente das celebrações em homenagem a Deméter, assim como de outros cultos religiosos com predominância feminina entre seus adeptos. Aristófanes, continua ela, “descreve como as mulheres da cidade grega de Elêusis iam ao tempo de Deméter, onde exibiam suas genitálias, cantavam músicas e comiam um tipo de doce de gergelim e mel em formato de vulva” (p. 47). Existem ainda relatos que datam do século V a.C. “sobre as festividades em homenagem a Bastet, a deusa gata egípcia, nas quais as mulheres chamavam a população feminina da cidade com gritos altos e faziam danças exibindo suas vulvas” (p. 47). No século XIX, por exemplo, “as fábulas europeias apresentam mulheres que exibem seu sexo ao diabo e assim o vencem” (idem). Além disso, na Idade Média existiam “estátuas de mulheres nuas de pernas

³⁹⁹ Palavra em sânscrito que se refere a genitália feminina como algo sagrado, à força natural e vital do nascimento, como fonte de vida, etc.

⁴⁰⁰ LINS, R.N. O mito da vagina dentada e o pavor que provoca nos homens. Universa, 2015. Disponível em: <https://reginavarro.blogosfera.uol.com.br/2015/08/15/quando-o-homem-teme-o-sexo/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁰¹ LAPIDARIO, J. La vulva es bella: de la vagina dentada a la adoración del yoni. Jot Down, 2012. Disponível em: < <http://www.jotdown.es/2012/12/la-vulva-es-bella-de-la-vagina-dentada-a-la-adoracion-del-yoni>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁰² MIRAAZ, Regina. Precisamos falar sobre a vagina. Umbigo das coisas, 2012. Disponível em: <<https://umbigodascoisas.com/2012/11/25/precisamos-falar-sobre-a-vagina/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

abertas como guardiãs dos portões da cidade, em mosteiros, igrejas ou sobre a porta de casas comuns” (p. 48). Wolf (2013, p. 295) acrescenta que:

As tradições orientais veem a vagina como algo vivo – ou seja, algo que expressa suas próprias vontades, preferências, influências e ações –, uma visão totalmente estranha para nós e muito diferente da maneira passiva, receptiva, sem personalidade e sem voz como a vagina é retratada em nossa cultura. A própria definição para o ‘abrir’ da vagina, apesar de usarem a mesma palavra, tem duas interpretações totalmente diferentes nas culturas ocidental e oriental. Nas tradições orientais como o Tantra e o Tao, o homem se dirige com carinho e cuidado ao ‘guardião do portal’, a parte externa da vagina e os lábios, e espera permissão para entrar, seja com a mão, seja com a língua seja com o pênis; e a abertura da vagina é um processo complexo, gradual e gradativo, que se desenvolve com o tempo, depois de muita atenção e respeito. No Ocidente, ‘abrir’ a vagina significa simplesmente a mulher abrir as pernas, ou a penetração do homem com o pênis; a vagina abre, no Ocidente, como um mecanismo, ou como uma porta, cortina ou caixa. Por outro lado, o modelo oriental de abertura vaginal tem mais a ver com um ‘desdobramento’ ou ‘desenrolar’, um ‘despertar’ ou ‘expansão’.

Isso significa que sentidos da nudez mudaram no decorrer dos séculos. Até o século XVI, por exemplo, a nudez era exaltada e desassociada a noção de pecado e de estímulo sexual, sendo assim, o incômodo em relação a “vagina” se trata de um fenômeno recente, como afirma Arasse (2012). O autor afirma que a Renascença inaugurou “um fenômeno de uma amplidão considerável, mais durável do que a reflexão sobre as proporções”, justamente a “a presença do corpo nu, seja masculino ou feminino, nas pinturas, gravuras, esculturas e até arquiteturas”. Naquele século, por exemplo, a nudez conquista um lugar que em nossa concepção atual é surpreendente (p. 554), e é especialmente “no domínio da arte religiosa que a amplitude paradoxal dessa invasão da nudez é mais impressionante” (ARASSE, 2012, p. 555).

Quando a Contrarreforma condena esse tipo de representação do corpo, é importante mencionar que “esta condenação visa essencialmente à nudez dos corpos e ao caráter ‘lascivo’ dos pensamentos que ela pode suscitar” (ARASSE, 2012, p. 556). Essa condenação se deve como sugere Le Breton (2016, p. 81) porque o olhar guarda em si um perigo por nunca ser indiferente, por vezes ser “encontro, emoção partilhada, fruição inconfessada”, por comportar “a ameaça do transbordamento”, por ser “concupiscente”, “iniciação do desejo”. Porque pode levar ao pecado “convém estrangulá-lo em sua origem”: “Para a alma, o desejo imaginado é um desejo realizado

que a macula”. E a imagem da nudez causa esse medo por despertar tudo isso, especialmente as vulvas, que podem ser “*mais assustadoras que Satan*”⁴⁰³

No século XIX podemos perceber um novo sentido da nudez feminina. De acordo com Lynda Nead (1998 *apud* MATOS, 2013, p. 2-3) a exposição da nudez feminina foi usada como uma forma de controle social do corpo e do comportamento da mulher, pois os quadros que circulavam na época retratavam femininos ideais. O objetivo dessa tecnologia regulatória era o mesmo do discurso médico da época sobre o qual vemos no capítulo 2: “conter e regular o corpo sexualizado da mulher” (NEAD, 1998, p. 18 *apud* MATOS, 2013, p. 2-3). Clark (2006, p. 78 *apud* MATOS, 2013, p. 2-3), por sua vez, assinala que em meados do século XIX, “esse gênero se converteu na forma dominante da arte figurativa europeia, e era considerado a forma artística ideal”, onde “nu feminino estava vinculado às ideias de sensualidade, fluidez e passividade, e talvez nunca tenha sido tão cultivado como naquele período”, tendo em vista que a mulher era o objeto preferido pelos pintores europeus, desde que retratada em poses que reforçavam o status dominador do homem na ordem social vigente, enquanto a mulher permanecia inerte, devendo ser dominada, subjugada ou idealizada pelo poder físico, social e econômico da potência masculina” (MATOS, 2013, p. 3-4). Para citar alguns exemplos dessas figurações do feminino que posicionavam a mulher como “mero objeto de contemplação”, Matos (2013) menciona duas “imagens canônicas da arte ocidental”, tais como *O nascimento da Vênus* (1482), de Sandro Botticelli e *La maja desnuda* (1797), de Francisco Goya.

Luciana Loponte (2002) estabelece um contraponto entre as obras realizadas por homens artistas de diversos períodos históricos. A autora afirma que a sexualidade feminina foi colocada em discurso através dessas imagens visuais, produzindo “uma pedagogia cultural do feminino”, que naturalizou e legitimou o corpo da fêmea humana como objeto de contemplação, transformando esse modo de ver particular na única verdade possível (LAPONTE, 2002, p. 8). Enriquecendo esse ponto de vista fornecido pela pesquisadora acima citada, e buscando reconhecer mais detalhadamente de que forma a apresentação da nudez feminina transformou o corpo da mulher num objeto a ser contemplado, Kenneth Clark dedica um capítulo de seu livro intitulado *El desnudo* somente a esse tema. O historiador analisa a maneira como as imagens artísticas representaram — e, de algum modo, também contribuíram para criar — uma mulher extremamente disciplinada e controlada. O autor separa os domínios do sensual e do espiritual, dividindo o nu feminino em dois tipos distintos: a Vênus celestial e a Vênus terrena. A primeira é a filha de Urano que, na história, não possui mãe. Ela pertence a uma esfera imaterial. Assim, por não possuir uma mãe nem ter vínculo com a matéria, vive numa zona supra-celestial. Essa Vênus simbolizaria uma beleza

⁴⁰³ Vulvas: oficialmente mais assustadoras que Satan. Siririca, 2016. Disponível em: <<https://siririca.nobloggs.org/post/2016/11/28/bucetanica>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

divina e representaria, também, uma forma contemplativa de amor. Já a Vênus terrena seria filha de Júpiter e Juno: vivendo numa realidade mais mundana, sua beleza seria mais claramente relacionada ao mundo corpóreo, possível e real, alcançável. Ela encarna uma forma mais ativa do amor, que se satisfaz na esfera visual do universo tangível (CLARK, 2006, p. 135). O nu representativo da Vênus celestial, por sua vez, foi praticado no interior de obras cujo desafio era combinar a precisão do desenho com a harmonia da composição mais ampla, como é o caso de *O nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli. A imagem da deusa aparece como um símbolo da graça e da beleza, revelada na forma nua é explorada nessa pintura. Segundo Clark, ela deveria representar “uma ninfa de excelentes atrativos, sua alma e sua mente seriam o amor e a caridade, seu conjunto constituiria a honestidade, o encanto e o esplendor” (CLARK, 2006, p. 101). Além disso, ela possui medidas expressamente clássicas, corroborando uma beleza idealizada. Esse mesmo ideal de “pureza” foi seguido por outros pintores do mesmo período renascentista, como Giorgione com sua *Vênus adormecida* (1509) (MATOS, 2013, p. 4-5).

Com o passar do tempo, transformaram-se os ideais do corpo feminino, seu papel na arte como objeto da representação e como protagonistas da representação, além dos suportes da arte, especialmente com o surgimento da câmera fotográfica e das tecnologias da informação e da comunicação, assim como os sentidos da nudez continuaram mudando. Sibilia (2015a, p. 177) cita alguns exemplos dessas mudanças mais atuais e próximos de nós, quando lembra que em 1995, “uma das primeiras mulheres que ousou aparecer vestindo um biquíni numa praia argentina foi violentamente obrigada a se retirar do espaço público sob a acusação de obscenidade” e também quando Leila Diniz⁴⁰⁴ escandalizou os cariocas “ao expor sua barriga grávida” na praia. A autora cita ainda a prática do *topless* e do nudismo que são permitidas “em praias de boa parte do mundo, inclusive em parques urbanos de grandes cidades como Berlim e Barcelona”, além de mencionar a nudez em espaços digitais que ela chama de “nudez autoexposta na rede”, cada vez mais corriqueira “não só por causa das ‘celebridades’ que se exibem sem roupas em campanhas publicitárias, videoclipes ou reportagens, mas também pelas ‘pessoas comuns’” com seus vídeos caseiros e *selfies* em redes sociais.

⁴⁰⁴ “Quando, em 1971, Leila Diniz exibiu sua barriga grávida, de biquíni, na praia de Ipanema, escandalizou e lançou moda. Foi capa de revistas e manchete de jornais por ter sido a primeira mulher a não esconder sua barriga em roupas soltas e escuras, consideradas mais adequadas a uma grávida. Não só engravidou sem ser casada como exibiu uma imagem concorrente da grávida tradicional, que escondia sua barriga. A barriga grávida materializou, objetivou, corporificou seus comportamentos transgressores. Ícone das décadas de 1960 e 1970, Leila Diniz permanece, até hoje, como símbolo da ‘mulher carioca’, que encarna, melhor do que ninguém, o ‘espírito’ da cidade: corpo seminu, praia, sol, carnaval, festa, juventude, liberdade, sexualidade, alegria, irreverência, descontração, humor, informalidade, criatividade, hedonismo” (GOLDENBERG, 2007, p. 7-8).

A nudez feminina atualmente é tão perigosa que em países como o Japão, uma ativista foi detida mais de uma vez por supostamente ter exibido “*obras obscenas*”⁴⁰⁵, de acordo com o código penal japonês. Megume Igarashi, também conhecida como Rokudenash-ko (que significa “*menina má*”, traduzido para o português) foi acusada de praticar obscenidade porque “*mapeou e enviou imagens da sua vagina a 30 pessoas no Japão*”⁴⁰⁶, isto é, ela faz esculturas a partir da imagem de sua vulva. Ainda houve a polemica a respeito do “*Quadro de nudez*”⁴⁰⁷ que exibe uma “*vagina de 149 anos*”⁴⁰⁸ que foi motivo de disputa judicial na França porque gerou uma nova discussão sobre pornografia nas redes sociais, mais especificamente no Facebook. Isso porque um francês publicou em sua página uma foto do quadro “*A origem do mundo*”, de Gustave Coubert.

Zwang (2000, p. 145), por sua vez, chama atenção para o fato de que mesmo que em muitos sentidos a cultura ocidental seja considerada “permissiva”, existem muitos valores e representações que desfavorecem os genitais, mais precisamente o feminino, no que se refere a condutas moralizantes, como venho afirmando. Nesse sentido, o autor afirma que “a mulher deve superar mais obstáculos ainda para desabrochar plenamente seu ser-no-mundo” para que finalmente possa se reconciliar com sua genitália e com o que ela representa.

Insisti nessa questão da nudez para apontar a importância da arte como forma de visibilidade do corpo feminino, ainda que uma visibilidade pautada no olhar “*predador*”, mas também como um campo profícuo de produção de contramodelos. No que se refere ao corpus empírico, isto é, ao universo midiático, apesar da suposta popularização das cirurgias íntimas e conseqüentemente a “vagina” ser cada vez mais objeto central dos textos, percebe-se mesmo aí que ela praticamente não aparece. Uma hipótese inicial é o tipo de espaço midiático que ela está ocupando. Como disse, por ser associada a pornografia, determinadas revistas, jornais e periódicos evitam uma imagem

⁴⁰⁵ “Artista da vagina” é detida novamente no Japão por exibir obras obscenas. BOL Notícias, 2014. Disponível em: <https://jovempan.uol.com.br/entretenimento/artista-da-vagina-e-detida-novamente-no-japao-por-exibir-obras-obscenas-2014-12-03.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁰⁶ Artista que mapeou e enviou imagens da sua vagina a 30 pessoas foi detida no Japão. Observador, 2014. Disponível em: <https://observador.pt/2014/07/16/artista-que-mapeou-e-enviou-imagens-da-sua-vagina-30-pessoas-foi-detida-japao/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁰⁷ BARBOSA, M. Quadro de nudez pode provocar mudança de regra em redes sociais. **Folha de S. Paulo**, 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/05/1632750-quadro-de-nudez-pode-provocar-mudanca-de-regra-em-redes-sociais.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2018.

⁴⁰⁸ Vagina de 149 anos causa disputa judicial entre Facebook e tribunal francês. Informação e Conhecimento, 2015. Disponível em: <https://technologicalfuture.wordpress.com/2015/09/10/vagina-de-149-anos-causa-disputa-judicial-entre-facebook-e-tribunal-frances/>. Acesso em: 20 mar. 2018.

mais explícita. Em geral são imagens fotográficas de mulheres brancas, magras, que não exibem sua “vagina”, ainda que este seja o assunto dos textos, que revelam aquilo que Borges (2011, p. 274) já havia observado em sua pesquisa: “as poucas imagens presentes nos textos sobre cirurgia íntima ou mostram fotos de mulheres com as mãos tampando o sexo (ilustrando provavelmente a mulher no período pré-operatório) ou imagens de casais heterossexuais, nus, com os corpos entrelaçados (o imaginário desejado)”. No caso desta pesquisa, não identifiquei imagens que remetesse a casais heterossexuais entrelaçados, mas o tom dos textos já deixa evidente, como observei no capítulo 2, que se tratam de produções voltadas para casais heterossexuais, tendo em vista a alusão a um possível parceiro, geralmente o motivo da procura pela cirurgia íntima.

Nesse sentido, as imagens que compõem esses textos apenas reproduzem os códigos do regime heteronormativo. As imagens geram desdobramentos variados em seus espectadores e elas podem causar diferentes impressões nos “objetos” representados, as mulheres, que por sua vez se apropriam delas, produzindo novos enunciados, apenas sugerem “a desconstrução daquilo que sempre foi legitimado pelo poder heteronormativo” (TRANQUILIN-SILVA, 2016, p. 236).

4.2 “Expor exatamente para não esconder”⁴⁰⁹: desenhando os contornos de uma cultura vulvófila através das artes e dos ativismos nas redes

4.2.1 A importância do feminismo e de produções artísticas femininas

O feminismo foi crucial para o ativismo das vaginas atual, tendo em vista que o movimento surgiu como um dispositivo através do qual as histórias das mulheres puderam ser contadas por elas mesmas, para que pudessem construir um olhar não violento e não hipersexualizado sobre si mesmas, olhar oposto ao instituído. Almeida (2010, p. 58) afirma que os “gritos de socorro e as atitudes das mulheres que antecederam” o século XX foram determinantes para o “mundo das artes visuais” das décadas seguintes. “Muitas foram as mulheres que nos séculos XVIII e XIX lutaram, mesmo que de forma parcial, para que, somente a partir da segunda metade do século XX, se começasse a colher os frutos plantados por essas pioneiras”.

⁴⁰⁹ Trecho de Luiza (2012).

O discurso feminista critica “o privilégio masculino da visão e afirma [essa dentre outras coisas] que a fruição da mulher é mais abrangente”, buscando “expor as estruturas profundamente fundamentadas na cultura e especialmente calcadas no controle dos corpos das mulheres” (LE BRETON, 2016, p. 83), já que o pensamento social dominante enxerga no corpo “um lugar prático do controle social” (BERNARDES, 2017). Além disso, suas manifestações não tratam de demandas que envolvem apenas o gênero, mas também “de questões sociais que também buscam emancipação como a política sexual de gays e lésbicas, as lutas raciais de negras e negros, e os debates sobre as classes sociais” (HONÓRIO, 2017, p. 37).

Na história do feminismo, a vagina e questões relacionadas à sua estética, cor, tamanho, cheiro e formato, parece não ter figurado como foco central de suas “ações reivindicativas” (SCHERER-WARREN, 2008, p. 505), aparecendo menos do que o direito ao orgasmo, o poder do clitóris, os métodos contraceptivos e os direitos reprodutivos. No entanto, o uso do corpo como instrumento de militância é um ponto em comum com o ativismo da vagina, e que tem ganhado força a partir dos anos 2000, com os usos das mídias digitais e suas particularidades. Na era das tecnologias móveis e da internet 4G, práticas feministas de protestos contra o sistema heteronormativo tem tido um alcance maior, uma penetrabilidade nunca antes vista, uma produção de conteúdo mais dinâmica e heterogênea, além de ter uma participação significativa de jovens cis e trans. Públicos diversos têm acesso a conteúdo feminista e ativista, algumas vezes ignorando sua origem nos movimentos de mulheres.

O ativismo da vagina nasce das reivindicações do que alguns pesquisadores e pesquisadoras chamam de feminismo de “segunda onda” que se inicia na década de 1960, aquele voltado para questões do corpo e da esfera privada, ao qual está associado à bandeira “o pessoal é político”. Essa bandeira, apropriada como um slogan pelas gerações seguintes propunha um importante questionamento do conceito de “político” “rompendo assim com os próprios limites do conceito, até então identificado pela teoria política com o âmbito da esfera pública e das relações sociais que aí acontecem, isto é, do campo da política” (COSTA, 2005, p. 10 *apud* GALETTI, 2014, p. 2202). Afirmar que o que faz parte do âmbito pessoal é político significa, além da ressignificação do conceito de “político” e também da “própria forma de entender a política”, é trazer para o centro do debate os dilemas femininos específicos da esfera privada, tais como os vários tipos de violência doméstica, “quebrando a dicotomia público-privado base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político

(COSTA, 2005, p.10)” (GALETTI, 2014, p. 2202), além de promover uma busca coletiva para as soluções desses problemas.

Outra bandeira de luta associada a essa “onda feminista” é “o direito ao corpo”, pauta também muito explorada atualmente, um elemento comum e universal do movimento, o qual insere na “ordem do dia” reflexões sobre a sexualidade feminina, opção sexual, masturbação e orgasmo.

Esse período de significativas mudanças, ocorridas entre as décadas de 1960 e 1970 no ocidente, foi caracterizado principalmente pela emancipação sexual das mulheres e pela afirmação de igualdade entre os sexos. As novas invenções tecnológicas, como o advento da pílula anticoncepcional (no início dos anos de 1950) e a descoberta de antibióticos que tratavam as doenças sexualmente transmissíveis (a partir de 1941) e com a divulgação do preservativo de látex na década de 1930, as mulheres tomaram o controle da função reprodutora do seu corpo e se livraram da submissão masculina neste aspecto. Essa revolução sexual marcou, de certa maneira, o fim do patriarcado, da censura, assim como o progresso na igualdade das mulheres nas legislações nacionais. Toda essa revolução sociocultural, também, acarretou um deslocamento da atenção de muitas artistas, críticas e historiadoras, para o problema da construção social de uma identidade feminina. Na sua maior parte, essas mulheres acreditavam que tanto a teoria como a prática deveriam colaborar para mudar o modo como compreendemos nosso passado e, ao mesmo tempo, como reelaboramos nosso presente (ALMEIDA, 2010, p. 63).

Para o campo das artes, o feminismo “pareceu o prenúncio de uma nova era” porque as mulheres puderam passar de objeto da representação masculina para protagonistas de suas próprias representações, “tornando-se curadoras, produtoras de arte, organizadoras, diretoras culturais, professoras em universidades etc” (ALMEIDA, 2010, p. 68). Surgiram com essa onda revolucionária novas formas de expressões artísticas, linguagens, novos estilos e abordagens no universo das artes visuais, dentre essas mudanças, a performance, a fotografia e a *body art*, manifestações que utilizam o corpo feminino como suporte e/ou disparo de um discurso político, e este segue “sendo utilizado como abordagem de muitos artistas plásticos contemporâneos, e a linguagem performática na fotografia tem sido amplamente explorada por artistas que se dizem mulheres e ativistas” (SCANDOLARA, 2013, p. 2), que criam e/ou reiteram novos estereótipos femininos.

Utilizando-se dos estereótipos corporais e interferindo na estabilidade que proporciona o conceito de identidade, a arte agora está presente na rua, nos conceitos, nas relações pessoais, na pluralidade da comunicação humana. Este caráter de indefinição se deve ao fato de a arte contemporânea ser algo em processo que, mesmo na qualidade de desdobramento de influentes genealogias, não se limita a reproduzi-las com subserviência. Ao contrário, nega-as expandindo seus limites ou confrontando seus princípios normativos;

assume caminhos e formas que elas não prescreveram ou que o fizeram como um impedimento (SCANDOLARA, 2013, p. 1).

Honório (2017) menciona alguns nomes de artistas que possuem um papel fundamental nessa desconstrução da representação do feminino, trabalhando em suas obras “com o papel da mulher na sociedade, questionando o espaço que lhes é dado e a utilização desse pelas mesmas”, como: Jenny Saville, Hannah Hoch e Hannah Wilke, sendo que esta última é reconhecida pelos “seus exemplares das “Vulvas” de terracota, que são algumas das primeiras disseminações da imagem de uma vagina explícita em uma obra, no meio artístico” (HONÓRIO, 2017, p. 37- 38). Cada uma à sua maneira levantou “a crítica ao uso da imagem feminina na publicidade de cosméticos e produtos em geral, os quais eram [e ainda hoje o são ainda mais] grandes propagadores dessa ideia de um padrão de beleza, de um corpo “à venda” que o movimento [feminista] pretendia [e pretende] desconstruir” (HONÓRIO, 2017, p.36), “trilhando o caminho da apropriação de discursos e imagens do cotidiano com o intuito de questioná-los” (SCANDOLARA, 2013, p. 1). O uso do próprio corpo como instrumento da arte foi, portanto, uma conquista significativa para o campo das artes feministas por ser um contraponto a “objetificação das mulheres pretendida pelos homens”.

4.2.2 A tríade ativismo, arte e tecnologia

Gazire Lemos (2009) e Baer (2016) afirmam que as reivindicações feministas sofreram uma renovação com o advento das tecnologias eletrônicas, isto é, com as novas tecnologias da informação e da comunicação, por estas propiciarem ampliação de sua voz e de sua visibilidade, especialmente de formas de utilização do corpo como ferramenta política. Novas experimentações foram possibilitadas, assim como uma gama de novidades na prática e na teoria feminista, que foram expandidas e fragmentadas pelas tecnologias comunicativas. Uma das novidades foi o Ciberfeminismo, que pode ser definido “como um conjunto de estratégias estético-políticas-comunicacionais orientadas à cultura eletrônica, sobretudo a internet e a tecnologia” (FERREIRA, 2015, p. 201). Apesar das várias definições existentes para Ciberfeminismo, Gazire Lemos (2009, p. 9) sustenta sua definição enquanto:

[...] uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de

velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia (MARTÍNEZ COLLADO e NAVARRETE, 2006). A priori, o Ciberfeminismo não é uno, desde o seu surgimento ele se apresentou de diversas formas e grupos, mas identificamos em seu processo algo que o diferencia de outros feminismos anteriores. Enquanto os movimentos feministas dos anos 1960 e 1970 se multiplicaram pelo resultado de sucessivas cisões internas, resultando em grupos que buscavam ações identitárias afins, diferentes grupos ciberfeministas utilizaram a Internet para se reunirem, trocarem experiências e discutirem as relações entre gênero e tecnologia. Dessa forma, este movimento, mesmo com seus variados grupos identitários, buscou uma aproximação para trocas e ações de experiências de diferentes fundos culturais em conjunto (GAZIRE LEMOS, 2009, p.9, grifo da autora).

Tendo surgido no início da década de 1990 junto da expansão das redes de computadores, teve origens “pontuais em diferentes partes do mundo, em especial, em alguns países da Europa, América do Norte, e principalmente na Austrália com o grupo VNS Matrix”, em 1991, grupo ciberfeminista responsável por uma de suas múltiplas definições. Embora tenha tido uma presença fraca em países latino-americanos, teve expressões no México e no Brasil.

Composto por mulheres que se autoproclamaram “ciberfeministas”, o grupo VNS Matrix publicou o Manifesto Ciberfeminista (1991), o qual foi escrito em homenagem a Donna Haraway e o seu Manifesto Ciborgue, que com suas teorias na década de 1980, promovia uma releitura dos movimentos feministas. Ainda que a autora não tenha se identificado enquanto uma ciberfeminista, suas ideias serviram de inspiração para diferentes grupos, tendo em vista que sua análise empreende uma união entre feminismo e novas tecnologias, “propondo a organização em rede e apropriação dessas tecnologias como forma de ativismo político” (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 41). Nesse sentido, Donna Haraway “convoca os movimentos feministas a repensar suas estratégias políticas para criação de uma nova narrativa do feminino como discurso político e estético” (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 48). Há, portanto, uma íntima e histórica relação entre feminismo e ciberfeminismo porque o movimento conseguiu atualizar o feminismo, construir novas histórias e abrir espaço para novas possibilidades de ativismo cujo objetivo principal era “desestabilizar velhos mitos de feminilidade” (GAZIRE, 2009, p. 48). E a noção de ciborgue de Haraway parecia perfeita para pensar o rompimento da naturalização da categoria “mulher” e dos estereótipos que circundam o feminino, a partir de narrativas polifônicas produzidas pelos coletivos artísticos e ativistas.

Apropriando-se dos meios de comunicação como a internet para a expansão de seus discursos e como instrumento de atuação ativista, os grupos ciberfeministas se

organizaram para “construírem novos discursos que problematizam as questões de gênero” (GAZIRE LEMOS, 2009, p.9 -11), focando especialmente na “relação entre arte, mulher e tecnologia”, questionando também as “representações midiáticas de massa” (GAZIRE LEMOS, 2009, p.32) partindo do corpo como matéria-prima artística.

No cenário euro-americano, a partir dos anos 90, principalmente com a popularização da internet, há uma renovação prática e teórica no debate sobre feminismos e tecnologias (alguns chamam esse momento de “terceira onda feminista”) que se carregou de otimismo (às vezes exagerado)⁴ favorável à participação das mulheres nas tecnologias (em especial internet), informadas pelas possibilidades que essas ofereciam para as transformações de gênero, mas, na maioria das vezes, mantendo uma visão crítica da relação gênero e tecnologia (FERREIRA, 2015, p. 202).

A “body art” ganha destaque nesse contexto, com a utilização do corpo como diferença, “muitas artistas alinhadas às questões de uma iconografia vaginal”, “viam na figura da vulva um símbolo de questionamento do corpo feminino bem como libertação” (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 25). Outras artistas já utilizavam esse símbolo em suas obras, como por exemplo, Shigeko Kubota em sua performance *Vaginal Painting*, em 1965, na qual “a artista realiza uma ação com um pincel amarrado a região vaginal”, e Carolee Schneemann, artista que mudou “não só os modos de atuação da mulher na arte, mas também, o *status quo* da representação feminina”, também evocou, em *Eye/Body*, em 1963, “a vulva como símbolo de poder em um ritual neo-xamânico” (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 27). O trabalho de Schneemann foi um marco porque “está entre as primeiras instalações norteamericanas a incorporar o corpo da própria artista como terreno primário visceral e visual”, e com isso antecipou a “explosão da *Body Art* nos anos 60 e 70 do século 20” (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 27).

Como era de se esperar, a vagina e o clitóris têm um site em honra em muitos dos trabalhos ciberfeministas, como o do VNS Matrix. “*Cunt art*” foi um violento, feliz e libertário símbolo da união de artistas e ativistas feministas na década de 70” (WILDING, 1997). A arte contemporânea Ciberfeminista, incluindo a “arte-vagina”, assim nomeada pelo VNS Matrix, fazem uma releitura da arte feminista dos anos 1960 e 1970, com a inclusão do elemento tecnológico. Como a performance, *Vaginal Painting* (1965) (Ilustração 5, p.29), da artista pertencente ao grupo Fluxus, Shigeko Kubota, o VNS Matrix foca sua estética no carnal, crua, e no uso expressivo do corpo. Mas este corpo não será o corpo físico e sim um corpo feminino, textualmente virtual (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 67-68).

Um exemplo disso é o Manifesto Ciberfeminista para o século 21 (1991) escrito pelo grupo VNS Matrix (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 67-68), que começa com a frase

“Nós somos a boceta moderna”. Com o VNS Matrix, “A vagina agora é a entrada para a matriz “ciborguisada”, mas ainda é o elemento de contestação corporal feminino” (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 76). A reificação da “vagina” pelo VNX Matrix (em 1991) e por Sadie Plant (em 1997) remete aquela feita pelas artistas da década de 1970 (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 119), que representava a “euforia em torno da tese do imaginário centrado na vagina” até então. “A vagina foi o signo da diferença tomado e apropriado por inúmeras artistas do Movimento de Arte Feminista norte-americano. Algumas artistas como, por exemplo, Judy Chicago (1979), Martha Rosler (1975) e Faith Wilding (1972) realizaram várias obras nas quais a vulva era o centro (GAZIRE LEMOS, 2009, p. 24). Judy Chicago, por exemplo se apropria da iconografia vaginal para discutir a opressão feminina em sua mais famosa obra, *The Dinner Party*, que foi exposta em museus de todo os EUA em 1974 e também serviu de inspiração tanto para as ciberfeministas, como para pessoas envolvidas no ativismo da vagina contemporâneo. Em sua obra, Chicago “retratou trinta e nove mulheres míticas e reais ao longo da história pintando suas vaginas em pratos colocados em mesas de jantar triangulares – o triângulo como arquétipo feminino ou o formato da vulva” (WOLF, 2013, p. 200). A obra virou um livro de fotos cinco anos depois. Um choque para a época, uma inspiração para as gerações seguintes.

Como é possível perceber, os usos da imagem da vagina/vulva não são uma exclusividade do século XXI, ganhando uma roupagem politizada nas produções feministas desde a década de 1960. Certamente esses ativismos inspiraram muitas das manifestações das gerações seguintes que utilizam o corpo cuja “força política está na composição imagética” (GAJANIGO, SOUZA, 2014588) desterritorializada nas mídias digitais que vemos crescer nos anos 2000, os quais Sibilia (2015a, p. 172) chama de “ativismos de nova geração”, principalmente com os surgimentos de plataformas digitais cada vez mais interativas. Essas “manifestações sociais de ocupação dos espaços públicos e simbólicos” mostraram e ainda mostram que “é possível ressignificar os instrumentos midiáticos de controle e de produção do discurso hegemônico, assim como também é possível fazer uso da imagem como forma de divulgar outro discurso, outro enunciado, outra forma de fazer política contra-hegemônica” de forma crítica (GAJANIGO, SOUZA, 2014, p. 590) e que também é possível “implodir” determinadas codificações corporais (SIBILIA, 2015a, p. 196), como por exemplo o faz a “Marcha

das Vadias”⁴¹⁰, que ocupa espaços concretos e digitais, e páginas eletrônicas como o “Moça, você é machista”, as quais exploram aquilo que Sibilía (2015a, p. 172) considera, mencionando uma frase do site do grupo de ativistas Baring Witness: “a maior arma que as mulheres têm, o poder do feminino, a potência de nossa beleza e nudez para acordar nossos líderes masculinos e detê-los em suas corridas”. “Nesse sentido, a cultura de contra-hegemonia, hoje, está se configurando também como uma cultura de imagens contra -hegemônicas” (GAJANIGO, SOUZA, 2014, p. 589), “cujo foco é a abertura, o incômodo que não precisa achar alívio imediato” (GAJANIGO, SOUZA, 2014, p. 589). O corpo nu é moda (GOLDENBERG, 2007, p. 7) e ao mesmo tempo uma afronta.

Percebe-se que a liberação do corpo feminino está no centro da pauta dessas militantes. “Meu corpo, minhas regras” é o *slogan* mais visto nos cartazes, nas redes sociais e também escrito nos corpos das manifestantes nas Marchas. Essa bandeira de luta sempre esteve presente nas discussões dos movimentos feministas - principalmente com a chamada segunda onda do feminismo na década de 1970, a questão da mulher e a autonomia do seu corpo, “Nosso corpo nos pertence!” impõem a divisão entre o biológico e o cultural, buscando romper com a ideia de que a mulher é o “sexo frágil”. Podemos interpretar essa bandeira de duas formas: seja pela mercantilização do corpo feminino; seja pelas mulheres serem objetos de violência. Mercantilização porque a mulher na ordem patriarcal é vista como inferior e muitas vezes como objeto, mercadoria – essa visão está solidificada no discurso biológico; objeto de violência pelo fato de nunca terem autonomia pelos seus corpos, direito a escolha de reprodução, de interromper uma gravidez indesejável e para além de violências físicas (como o estupro), violências simbólicas estão no cotidiano de muitas mulheres. Um dos questionamentos das militantes do movimento é que sempre o Estado ou a Igreja decidem pela mulher, ou seja, elas não possuem autonomia de escolha, controle pelos seus corpos; essa é uma questão de destaque nas pautas das Marchas das Vadias, principalmente com o *slogan*: “Tirem seus rosários dos nossos ovários” (GALETTI, 2014, p. 2197-2198).

Os movimentos contemporâneos, tal qual a Marcha das Vadias nos espaços públicos físicos e o ativismo da vagina na internet “assumem que a enunciação do corpo deve ter um significado mais amplo: e ‘passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na

⁴¹⁰ “Surgida em 2011 na cidade de Toronto, Canadá as Slut Walks já atingiram muitos países. Um de seus objetivos é adotar o conceito de “vadia” para se opor ao estereótipo de culpa que recai sobre mulheres agredidas em função da exposição de seus corpos ou de suas sexualidades, defendendo o direito de autonomia pelos seus corpos. No Brasil, A Slut Walk ganhou o nome de Marcha das Vadias e já aconteceu em cerca de trinta cidades diferentes. Esse movimento aconteceu como resposta a um policial que afirmou que mulheres que se vestem como vadias são responsáveis pela própria vitimização em ataques sexuais. A partir daí o movimento se disseminou no mundo inteiro, articulando jovens feministas em Marchas as quais são organizadas de formas descentralizadas utilizando a internet como ferramenta singular de organização e propagação do movimento, através de blogs, redes sociais como o facebook” (GALETTI 2014, p. 2196 – 2197).

cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo’ (Gomes e Sorj (2013, p.438 *apud* TOMAZETTI, BRIGNOL, 2015, p. 11-12)”) trazendo para o debate um corpo “virtual e materialmente celebrado” (TOMAZETTI, BRIGNOL, 2015, p. 11-12). Ao examinar a página do Facebook “Moça, você é machista”, Tranquilin-Silva, (2016, p. 249-250) afirma que este configura um local “em que se criam ‘políticas de visibilidades’” porque “por meio de corpos, mentes e imaginários [são] afetados, [e] tem-se a potência de agir aumentada a partir da ética”, ética porque as participantes dos protestos que compõem a página são jovens que escondem seus rostos, criando dessa forma “a tática (CERTEAU, 1994) de se esconder para se mostrar, que leva à ação. É assim que “Moça” perfaz seu ativismo feminista” (TRANQUILIN-SILVA, 2016, p. 249-250), assim como em muitos dos “projetos” que acessei.

Baer (2016) cita ainda outro uso das redes feita pelas ativistas, que ela chama de “feminismo hashtag”, o qual segundo a autora gerou “altered, influenced, and shaped feminism in the twenty-first century by giving rise to changed modes of communication, different kinds of conversations, and new configurations of activism across the globe, both online and offline”. A autora afirma ainda que “Feminist scholars have described digital feminist activism as a departure from conventional modes of doing feminist politics, arguing that it represents a new moment or a turning point in feminism in a number of ways” (BAER, 2016, p. 18) porque ao promover a reunião de grupos feministas diversos, “digital platforms enable new kinds of intersectional conversations”, promovendo também a “política feminista”. Para Baer, os feminismos digitais estão refazendo (redoing) o feminismo através da interação entre as plataformas digitais, o que faz com que as pautas de luta se tornem translocais/transnacionais. Em sua análise, Baer contextualiza essa política no âmbito do neoliberalismo, no qual para ela a “política do corpo” é fundamental.

In my analysis, the term “body politics” functions as a heuristic for considering the disputed status of the (female) body within both neoliberalism and feminism today. With its emphasis on self-optimization, personal responsibility, and individual choice, neoliberalism recasts the body as a key site of identity, empowerment, and control (Alison Phipps 2014). Decoupled from social status, identity in post-Fordist societies is increasingly linked to the body, which may be shaped, repurposed, and given value through consumer choices. With the rise of digital media, the body has taken on further significance as a site of both self-representation and surveillance, not least with regard to gender identities and gender norms. The female body has long functioned as a key site for feminist activism around issues of sexual violence, reproductive justice, sex work, sex trafficking, genital cutting, cosmetic surgery, disability, and disordered eating, among others. However, the schisms within feminism that emerged from different theoretical

approaches to these contentious issues over the last thirty years have dovetailed with the neoliberal recasting of the body to stymie feminist political action. Together, these developments have colluded to undo the efficacy of feminism's politicization of the personal and its reliance on rights- and choice-based frameworks in combating the oppression of women's bodies (BAER, 2016, p. 19).

Em seu argumento, a autora afirma, inspirada nas reflexões de Judith Butler, que o corpo, tanto nas manifestações de rua como na internet, configura-se como um "symbolic and precarious site of control and resistance" (p. 19). É nele que a política se acirra, porque na contemporaneidade não é só o feminismo que apresenta soluções para a opressão feminina, mas o próprio sistema neoliberal através da cultura midiática também apresenta formas de "empoderamento", fazendo com que o feminismo seja desqualificado, posicionando-o em um lugar ambíguo, simultaneamente uma realidade garantida, porém repudiada (BAER, 2016, p. 20).

In the context of neoliberalism, hegemonic discourses of individual choice and empowerment, freedom, self-esteem, and personal responsibility have conspired to make feminism seem second nature and therefore also unnecessary for women, especially in the West, where structural inequalities are increasingly viewed as personal problems that can be resolved through individual achievement. In her book *The Aftermath of Feminism*, Angela McRobbie has described the active "undoing of feminism" that has occurred in neoliberal societies, which disavow feminism as unnecessary while offering women "a notional form of equality, concretised in education and employment, and through participation in consumer culture and civil society, in place of what a reinvented feminist politics might have to offer" (2009, 2). McRobbie argues that the undoing of feminism in neoliberalism is effected not least through post-feminist popular culture, which reflects the "double entanglement" of present-day political life, where we witness the coexistence of neoconservative values with the liberalization of sexual relations and kinship structures (2009, 12)" (BAER, 2016, p. 20).

Ao citar Butler, Baer menciona que é através do corpo que expomos nosso gênero e nossa sexualidade, dois construtos sociais:

[...] "inscribed by cultural norms, and apprehended in their social meanings (Butler 2004b, 20). As she argues, "For politics to take place, the body must appear (Judith Butler 2011, n.p.) for the body implies mortality, vulnerability, agency: the skin and the flesh expose us to the gaze of others but also to touch and to violence ... The body has its invariably public dimension; constituted as a social phenomenon in the public sphere, my body is and is not mine. (Butler 2004b, 21)".

É como se meu corpo fosse meu mas não mas ao mesmo tempo não, porque apesar da suposta liberdade que tenho de me expressar através dele, não posso fazer o

que quero com ele e através dele livremente justamente por seu caráter público. O lado público do meu corpo é conservador demais para suportar minha liberdade. Apesar disso, o lado público do meu corpo cria estratégias para que eu pense que sou livre, particularmente se sou mulher. E uma dessas estratégias é a apropriação de termos ativistas como o “empoderamento feminino”.

In *Undoing Gender*, Butler emphasizes the double nature of norms governing gender, which both constrain and enable life, arguing that “the body is that which can occupy the norm in myriad ways, exceed the norm, rework the norm, and expose realities to which we thought we were confined as open to transformation” (2004b, 217). Butler’s analysis of the paradoxical quality of gender norms echoes the double valence identified by theorists of precarity, a connection that she makes explicit elsewhere: Precarity is, of course, directly linked with gender norms, since we know that those who do not live their genders in intelligible ways are at heightened risk for harassment and violence. Gender norms have everything to do with how and in what way we can appear in public space; how and in what way the public and private are distinguished, and how that distinction is instrumentalized in the service of sexual politics (Judith Butler 2009, ii) The feminist protests of SlutWalk, FEMEN, and Pussy Riot employ the female body in ways that call attention to gender norms as open to transformation, occupying these norms and aiming to re-signify them. These protests engage symbolically, across a range of registers, with the objectification of female bodies in media culture; with injunctions about women’s roles in public spaces; and above all with the subjection of women to sexual violence. As such, they expose the precarity of the female body, understood in a double sense as the insecure status of the female body within oppressive regimes of power but also as a site of ambivalence and potential resistance. While the female body has always been a key site of feminist activism, the status of the body for feminism has been transformed in overlapping ways by the contexts of neoliberalism and digital culture. In a context where identity is uncoupled from social status, the body becomes the primary locus of identity in neoliberalism (Rosalind Gill and Christina Scharff 2011, 8; Phipps 2014). Neoliberal discourse emphasizes the body as a site of empowerment via self-fashioning, personal improvement, and individual choice, but also one in need of constant surveillance, monitoring, and discipline. This tension between the body as a locus of empowerment and identity formation and the body as a site of control underpins the precarity of the female body in neoliberalism, not least because it is women’s bodies much more than men’s bodies that are subject to constant regulation via modes of hegemonic femininity. Digital platforms similarly occupy a double function as sites of empowerment and identity formation, on the one hand, and of surveillance and self-monitoring, on the other, particularly for women (Tanja Carstensen 2014; Mia Consalvo and Susanna Paasonen 2002; Tamara Shepherd 2014). While cyberfeminists have emphasized the potentially utopian possibilities of digital culture to overcome gender binaries and tailor the cyborg body to feminist specifications, the emphasis of social media platforms on commodified self-representation and the widespread digital dissemination of images of the material body escalate the demands of hegemonic femininity (BAER, 2016, p. 23-24).

A questão central que se coloca diz respeito ao corpo feminino, mais especificamente à sua “nudez autoexposta” (SIBILIA, 2015a), exposição essa que não é

uma exposição qualquer do corpo, é uma exposição politizada que na maioria das vezes é uma forma de expressão da raiva, “rage at patriarchal conditions” (BAER, 2016, p. 24), uma raiva barulhenta que desestrutura a feminilidade hegemônica.

Como opera, então, e em que consiste exatamente essa *politização* da nudez? Ao se exporem fora dos limites da esfera privada, seja no espaço público das ruas ou nas vitrines midiáticas, esses corpos nus acabam causando certa comoção e atraindo os olhares de muitos desconhecidos, conquistando a tão buscada visibilidade para as diversas causas defendidas. Mas isso só é possível porque nesses atos se juntam duas tendências aparentemente contraditórias. Por um lado, o fato de que a nudez já não é o que costumava ser ampliou enormemente os limites do que é válido mostrar e tolerável observar; portanto, não são poucas as mulheres que hoje ousam se despir em público sem que isso implique para elas consequências negativas de grande envergadura, contrariamente ao que haveria acontecido há poucas décadas atrás, quando algo assim teria sido inviável tanto no plano moral como no jurídico. Por outro lado, apesar desse afrouxamento dos tabus e das leis, a nudez ainda continua suscitando certo alvoroço; e, cabe deduzir, somente por isso essas novas práticas resultam eficazes na tentativa de chamar a atenção, consumando desse modo sua vocação política (SIBILIA, 2015a, p. 175).

Sibilia (2015a, p. 175-176) questiona, pois, se a reprodução insistente da “nudez autoexposta” resultaria na perda de sua “eficácia midiática em virtude de sua banalização”. É preciso mesmo se expor? Não sabemos e nem podemos responder a esse questionamento, mas como a autora, percebemos que “a tática ainda parece funcionar, despertando curiosidade e convocando o interesse do público”, ainda que em algumas situações, a mensagem seja “pouco audível” em relação ao que é visibilizado: “a nudez é tão chamativa que atrai todas as atenções, inclusive as que deveriam se concentrar nos nobres motivos do protesto em questão, que costumam ficar eclipsados pelas instigantes imagens assim projetadas. Por fim, Baer traz um questionamento interessante que envolve o lema “o pessoal é político” tão caro aos movimentos feministas de ontem e de hoje:

In a recent article, Mohanty asks, “What happens to the key feminist construct of ‘the personal is political’ when the political (the collective public domain of politics) is reduced to the personal?” (2013, 971). Despite significant qualitative differences in their tactics, the protests I examine here discursively combat the neoliberal reduction of the political to the personal by making visible the universalizing tendencies of feminist strategies that occlude difference; by drawing attention to the relationship of personal experiences to structural inequalities; and by highlighting the ongoing precarity of individual female bodies in public spaces. In so doing, these digital feminisms lay the groundwork for re-establishing a collective feminist politics. The precarity of the female body has become an emphatic site of contention in the adaptation and redeployment of contemporary feminist protest movements within the local contexts of German cities, as well as in

their reception by feminists transnationally. For many feminist critics, protest movements like SlutWalk and FEMEN deploy a body politics that appears to reproduce patriarchal norms rather than resisting them. In an emblematic analysis, Theresa O’Keefe argues that SlutWalk and FEMEN fail as feminist strategies of resistance “as they do not seek to disrupt what constitutes the ‘desirable’ female body” (2014, 11). Because of their universalizing and normative tendencies, “together with no structural account of violence against women, the sexualisation of women, or how women’s bodies continue to be a battleground for racial, patriarchal capitalism,” O’Keefe contends that “these types of body politics are dangerous” (2014, 15–16). Her account of SlutWalk and FEMEN rightly criticizes the way these protests make universalizing assumptions about sexual violence and the sexualization of women’s bodies (BAER, 2016, p. 29).

A autora então termina sua análise propondo uma solução para o impasse:

[...] the feminist protests I have examined here can best be understood as process-based political actions. Rather than participating in narratives of social progress or emancipation, these actions emphasize the process of searching for new political paradigms, languages, and symbols that combat the neoliberal reduction of the political to the personal. Contentiously redoing feminism, they deploy the precarious female body to make visible the contradictions of contemporary social reality (BAER, 2016, p. 30).

Toda essa “nudez autoexposta” (SIBILIA, 2015a) acaba dando margem a “ressonâncias misóginas na rede” (SILVA, 2015a) quando esse tipo de exposição é observada sob as lentes da moralidade enfrentando “pelo menos dois inimigos ancestrais: de um lado, os julgamentos baseados na sua adequação aos padrões estéticos em vigência (*divinas-nude*); de outro, a estigmatização em nome da obscenidade (*impuras-naked*).” (SIBILIA, 2015a, p. 183). Essa distinção tem se tornado cada vez mais presente nesse momento de avanço do conservadorismo, distinção que “é tanto moral como política, e que separa as silhuetas polidas nos moldes midiáticos das poluídas que brigam por seus direitos” (SIBILIA, 2015a, P. 191). No caso do ativismo da vagina essas reações se intensificam, mas as ativistas insistem na construção particular sobre essa parte do corpo feminino, utilizando para isso argumentos e linguagens diversas, como veremos a seguir.

4.2.3 Vaginas em rede: o ativismo da vagina e suas demandas

Em 10 de maio de 2017 conversei via Skype com Kelly e Karen, criadoras do “projeto” LB. Nossa conversa durou aproximadamente 40 minutos. Perguntei para elas de onde tinha surgido a ideia de criá-lo e como foram as primeiras experiências da

colagem na rua. O LB foi o único “projeto” brasileiro com o qual consegui contato por e-mail. Criado em 2016 pelas duas designers gráficas “Kelly Cristiana” e “Karen K”, o “projeto” consiste na produção de zines e de colagens em vias urbanas de fotografias e/ou ilustrações de genitálias femininas associadas a frases de “empoderamento”. Seu alvo, além da “autoestima” das mulheres, é trazer a “representação gráfica de uma vulva fora do contexto sexual/pornográfico”⁴¹¹, mas também para “celebrar a diversidade”, o “autoconhecimento” e a sexualidade não reprodutiva⁴¹² e autônoma, assim como propõe “Hilde Atalanta”. A colagem nas ruas visa também à promoção de um debate acerca das violências físicas e simbólicas sofridas pelas mulheres nesse ambiente público, assim como configura uma forma de reapropriação da rua enquanto espaço de vulnerabilidade feminina, nesse “mundo público” que é ainda “um mundo de homens” (Braga, 2004, p. 4).

Tudo começou a partir do contato de Kelly com um conto de Hilda Hilst no qual havia uma personagem chamada Claudia, artista plástica, que “*desenhava bujetas*”. Kelly além de designer gráfica é também ilustradora, então a identificação foi imediata. Interessada pela temática, ela resolveu “*desenhar bujetas também*”. Durante o processo de criação, Kelly descobriu que “*não conseguia*” desenhar essa parte do corpo feminino pois “*não saia nada, nada que eu considerasse digno*”. Essa dificuldade de desenhar fez com que refletisse sobre o possível motivo, “*já que eu tinha repertório de desenho*”, e foi nesse momento que ela chegou “*num lugar muito pessoal, de ver que eu tinha uma questão com meu corpo, e tinha origem na minha história, nas minhas experiências*”. Kelly então empreendeu uma tentativa de pensar “*esse lugar*” e foi em busca, na internet, de imagens para que pudesse se inspirar. Essa busca teve “*vários desdobramentos, e quando eu comecei a chegar a algumas conclusões, surgiu essa vontade de transformar isso em projeto*”. Ela sentiu que sua questão pessoal era fruto de um contexto cultural mais amplo, uma “*questão de outras mulheres*”, então decidiu convidar uma amiga para ajudá-la, e foi aí que Karen, que já “*tava trabalhando com uma questão de corpo, já tinha uma pegada do design gráfico, que já tinha uma pegada*

⁴¹¹ ESCALADEIRA, Bruna. “Sua xoxota é linda e pode ser poesia!”. Revista AzMina. 14 marc 2017. Disponível em: <http://azmina.com.br/2017/03/lambe-buceta-sua-xoxota-e-linda/>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

⁴¹² “A possibilidade de arbítrio sobre o próprio corpo e o acesso a uma sexualidade não reprodutiva foi, sem dúvida, umas das principais conquistas das mulheres. Mesmo considerando que sempre, na história da humanidade, tivessem existido formas diversas de contracepção, o que mudou com a pílula foi a medicalização e a legitimação dessa prática. Nesse sentido, as mulheres puderam programar suas vidas e exercer tanto a sua vida profissional como também a própria experiência da maternidade de forma mais satisfatória” (ARÁN, 2003, p. 404).

do ativismo do corpo”, somou às suas reflexões. Na conversa inicial que tiveram sobre a ideia de Kelly, já nasceu o embrião do LB, o “nome, a ideia, a formatação”.

Karen também já vinha pensando e trabalhando “*essa questão da vulva na internet*”, algo que vinha “*em resposta ao que aconteceu no final de 2015*”. Ela se referia a campanha que havia viralizado nas redes sociais a partir da hashtag “*Meu primeiro assédio*”, isso “*depois do Meu Amigo Secreto*”, outra campanha semelhante, e que inclusive intitula o livro do coletivo Não Me Kahlo (2016). Ambas as campanhas, assim como outras semelhantes que as sucederam, reuniram milhares de depoimentos de mulheres em torno da temática da violência contra a mulher, do assédio, do estupro, sendo que muitas delas nunca tinha tido coragem de falar sobre suas experiências antes. Encontrando naquele movimento uma forma de acolhimento de suas histórias, muitas mulheres puderam perceber que não estavam sozinhas em suas questões e traumas pessoais. Para Karen, a partir dessas iniciativas, começou a “*ficar muito evidente esse lugar que a gente sofria muitos abusos e não falava sobre isso mesmo, era quase... era um tabu, é um tabu ainda, né, mas era um lugar muito escondido que a gente não ficava trabalhando, não falando ao certo e nem sabia como dizer, nem sabia como conversar*”. Ficou claro, portanto, que “*tá todo mundo ferrado, mal com muitas questões*”. E o LB seria mais um desses lugares, assim como os lugares simbólicos criados pelo movimento das hashtags, “*onde a gente pode se empoderar do que a gente é, do nosso corpo... e como é que a gente pode trabalhar isso também, né? Então acho que é isso, entender que a sua buceta é bonita, que ela é linda, num primeiro momento fez muito sentido*”.

Como resultado de suas pesquisas, Kelly insistiu na tentativa de desenhar “*bucetas*”, “*E aí o primeiro desenho que eu fiz também foi em cima de uma foto minha, que aí tinha esse lugar terapêutico, me desenhar, me aceitar... e aí a gente fechou essa primeira série, e aí a segunda série foi feita pela Karen*”. Depois de um tempo quando decidiram começar o projeto, Kelly e Karen saíram “*para fazer a primeira colagem e também não ficar só preso às redes sociais, né, tem essa coisa de colar na rua, que é analógico, ele tá nesse plano físico, né, da gente não só no digital*”. E depois disso, resolveram criar a página do Facebook e depois no Instagram apenas como uma “*forma de divulgação*”. “*Na real foi assim: primeiro colagem, aí a gente dormiu, acordou no outro dia, montou a página, e a gente saiu pra almoçar, fazendo o trajeto da colagem*”.



Figura 13 - Printscreen 1 de postagem do Instagram do LB.



Figura 14 - Printscreen 2 de postagem do Instagram do LB.

Para Kelly e Karen “o lambe fazia muito sentido por tá na rua”, não só por “não ter controle de quem ia olhar, de saber que era um ambiente e passagem de muitas mulheres e que elas iam acessar essa mensagem”, mas também por “serem mulheres ocupando esse espaço que é o espaço de medo, de insegurança, de se apossar dessa

manifestação artística, urbana, que a princípio é [ainda] muito masculina também”. Karen comenta que a “rua é onde a gente mais sofre os maiores assédios, quando a gente sai na porta da nossa casa”, apesar de também não estarmos seguras em nossas casas. Seja na parada de ônibus, ou andando pelas calçadas, “é uma coisa meio gratuita”, e ela conta que havia passado por um episódio naquele fim de semana que havia mexido muito com ela: “eu tava andando na rua sábado voltando pra minha casa a pé, e aí um cara do nada veio, tava na rua, a rua tava vazia, veio perguntar pra mim só se o bar tava aberto”, e apenas o fato de ele se “dirigir a mim, falar comigo, eu comecei a tremer dos pés a cabeça”. Ela diz que esse é um tipo de reação comum, “automático”, e eu concordo porque também acontece comigo. A rua para ela é, então, “um lugar do descontrole”, porque ela não conseguiu ter controle sobre suas emoções naquela situação, por exemplo, possivelmente porque “meu corpo já tá condicionado a sentir esse medo”⁴¹³, afirmação com a qual também concordei. Na rua, é como se ficasse mais claro que os homens entendem que os corpos das mulheres que estão ali estejam mais acessíveis, portanto disponíveis para eles.

Colar os lambes nesse “lugar do descontrole”, nesse “espaço de medo”, é, nesse sentido, “uma resposta a isso também, é uma resposta tanto a essa violência que a gente sofre”, é configurar a partir daí um “lugar de debater isso publicamente” porque a rua e a internet duas “esferas de comunicação” diferentes, e na rua é “uma coisa mais direta, crua...você tá passando, você olha e aí é muito rápido essa absorção”, e por sua vez, na internet, “você pode olhar a foto, e aí olha de novo, e aí olha de novo, e aí você pensa sobre aquilo, né, é um outro lugar da interação”. Por isso, é uma questão importante para elas também estarem realizando esse trabalho de intervenção juntas, porque Kelly, por exemplo, afirma que “a gente faz em dupla também porque aí tem esse lugar de uma apoiar a outra, sozinha eu não sei se eu daria conta, eu não teria dado conta sozinha”.

Colocar esse debate na rua é colocar “o corpo político na rua”, que se trata de “uma quebra de tabu”, colocar em discussão “a construção do que somos como mulher e do que devemos ser como mulheres, que a gente tá questionando”. Karen ressalta que a existência desse tabu é inegável, como é inegável que “a gente não pode interagir com o nosso corpo, que a gente não pode se conhecer, que a gente não pode...nosso corpo está a serviço do heteronormativismo, do mercado...é só isso”. Essa tabu se manifesta nas reações violentas ao “projeto”, que também podem ser observadas na rua, da mesma

⁴¹³ “Nunca iguais, com nossos corpos de mulheres. Nunca em segurança, nunca como eles. Nós somos o sexo do medo, da humilhação, o sexo estrangeiro” (DESPENTES, 2016, p. 28).

forma como acontecem no campo dos comentários das postagens, porque elas observaram ataques às suas colagens, que foram rasgadas. Karen diz que os lambes são “rasgados aonde tá a figura da buceta”, isto é, a maioria dos lambes não são rasgados inteiros, mas “aonde tá a figura da buceta, e isso tá assim, nos grafismos, nas fotos, na xanográfica, não importa assim, os que não são rasgados são os que não têm a figura da buceta, não é nem o nome, é a figura mesmo”. Mas ela complementa com uma fala que acho importante salientar na íntegra. Ela diz o seguinte:

“Se as pessoas estão bravas, é porque tá mexendo com elas, sabe, se o negocio incomoda, se tá incomodando, é pq tá mexendo, eu vou fazer o que? Tem que ser assim, tem que ser incomodado, a gente tem que sair do lugar de conforto [porque] o lugar de conforto que a gente habita socialmente é um lugar construído e que ninguém questiona ele! O que a gente tá fazendo é questionar esse lugar do conforto, de mulher pra mulher. Tipo, que lugar é esse? Que construção é essa que a gente tem sobre as nossas vidas, sobre as nossas pessoa?. Quando é que a gente vai se respeitar nesse lugar? É quase como sair do armário, eu tenho pensado sobre isso também. Esse lugar de se assumir mulher, se assumir sexualmente ativa, de assumir o domínio sobre seu corpo, sobre seu próprio corpo, inclusive questionar o que é esse lugar do heteronormatismo”.



Figura 15 - Printscreen 3 de postagem do Instagram do LB.

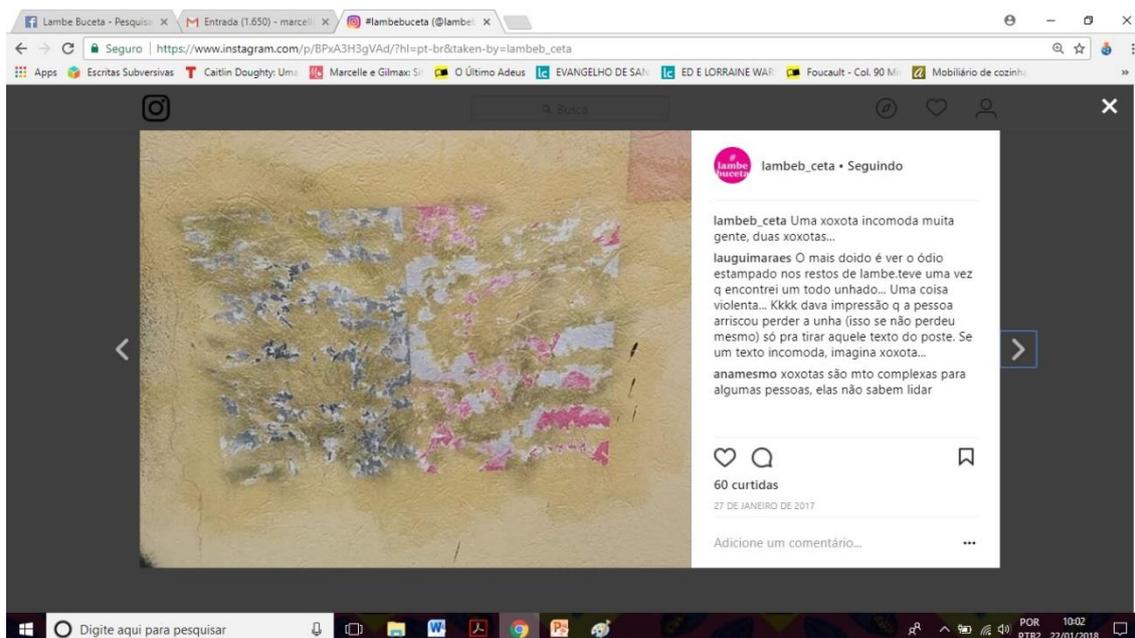


Figura 16 - Printscreen 4 de postagem do Instagram do LB.

É possível que um dos espaços digitais visitados por Kelly em sua busca antes da criação do LB tenha sido o Large Labia Project, aos quais ela se refere como “site de auto ajuda de mulheres que tinham questões com seu corpo, autofotografavam suas vulvas... e vou lá nos blogs de autoajuda, de ajuda das manas, assim...de tipo, comparação, de comentários”. Para ela esses representavam espaços onde os “autoretratos de mulheres, que eram mais naturais” do que a pornografia. Ao ter contato com sites e blogs que tinham essa dinâmica ela sentiu-se confrontando a si mesma, porque houve “certo momento em que eu tive que dizer pra mim mesma que minha buceta era linda”, e ela pode perceber que “isso já era o que tava acontecendo no mundo virtual e aí para mim foi uma vontade de gritar isso pro mundo, de falar isso pra outras mulheres, e aí, nesse sentido, o lambe fazia muito sentido”.

Eu tive acesso ao LLL, como falo na introdução, a partir de um texto midiático que considero aliado também por causa do tom de “denúncia” ao falar que “a ditadura da beleza chegou às nossas vaginas”. O LLP foi um blog que existiu de 2013 a 2017⁴¹⁴.

⁴¹⁴ LLL foi tema central de discussões que eu e meu orientador realizamos na ocasião de Silva, Paiva, Costa (2016) e Silva, Paiva (2017). O material que havia coletado até o desaparecimento do projeto da rede não havia sido o suficiente para a tese, apenas para as reflexões que foram feitas nos respectivos trabalhos. Diante da diversidade e densidade dos demais projetos, resolvi não incluí-lo na discussão da tese, embora tudo tenha começado a partir dele. Devo muito do meu interesse e dos insights que tive ao conteúdo disponível naquele blog, e lamentei muito quando percebi que ele havia sumido, durante uma das minhas incursões ao campo.

Criado por “Emma P.”, que tinha como objetivo servir de referencial sobre “*vaginas reais*” para “*mulheres reais*”, argumento que se materializava nas autofotografias que eram disponibilizadas no blog e que acompanhavam a maioria dos relatos pessoais de suas leitoras anônimas, os quais tinham um formato de desabafo, onde as leitoras-participantes falavam sobre diversas experiências negativas sobre suas “*vaginas*”, vida sexual e “*autoestima*”. Era exatamente isso que Kelly estava precisando, de acordo com seu relato. Na “*descrição*” da página do LLP havia um texto sobre a importância deste espaço digital como “*suporte para aquelas pessoas que se sentem inseguras, autoconscientes, vitimadas ou vilipendiadas sobre seus grandes lábios*”. Lá, a própria “Emma P.” falava sobre si, como era a aparência de sua vulva (e também compartilhava fotos suas), afirmava que amava seus lábios e que refletia sobre o ato de compartilhar esse tipo de imagem de si na internet, como um “*desafio*” e uma forma de “*empoderamento*”, com a finalidade de encorajar outras pessoas a mandarem as suas. Era notável, ainda, sua preocupação em justificar que a proposta do blog era abordar a “*nudez genital*” em “*contexto-não sexual*”, assim como LB, tanto é que ele apareceu na mídia como um projeto contra a “*estética da indústria pornô*” em Mota (2013), por exemplo. Essa questão da pornografia é ambígua quando nos deparamos com o PPP.



Figura 17 - Imagem do texto “*Illuminating my Pussy Pride*” do PPP.



Figura 18 - Imagem do texto “Is My Pussy, (Vulva And Vagina) Normal?” do PPP.

Criado em 2011 por “Molly Moore”, o PPP é parte do site erótico “Molly’s Daily Kiss”⁴¹⁵, dos seis itens da “aba” intitulada “Memes and Projects”. Na “descrição” do projeto “Molly” informa que criou-o inspirada na obra “The Great Wall of Vagina”, de autoria do artista plástico britânico “Jamie McCartney”. É importante abrir um parêntese para falar dessa obra porque ela foi mencionada muitas vezes em textos midiáticos e aliados que compõem o corpus empírico da tese, publicados entre 2011 e 2015, inclusive em textos midiáticos sobre cirurgias íntimas.

A obra TGWOV⁴¹⁶ é um mural composto por quatrocentas esculturas de vaginas de pessoas cis e trans que se voluntariaram para participar da obra com idades entre 18 e 76 anos, distribuídas em dez painéis, e foi exibido pela primeira vez em 2011 na Inglaterra. A própria “Molly” foi uma das modelos, como ela mesma relata em uma postagem publicada em seu site em 9 de maio de 2012⁴¹⁷. Os textos midiáticos e aliados que consultei se referem a “Jamie” como um “escultor incomum” (LOPES, 2011), “polêmico”(VIEIRA, 2012) e “talentoso”. Em “A grande muralha da vagina” (VIEIRA, 2012), o mural é referido como “um chamado para importantes questões socioculturais envolvendo o corpo feminino”, proporcionando ao público “a oportunidade de perceber que não existe um único modelo padrão de genitália”. Outro texto informa que o trabalho de “Jamie” “não tende a pornografia ou a simples provocações”, por tratar-se de uma “intenção social, uma forma de chamar atenção para consequências derivadas do abuso da pornografia e da plástica vaginal, moda dos últimos anos na Inglaterra”(FREITAS, 2012) ainda que não levante “uma bandeira

⁴¹⁵ Disponível em: <https://mollysdailykiss.com/>.

⁴¹⁶ Disponível em: <http://www.greatwallofvagina.co.uk/home>.

⁴¹⁷ . Disponível em: <https://mollysdailykiss.com/2012/05/09/year-of-pride/>. Acesso em: 1 abr. 2018.

contra a plástica vaginal” mas proponha “uma reflexão sobre o excesso de recorrência ao método cirúrgico”. Ainda que seja possível perceber no projeto de “Jamie”⁴¹⁸ uma rejeição a suposta “padronização” dos genitais empreendida com os processos cirúrgicos, o PPP não foca nessa questão, mas lança luz sobre a genitália externa feminina apropriando-se declaradamente de elementos da pornografia ao invés de rejeitá-la, como argumentava “Emma P.”

Voltando a “descrição” do PPP, “Molly” identifica neste espaço seu objetivo, seu público alvo, sugere um roteiro composto por perguntas⁴¹⁹ a serem respondidas pelas possíveis colaboradoras (anônimas ou não), expõe sua metodologia e convoca: “Me conte sobre sua buceta”. Ela argumenta que seu objetivo é “construir uma pequena celebração de blog sobre a beleza que existe entre as coxas de uma mulher, na tentativa de fazer as mulheres se sentirem mais receptivas a essa parte verdadeiramente única, ainda que oculta, de seu corpo”, reunindo pensamentos e sentimentos das pessoas sobre suas vaginas. Ela enfatiza que gostaria de receber contribuições que enfoquem no **aspecto positivo** da experiência pessoal, com a finalidade de criar uma “imagem realmente positiva da gloriosa vagina”⁴²⁰. Mas como podemos perceber ao observarmos os relatos reunidos tanto nesse quanto nos demais projetos, o aspecto positivo da experiência com vagina aparece menos do que os aspectos negativos. E foi justamente pelos aspectos negativos que foram criados os projetos VLL e TGV.

⁴¹⁸ Que inclusive saiu da internet para as galerias de arte e para as folhas de um livro publicado com título homônimo, que conta com as fotografias dos moldes de gesso e com os depoimentos das participantes.

⁴¹⁹ As perguntas sugeridas por ela são: “Como você a chama? Como você se sente sobre ela? Você aceita-a como uma parte bonita de você ou talvez você não tenha tanta certeza? O que você acha do conceito de “vagina perfeita”? Alguma vez você já fez uma cirurgia, ou talvez você já tenha, por quê? Alguém já elogiou sua buceta? Você se raspa ou gosta dela natural? Descreva-a para mim?”. Como privilegiei os relatos pessoais do PPP no capítulo anterior, neste capítulo não irei me deter tanto nele.

⁴²⁰ A primeira postagem do projeto foi publicada em 31 de maio de 2011. Ao todo são 85 textos listados e vinculados ao projeto, todos identificados com títulos diferentes em uma lista numérica crescente, do primeiro ao último.



Figura 19 - Modelo “Abi” de VLL.



Figura 20 - Modelo “Adrastea” de VLL.

Criado por “*Jessica Marie*”, o VLL é uma loja online de pingentes em formato de vulva e outros acessórios femininos, como absorventes de tecido. Os pingentes em formato de vulva são confeccionados a partir de imagens das vulvas das clientes, que em geral são feitos por encomenda. As clientes que tem suas vulvas reproduzidas são chamadas de “*modelos*” e têm seus depoimentos disponibilizados em uma “*aba*” no site chamada “*Our Models*”⁴²¹. Existe outra “*aba*” intitulada “*About us*” onde sua criadora conta ao seu público a motivação de seu “projeto”. Neste texto, “*Jessica*” fala que o criou para transformar algo que era um problema para ela em arte e que seu projeto existe porque “*muitas mulheres usam pornografia como referência visual para o que seus corpos devem parecer e permitem determinar sua auto-imagem*”, algo que ela considera negativo, então o VLL seria uma forma de usar “*modelos reais para*

⁴²¹ São 41 depoimentos organizados em ordem alfabética, diferenciados por nomes próprios que acredito que sejam fictícios. Da mesma forma como PPP, como os relatos pessoais do VLL foram privilegiados no capítulo anterior, neste não me deterei tanto nele.

mostrar às mulheres que não há uma vulva padrão, todas são diferentes e perfeitas como estão”. Esse “projeto”, apesar de ter sido mencionado na mídia, não teve a mesma repercussão como teve LLP e PPP, mas nenhum destes dois teve uma repercussão maior do que TVG.

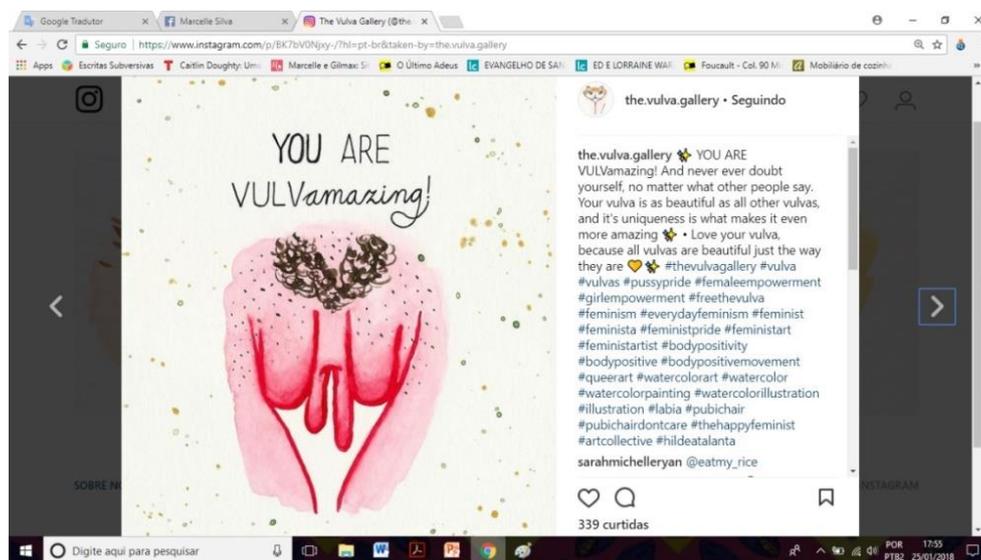


Figura 21 - Printscreen 1 de postagem do Instagram do TVG.

Em 2016, a ilustradora holandesa “*Hilde Atalanta*” criou o TVG, uma galeria de ilustrações feitas por ela que tem como foco a divulgação da “*diversidade estética das vulvas ao redor do mundo*”. Disponível em um site⁴²², no Instagram⁴²³, no Twitter⁴²⁴ e no Facebook⁴²⁵, as publicações de “*Hilde*” têm sido assunto de matérias diversas publicadas em revistas, jornais e periódicos nacionais na internet, utilizadas em matérias tanto contra como a favor das cirurgias íntimas. Por se tratar de algo que ainda é um tabu, suas postagens no Instagram já foram denunciadas, removidas e ela já teve inclusive seu perfil tirado do ar por conta das denúncias em decorrência de a temática com a qual ela trabalha ser considerada “*imprópria*”.

No Brasil, por exemplo, TVG aparece em “*A ‘Galeria da Vulva’ é a melhor celebração da vagina e da sua diversidade*”⁴²⁶, “*Conheça a ‘Galeria da Vulva’, uma*

⁴²² Disponível em: <https://www.thevulgagallery.com/>.

⁴²³ <https://www.instagram.com/the.vulva.gallery/>.

⁴²⁴ <https://twitter.com/thevulgagallery>.

⁴²⁵ <https://www.facebook.com/thevulgagallery>.

⁴²⁶ A “*Galeria da Vulva*” é a melhor celebração da vagina e da sua diversidade. Hypeness, 2016. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2016/12/a-galeria-da-vulva-e-a-melhor-celebracao-da-vagina-e-da-sua-diversidade/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

coleção de ilustrações que celebram a vagina e sua diversidade”⁴²⁷, “Ilustrações celebram a beleza e a diversidade da vagina”⁴²⁸, “A maravilhosa diversidade de nossas vulvas”⁴²⁹ e “Meninas fazem cirurgia estética na vagina ainda virgens; Brasil é líder”⁴³⁰, ambas publicadas em sites de periódicos diversos entre dezembro de 2016 e julho de 2017. Algumas das ilustrações do “projeto” aparecem em todas as matérias assim como estas anunciam o objetivo do “projeto” e sua metodologia: “contribuir para que as pessoas aceitem melhor seus corpos”⁴³¹ e “para a forma como as pessoas veem a ampla gama de diversidade corporal — especialmente, a diversidade da vulva”⁴³² através de desenhos com aquarela de “vários tipos de genitália feminina, repetidamente, com o máximo de detalhes, discutindo a variedade de vulvas nas legendas”⁴³³ e estas em geral são sempre “empoderadoras”. Além das ilustrações, ela “também desenvolve adesivos, broches, canecas, bolsas e outros badulaques com as pinturas, na tentativa de criar uma relação afetiva entre mulheres e suas pererecas, proibidas, pombinhas, ou como você preferir chamar sua vulva”⁴³⁴. A principal mensagem do projeto é evidenciada em todas as matérias: “passar às mulheres a mensagem de que independente do tamanho, cor ou forma, sua vulva é única, especial,

⁴²⁷ TERTO, A. Conheça a 'Galeria da Vulva', uma coleção de ilustrações que celebram a vagina e sua diversidade. Huffpost Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/12/09/conheca-a-galeria-da-vulva-uma-colecao-de-ilustracoes-que-cel_a_21700882/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴²⁸ Ilustrações celebram a beleza e a diversidade da vagina. Catraca Livre, 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/criatividade/ilustracoes-celebram-beleza-e-diversidade-da-vagina/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴²⁹ ZACCARO, N. A maravilhosa diversidade de nossas vulvas. Revista Trip, 2017. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/artista-hilde-atalanta-celebra-a-diversidade-das-vaginas-e-vulvas>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴³⁰ CARASCO, D. Meninas fazem cirurgia estética na vagina ainda virgens; Brasil é líder. Bol Notícias, 2017. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2017/07/19/o-padrao-de-beleza-chegou-a-vagina.htm>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴³¹ A ‘Galeria da Vulva’ é a melhor celebração da vagina e da sua diversidade. Hypeness, 2016. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2016/12/a-galeria-da-vulva-e-a-melhor-celebracao-da-vagina-e-da-sua-diversidade/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴³² TERTO, A. Conheça a 'Galeria da Vulva', uma coleção de ilustrações que celebram a vagina e sua diversidade. Huffpost Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/12/09/conheca-a-galeria-da-vulva-uma-colecao-de-ilustracoes-que-cel_a_21700882/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴³³ TERTO, A. Conheça a 'Galeria da Vulva', uma coleção de ilustrações que celebram a vagina e sua diversidade. Huffpost Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/12/09/conheca-a-galeria-da-vulva-uma-colecao-de-ilustracoes-que-cel_a_21700882/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴³⁴ ZACCARO, N. A maravilhosa diversidade de nossas vulvas. Revista Trip, 2017. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/artista-hilde-atalanta-celebra-a-diversidade-das-vaginas-e-vulvas>. Acesso em: 31 mar. 2019.

e que se deve amar do jeitinho que ela é”⁴³⁵ tendo em vista que “não há nada errado com a sua xoxota”⁴³⁶.

De acordo com o conteúdo das páginas do TGV, a motivação de “Hilde” em criar o projeto surgiu de uma preocupação sua com o crescimento global do número de cirurgias de Labiaplastia registrado e divulgado pela ISAPS. Além da problematização desse fenômeno, podemos encontrar tanto no site como no Instagram do projeto centenas de depoimentos de pessoas com vaginas que resolveram contribuir com o debate compartilhando suas histórias pessoais e imagens de suas vulvas para a atualização desse espaço simbólico, que, assim como LLL, PPP, e VLL, configura um lugar apropriado para a expressão das emoções a respeito de “vaginas”, onde falar sobre o assunto não é um tabu como na sociedade em geral, e que também se propõe como referência afetiva para que as(os) leitoras(es) aprendam bons sentimentos e pensamentos sobre si mesmas(os). Mas “Ainda assim, esse esforço ainda não tem sido suficiente para breçar os altos números da cirurgia íntima”⁴³⁷. Colocam-se aqui pretensões de mudanças no olhar, da percepção da “beleza da diversidade”⁴³⁸, porque a sociedade foca muito mais na pornografia e seus modelos de corpo que nem sempre são “naturais”, do que na ideia de que as pessoas têm corpos diferentes e que isso é “normal”.

Observei que o ativismo da vagina se trata de movimentos descentralizados, multissituados e translocais que utilizam as mídias digitais para visibilizarem suas pautas de luta, mas nem todos eles ficam apenas na internet, assim como LB. Se trata de um fenômeno novo, embora o uso da vagina como um símbolo de emancipação feminina já tenha sido revisitado em produções artísticas femininas na década de 1970, como disse anteriormente. Algumas manifestações da sua nova roupagem nos espaços digitais foram mencionadas brevemente apenas em Schimitt (2014), de modo que não encontrei outras fontes bibliográficas que empreendessem qualquer tipo de menção ou

⁴³⁵ Ilustrações celebram a beleza e a diversidade da vagina. Catraca Livre, 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/criatividade/ilustracoes-celebram-beleza-e-diversidade-da-vagina/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴³⁶ ZACCARO, N. A maravilhosa diversidade de nossas vulvas. Revista Trip, 2017. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/artista-hilde-atalanta-celebra-a-diversidade-das-vaginas-e-vulvas>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴³⁷ CARASCO, D. Meninas fazem cirurgia estética na vagina ainda virgens; Brasil é líder. Bol Notícias, 2017. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2017/07/19/o-padroao-de-beleza-chegou-a-vagina.htm>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴³⁸ TERTO, A. Conheça a 'Galeria da Vulva', uma coleção de ilustrações que celebram a vagina e sua diversidade. Huffpost Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/12/09/conheca-a-galeria-da-vulva-uma-colecao-de-ilustracoes-que-cel-a-21700882/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

reflexão de sua atuação. Considero como estando inseridos no ativismo da vagina todos os dispositivos – a produção de conteúdo em páginas da internet e a publicação de livros e zines, por exemplo - cujo foco central é a desconstrução de estereótipos sociais que envolvem a genitália feminina. Apesar de esse tipo de ativismo estar nitidamente em expansão, não existe (ainda) um movimento organizado, uma agenda coletiva de militância; é um tipo de atuação nas redes que é, por isso, descentralizada, desterritorializada e autônoma. Por outro lado, é possível perceber também que já existem iniciativas de colaboração entre alguns dos projetos, pois diante da polêmica que causam nos espaços que ocupam e do contexto de retrocessos que estamos acompanhando a nível global, possivelmente as ativistas perceberam que existe mais vantagem nas parcerias, ao invés do trabalho individual.

Grande parte dos “projetos” aos quais tive acesso foi encontrada através de buscas que realizei na plataforma do Instagram (como o LB e o TVG), mas muitos outros, assim como artistas e ativistas conheci através de textos midiáticos e aliados (foi o que aconteceu com três dos cinco projetos que menciono aqui, LLP, PPP, VLL). As ferramentas que utilizam para visibilizarem suas demandas não se restringem aos relatos pessoais e às autofotografias, também há as colagens e protestos na rua, a confecção de bijuterias, ilustrações, performances, produção de zines e de livros, exposições em galerias de arte, confecção de vulvas de tecido, dentre outras. Algumas dessas ferramentas carregam mensagens textuais que expressam suas demandas com vistas de provocar reflexões diversas em seus espectadores, especialmente sobre como, nas palavras de Casey Jenkins, uma artista australiana que causou polêmica em 2013 com sua performance chamada “*Casting Off My Womb*”, na qual ela fazia tricô com lã retirada de sua vagina menstruada⁴³⁹, “*tantas culturas distorceram essa inocente parte do corpo, transformando-a em maldição. A grande maioria de nós tem contato regular com vulvas, e ainda assim alimentamos medos que nos constroem na hora de olhar ou falar sobre elas*”⁴⁴⁰.

⁴³⁹ Artista cria polêmica ao tricotar com novelo de lã inserido na vagina. G1, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2013/12/artista-cria-polemica-ao-tricotar-com-novelo-de-la-inserido-na-vagina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁴⁰ OLIVIANI, Augusto. “Arte íntima”. Revista TRIP número 236, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/arte-intima>>. Acesso em: 19 de março de 2018.

Então, uma das principais demandas desse ativismo descentrado, talvez uma das mais ambiciosas, é “*quebrar o tabu*”⁴⁴¹, romper com os estereótipos que cercam a sexualidade feminina e vulvas/vaginas, deslocando assim a sexualidade e a genitália feminina dos lugares estigmatizados que ocupam na sociedade. Provocando nas pessoas reações contraditórias e por vezes violentas, como admiração e repulsa, “explosões de raiva”, como pontua Kelly. As postagens visam fazer pensar, chocando as pessoas com a exposição de algo considerado tão obscuro, tirando elas de suas zonas de conforto, fazer política de uma forma não convencional: e isso só é possível escancarando-a, expondo-a em sua crueza, extrapolando “as formas mais tradicionais de fazer política” (TRANQUILIN-SILVA, 2016, p. 240), mas ainda assim fazendo política, “não tem como não ser político, na verdade”, afirma Karen, durante entrevista, de forma a mostrar que de fato “*vaginas não são o demo*”⁴⁴². E trata de uma “luta política por visibilidade” (MISKOLCI, 2017, p. 267). As manifestações artísticas modernas que “*colocaram a vagina no centro de sua criação*”⁴⁴³ mobilizam, em geral, discursos profundamente influenciados por um desejo de transformação, de (auto)conscientização. Argumenta-se que para que o tabu seja superado pelas pessoas com vaginas é preciso uma reprogramação da percepção que temos sobre o sistema vigente que a considera algo negativo, perigoso. E essa reprogramação começa pela “*construção de um olhar positivo sobre o próprio corpo*”⁴⁴⁴, para que então seja superada a censura explícita ou sorrateira.

Duas outras demandas são comuns aos envolvidos nesse tipo de ativismo, e dizem respeito a reflexões sobre a cultura do estupro e a aceitação da diversidade estética vulvovaginal, como podemos observar nos projetos de Kelly, Karen, Molly, Jessica e Hilde. Mas podemos observar também uma lista grande de bandeiras levantadas pelos demais que acessei: além de “*quebrar tabu*”⁴⁴⁵, “*desafiar os padrões*

⁴⁴¹ “Para quebrar tabu, artista cria linha de joias com formato de vagina”. *Catraca Livre*, 2015. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/estilo/indicacao/para-quebrar-tabu-artista-cria-linha-de-joias-com-formato-de-vagina/>. Acesso em: 20 de março de 2018.

⁴⁴² ZEPONI, V. *Vaginas não são o demo*. Não Aguento Quando, 2014. Disponível em: <<http://naoaguentoquando.com.br/reflexoes/vaginas-nao-sao-o-demo/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁴³ OLIVIANI, Augusto. “Arte íntima”. *Revista TRIP* número 236, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/arte-intima>>. Acesso em: 19 de março de 2018.

⁴⁴⁴ TERRA, Adriana. *Toque, olhe, pense, fale*. *Tab Uol*, 2017. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/vagina#toque-olhe-pense-fale>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁴⁵ Para quebrar tabu, artista cria linha de joias com formato de vagina. *Catraca Livre*, 2015. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/estilo/para-quebrar-tabu-artista-cria-linha-de-joias-com-formato-de-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

de beleza na era do XVideos”⁴⁴⁶, “redefinindo padrões de beleza genital”⁴⁴⁷, também “entender a sexualidade”, “conhecer a anatomia”; dar voz ao ativismo do corpo (“body positive”) e da vagina (“cunt positive”, “pussy positive”, “pussy power”), acabar com qualquer tipo de “vergonha do corpo”⁴⁴⁸, celebrar todos os corpos e/ou a beleza única das vulvas/vaginas, tamanhos e cores da vulva e/ou o “movimento pussy positive”, desmistificar o corpo feminino e/ou a sexualidade feminina, normalizar a diversidade, difundir a vulva como símbolo em espaços públicos, liberar as mulheres da vergonha e dos traumas, ensejar uma revolução na qual a vulva é protagonista, promover autoconhecimento, orgulho, confiança e empoderamento colocando a vulva/vagina em um contexto não-sexual, fornecer subsídios para uma educação sexual de qualidade e protestar contra a pornografia, as práticas elencadas pela ONU enquanto mutilação genital feminina (MGF) e o crescimento da demanda internacional por cirurgias íntimas (especialmente entre meninas menores de idade). A lista de argumentos que destaquei são as que mais aparecem e que os unem a um objetivo em comum: debater ampla e publicamente nuances da dimensão íntima feminina, mas de modo geral, essas ativistas não estão envolvidas apenas com questões relacionadas a vagina, mas a outras questões ligadas às minorias e suas demandas. É comum também a adoção de slogans que em geral são divulgados nos textos aliados como “Ame seu corpo: inclusive sua vagina”⁴⁴⁹.

⁴⁴⁶ BAREM, M. Um tumblr apenas com fotos de vaginas quer desafiar os padrões de beleza na era do XVideos”. Oene, 2013. Disponível em: <http://oene.com.br/labia/>. Acesso em: 15 jun 2015.

⁴⁴⁷ MORRISH, L. The Vagina Illustrator Redefining Genital Beauty Standards. Konbini, 2016. Disponível em: < <https://www.konbini.com/en/inspiration/vaginas-meredith-white>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁴⁸ HANSELL, S. Vulva Art Project aims to end body shame. Street Roots News, 2017. Disponível em: <https://news.streetroots.org/2017/09/01/vulva-art-project-aims-end-body-shame>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁴⁹ KANUPP, I. Ame seu corpo: inclusive sua vagina. Para Beatriz, 2014. Disponível em: <http://parabeatriz.com/ame-seu-corpo-inclusive-sua-vagina/>. Acesso em: 8 mar. 2015.



Figura 25. Printscreen do instagram de This is a vagina



Figura 22 - Imagem do texto “Minha buceta grita xavasca”.

Compreendo que essas intervenções podem, partindo da potência de seus modos de composição e refiguração dos corpos das mulheres em suas diversidades e especificidades, contribuir para o debate mais amplo sobre gênero e ocupação dos espaços urbanos, apontando caminhos para o enfrentamento de dilemas cotidianos das

lutas de mulheres. As produções incitam os passantes, portanto, seja nas ruas ou nos espaços digitais, a repensar sua compreensão de mundo, a exercitar novos olhares, desconstruir as formas de ver, de falar, de cheirar e tocar. Convidam as pessoas a experimentarem o corpo de uma forma nova, diferente daquela materializada pela linguagem visual e textual hegemônica. Outro dilema que é recorrente diz respeito a questão dos padrões de beleza e de normalidade da vulva/vagina que são difundidos pela mídia, abordado por exemplo, em TVG, com sua mensagem de celebração da “vulva em toda sua beleza ao redor do mundo”.



Figura 23 - Printscreen 2 de postagem do Instagram de TVG.

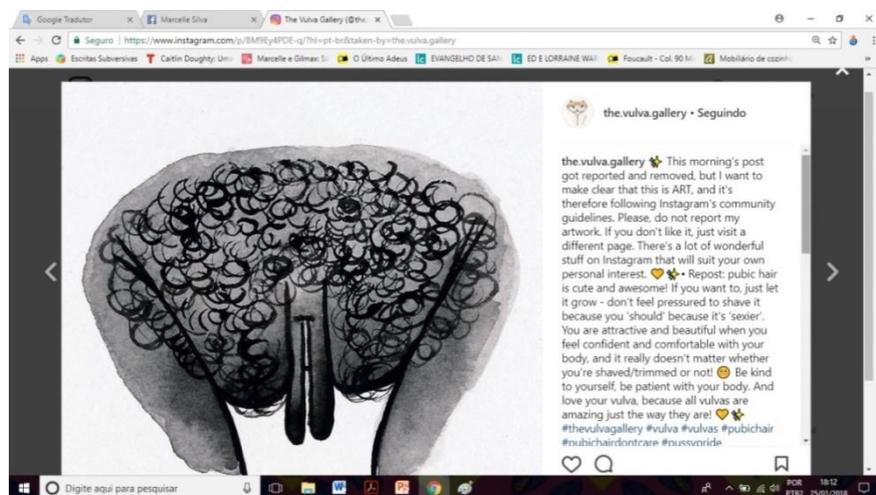


Figura 24 - Printscreen 3 de postagem do instagram de TVG.

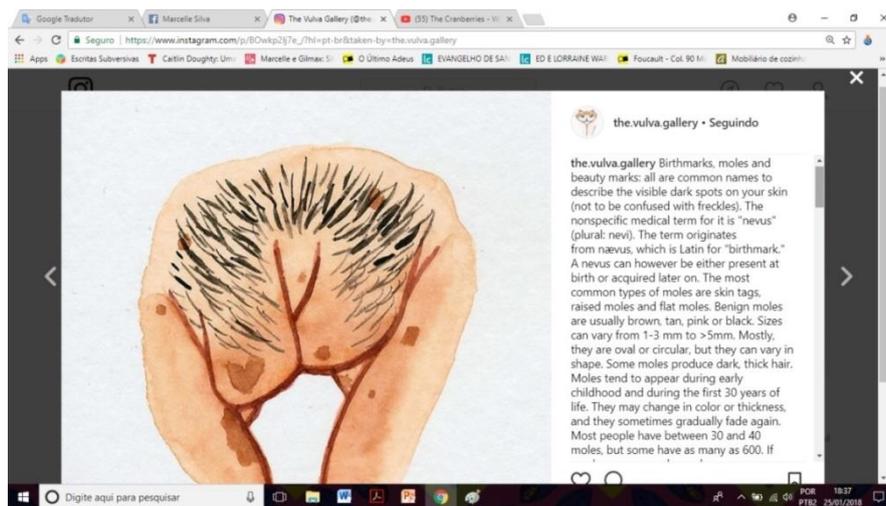


Figura 25 - Printscreen 4 de postagem do Instagram de TVG.

Hilde Atalanta, por exemplo, identifica seu “projeto” como uma iniciativa que se propõe contra o crescimento do número de cirurgias íntimas porque seu enfoque é a aceitação da diversidade estética vulvovaginal, em suas abas “*Gallery*”⁴⁵⁰ (t.6), “*About*”⁴⁵¹ (t.7) e “*Blog*”⁴⁵² (t.8). Tão importante quanto os desenhos de Hilde, são as mensagens que os acompanham, as palavras que são usadas para compor os contornos desse ambiente de acolhimento que o projeto representa em suas plataformas digitais. Possivelmente para que a mensagem fique clara e penetre como um mantra na vida das leitoras e/ou participantes do projeto, Hilde repete muitas vezes com palavras diferentes a informação de que “*Variações na vulva são infinitas*” (t.6): os lábios vaginais podem ser longos, pequenos, com rugas, sem rugas, espessos, finos, curvados, ondulados, assimétricos ou simétricos; podem ter várias cores também: claras e escuras, marrom, rosa, vermelho, roxo, caramelo, dentre outras. E as características podem se combinar de várias formas também. Os pelos também são um dos focos principais dessa narrativa: “*Alguns corpos são naturalmente peludos, outros têm pouco crescimento de pêlos*” (t.6).

⁴⁵⁰ Disponível em: <https://www.thevulvagallery.com/gallery/>. Acesso em: 2 de abril de 2018. Atualmente a página não existe mais porque foi removida ou excluída.

⁴⁵¹ Disponível em: <https://www.thevulvagallery.com/about/>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

⁴⁵² Disponível em: <https://www.thevulvagallery.com/blog/>. Acesso em: 2 de abril de 2018. Atualmente a página não existe mais porque foi removida ou excluída.

É preciso, então, que essas possibilidades sejam expostas e descritas para que as pessoas possam identifica-las e pensa-las através de novas lentes. Descrever as possibilidades estéticas do corpo é também uma forma de mostrar que ideais de normalidade, os quais em geral admitem apenas um conjunto específico de características, não são uma verdade absoluta, uma necessidade ou um destino, mas que *“existe uma gama muito ampla de ‘normal’”* (t.8). É também o argumento principal utilizado na tentativa de desconstruir uma autoimagem negativa, isto é, recuperar uma *“autoestima vaginal”*. Falar sobre a diversidade corporal é para Hilde um caminho para uma educação corporal/sexual de mais qualidade *“Porque a diversidade é linda”* (t.7). Mas de acordo com ela *“Na maior parte da mídia popular (livros, revistas, sites, pornografia e livros de educação sobre saúde sexual), essa diversidade está oculta”* (t.8) e que *“O que vemos online ou em revistas (ou mesmo em livros de educação médica) não é de modo algum representativo para a variedade natural das vulvas, mas tem uma enorme influência sobre qualquer indivíduo jovem que a veja. Não só meninas, mas também seus namorados”* (t.8).

Hilde sugere que o ideal seria que antes mesmo da puberdade as crianças pudessem *“aprender que o seu corpo é perfeitamente normal como é”* e que deveriam *“ser encorajados a entender e abraçar essa diversidade, por meio da normalização de diferentes tipos de tipos de corpo, em vez de rejeitá-los ou fetichizá-los”* (t.8). Mas se conversar abertamente sobre esse assunto é um tabu para adultos, para crianças é um problema ainda maior porque tudo relacionado aos órgãos genitais é considerado “sujo” e “vergonhoso”. Nessa mesma linha, ela acrescenta que:

“Quando você entra na puberdade, e seu corpo começa a mudar, pode ser muito útil falar sobre essas coisas, mas porque está tudo por trás de portas escondidas e conversas sobre sexualidade não são comuns em muitas casas ou grupos de amigos, eu acho que pode se tornar desconfortável com muita facilidade... Acho que é bom normalizar falando sobre todos esses tópicos, pois são coisas com as quais todos lidamos diariamente. Nós não deveríamos ter vergonha de coisas que são tão humanas. Pode ser muito reconfortante saber que seu corpo é normal - e que as coisas com as quais você luta são coisas com as quais os outros também lutam. Que você não está sozinho. Que você não é estranho, mas perfeitamente normal. Aprendi que compartilhar experiências e ouvir as histórias de outras pessoas pode dar uma sensação de pertencimento, apoio e confiança. E é por isso que incentivo uma conversa aberta sobre esses tópicos”.

É importante perceber que as narrativas que enfocam na existência de um tabu a respeito dos órgãos genitais entram em contradição com a quantidade de cirurgias

íntimas realizadas ao redor do mundo. Ao refletir sobre isso, Hilde arrisca afirmar que, dentre tantas razões para esse fenômeno, há três principais em particular: a “*falta de educação*” já mencionada anteriormente assim como o que ela chama de “*mídia popular (revistas, livros de educação sobre saúde sexual, pornografia, televisão)*” que “*nos mostra ‘corpos perfeitos’*” e por fim, o “*fácil acesso online à cirurgia (geralmente em clínicas particulares)*”.

“Um tema comum nas mensagens que recebo são as inseguranças que os jovens desenvolvem por causa de colegas ou amantes insensíveis (falando de corpos “feios” e “estranhos”) e os tipos de corpos que vêem na pornografia. Muitas pessoas aprendem que há apenas um tipo de corpo “perfeito”; eles veem as ‘bonitinhas e minúsculas vulvas’ na pornografia e descobrem que esse é o único belo tipo de vulva que existe. Muitas vezes, o único lugar onde eles vão encontrar fotos e vídeos de corpos nus, é em pornografia. Isto é facilmente acessível, mas infelizmente dá uma imagem altamente distorcida da realidade: simplesmente não reflete a diversidade nas formas do corpo... Isso pode resultar em inseguranças profundamente enraizadas e uma auto-imagem genital negativa, e nas histórias que eu li isso muitas vezes levou a não querer ficar nua na frente de mais ninguém (sentimentos profundos de vergonha) e o desejo de cirurgia para apenas ‘ser normal’. A combinação dessas duas coisas: a falta de educação e uma visão distorcida do que é normal pode contribuir para sentimentos de insegurança em jovens. Eles não têm nada com o que se defender, simplesmente porque não sabem como. Eles nunca aprenderam a falar sobre sexualidade e seus corpos, nunca aprenderam sobre diversidade nas formas do corpo, e nunca aprenderam que são normais e não precisam se envergonhar. Cirurgia de repente parece atraente, oferecendo uma “solução rápida” para o seu problema”.

Hilde continua, a respeito das mensagens que recebe de leitoras e comenta sobre os resultados de seu trabalho com o TVG:

“[...] recebi repetidamente mensagens de mulheres jovens que me disseram que, por causa da minha galeria, cancelaram a cirurgia de labioplastia. Isso (e a quantidade de mensagens que recebo sobre assuntos semelhantes) me dizem que há uma necessidade de uma conversa aberta sobre diversidade corporal e que há necessidade de educação. Muitas pessoas (mulheres e pessoas com outros tipos de identidade de gênero) que se aproximam de mim dizem que, antes de verem a Galeria Vulva, não sabiam que havia tanta diversidade nas vulvas. Que eles aprenderam pela primeira vez que são normais. Eu acho que a Galeria Vulva, e outros projetos semelhantes, podem ser um acréscimo muito valioso para a educação em saúde sexual”.

Essas mensagens evidenciam, portanto, o papel central das mídias na subjetividade feminina, e conseqüentemente, para a “*autoestima vaginal*”. Como venho mencionando, tanto essas iniciativas como outras que identifiquei, recrutam “mulheres

reais”, “mulheres comuns”, “mulheres reais e assumidas”⁴⁵³, “modelos não profissionais” que não são “tipos tradicionais de modelos de moda”⁴⁵⁴ para compor seu conteúdo. Esses são exemplos que diferem dos que correspondem aos textos sobre as cirurgias íntimas por exibirem imagens mais verossímeis da vulva. Argumenta-se que essa nudez é explorada a fim de que suas participantes passem a uma nova imagem sobre si, e que com a divulgação dos “projetos”, possam alcançar outras mulheres. Mas essa mudança pressupõe um processo que envolve tocar, olhar, falar e pensar sobre⁴⁵⁵. Nesse sentido, é importante mencionar o *zine* produzido pelo LB.

Karen foi a idealizadora do *zine* chamado “#Buselfie”. Recebi o *zine* em minha casa via correios, acompanhado de uma carta carinhosa assinada por Kelly. O *zine*, elaborado em folha A4 como um pequeno livro com vinte páginas, tem em sua capa estampado uma vulva que se oferece tanto para o olhar de quem a observa como para a câmera que também aparece na imagem da capa. O nome do *zine*, “Buselfie”, é explicado na página 10: buceta foi um termo escolhido dentre tantos para chamar atenção, além de ser o termo que nomeia o projeto de Kelly e Karen; e *selfie*, já que o *zine* é composto por autorretratos, nada mais apropriado do que juntar essas duas palavras já que se tratam de “*selfies de bucetas*” (p. 11). Na parte traseira da capa também podemos observar o reflexo de outra vulva em um pequeno espelho redondo (seria outra ou a mesma?), esta por sua vez sendo tocada. Logo acima da imagem, um pequeno texto explica do que se trata tanto o LB como o “#Buselfie”.

“É um projeto em linguagem lambe-lambe, uma manifestação artística caracterizada pela colagem de pôsteres em espaços públicos. É uma ação de empoderamento, de autoestima, de quebra de tabus e paradigmas. Um projeto que propõe a criação e a divulgação de representações gráficas da genitália feminina, de forma coletiva e colaborativa, com o objetivo de naturalizar a imagem da vulva e confrontar questões relacionadas ao corpo feminino e seus entraves sociais. Desde sua criação em maio de 2016, o projeto foi tanto acolhido como repellido. Essa dicotomia é esperada e até desejada, um movimento que nos inspira criativamente e direciona nossa pesquisa. Aqui falamos de buceta, xoxota, piriquita, pepeca e xana para entender por que isso incomoda tanto, sempre com muito respeito e carinho”.

⁴⁵³ A celebração da vulva feminina e das mulheres greludas. Segredo do Prazer, 2015. Disponível em: <http://www.segredodoprazer.com/celebracao-da-vulga-mulheres-greludas/>. Acesso em: : 2 de abril de 2018.

⁴⁵⁴ Disponível em: <http://www.dreamlandvisions.com/photoblog/2011/06/10/the-intimate-beauty-of-woman/>. Acesso em: 25 de março de 2019.

⁴⁵⁵ TERRA, Adriana. Toque, olhe, pense, fale. Tab Uol, 2017. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/vagina#toque-olhe-pense-fale>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

A primeira página do zine é dedicada a explicar no que ele consiste e sobre como as fotos foram parar ali (trinta ao todo, sem incluir as duas que ilustram a capa, algumas acompanhadas de frases das autoras das fotos/vulvas).

“Esse zine é uma experiência que parte das inquietações que surgiram junto com o #LambeBuceta. Foi quando as palavras OLHA TOCA MOLHA GOZA tomaram seus lugares feministas deixando claro que faz parte assumir que precisamos desconstruir o machismo dentro de nós mulheres. Para entender como são as regras sobre nossos corpos é preciso saber a forma, a textura, a temperatura da buceta de forma pessoal e intransferível. Ele [o zine] só existe porque tais inquietações são compartilhadas por muitas mulheres corajosas que toparam fazer suas buselfies e as cederam para as páginas dessa publicação. Faz parte dele, saber que nossas xoxotas, piriqitas e bucetas são indas e que podemos entendê-las muito melhor a partir do xanográfico. (...) Esse zine é feito para lembrarmos que a opressão existe todos os dias. É um exercício de desconstrução da imagem que temos do osso próprio corpo, pois somos muito mais do que nos dizem por aí”.

No que se refere à importância da experiência de se autoconhecer e “se assumir mulher”, experiências que para Karen são um “lugar íntimo”, fica mais bem explorado quando ela fala sobre a produção do zine Buselfie, porque ela afirma que o conteúdo do zine sugere “uma síntese do que seria um lugar de autoconhecimento da buceta, assim, da interação mesmo tátil, de ter todos esses: tátil, visual, olfativa, degustação, né, que se pode querer saber seu gosto, enfim⁴⁵⁶”.

⁴⁵⁶ Isso significa que as mulheres, ao invés de aceitarem sua posição enquanto objetos da ciência e da medicina (VIEIRA, 2002) estão resistindo a serem tomadas como “objeto”, estão reivindicando o protagonismo negado a elas por tanto tempo, exercendo formas de emancipação a partir do autoconhecimento de seus próprios corpos, elaborando a própria subjetividade, assumindo o controle da própria vida, no caso aqui exposto, de suas genitálias.

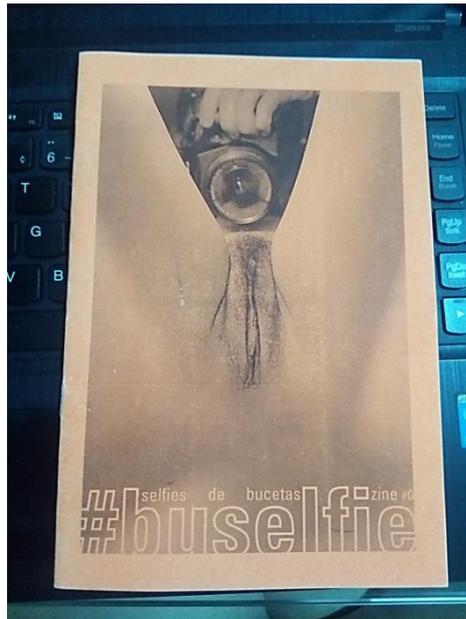


Figura 26 - Fotografia da capa do zine “#Buselfie”.



Figura 27 - Fotografia da contracapa do zine “#Buselfie”.

As palavras guiam o(a) leitor(a) no passar das dezesseis páginas do zine: cada momento é marcado por uma palavra, que marca tanto a experiência de fotografar a própria vulva como também o processo de autoconhecimento: Conforme o zine, tanto o processo de fotografar a si mesma como de autoconhecer-se tem início no olhar: “É assim que começamos a interagir com as nossas bucetas: olhando. Usar um espelho ajuda. A partir desse primeiro contato, conseguimos saber como ela tá, começamos a ter intimidade e identificar suas fases” (p. 5). Em seguida vem o toque, atividade

inevitável enquanto estamos nos olhando, especialmente se ali existem longos lábios. O toque, por sua vez, possibilita a percepção da umidade dessa região, tendo em vista que se trata de um órgão úmido “por natureza”: “*E depois de um tempo olhando e tocando, ela pode ficar mais molhada do que normalmente está*” (p. 13).

A etapa final da interação é o gozo: “*Depois de toda essa interação, olhar, tocar e molhar, há grandes chances de termos um orgasmo. [mas] Ter essa experiência ainda não é tão comum quando se imagina*” (p. 16). O zine encerra com um convite, um “*xanamento*”, para que mais mulheres pudessem contribuir com autorretratos, asseguradas de que seus nomes não serão divulgados, uma LUI (licença de uso de imagem) é solicitada e também há dicas de como fazer uma “*buselfie*”. Mas apesar de todas as demandas legítimas, ainda assim a vulva/vagina é representada como uma “*demonstração de feminilidade*”⁴⁵⁷, como podemos perceber nos relatos do capítulo anterior.

Impossível não reconhecer a importância dos muitos textos disponíveis na internet que visam o público feminino que incentivam as mulheres a se masturbarem⁴⁵⁸. Esse seria um modo de as mulheres dominarem suas vaginas e de se reconciliarem com elas. Em “*15 motivos para você dominar a sua vagina*”⁴⁵⁹, “dominar a vagina” significa “*aceitar seu nome e aprender suas funcionalidades*”, reconhecendo que “*Cada vulva é diferente e especial, e isso não tem nada a ver com ser feia ou bonita*”, o que vale para o clitóris; dessa forma deve-se apreciar as “*diferenças como parte da sua identidade pessoal porque assim como temos nossas impressões digitais, também possuímos vaginas exclusivas*”.

Além da inevitável associação dessas iniciativas com conteúdo pornográfico, associação essa que é claramente rejeitada nas falas das criadoras dos projetos que identificam a visibilidade que dão às vulvas/vaginas como uma expressão artística e ativista, algumas questões se impõem quando da observação da paisagem dos projetos de um modo geral, tais como críticas à respeito do foco na estética como uma ferramenta política de “empoderamento”, à ideia de que estariam reduzindo as mulheres

⁴⁵⁷ Toda a beleza e feminilidade da vulva em uma galeria de arte erótica. Segredo do Prazer, 2015. Disponível em: <http://www.segredodoprazer.com/toda-beleza-feminilidade-vulva-galeria-arte-projeto-y>. Acesso em: 2 abr. 2018.

⁴⁵⁸ Como em “Siririque-se”, um texto que achei muito interessante porque ensina a masturbação, com riqueza de detalhes, Disponível em: <http://ovelhamag.com/siririque-se/>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

⁴⁵⁹ RACCO, Regina. 15 motivos para você “dominar” sua vagina. Tempo de Mulher. (s.d.). Disponível em: http://tempodemulher.com.br/amor-e-sexo/papo-intimo/15-motivos-para-voce-_dominar_-sua-vagina. Acesso em: 20 ago. 2017.

às suas vaginas e o fato de não aparecerem o rosto das leitoras-participantes. É possível apontar uma mesma resposta para esses três questionamentos, porque a meu ver, todas elas remetem à questão da representatividade.

A respeito da questão da estética como empoderamento, Berth (2018) nos esclarece sobre isso. “Muitas são as críticas sobre os limites e incongruências do potencial da estética no processo de empoderamento”, afirma a autora, e com isso “pecam sobremaneira quando subestimam a potencia que gera a confiança na própria imagem”. Segundo ela, não “é possível passar por um processo de empoderamento produtivo se não nos fortalecermos e nos encontrarmos dentro da nossa própria pele” (BERTH, 2018, p. 99). Esse fortalecimento, continua Berth (2018, p. 102-103), “também será pautado pela representatividade, pois à medida que nos vemos de maneira positiva nos espaços mais diversos é que podemos reconhecer e assimilar a possibilidade de nossa própria imagem como positiva também”.

A autora afirma que os padrões que são formados no que ela chama de “sociedade plurirracial e patriarcal podem ser fatalmente excludentes e desestimulantes da autoestima de grupos historicamente oprimidos” (BERTH, 2018, 91). No meio desses padrões estão os relacionados à estética, os quais por sua vez são “pautados pela hierarquização das raças ou do gênero, concomitantemente criamos dois grupos”, criando assim dois grupos distintos: “o que é aceito e o que não é aceito e, portanto, deve ser excluído para garantir a prevalência do que é socialmente desejado” (BERTH, 2018, p. 92), que muitas vezes é ridicularizado e desvalorizado.

Como nos comunica “Autoestima vaginal: como anda a sua?”, existiria uma “ditadura da beleza”, a qual, de acordo com Despentes (2016, p. 17) só faz sentido se pensarmos que vivemos em uma sociedade que jamais “exigiu tantas provas de submissão a uma ditadura estética, tantas modificações corporais para feminizar um corpo. Ao mesmo tempo, nenhuma outra sociedade permitiu de modo tão livre a circulação corporal e intelectual das mulheres”. Trata-se, portanto de uma “recusa de estereótipos” (MISKOLCI, 2017, p. 280) impostos por essa “ditadura estética” (DESPENTES, 2016, p. 17). É, portanto, “fundamental que enxerguemos a estética como um dos pilares do processo de empoderamento” (BERTH, 2018, p. 107).

Quando uma mulher que não se enquadra nos padrões se empodera, se aceita, se ama e é feliz com seu corpo, está indo contra tudo o que foi imposto a ela e a outras mulheres a vida inteira. Pessoas não acreditam, por exemplo, que uma mulher possa ser gorda e ser feliz ao mesmo tempo. Não pode estar satisfeita com suas estrias e celulite, com seu cabelo – principalmente se for crespo -, e com seus pelos, suas espinhas, suas olheiras, a cor da sua pele,

pois, como vimos, o padrão eurocêntrico e racista ignora a existência da beleza em traços, cores e formas que não se enquadrem no fenótipo europeu. A sociedade vai fazer o trabalho de lembrar isso a essas mulheres o tempo todo, em uma vigilância constante aos seus corpos. Por essa razão, quando falamos do nosso corpo, entendemos que ele é parte da nossa luta. Amar o próprio corpo, principalmente o corpo que subverte o padrão estético vigente, é um ato político (NÃO ME KHALO, 2016, p. 213).

O slogan “*ame seu corpo, inclusive sua vagina*”, assim como as mensagens de “empoderamento” que fazem parte o conteúdo dos “projetos”, como por exemplo as utilizadas por LB (“*sua buceta é linda*”) e TVG (“*you are vulvamazing*”), e a ideia de “*pussy pride*” presente no título do PPP indicam que é parte do processo de empoderamento objetivado por elas que as mulheres possam amar suas vaginas pois as mensagens vinculadas às imagens atuam no trabalho de estímulo do “autoamor” e “autoaceitação” que “deve ser também contínuo, seja através do autocuidado, da alimentação do intelecto ou do cultivo das boas relações com outras mulheres” (BERTH, 2018, p. 123). E quando elas se colocam como parte da paisagem do projeto, expondo suas narrativas pessoais e fotografias de suas vulvas (“*Molly*” utiliza muito essa estratégia, por exemplo), “se autodefinem e ressignificam a si mesmas, servindo de exemplo positivo”, exercendo assim “a eficiência da representatividade, ainda que a grande maioria esteja apartada das dimensões existentes nos processo de empoderamento” (BERTH, 2018, p. 114). Portanto:

O processo do fortalecimento da autoestima e estratégias conscientes de desenvolvimento das relações consigo mesmo também faz parte de um processo ativo de empoderamento e deve ser levado a sério, embora nem sempre nos meios de militância isso seja considerado um elemento indiretamente político (BERTH, 2018, p. 122).

Kelly considera “muito complicado” a acusação de que elas estariam “reduzindo a mulher a buceta”, porque “a gente tá falando de uma parte do corpo muito importante, muito menosprezada e que sempre esteve muito relacionada a sexualidade, mas ela não serve só para isso”. Além disso, não seria uma redução da mulher à sua vagina porque a ideia que se sustenta nos argumentos do ativismo da vagina é que a vagina deveria ser um órgão do corpo como qualquer outro, e não ser algo sexualizado e genderificado, mas ainda assim deixa de fora uma discussão mais contundente sobre as experiências de pessoas trans e mulheres negras. Ao mesmo tempo, a construção do gênero, ou melhor, o feminino que é reivindicado a partir da exposição da vulva o é a partir de um órgão

que é no senso comum o que de acordo com o senso comum, define o gênero de uma pessoa.

No que se refere aos relatos anônimos, de certa forma, há um deslocamento do foco de um rosto para a “vagina” e em sua excessiva representação, um movimento de “pornograficação do feminismo”, como questiona Neely (2012, *apud* BERNARDES, 2014, p. 7)? Como podemos pensar empoderamento feminino se as mulheres não mostram seu rosto? Lembro-me ainda do trecho de um dos textos reunidos por PPP: “*Mesmo que essa foto seja minha, nela vejo todas as mulheres*”⁴⁶⁰. Entendo que a importância da representatividade das “*vaginas reais*”, fora do padrão, muito mais importante do que o rosto da vagina, isso porque a “*autoestima vaginal*” assume, nesse contexto, uma importância maior do que a identidade de sua proprietária. A aparência da vulva parece adquirir uma simbologia mais ampla, demarcando uma identificação⁴⁶¹ com um feminino desejável para a sociedade que difere do desejado pelas mulheres que ali estão, pois suas leitoras querem ver uma imagem que pareça com elas, ou então que não pareça nada com as vaginas midiaticizadas, para que assim possam ser transformadas as referências. Existe, a meu ver, um trabalho de identificação que não sente a necessidade de um rosto, pois a identificação se dá com o sujeito histórico “mulher” e com o trabalho imagético de posituação da vagina.

Então, ainda que Neely se preocupe que a exposição excessiva do corpo feminino seja vista como uma “pornograficação”, no caso, “indicativo de falha para o atingimento da igualdade de gênero” (BERNARDES, 2014, p. 7-8), considero que existe aí uma apropriação da pornografia com outro propósito, de desconstrução dessa visão moldada pelo olhar predador, não só porque existe ali uma autorepresentação, mas porque é revestida de uma expectativa de que um dia as mulheres possam gozar da mesma liberdade e intimidade que os homens têm com seus pênis. Seria algo como, conforme nos diz bell hooks sobre as autorepresentações das mulheres negras, criar uma representação de si para si e não como corpos “disponíveis para o consumo sexual do homem branco” (HOOKS, 2019, p. 150-153), criar um “olhar de reconhecimento” para o prazer delas.

⁴⁶⁰Disponível em: <https://mollysdailykiss.com/2012/06/08/guest-post-my-beautiful-hairy-pussy/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁶¹ “Segundo Stuart Hall, a identificação é um processo nunca concluído” (MISKOLCI, 2017, p. 279), especialmente se pensarmos na identificação “midiático-tecnológica”, que de acordo com Miskolci (2017, p. 279) “é conduzida pelo objetivo prático de sobreviver”.

Quando nós mulheres negras nos relacionamos com nossos corpos, nossa sexualidade, de formas que põem o reconhecimento erótico, o desejo, o prazer e a satisfação no centro de nossos esforços para criar uma subjetividade radical da mulher negra, podemos criar representações novas e diferentes de nós como sujeitas sexuais. Para isso, precisamos estar dispostas a transgredir as barreiras da tradição (HOOKS, 2019. p. 153).

Mas concordo com Nelly quando afirma que a própria maneira como as mulheres se mostram ali reforçam que a internet não é de fato um “espaço sem limites para questões de gênero”, pois há sim “um controle de como o corpo é representado”, não é a toa que muitos dos relatos aparecem nas páginas dos projetos como anônimas. E isso significa como afirma a autora, “que as contradições nas representações da sexualidade feminina ‘fortalecida’ em espaços online revelam muito sobre as complexidades do envolvimento de mulheres e a representação na cultura” (BERNARDES, 2014, p. 8). Significa ainda “que ali está presente um medo real da violência. Ou seja, pensamos que essas autoras e atoras sociais não podem ser reconhecidas porque correm, literalmente, o risco de sofrer violências físicas, psicológicas, afetivas e morais, caso sejam identificadas por determinados “outros” neste papel de ativistas” (TRANQUILIN-SILVA, 2016, p 246-247). Esse processo de empoderamento, portanto, continua tendo de passar por “agenciamentos e as negociações com a estrutura do poder” (TRANQUILIN-SILVA, 2016, p. 249). Mas interpreto essas iniciativas como uma tentativa de construção de uma cultura afetiva voltada para o “autoconhecimento” e aprendizado coletivo entre mulheres que configuram novas pedagogias sobre o corpo e a sexualidade “negociando suas diferenças no contínuo on/off-line” (MISKOLCI, 2017) objetivando tanto a realização pessoal feminina como a mudança do status sociocultural da vagina.

5 “O QUE FAZER COM NOSSAS VAGINAS?”⁴⁶²: NOTAS FINAIS

“Tenha um momento só para vocês duas. Ele pode durar uns dias, semanas, meses ou anos. Tudo bem. Pegue-a no colo, sinta o seu cheiro. Aconteça o que acontecer, vocês continuarão juntas. Peça-lhe desculpas por ter sido dura ou alheia demais a ela”⁴⁶³

A princípio, pretendi apreender o que estava sendo dito sobre o “ideal de vagina perfeita” nas mídias digitais, porque o ponto de partida da pesquisa abriu meus olhos para uma série de questões que até então eu não havia atentado: no caso, a existência da ampla gama de tecnologias da beleza que possibilitam o embelezamento íntimo (apesar de já ter ouvido falar de cirurgia íntima e ser adepta de práticas de depilação). Também não conhecia nenhuma iniciativa pró-vagina (já tinha ouvido falar do título da peça Os monólogos da vagina, mas nunca tinha chamado minha atenção) e porque nunca havia questionado a respeito dos nomes que usamos no cotidiano para falarmos dela, a “dita cuja”, apesar de alguns nomes me incomodarem. No entanto, a aparência da minha vulva, bem como a presença dos pelos nessa região já eram questões para mim, como já mencionei na introdução e no capítulo 3.

Observei que, seja nos discursos contra ou a favor da modificação cirúrgica ou não cirúrgica da região vulvovaginal, circulam muitas definições, muitos estereótipos de gênero, de sexualidade, também de cor, que entendo como códigos do que Preciado chama de regime sexopolítico, os quais influenciam concretamente na conformação dos modelos e das expectativas (as normas) às quais devemos nos encaixar para sermos corpos inteligíveis, “normais” e aceitos. Esses códigos são efeito e causa de um tabu social que existe em torno da “vagina” que é responsável por mobilizar tantas questões, tantos conflitos, a dar vazão a tantas reclamações e medos por parte das mulheres, e isso tornou muito difícil para mim definir qual era de fato o meu interesse de pesquisa, diante de tantas possibilidades.

Por muitas vezes questionei qual seria meu foco, se as cirurgias íntimas, se os discursos contra as cirurgias, se os “*projetos*” que havia encontrado pró-vagina e suas

⁴⁶² RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. Plano Feminino, 2018. Disponível em: <<https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁴⁶³ SALDANHA, M. G. Xereca. Facebook, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/mariagabrielasaldanha/posts/xerecavoc%C3%AA-raspa-voc%C3%AA-deixa-voc%C3%AA-descobre-em-um-grupo-de-ginecologia-natural-que/737270106662218/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

demandas que não focam apenas na questão da padronização estética provocada pelo “ideal de vagina perfeita” buscado através das cirurgias. Quando pensava que o foco eram os discursos contra as cirurgias, pensava nas discussões a respeito das práticas de “mutilação genital feminina”, mas também pensava nas cirurgias de transgenitalização e nas cirurgias compulsórias em crianças intersexo. Pensava principalmente no papel historicamente negativo das intervenções biomédicas no corpo humano, nas polêmicas que esse debate poderia suscitar. Mas outras tantas questões também estiveram presentes, e por isso foi complicado lidar com essa profusão de coisas necessárias e urgentes a serem colocadas em um plano mais visível do que as esquinas da internet.

Quando pensava que o foco eram os projetos, o que mais me afligia eram os relatos íntimos, disponibilizados em uma parte muito pequena do recorte que fiz, reunindo os 57 projetos que coligi, “projetos” de pessoas geograficamente distantes, que talvez, no caso de alguns, nunca tenham ouvido falar uns dos outros, mas que estavam sendo reunidos por suas múltiplas posicionalidades a respeito de um objeto em comum: a “vagina”, a “vulva”, a “buceta”, a “xoxota”, enfim, essa criatura mitológica que é evocada o tempo inteiro e que inevitavelmente é o foco desta tese. Foi difícil ter de selecionar, diante desse conjunto extenso de “projetos”, apenas uma parte ínfima desse grande acontecimento digital que é o ativismo da vagina.

Só entendi de fato que todas essas falas (des)conectadas sobre a vagina estavam falando de uma mesma questão quando estava elaborando o texto da qualificação, ao reunir todo o material coletado até então. Foi quando percebi que a questão central ali discutida eram os modelos de normalidade e de beleza da “vagina”, os quais influenciam diretamente na “autoestima vaginal”, e que esta era, por sua vez, o alvo tanto das práticas englobadas pelo embelezamento íntimo como do ativismo pró-vagina, um tipo de ativismo, diga-se de passagem, que eu praticamente não encontrei em terras brasileiras. Em comparação à quantidade de “projetos” estrangeiros que conheci, e que se posicionam explicitamente contra o aumento do número de cirurgias íntimas, foi uma decepção comprovar que lá fora as pessoas parecem muito mais preocupadas com o status social da vagina, do que no Brasil, o líder do ranking mundial de cirurgias íntimas.

Se em muitos momentos pareço concordar criteriosamente com todos os argumentos mobilizados contra o embelezamento íntimo, isso se dá porque de fato também considero como imposições os padrões de beleza e de normalidade que circulam na mídia, tanto é que meu primeiro contato com a matéria “*Autoestima*

vaginal, como anda a sua?”, senti que era uma afronta que, como alertava o texto da matéria, a “ditadura da beleza” tivesse alcançado nossas vaginas. “Vaginas”, não, “vulvas”.

Minha ideia a respeito de qual seria o objeto da tese foi desestabilizada várias vezes desde a qualificação, especialmente com o texto “Vagina”, escrito por Eliane Brum, no qual ela mencionava que existiam problemas sérios em volta da vagina enquanto corpo, palavra e imagem. Eu pensei: como assim? Será que posso organizar a tese pensando a partir desses três pontos? Desde então essa ideia não saiu da cabeça, não é a toa que foi a única coisa que permaneceu intocada na tese. A dificuldade em seguida foi encaixar todo o material nessa nova dinâmica. E foi mais difícil do que eu poderia imaginar quando decidi que assim o faria. Ao fazer essa autorreflexão, penso que quando se trata dessa divisão (corpo, palavra e imagem) eu não a mudaria, porque o tabu envolve justamente esses três elementos, e acredito que cada um deles suscitam uma quantidade grande de discussões que poderiam cada um, render uma tese. Acredito que muitos artigos poderão vir dessa metodologia. Gostaria de ter condições materiais e emocionais de continuar engajada nessa que para mim se tornou uma causa, mais do que apenas um trabalho acadêmico.

No que se refere à “autoestima vaginal”, diante da importância da mídia na circulação de padrões de beleza e de normalidade, considero que seja um fenômeno mais midiático do que psíquico, embora acabe por induzir efeitos de subjetivação, tendo em vista a forte atuação da mídia. É um fenômeno midiático porque é um “objeto” engendrado pelos modelos de normalidade e beleza que circulam na mídia, e engendra as demandas que a afetam. É também psíquico porque faz as pessoas repensarem a aparência de seus corpos, dos corpos alheios, e os sentimentos associados a eles, especialmente os de adequação ou inadequação.

Se eu tivesse de responder à pergunta que me levou a estudar essa temática, aquela interrogação no título da matéria da “*Revista Glamour*”, eu consideraria todas as dificuldades de responder afirmativamente à questão da “autoestima vaginal”, tendo em vista tantas exigências e sugestões, assim como a persistência do tabu em torno da “vagina” e de tudo o que diz respeito a ela. Nesse sentido, para além de uma resposta pessoal àquela indagação, a quantidade de depoimentos difundidos na internet sobre o tema corroboram minha posição: a “autoestima vaginal” da mulher moderna não anda nada bem. Em primeiro lugar, porque esse tipo de discussão não chega até todas as pessoas com vaginas, e se chega, não é considerado importante por todas as pessoas

alcançadas. Em segundo lugar porque vivemos em uma sociedade muito violenta com as mulheres e como tal, continua objetificando o corpo feminino, hipersexualizando-o e fragmentando-o em partes desejáveis e não desejáveis, feias ou bonitas, tratando como brincadeira algo que impacta tão intimamente a vida de tantas mulheres. Em terceiro lugar porque ao lançarmos os holofotes para a vagina, a deixamos vulnerável e exposta a uma opinião alheia por vezes impositiva, que atropela a individualidade, ainda que pense libertá-la, mas que mesmo assim interfere na escolha individual.

Minha vagina, minhas regras? Ainda não, porque infelizmente, parece que o “almejado domínio do corpo” (SCAVONE, 2010, p. 59) ainda é uma realidade distante porque nossas vaginas estão traumatizadas, especialmente as de mulheres negras e sujeitos(as) trans, que, no que se refere aos textos midiáticos, são completamente invisibilizados(as). No caso das mulheres negras, é visível apenas o racismo que alicerça a sociedade e que se materializa na demanda por procedimentos de clareamento da pele e da rejeição da pele “escura”, “encardida”, “manchada”. Já em relação às mulheres e homens trans, fica evidente também que a sociedade ainda ignora essas outras realidades, por questão de ignorância e preconceito, assim como pela ruidosa insistência em genitalizar sujeitos e identidades.

Uma das afirmações que mais me incomodam nesse campo discursivo é aquela que associa a “vagina” à feminilidade, e isso acontece em ambas as posições a respeito dela (se repete muito em textos midiáticos aliados ou não, assim como se repete em muitos relatos que compoem o Pussy Pride Project e o Vulva Love Lovely). Vale lembrar que alguns dos projetos, como Large Labia Project e The Vulva Gallery se afirmam enquanto espaços digitais inclusivos, e The Vulva Gallery e Vulva Love Lovely tenham em seu conteúdo depoimentos de pessoas trans e pessoas que se identificam como agênero. Gostaria de focar nesses discursos em outro momento, mas por ora, é flagrante que não haja, talvez pelas características próprias dessa malha discursiva complexa e heterogênea, um alinhamento programático que desestabilize os modelos de beleza e normalidade da “vagina”, pensando-a como tecnologia forjada histórica e culturalmente a serviço de uma ordem sócio-sexual cis e heterocêntrica. Ou seja, seria possível pensar a “vagina” para além apenas de sua função no regime cis-heterossexual (como algo penetrável, um canal de passagem para crianças), como lócus de agência, potência de (auto)representação, ficção e reinvenção de si? A “vagina” seria “vagina” se vivêssemos em uma lógica sexo-normativa totalmente outra? Talvez nunca teremos resposta para essa pergunta infame.

Percebo que ao invés de apenas um modelo de “vagina perfeita”, existem vários modelos circulando nos infomares digitais. Não é só a vulva sem excesso de carne e de pelo e de clitóris, é a “vagina pornográfica”, a “vagina sagrada”, a “vagina medicalizada”, a “vagina traumatizada”, a “vagina cabeluda” e por aí vai. São muitas, todas elas diferentes e ao mesmo tempo iguais: inventadas, construídas, pós-orgânicas. Porque a ideia que temos de pós-humano remete à junção de tecnologias e matéria orgânica, mas esquecemos que os discursos e nosso olhar também são tecnologias que (re)criam coisas, como nos ensina Donna Haraway e Paul Preciado, os autores-chaves desta tese, mais ainda Preciado que elabora suas reflexões inspirado em Haraway, Butler, De Lauretis, Wittig e Foucault. Será que de fato chegamos a conhecer algo que não seja inventado, que não seja insistentemente recriado?

As feministas da “segunda onda”, ainda na década de 1970, já chamavam nossa atenção para os impactos negativos das construções sociais sobre o feminino, para a inevitável essencialização que os modelos de feminino e masculino operam na vida cotidiana das pessoas. Antes disso, o feminismo também já apontava o corpo feminino como um lugar de disputa, mas também de resistência. Quando nos deparamos com toda a produção textual sobre “vaginas” medicalizadas, reconstruídas, “naturais” e liberadas, percebemos uma fragmentação que é típica da cultura de massa em que vivemos, mas também percebemos que a “vagina” ocupa um lugar de destaque tanto quanto qualquer outra parte do corpo capturada pela lógica que tudo transforma em mercadoria. Ela é um lugar de disputa que hoje não só é mobilizada pelas tecnologias normativas como algo que define se uma pessoa é mulher ou homem. Parece, dessa forma, não existir mais nada que não possa ser transformado em mercadoria, que não exista mais nada que seja pessoal, privado: tudo passa pelo crivo público, e por que os genitais ficariam de fora disso, tendo em vista que o mundo contemporâneo funciona dessa forma, e que vivemos em uma sociedade que valoriza os genitais (não em qualquer lugar e não em qualquer hora do dia, diga-se de passagem)?

Do ponto de vista do movimento feminista, observei que o ativismo da vagina não consiste em uma pauta de debate, pelo menos não no Brasil, como já mencionei. Em alguns casos, ela não aparece nem quando o assunto é saúde da mulher, mas essa realidade tem se transformado principalmente com o atual movimento de aceitação do corpo nas mídias digitais. Muitas informações sobre esse tipo de ativismo têm sido compartilhadas de forma individual (através de páginas pessoais), coletiva (através de colaborações que podem ou não ultrapassar as fronteiras das mídias digitais) e informal,

de modo que ainda é um campo de estudos novo – espero que este trabalho possa ser lido por outras(os) pesquisadoras(es) que se interessem pela temática e que inspire mais reflexões sobre esse ativismo tão pouco explorado teoricamente. No entanto, pelo que pude perceber, o ativismo do corpo produzido no Brasil ainda tem esquecido de incluir a “vagina” em suas pautas, logo no país onde mais mulheres buscam por cortar o “excesso” de carne de suas vulvas. É preciso que as brasileiras produzam mais conteúdo a respeito do assunto e que inundem as ondas do mar da internet com vulvas, vaginas, bucetas, xoxotas, como elas acharem melhor.

Outro ponto que gostaria de apontar como problemático é o fato das palavras “natural”, “naturalização” e “normal” aparecerem tantas vezes nas demandas do ativismo da vagina. Entendo que o sentido de naturalizar nesse caso se refira a transformação em algo comum, corriqueiro, que possa ser falado através de uma linguagem pública menos cercada de regulação, ou seja, para que não seja mais um tabu, e que seja “normal” em contraponto à patologização das vaginas “fora do padrão”. O problema está no uso das palavras, algo que também é refutado em algumas falas que compõem os projetos, como demonstrei no capítulo 3. Não existe nada na noção de “vagina” que possamos definir como “natural”, uma vez que ela, assim como o gênero, a sexualidade, os atributos que emolduram corpos no binarismo homem-mulher, não são naturais, são ficções, isto é, não dependem apenas do aspecto anatomofisiológico do corpo humano. É um incômodo para mim, portanto, o uso do termo “natural” nesse campo discursivo. No entanto, entendo também que tentamos de várias maneiras, mas não conseguimos nos livrar das práticas e muito menos dos discursos de poder porque, de fato, “sair das armadilhas do poder heteronormativo é muito difícil” (SILVA, 2016, p. 246).

De modo geral, todas buscam(os) uma “vagina perfeita”, até mesmo as/nós que são/somos contra o advento das cirurgias íntimas. Queremos inclusive falar mais sobre nossas vaginas sem amarras, sem vergonha, pois ela não é só mais uma parte do corpo como qualquer outra, mas uma porta, que foi invisibilizada por tanto tempo, que dá passagem para um debate que ultrapassa sua aparência externa, como o da sexualidade e também dos direitos reprodutivos. Mas não apenas sobre isso, porque a “vagina” tem sido reinterpretada como algo que ultrapassa sua função de receptáculo de pênis, dedos ou línguas (ou ainda de brinquedos eróticos). Quando falamos que “expor vaginas” é importante estamos falando de expor esse lugar de invisibilidade, de opressão e repressão, dismantelar a lógica heterocentrada que só pensa e enxerga a “vagina” como

algo saturado de sexualidade e como algo a ser penetrado, violado, pois quando a enquadrarmos nesse estereótipo de passividade estamos patologizando-a, da mesma maneira como os anatomistas e médicos o fizeram entre os séculos XVI e XIX. Não precisamos nos encaixar em um padrão específico, fechado e excludente porque ele não existe de fato, assim como não existe “a vagina”, “a mulher” e “a beleza”. Afinal, cada indivíduo no universo carrega uma história diferente e particular. E não precisamos ser uma coisa ou outra, posto que somos híbridos, como nos alertaram Donna Haraway e Paul Preciado.

Por outro lado, vejo como muito positivo o potencial de argumentação dos “projetos”, porque mostram como o sistema normativo hegemônico é falho em representar as mulheres de forma generalizante, com base em modelos de feminilidade nos quais muitas mulheres “*reais*” não querem ou não conseguem se encaixar, como as representações e modelos de feminilidade não as representam e até as violentam em vários sentidos e como os corpos podem ser vividos de formas alternativas às propostas hegemônicas. Esses “projetos” revelam as contradições nas quais estão imbricadas noções de gênero, corpo, sexualidade, genitalidade e beleza, como são limitadoras e violentas e nos incitam a pensarmos outros enquadramentos. Se as mulheres reclamam para si um lugar enquanto protagonistas de suas histórias, reclamam para si leituras sobre si mesmas elaboradas por si mesmas, isso significa que existem lacunas que precisam ser preenchidas a partir da transformação de modelos/padrões de normatividade.

Outro ponto positivo do ativismo da vagina é a capacidade de nos fazer pensar sobre os séculos de ignorância a respeito de nossa anatomia, ignorância essa por muito tempo associada a feminilidade, a ideia de que devemos nos manter puras, longe do perigo que nossos corpos representam para nós e para a sociedade. Puras e ignorantes sobre nossos corpos e sobre muitas outras questões que nos interessam diretamente. Parece que durante todos esses séculos, apenas as mulheres não conheciam o potencial de suas “vaginas”, mas ao mesmo tempo, esse potencial é ignorado até pelos homens, ainda que eles saibam que um dos caminhos mais úteis de supressão da mulher é usar sua vagina como alvo de qualquer tipo de violência, seja ela física ou verbal. Os homens sabem (ou sentem), como diz Naomi Wolf, que “se sua meta é quebrar uma mulher psicologicamente, é muito eficiente praticar a violência contra sua vagina” porque “a agressão à vagina fica profundamente impressa no cérebro feminino, condicionando e influenciando o resto de seu corpo e mente” (WOLF, 2013, p. 108-109) e, conforme a

autora afirma, “Se entendermos isso, entenderemos que o que acontece à vagina de uma mulher é bem mais importante, para o melhor ou para o pior, do que percebemos”. Podemos confirmar o que a autora diz quando nos damos conta dos significados ambíguos que os apelidos que são dados pra genitália feminina mobilizam.

Espero que estejamos de fato em pleno processo de revisão da história das “vaginas”, uma revisão daquilo que foi construído para elas, mas dessa vez, por elas e com elas. É um “resgate dessa intimidade perdida (ou nunca vivida)”⁴⁶⁴. É provável que acusem as ativistas da vagina de desejarem uma “vaginogracia”, de tentarem instalar uma “ditadura da vagina” com suas genitálias expostas tão desavergonhadamente em qualquer lugar. Mas as acusações soam como o medo do feminino que permeia a história que contei no decorrer da tese, para não dizer expressão da misoginia entranhada na sociedade. O feminismo desde seu surgimento se reconhece nessa posição de objeto de acusação por suas reivindicações, por causa desse medo e também de um ódio ao feminino que se manifesta nos números de feminicídios que vemos preencher os noticiários. Como afirma Rago (2001, p. 60):

[...] é importante enunciar e denunciar os mecanismos sutis de desqualificação e de humilhação social que operam em nossa cultura, em relação às mulheres e à cultura feminina. Justamente por serem sofisticadas e imperceptíveis a um primeiro olhar, essas estratégias de aniquilamento ou de neutralização das conquistas sexuais e de destruição dos movimentos e das atitudes contestadoras da ordem masculina estabelecida devem ser evidenciadas e enunciadas a cada instante.

Espero que possamos ter nosso direito garantido de falar sobre “vaginas” sem medo e vergonha. Em uma sociedade que tanto se preocupa com as disfunções eréteis masculinas, urge focarmos nas disfunções sexuais femininas que causam impactos para além das funções ginecológicas. Como então fazer com que a sociedade se transforme nesse sentido, dando a atenção que os problemas (íntimos) femininos merecem? Ouvindo as mulheres e incentivando-as a falar, a se expressarem. E acima de tudo, mostrando que nesse lugar da escuta, forjado no âmbito de uma cultura cognitivo-afetiva vulvófila, elas podem ser vulneráveis sem julgamentos, sem serem classificadas como belas, recatadas, do lar, desocupadas ou vadias.

⁴⁶⁴ RACCO, R. 15 motivos para você “dominar” sua vagina. **Tempo de Mulher**. (s.d.). Disponível em: <http://tempodemulher.com.br/amor-e-sexo/papo-intimo/15-motivos-para-voce-_dominar_-sua-vagina>. Acesso em: 20 ago. 2017.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, L. M. Ciberativismo: mapeando discussões. **37º Encontro Anual da ANPOCS**, 2013.

ALMEIDA, FL. O feminino na arte e a arte do feminino: movimentos libertários do século. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes Visuais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

AMARAL, A. R.; NATAL, G. e VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista Seções do Imaginário**, Ano 13, No. 20, 2008.

AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. (orgs.). **Blogs.Com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

AMARAL, A. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.

ANDAHAZI, Federico. **O anatomista**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

ANTONIO, A. T. **Corpo e estética**: um estudo antropológico da cirurgia plástica. Dissertação. Campinas, SP, 2008.

ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(2): 399-422, julho-dezembro/2003.

ARAÚJO, E. M. N. A beleza feminina no discurso da publicidade no final do século XX. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História** – Fortaleza, 2009.

ARRUDA, L. A.; COUTO, M. F. M. Ativismo artístico: engajamento político e questões de gênero na obra de Barbara Kruger. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.

BACCHETA, P. **Co-formações/Co-produções**: Considerações sobre Poder, Sujeitos Subalternos, Movimentos Sociais e Resistência. Tornquist, C.A... [et al.]. – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

BAER, H. Redoing feminism: digital activism, body politics, and neoliberalism. **Feminist Media Studies**, 16:1, 17-34, 2016.

BARREIRA, I. A. F. REPRESENTAÇÕES SOBRE A POLÍTICA ENTRE LIDERANÇAS POPULARES: limites e potencialidades de uma ferramenta conceitual. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 767-796, set./dez. 2009.

_____. Ação direta e simbologias das “jornadas de junho”: notas para uma sociologia das manifestações. **Contemporânea**, v.4, n1, p. 145-164, jan-jul, 2014.

BARRETOS, N. M. Do nascimento de Vênus à arte feminista após 1968: um percurso histórico das representações visuais do corpo feminino. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**, 2013.

BATTISTI, Caroline, et al. Tratamento da hipertrofia de pequenos lábios vaginais na adolescência - experiência atual do Hospital da Criança Santo Antônio da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. **Rev. Bras. Cir. Plást.** 2018; 33(Supl. 1): 175-177.

BELELI, I. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu** (44), p. 91 – 114, jan. - jun., 2015.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BERER, M. Cirurgia estética, imagem corporal e sexualidade. **Questões de Saúde Reprodutiva** 2011; 5:9-15.

BERNARDES, M. Uma reflexão inicial sobre feminismo na internet: gênero e corpo. **Congresso Internacional Comunicação e Consumo – ComuniCon**, São Paulo, 2014.

_____. **Toda nudez será castigada?** Sentidos construídos a partir do uso do corpo nu da mulher em performances ativistas. Tese (Doutorado). – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2017.

BERTH, J. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte – MG: Letramento: Justificando, 2018.

BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução/ Luis Felipe Miguel. Flávia Biroli. – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

BORGES, Thaís Machado. **Um olhar antropológico sobre a mídia, cirurgia íntima e normalidade**. Avá, 2011; 19:259–86.

BOURCIER, Marie- Hélène. Prefácio. In: PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. – São Paulo: n – 1 edições, 2014.

BRAGA, Adriana. “Pêlo sim, pêlo não” ou como fugir para o mesmo lugar. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Intercom. Salvador, 2002.

_____. Da ‘Cultura Feminina’ de Simmel aos weblogs: mulheres na Internet. **IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa** - Intercom/2004.

BROCHMANN, Nina, DAHL, Ellen S. **Viva a vagina**: tudo o que você sempre quis saber. – 1ª ed. – São Paulo: Paralela, 2017.

BUTLER, J. **Regulações de gênero**. Cadernos pagu (42), janeiro-junho de 2014:249-274.

CAMPOS, Antonia do Carmo Soares. (2007). Humanização dos cuidados em saúde: conceitos, dilemas e práticas. **Cadernos de Saúde Pública**, 23(4), 979-981.

- CARRERA, F. Instagram no Facebook: uma reflexão sobre ethos, consumo e construção de subjetividade em sites de redes sociais. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v.11, n. 22, 2012.
- CASTRO, Ana Lúcia. Saúde e estética: a medicalização da beleza. **RECIIS**. Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde (Edição em português. Online), v. 5, p. 11-20, 2011.
- CASTRO, Gilda de. Representações sociais sobre a beleza corporal: interesses masculinos e femininos por procedimentos estéticos, especialmente a cirurgia plástica. **XII Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2005, Belo Horizonte. Sociologia e Realidade: pesquisa social no século XXI. Brasília: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2005. v. 1.
- CAVALCANTE, J. P. B. **Conexões entre o mundo online e a vida “off-line”**: otakus e cultura de consumo na era da internet. Dissertação (Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, 2008.
- COLANERI, A. G. F. Nova classificação para hipertrofia dos pequenos lábios vaginais e correlação com as técnicas cirúrgicas indicadas. **Rev. Bras. Cir. Plást.** 2018;33(1):64-73.
- COSTA, S. G. Silêncios, diálogos e Os monólogos da vagina: instantes dos feminismos (Brasil, 1970-1990). **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 14, n. 17, 2007.
- CRUZ, A. L. O olhar predador: A arte e a violência do olhar. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2010.
- CUNHA, F. I. et al. Ninfoplastia: classificação e refinamentos técnicos. **Rev. Bras. Cir. Plást.** 2011; 26(3): 507-11.
- CUNHA, T.T.da. et al. Qualidade de vida de pacientes submetidas a ninfoplastia. **Rev Bras Cir Plást.** 2013;28(supl):1-103.
- CWYNAR-HORTA, J. **Documenting femininity**: body positivity and female empowerment on Instagram. Tese (Arts). York University, Toronto, 2016.
- DAHER, Marcelo. Ninfoplastia em estrela: técnica para redução dos pequenos lábios vulvares. **Rev. Bras. Cir. Plást.** 2015;30(1):44-50.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2017
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 13 de novembro de 2018.
- DÉPÊCHE, Marie-France. Reações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino. Stevens, Cristina M. T., swan, tania navarro (orgs.). **A construção dos corpos: perspectivas feministas**. – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008, pp. 207-218.
- DESPENTES, V. Teoria King Kong. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DIAS, Adriana. **Anacronautas do teutonismo virtual**: uma etnografia do neonazismo na Internet. 2007. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

DINIZ, Carmen Simone Grilo, et.al. **Saúde das mulheres**: experiência e prática do coletivo feminista sexualidade e saúde. São Paulo, CFSS, 2000.

_____. **Fique amiga dela**: dicas para entender a linguagem de suas partes mimosas / Simone G. Diniz. São Paulo: Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, 2003. 32p.

D'OLIVEIRA, A. F. L. Saúde e Educação: a discussão das relações de poder na atenção à saúde da mulher. In: **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.3, n.4, 1999.

DORNELLAS, M. T. et al. Reconstrução vaginal pelo retalho neurovascular podendo crural na síndrome de Rokitansky. **Rev. Bras. Cir. Plást.** 2010; 25(3): 525-31.

DORNELLAS, M.T. et al. Plástica de pequenos lábios e suas possibilidades atuais. **Rev. Bras. Cir. Plást.** 2016; 31(4):534-539.

DORNELLES, J. **Vida na rede**: uma análise antropológica da virtualidade. Tese (Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ENSLER, Eve. **Os monólogos da vagina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ESCUADERO, J. A. Estéticas feministas contemporâneas (o de cómo hacer cosas con el cuerpo). **Anales de Historia del Arte**, p. 287-305, 2003.

FACIOLI, L. R. R. **Conectadas**: uma análise de práticas de ajuda mútua feminina na era das Mídias Digitais. Dissertação (Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, 2013.

_____. (Des)conectadas: espaço relacional como possibilidade de aporte teórico-metodológico para pesquisa com mídias-digitais. **40º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu, 2016.

FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. In: **História do Corpo**: Da Revolução à Grande Guerra/ sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução de João Baptista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, pp. 13-55.

FERIANI, Daniela. O psicólogo com o bisturi na mão: um estudo antropológico da cirurgia plástica. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 43, p. 517-524, Dec. 2014.

FERNANDES, A. C. M. **#Musas do Instafit**: As construções de corpos e reputações mediadas pela rede social Instagram. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

FERRAZ, C. P. Ciborgue e Ciberfeminismos no Tecnocapitalismo. **40º Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambú, 2016.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 44, p. 199-228, Jun. 2015.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. – Porto Alegre: Sulina, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GAJANIGO, P. R.; SOUZA, R. F. Manifestações sociais e novas mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica. **Cad. CRH** [online]. 2014, vol.27, n.72, pp.577-592.

GALETTI, C.C.H. Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo. **18º REDOR**, Recife, 2014.

GAZIRE LEMOS, M. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. Dissertação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. 2009.

GAY, Roxanne. **Fome: uma autobiografia do (meu) corpo**. Globo Livros, 2017.

Gays tocam vagina pela primeira vez e vídeo viraliza. **Catraca Livre**, 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/inusitado/indicacao/gays-tocam-vagina-pela-primeira-vez-e-video-viraliza/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.

GOLDENBERG, M. **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**/ Mirian Goldenberg... [et.al.] – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007.

GUIMARÃES JR, M. J. L. O ciberespaço como cenário para as ciências sociais. **Revista Ilha**, Florianópolis, n.1, dez. 2000, p. 139-154.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5), pp. 07-41, 1995.

_____. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. TADEU, T. (org.). **Antropologia do ciborgue**. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. – Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. Editorial UOC: Barcelona, 2004.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. Vendendo uma buceta quente: representações da sexualidade da mulher negra no mercado cultural. IN: **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

HONÓRIO, Letícia. A Utilização do Corpo Feminino como Suporte de um Discurso Político nas Artes Visuais. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. Vol 03, N. 03 - Set., 2017.

HORST, H.A.; MILLER, D. **Digital Anthropology**. Berg: London; New York, 2012.

- JESUS, J. G. **Orientações sobre a população transgênero**: conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012.
- JEFFREYS, S. **Beleza e misoginia**. (s./d.).
- KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. – Porto Alegre: Penso, 2014.
- LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LAURENT, Pierre Joseph. Introdução: A liberação do olhar. In: **Belezas imaginárias**: antropologia do corpo e do parentesco. – São Paulo: Ideias e Letras, 2013, pp. 17-34.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: **Tendências e impasses – O feminismo como crítica da cultura/ organização de Heloisa Buarque de Hollanda**. – Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEAL, V.C.L.V. O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(1):77-86, 2010.
- LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: Antropologia das emoções; tradução de Luís Alberto Salton Peretti. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, n. 42, Niterói, p.41-65, 1. sem. 2017.
- LE MOS, André. Cibercultura como território recombinante. In: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson (Orgs.). **A cibercultura e seu espelho** [recurso eletrônico]: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa – Dados eletrônicos. – São Paulo: ABCiber ; Instituto Itaú Cultural, 2009.
- LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. **Iniciação à prática sociológica/ Dominique Merllié... | et al |**; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- LIMA, I. T.S.; VIEIRA, J. G. Ciberativismo Indígena: Contrapoder e resistência a partir do portal Indiosonline. **Anais da IV Reunião Equatorial de Antropologia (REA) e XIII Reunião de Antropólogos Norte e NE (ABANNE)**, Fortaleza, 2013.
- LINS, B. A. “Pornografia de vingança”: pensando o trabalho de campo na e com a internet. **40º Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambú, 2016.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino; tradução Maria Lucia Machado. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista; tradução Eduardo Brandão. – 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LIVOTI, Carol; TOPP, Elizabeth. **Vaginas**: manual da proprietária. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

- LOPES, M. F. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008.
- LOPES, Camila Priscila. Diálogos em rede: A conversação no site de Redes Sociais Facebook. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, RN, 2013.
- LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia (como se fosse) natural. **Cadernos pagu** (24), janeiro-junho de 2005a, pp.249-281.
- _____. "Quimeras" da ciência: a perspectiva de profissionais da saúde em casos de intersexo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 20, núm. 59, outubro, 2005b, pp. 67-80.
- MAGUALHÃES, M. J. A arte e violência no olhar: Ativismo feminista e desconstrução da violência contra as mulheres. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2010.
- MAHMOOD, Saba, Capacité d'agir, performativité et sujet féministe, in: **Penser à gauche**: figures de la pensée critique aujourd'hui. Collectif (avec la Revue internationale des livres et des idées). Paris: Éd. Amsterdam, 2011.
- MAIO, Eliane Rosa. **O nome da coisa**. Maringá: UNICORPORE, 2011.
- MALINI, F; ANTOUN, H. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MANOVICH, L. **Instagram and contemporary image**. 2017. Disponível em: <<http://manovich.net/index.php/projects/instagram-and-contemporary-image>>. Acesso em: 2 abr. 2019.
- MARTIN, Emily. **A mulher no corpo**: uma análise cultural da reprodução; tradução Júlio Bandeira; revisão técnica Fabíola Rohden. – Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- MÁXIMO, M. E. **Compartilhando regras de fala**: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- _____. O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico nos blogs. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2007.
- MÁXIMO, M. Elisa; LACERDA, Juciano de S.; RIFIOTIS, Theophilos. Nas fronteiras entre o online e o offline: notas para um estudo etnográfico dos centros públicos de acesso à Internet. In: **IX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul - INTERCOM SUL**, 2008, Guarapuava. IX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul - INTERCOM SUL. Guarapuava: UNICENTRO, 2008.
- MENDES, P.R.S. et al. Variação da técnica ninfoplastia com uso de haste metálica para maior simetria. **Rev. Bras. Cir. Plást.** 2018; 33(Supl. 1): 145-147.

MESQUITA, Cecília Chagas de. Moema Toscano: uma visão de feminismo no Centro da Mulher Brasileira (fins dos anos 70 início dos anos 80). In: **ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Londrina, 2005.

MESQUITA, Charles Jean Gomes de. **Em carne viva**: estética da feiura e redefinições corporais. – Fortaleza: Gráfica LCR, 2013.

MILLER, D. Etnografia on e offline: Cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MILLER, James. The fourth screen: Mediatization and the smartphone. In: **Mobile Media & Communication** 2014, Vol. 2(2) 209–226.

MISKOLCI, R. A. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. In: **Cronos** (Natal. Impresso), v. 12, p. 9-22, 2011.

_____. Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, L.et.alli. **Sexualidade, Gênero e Mídia** - Olhares Plurais para o Cotidiano. Marília, Cultura Acadêmica, 2012, pp.35-52.

_____. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea** v. 6, n. 2 p. 275-297, Jul.–Dez. 2016.

_____. Toda nudez será castigada? – Tecnologia, corpo e gênero na era das mídias digitais. In: **Revista ComCiência**. Dossiê Gênero n. 185, 10 fev/2017.

_____. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros online. Belo Horizonte: Auntêntica Editora, 2017.

_____. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia** | Vol. 06, No. 12 | Jan-Abr/2018

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: **História do Corpo**: As mutações do olhar: O século XX/ sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello; tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, pp. 15-82.

NATANSOHN, L. G. O corpo feminino como objeto médico e “mediático”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto/2005.

NÃO ME KAHLO. **#MeuAmigoSecreto**: feminismo além das redes. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NUNES, M. S. Ciberativismo queer: a resistência dos movimentos antimainstream. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013.

OKADA, Alexandra; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Ambientes virtuais de aprendizagem aberta: bases para uma nova tendência. In: **Revista digital de tecnologias**

- cognitivas.** Programa de pós – graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital – PUC – SP. n. 3, janeiro-julho/2010.
- OLIVEIRA, Carla Luiza, et al. "Uma experiência de empoderamento de mulheres na Atenção Primária à Saúde." **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Florianópolis, 2011 Out-Dez; 6(21): 283-7.
- OSORIO, F. El uso de teléfonos móviles como herramientas de apoyo a la investigación social. **Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social**. Nº13. Año 7. Abril – Septiembre 2017.
- PADILHA, F. A. **O segredo é a alma do negócio:** mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2015.
- PAIVA, C. C. N. et al . Educação em Saúde segundo os preceitos do Movimento Feminista: estratégias inovadoras para promoção da saúde sexual e reprodutiva. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 4, p. 685-691, Dec. 2015 .
- PEREIRA, C.R. **“Em um relacionamento sério com o celular”:** uma etnografia das práticas de consumo de smartphones por mulheres. Dissertação (Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, 2017.
- PEREIRA, M. A. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. In: **Teoria e Sociedade** nº 18.2 – julho-dezembro de 2010.
- PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: **O corpo feminino em debate/** organizadores Maria Izilda Santos de Matos, Rachel Soilet. – São Paulo: Editora UNESP, 2003, pp. 13-27.
- PINSKY, C. B. A era dos modelos rígidos. PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. A era dos modelos flexíveis. PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.
- PIZA, M. V. **O fenômeno Instagram:** considerações sob a perspectiva tecnológica. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, 2012.
- PLOWMAN, Tracey M. A vagina perfeita. **Questões de Saúde Reprodutiva** 2011; 5:1;58-61.
- PLUMMER, Ken. **Telling sexual stories:** power, change and social worlds. London: Routledge, 1995.
- POLI NETO, P.; CAPONI, S.N.C. A medicalização da beleza. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.11, n.23, p.569-84, set/dez 2007.
- POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Revista Esferas**, ano 2, n.3, jul a dez., 2013
- PRADO, J. **Feminilidades e mídia na cultura contemporânea:** culto ao corpo, consumo e sexualidade. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, 2011.

_____. Consultórios online: uma análise das disputas e moralidades em torno dos usos das mídias digitais como consulta emocional. In: **Anpocs**, 2014, Caxambu. 38º Encontro Anual da Anpocs, 2014. v. 38.

PRECIADO, P. B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011, pp. 11-20.

_____. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade. Tradução de Maria de Paula Gurgel Ribeiro. – São Paulo: n-1 edições, 2014.

_____. **Texto Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. – São Paulo: n-1 edições, 2018.

RAGO, M. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. **São Paulo em perspectiva**, 15(3) 2001.

_____. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

RECUERO, R. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. In: Dulcília Schroeder Buitoni, Roberto Chiachiri. (Org.). Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo. 1ed.Sao Paulo: Almedina, 2012, v. 1, p. 259-274. [versão rascunho/draft]

_____. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. – Porto Alegre: Sulina, 2ª edição, 2014a.

_____. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, XXVIII(68):114-124, maio-agosto 2014b.

REYES, I. P. Género y Tecnologías. Ciberfeminismos y construcción de la tecnocultura actual. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad**, n 31, v. 11, p. 171-193, enero, 2016.

RIBEIRO, Jéssyka K.A., COSTA, Jussara C., SANTIAGO, Idalina M.F.L. Um jeito diferente e “novo” de ser feminista: em cena, o Riot Grrrl. In: **Revista Ártemis**, v. 13; jan-jul, 2012. pp. 222-240.

RIBEIRO, L. B. A anatomia do belo: cirurgia plástica estética e a construção da diferença. **XXVIII Encontro da ANPOCS**, 2004.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, . 05, p. 17-44, 2010.

ROCHE, C. **Zonas úmidas**: romance. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher [online]. 2nd ed. rev. and enl. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

_____. Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n.17, p. 101-125, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000100006>. Acesso em: 24 dez. 2015.

_____. A popularização dos hormônios: verdades científicas ou metáforas para falar de gênero? In: **Revista ComCiência**, Dossiê de Gênero n.185, 10 fev/2017.

SAEZ, JAVIER. **Pelo cu:** políticas anais./ Javier Saez, Sejo Carrascosa; Tradução Rafael Leopoldo. -- Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SANDENBERG, Cecília M. B. Considerações Introdutórias às Pedagogias Feministas. In: **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais** / Ana Alice Alcantara Costa, Alexnaldo Teixeira Iole Macedo Vanin, organização. - Salvador: UFBA - NEIM, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

_____. "Sempre bela". In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. – São Paulo: Contexto, 2012, pp. 105-125.

_____. **História da beleza no Brasil**. – São Paulo: Contexto, 2014.

SANTAELLA, L. O corpo biocibernético e o advento do pós-humano. In: CASTRO, V. J. de (Coord.). **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 181-207.

SANTAELLA, L.; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, A. C. S. Pedagogia feministas como possibilidade de construção de novas relações de gênero. **Revista Ártemis**, Edição V. 14, ago-dez, 2012, pp. 174-182.

SANTOS, Lionês Araújo dos. "O corpo na cultura e a cultura da 'reforma' do corpo" RBSE – **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30: 406-414, Dezembro de 2011.

SANTOS, N. O.; BARROS, J.F. movimento feminista no Facebook: uma análise das páginas Original Moça, você é machista e Feminismo sem demagogia – Original. **Simpósio Internacional de Tecnologia e Narrativas Digitais**, 2015.

SCALCO, L.; RIBEIRO, M. Tecnologias que afetam: os usos cotidianos de artefatos eletrônicos em uma perspectiva etnográfica. **Revista Antropolítica**, n. 42, Niterói, p.66-91, 1. sem. 2017.

SCANDOLARA, P. B. Arte feminista: diálogos entre o Mito da beleza e as obras de Jenny Saville. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

SCAVONE, Lucila. Nosso corpo nos pertence? Discursos feministas do corpo. **Revista Gênero**, Niterói, v.10, n.2., p. 46 – 62, 2010.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória?. **Cad. CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p.505-517, Dez.2008.

SCHIMITT, Marcelle. **Sinus Pudoris**: Conformação de um padrão estético de genitália feminina através de cirurgias plásticas. 2014. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

_____. **Da superfície à carne**: as fronteiras entre estético e reparador na formação e atuação no campo da cirurgia plástica. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SCHOSSLER, J. C.; CORREA, S.M.S. Dos cuidados com o corpo feminino em reclames na Revista do Globo da década de 1930. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011.

SEGATA, J.; MÁXIMO, M. E.; M. J. BALDESSAR. **Olhares sobre a cibercultura**. 1. ed. – Florianópolis : CCE/UFSC, 2012.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. (orgs.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. – Brasília : ABA Publicações ; Joinville : Editora Letradágua, 2016.

SEMERENE, Bárbara. Abrindo as portas dos salões virtuais. In: **Sexo, afeto e era tecnológica**: um estudo de chats na Internet/ Organizador: Sérgio Dayrell Porto. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

SIBILIA, P. A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza?. **cadernos pagu** (44), p. 171-198, jan.-jun. 2015a.

_____. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015b.

SILVA, C. S. M. Feminismo agora! Autorreflexão e formação política. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.14, n.02, p. 463 – 492 abr./jun.2016.

SILVA, R. L. O. Norma X Natureza ou Norma e Natureza? As dimensões biológicas e sociais da intersexualidade e a possibilidade de não cirurgia genital. **33o Encontro Anual da ANPOCS**, 2009.

SILVA, F.V. Ressonâncias misóginas na rede. **Revista Pólen**, v. 01, n. 01, jan.-jun. 2015.

SILVA, W.L.; JAYME, J.G. Close na Web: incorporando femininos desejáveis. **Revista Mediações**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 194-126, jan/jun., 2015.

SILVA, Marcelle Jacinto da; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. “Ame seu corpo, inclusive sua vagina”: notas acerca da produção online de discursos sobre “autoestima vaginal”. **30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, João Pessoa, 2016.

SILVA, Marcelle Jacinto da; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva; COSTA, Irlena Maria Malheiros da. Contextos, usos e fluxos das/nas mídias digitais: um relato sobre experiências de pesquisa etnográfica em campo digital. **40º Encontro anual da ANPOCS**, Caxambu, 2016.

SILVA, Marcelle Jacinto da; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva; COSTA, Irlena Maria Malheiros da. A vagina pós-orgânica: Intervenções e saberes sobre o corpo feminino acerca do “embelezamento íntimo”. **Hori. antropol.**, Porto Alegre, v. 23, n.47, p. 259-281, Apr. 2017.

SILVA, Marcelle Jacinto da; PAIVA, A.C.S. LARGE LABIA PROJECT – POR UMA ABORDAGEM NÃO-SEXUAL DA VAGINA: um estudo sobre enunciados e estratégias de resistência na Internet. **POLÍTICA & TRABALHO. Revista de Ciências Sociais**, nº 47, Junho/Dezembro de 2017, p. 139-152

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida de. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo), v. 4, p. 171-188, 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/95>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

SOUZA, V.C.Z. **Chega de Fiu Fiu**: O papel do ciberfeminismo na construção do feminismo na era da Web 2.0. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2015.

SPYER, Juliano. **Conectado**: o que a internet faz com você e o que você pode fazer com ela. – 2ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

STRÖMQUIST, Liv. **A origem do mundo**: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

SWAIN, T. N. FEMINISMO E RECORTES DO TEMPO PRESENTE: mulheres em revistas “femininas”. **SÃO PAULO EM PERSPECTIVA**, 15(3) 2001.

TEIXEIRA, F. L.S.; FREITAS, C.M.S.M.; CAMINHA, I. O. A beleza feminina como poder: desvendando outros sentidos para a construção estética de si. **Rev. Bras. Ciên. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n 2, . 485-500, abril/junho 2014.

THOMAS, G. P. **LET ME TAKE A SELFIE**: Um estudo do uso das selfies como um meio de comunicação a partir da análise do Instagram de Kim Kardashian. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

TIZOLI, T. O Feminismo e a Arte Contemporânea - Considerações. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. **Panorama da Pesquisa em Artes Visuais**, Florianópolis, 2008.

TOMAZETTI, T.P.; BRIGNOL, L. D. O feminismo contemporâneo a (re)configuração de um terreno comunicativo para as políticas de gênero na era digital. **10º Encontro Nacional de História da Mídia**, Rio Grande do Sul, 2015.

TRANQUILIN-SILVA, J. F. Corpos falantes e rostos (in)visíveis: corpo, sexualidade e feminismo em “Moça, você é machista”. **Rumores–Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias**, v. 10, n. 20, p. 234-255, jul-dez 2016.

TRIVINHO, E.; REIS, A. P. (orgs.). **A cibercultura em transformação**: poder, liberdade e sociabilidade em tempos de compartilhamento, nomadismo e mutação de direitos. São Paulo : ABCiber ; Instituto Itaú Cultural, 2010.

TVARDOVSKAS, L. S. **Dramatização dos corpos**: Arte contemporânea de mulheres no Brasil e na Argentina. Tese. 2013.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

VIEIRA-BAPTISTA, P. “Cirurgia íntima” – tempo de impor limites. **Acta Obstétrica e Ginecológica Portuguesa**, Lisboa, v. 8, n. 3, p. 223-225, 2014. Disponível em: <<http://www.fspog.com/fotos/editor2/04-aogp-d-14-00070.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

VIEIRA-BAPTISTA, Pedro. et al. “Cirurgia íntima”: o que se faz e com que bases científicas? **Acta Obstet Ginecol Port** 2015;9(5):393-399.

VIEIRA-BAPTISTA, Pedro. et al. Inquérito sobre procedimentos estéticos vulvovaginais: qual a opinião dos médicos e estudantes de medicina portugueses? **Rev Bras Ginecol Obstet** Vol. 39 No. 8/2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**: 1780-1950; tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo, Editora Nacional, 1969.

WITTEKIND, M. **Empoderamento feminino**: estudos de manifestações feministas nas redes sociais por meio de hashtags. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2016.

WITTIG, M. **O pensamento hétero** (1980). Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/134062/Wittig,+Monique+O+pensamento+Hetero_pdf.pdf>. Acesso em: 4 de maio de 2017.

_____. No se nace mujer. **El pensamiento heterossexual y otros ensayos**. Traducción de Javier Sáez y Paco Vidarte. Editorial EGALÉS, S.L.: Madrid, 2006. Disponível em: <http://www.caladona.org/grups/uploads/2014/02/monique-wittig-el-pensamiento-heterossexual.pdf>. Acesso em: 4 de maio de 2017.

WOLF, Naomi. **Vagina**: uma biografia; traduzido por Renata S. Laureano. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ZAFRA, R. Un cuarto propio conectado. Feminismo y creación desde la esfera público-privada online. **Asparkía**, 22; 2011, 115-129.

_____. Subject and Network: Potential and Political Limits of the (Un)making of Bodies online. **cadernos pagu** (44), p. 13-30. janeiro-junho de 2015.

ZAGO, F. **Os meninos**: Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

ZORDAN, Paola. Genitais femininos e os lugares da diferença. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e KIRST, Patrícia Gomes. (Org.). **Cartografias e devires**: a construção do presente. 1 ed. Porto Alegre (RS), 2003, v. 1, p. 273-297.

ZWANG, Gérard. **O sexo da mulher**; tradução J. M. Bertolote. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

7 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

A Caixa de Pandora. **Folha de S. Paulo**, 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/67384-a-caixa-de-pandora.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2018.

A celebração da vulva feminina e das mulheres geladas. **Segredo do Prazer**, 2015. Disponível em: <http://www.segredodoprazer.com/celebracao-da-vulga-mulheres-geladas/>. Acesso em: 2 de abril de 2018.

A ‘Galeria da Vulva’ é a melhor celebração da vagina e da sua diversidade. **Hypeness**, 2016. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2016/12/a-galeria-da-vulva-e-a-melhor-celebracao-da-vagina-e-da-sua-diversidade/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

AMIN, J. Mulheres recorrem ao rejuvenescimento íntimo em busca de mais prazer sexual. **O Globo**, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/mulheres-recorrem-ao-rejuvenescimento-intimo-em-busca-de-mais-prazer-sexual-21860352>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

ANDRADE, D. O poder do clitóris. **Jornal O Povo**, 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/cienciaesaude/2018/01/o-poder-do-clitoris.html>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

A revolução que vem da vulva. **Jornal O Povo**, 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/cienciaesaude/2018/01/a-revolucao-que-vem-da-vulva.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

ARONOVICH, Lola. Vergonha da minha parte íntima. **Escreva Lola escreva**, 2014. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/05/vergonha-da-minha-parte-intima.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

_____. Entrevista sobre depilação e outras imposições. **Escreva Lola escreva**, 2014. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/07/entrevista-sobre-depilacao-e-outras.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

ARRUDA, Regiane. Vagina: motivo de se envergonhar?. **Blogueiras Feministas**, 2012. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2012/05/vagina-motivo-de-se-envergonhar/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

“Artista da vagina” é detida novamente no Japão por exibir obras obscenas. **BOL Notícias**, 2014. Disponível em: <https://jovempan.uol.com.br/entretenimento/artista-da-vagina-e-detida-novamente-no-japao-por-exibir-obras-obscenas-2014-12-03.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Artista faz campanha pela “diversidade da vagina”. **Ig São Paulo**, 2015. Disponível em: <http://on.ig.com.br/imagem/2015-09-15/artista-britanica-faz-campanha-pela-diversidade-da-vagina.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Artista que mapeou e enviou imagens da sua vagina a 30 pessoas foi detida no Japão. **Observador**, 2014. Disponível em: <https://observador.pt/2014/07/16/artista-que-mapeou-e-enviou-imagens-da-sua-vagina-30-pessoas-foi-detida-japao/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Aumenta a procura por cirurgias plásticas íntimas entre mulheres brasileiras. **Clínica Plenna Cirurgia Plástica – Florianópolis**, 2012. Disponível em: <<http://clinicaplenna.blogspot.com.br/2012/09/aumenta-procura-por-cirurgias-plasticas.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

AVILA, Rebeca. O nosso sexo. **Re, escreva e reescreva**, 2013. Disponível em: <<https://reescreva.me/2013/03/31/o-nosso-sexo/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

BAHIA, L. Incomodada ficava sua avó. **Reflexões de uma lagarta**, 2014. Disponível em: <<https://reflexoesdeumalagarta.blogspot.com/2014/12/incomodada-ficava-sua-avo.html?m=1>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

_____. Querida Folha de S. Paulo. **Facebook**, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10211538559113024&set=a.1716832154061.2091759.1035942369&type=3&theater>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BANHOLZER, M. Mitos e verdades sobre depilação dos pelos pubianos em homens e mulheres. **NE10**, 2015. Disponível em: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/saude/noticia/2015/04/09/mitos-e-verdades-sobre-depilacao-dos-pelos-pubianos-em-homens-e-mulheres-541144.php>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BARBOSA, M. Quadro de nudez pode provocar mudança de regra em redes sociais. **Folha de S. Paulo**, 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/05/1632750-quadro-de-nudez-pode-provocar-mudanca-de-regra-em-redes-sociais.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BARROS, L. Estudo do Google revela aumento de buscas por temas relacionados à diversidade. **O Globo**, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/estudo-do-google-revela-aumento-de-buscas-por-temas-relacionados-diversidade-21975144>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Beleza Interior. **Revista Trip**, 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=CWIEAAAAMBAJ&pg=PT55&lpg=PT55&dq=a+tirania+da+beleza+atingiu+seu+climax&source=bl&ots=EMtZb-tqMN&sig=ACfU3U153z9uruR4MbiJGHaacVOeE-uAVA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwj9iJTpqbngAhWIKrkGHQu1AKUQ6AEwAHoECAcQAQ#v=onepage&q=a%20tirania%20da%20beleza%20atingiu%20seu%20climax&f=false>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BELTRAME-LINNÉ, H. Quadrinista sueca critica séculos de distorções sobre a vagina. **Folha de São P.**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/05/quadrinista-sueca-critica-seculos-de-distorcoes-sobre-a-vagina.shtml>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BEUSMAN, C. A arte das vaginas que puedes encontrar no Etsy. **Vice**, 2014. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/z4v4px/a-arte-das-vaginas-que-podes-encontrar-no-etsy>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Bioplastia genital feminina. **Clínica Midas – Medicina e Estética**. Disponível em: <<http://www.midas.med.br/bioplastias/bioplastia-genital-feminina>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

- BOTELHO, R. Mulheres encaram laser e cirurgia por ‘vulva ideal’. **Folha de São Paulo**, 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/10/1925738-mulheres-encaram-laser-e-cirurgia-por-vulva-ideal.shtml>>. Acesso em: 30 julh. 2018.
- BRAVO, T. Uma história de triunfo: Fome, de Roxane Gay. **Mulheres que escrevem**, 2018. Disponível em: <https://medium.com/mulheres-que-escrevem/uma-hist%C3%B3ria-de-triunfo-fome-de-roxane-gay-741298827827>. Acesso em: 31 março 2019.
- BRUM, E. Por que a imagem da vagina provoca horror? *Época*, 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/06/por-que-imagem-da-vagina-provoca-horror.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- BRUM, E. Vagina. **El País**, 2013. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/09/opinion/1386595765_588331.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- BRUM, E. A cara da vagina. **Época**, 2013. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/02/cara-da-vagina.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- Bucetinha ou bucetão? Eles e elas gostam de quê?. **Íntima Sedução**, 2011. Disponível em: <<http://foibompravoce.blogspot.com.br/2011/02/bucetinha-ou-bucetao-eles-e-elas-gostam.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- CAMPOLI, Clara. Brasileiros são acusados de machismo e racismo na Copa da Rússia. **Metrópoles**, 17 de jun 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/mundo/brasileiros-sao-acusados-de-machismo-e-racismo-na-copa-da-russia>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.
- CARASCO, D. Meninas fazem cirurgia estética na vagina ainda virgens; Brasil é líder. **Bol Notícias**, 2017. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2017/07/19/o-padroao-de-beleza-chegou-a-vagina.htm>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- CARDOSO, J. A. França discute se a vagina de Courbet tem um rosto. **Publico**, 2013. Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/02/08/culturaipsilon/noticia/a-mulher-de-a-origem-do-mundo-tem-rosto-1583864>. Acesso em 31 Mar. 2019.
- CARVALHO, A. C. Por que é importante falar de buceta?. **Medium**, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@annaclaracarvalho/por-que-%C3%A9-importante-falar-de-buceta-1bf826679d1e>>. acesso em: 31 mar. 2019.
- CASTRO, Carol. Assédio não é brincadeira: no Brasil, vídeo machista renderia multa. **Revista Carta Capital**, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/assedio-nao-e-brincadeira-no-brasil-video-machista-renderia-multa>>. Acesso em: 6 nov. 2018.
- CAZAUX, M. La Revanche des vagins. **Florilèges**, 2017. Disponível em: <https://florilegeswebjournal.com/2017/06/17/la-revanche-des-vagins/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Ceará faz cirurgia revolucionária de reconstrução vaginal com pele de tilápia. **Jornal O Povo**, 2018. Disponível em:

<<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/02/ceara-faz-cirurgia-revolucionaria-de-reconstrucao-vaginal-com-pele-de.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Cirurgia da intimidade. **Estética Brasil**. Disponível em:

<<http://www.esteticabrasil.com.br/cirurgiaintimidade.htm>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

Cirurgia íntima: melhorando sua auto-estima e vida sexual. **Defyna Plástica**, 2011.

Disponível em: <<http://defynaplastica.blogspot.com.br/2011/01/cirurgia-intima-melhorando-sua-auto.html>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Cirurgia íntima x auto estima. **A2 Motell**. (s.d.). Disponível em:

<<http://a2motell.com.br/index.php/noticias/item/52-cirurgia-intima-feminina-x-auto-estima>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

COHEN, M. Técnica inventada no Egito e na Grécia Antiga, depilação hoje é questionada pelo movimento feminista. **O Globo**, 2015. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/tecnica-inventada-no-egito-na-grecia-antiga-depilacao-hoje-questionada-pelo-movimento-feminista-15531359>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

COLETIVO Feminista Sexualidade e Saúde. Disponível em: <http://mulheres.org.br>

CUNHA, J. A Perseguida. **Revista Trip**, 2014. Disponível em:

<<https://revistatrip.uol.com.br/trip/a-perseguida>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Depilação aumenta autoestima feminina. **Aqui em tempo real**, 2013. Disponível em:

<<http://aquiemtemporeal.blogspot.com.br/2013/04/depilacao-aumenta-auto-estima-feminina.html>>. Acesso em: 22 set. 2017.

Depilação aumenta a autoestima feminina. **Internet da Mulher**: agora a internet tem tudo, 2013. Disponível em:

<<http://internetdamulher.blogspot.com.br/2013/04/depilacao-aumenta-auto-estima-feminina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Depilação feminina completa é preferida de brasileiros, diz USP. **Catraca Livre**, 2017.

Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/saude-bem-estar/indicacao/depilacao-feminina-completa-e-preferida-de-brasileiros-diz-usp/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Depilação feminina completa é preferida de brasileiros, de acordo com USP. **Minha vida**, 2017. Disponível em:

<<http://www.minhavidacom.br/saude/noticias/30682-depilacao-feminina-completa-e-preferida-de-brasileiros-de-acordo-com-usp>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Descubra curiosidades sobre a vagina que você nunca imaginou. **Revista Glamour**,

2013. Disponível em: [http://revistaglamour.globo.com/Amor-](http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/04/vagina-curiosidades-feminista-amor-sexo-naomi-wolf.html)

[Sexo/noticia/2013/04/vagina-curiosidades-feminista-amor-sexo-naomi-wolf.html](http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/04/vagina-curiosidades-feminista-amor-sexo-naomi-wolf.html).

Acesso em: 31 mar. 2019.

Deslistas: Nomes populares para a vagina. **Desciclopedia**, 2016. Disponível em:

<https://desciclopedia.org/wiki/Deslistas:Nomes_populares_para_a_vagina>. Acesso em: 31 mar. 2019.

DINIZ, T. C. Dez curiosidades sobre a vagina podem mudar a sua vida. **Universa Uol**, 2015. Disponível em: <<https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2015/02/12/dez-curiosidades-sobre-a-vagina-podem-mudar-a-sua-vida.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

DUARTE, J. Um papo com a sua vagina. **Cínicas**, 2017. Disponível em: <<https://www.cinicas.com.br/um-papo-com-a-sua-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

ESCALADEIRA, Bruna. “Sua xoxota é linda e pode ser poesia!”. **Revista AzMina**, 2017. Disponível em: <http://azmina.com.br/2017/03/lambe-buceta-sua-xoxota-e-linda/>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Especialistas alertam para número de meninas interessadas em cirurgias estéticas vaginais. **BBC Brasil**, 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110829_cirurgiavaginal_is.shtml>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Estética genital feminina. **Clínica Larosier**. (s.d.). Disponível em: <<http://www.larosier.com.br/estetica.html>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

EUSÉBIO, M. Cirurgia para ter "vagina perfeita" vira moda e preocupa especialistas britânicos. **Marco Eusébio In Blog**, 2011. Disponível em: <<http://www.marcoeusebio.com.br/coluna/cirurgia-para-ter-vagina-perfeita-vira-moda-e-preocupa-especialistas-britanicos/12150>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Fale com ela – coisas que sua vagina gostaria de dizer a você. **Cosmopolitan**, 2012. Disponível em: <<https://cosmopolitan.abril.com.br/amor-e-sexo/fale-com-ela-coisas-que-sua-vagina-gostaria-de-dizer-a-voce/>> Acesso em: 31 mar. 2019.

FERNANDES, A. Sério: agora tem iluminador pra vagina! Será que a “beleza íntima” tá virando mesmo um mercado?. **Garotas Estúpidas**, 2017. Disponível em: <<https://www.garotasestupidas.com/e-serio-agora-tem-iluminador-para-vagina-sera-que-beleza-intima-ta-virando-mesmo-um-mercado/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

FERREIRA, A. G. A medicina ainda fala pouco da vagina. **Público**, Lisboa, 27 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/a-medicina-ainda-fala-pouco-da-vagina-1472646?page=-1>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

FILGUEIRAS, P. Papo íntimo: autoestima vaginal. **Paloma Fligueiras**, 2013. Disponível em: <<http://palomafilgueiras.blogspot.com.br/2013/07/papo-intimo-autoestima-vaginal.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

FIQUE amiga dela. Disponível em: <<http://mulheres.org.br/v1/fiqueamigadela/index.html>>.

FRANCISCO, C. Vergonha ou imagem negativa da região íntima prejudicam a vida sexual das mulheres. **UOL**, 2012. Disponível em: <<http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2012/07/30/vergonha-ou-imagem-negativa-da-regiao-intima-prejudicam-a-vida-sexual-das-mulheres.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

FREITAS, H. Buscas no Google sobre feminismo crescem 200% em dois anos no Brasil. **Estadão**, 2017. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,buscas-no-google-sobre->

feminismo-crescem-200-em-dois-anos-no-brasil,70002062987. Acesso em: 31 mar. 2019.

FREITAS, K. d. O grande muro de vaginas, por Jamie McCartney. **Tecnoarte News**, 2012. Disponível em: <<http://www.tecnoartenews.com/esteticas-tecnologicas/o-grande-muro-de-vaginas-por-jamie-mccartney-2/>>. Acesso em 31 de mar. de 2019.

GOSÁLVEZ, Patrícia. Vulva, precisamos falar mais esta palavra. **El País**, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/02/cultura/1501690142_000166.html>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2018.

GREGHI. Yoni: quem te toca deusa sagrada?. **Sat Love**, 2016. Disponível em: <<https://satlove.wordpress.com/2016/06/26/yni-quem-te-toca-deusa-sagrada/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

GROSKOP, V. The Muff March against 'designer vagina' surgery. **The Guardian**, 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/the-womens-blog-with-jane-martinson/2011/dec/08/muff-march-designer-vagina-surgery>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Guia da vagina: 10 curiosidades que podem melhorar a sua vida. **Donna**, 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2015/03/guia-da-vagina-10-curiosidades-que-podem-melhorar-a-sua-vida-cjplepna00somncnfao2by69.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

GUIMARÃES, R. Mistérios da vagina. **Revista Trip**, 2014. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/trip/misterios-da-vagina>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

HELENA, B. Depilação íntima: método usado por você pode definir seu comportamento. **Vix**. (s.d.). Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/bdm/saude/depilacao-intima-metodo-usado-por-voce-pode-definir-seu-comportamento>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

HILGERT, Ananda. Em busca de novos apelidos para a vagina. **Geledés**, 2015. Disponível: <<https://www.geledes.org.br/ananda-hilgert-em-busca-de-novos-apelidos-para-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Homens devem aceitar o cheiro das vaginas, adverte ginecologista. **Yahoo! Vida e Estilo**, 2017. Disponível em: <<https://br.vida-estilo.yahoo.com/homens-devem-aceitar-o-cheiro-das-vaginas-adverte-ginecologista-114308482.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Iluminador para a vagina é o novo hit de beleza; Entenda o que o produto faz. **Revista Glamour**, 2017. Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Beleza/Beauty-news/noticia/2017/07/iluminador-para-vagina-e-o-novo-hit-de-beleza-entenda-o-que-o-produto-faz.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Ilustrações celebram a beleza e a diversidade da vagina. **Catraca Livre**, 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/criatividade/ilustracoes-celebram-beleza-e-diversidade-da-vagina/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

JACOB, J. Espelho, espelho meu – se minha vagina falasse. **Erosdita**, 2014. Disponível em: <<http://orobofm.com.br/homepage/2014/10/17/espelho-espelho-meu-se-minha-vulva-falasse/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

JOVINO, A. C. Aumento de cirurgias plásticas vaginais revela que mulheres não conhecem seus corpos. **Tribuna do Ceará**, 2016. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/mulher/mulher/aumento-de-cirurgias-plasticas-vaginais-revela-que-mulheres-nao-conhecem-seus-corpos/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

LAGINHA, F. Formato e cor da vagina raramente indicam uma doença. **Minha Vida**, 2017. Disponível em: <<http://www.minhavidacom.br/saude/materias/17144-formato-e-cor-da-vagina-raramente-indicam-uma-doenca>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Lambe buceta: https://www.instagram.com/lambeeb_ceta/.

LAPIDARIO, J. La vulva es bella: de la vagina dentada a la adoración del yoni. **Jot Down**, 2012. Disponível em: <<http://www.jotdown.es/2012/12/la-vulva-es-bella-de-la-vagina-dentada-a-la-adoracion-del-yoni>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

LARANJEIRA, Lívia; STOPA, Beatrice. Autoestima vaginal: como anda a sua? . **Revista Glamour**, 2013. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Large Labia Project: <http://largelabiaproject.org/>.

LAZARI, Marina. Força na vagina. **Jornal O Povo**, 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cienciaesaude/2018/01/forca-na-vagina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

LEMONS, N. Nojenta. **Revista Trip**, 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nojenta>. Acesso em: 31 mar. 2019.

_____. Libera a vagina! **Revista Trip**, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/libera-a-vagina>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

LIMA, J. D. Anarcha, Lucy e Betsy: as escravas mães da ginecologia moderna. **Jornal Nexo**, 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/03/Anarcha-Lucy-e-Betsy-as-escravas-m%C3%A3es-da-ginecologia-moderna?fbclid=IwAR0TznLperMeVGV1kwKFMISycn4bRVWucWxU1x409FsN0-07IIMXTEdwhtQ>. Acesso em: 31 mar. 2019.

LINS, R.N. O mito da vagina dentada e o pavor que provoca nos homens. **Universa**, 2015. Disponível em: <https://reginavarro.blogosfera.uol.com.br/2015/08/15/quando-o-homem-teme-o-sexo/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

LONGO, I. Folha apanha nas redes por conta de matéria sobre “vulva ideal”. **Revista Fórum**, 2017. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/folha-apanha-nas-redes-por-conta-de-materia-sobre-vulva-ideal/>>. Acesso em: 30 julh. 2018.

- LOPES, L. Um escultor incomum: ele molda vaginas!. **Revista Época**, 2011. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/sexpedia/2011/05/02/um-escultor-incomum-ele-molda-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- LUIZA, Sarah. Diálogos das vaginas. **Blog da Marcha Mundial das Mulheres**, 2012. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/2012/10/22/dialogos-das-vaginas/>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- MANBRINI, V. Plástica íntima pode melhorar a vida sexual e a autoestima. **Delas IG**, 2011. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/plastica-intima-pode-melhorar-a-vida-sexual-e-a-autoestima/n1237959719603.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- MAMEHA. Sociedade genitalizada. **Mamehame**, 2014. Disponível em: <<https://mamehame.wordpress.com/2014/06/23/sociedade-genitalizada/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber. **M de Mulher**, (s.d.). Disponível em: <http://m.mdemulher.abril.com.br/amor-e-sexo/cosmopolitan-brasil/manual-da-vagina-21-segredos-que-voce-precisa-saber>. Acesso em: 2 fev. 2017.
- “Maquiagem para a vagina” é lançada e gera polêmica; veja detalhes. **Delas Ig**, 2017. Disponível em: <<https://delas.ig.com.br/amoresexo/2017-07-25/iluminador-para-vagina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- MARGARIDA, P. Cheiro de buceta. **Revista Vertigem**, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@palmiramargarida/cheiro-de-buceta-a55631d4d3ab>>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- _____. Minha vagina não é cupcake. **Cínicas**, 2017. Disponível em: <<https://www.cinicas.com.br/minha-vagina-nao-e-cupcake/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- MARI. Bucetaria Gourmet. **Lugar de mulher**, 2014. Disponível em: <http://lugardemulher.com.br/bucetaria-gourmet/>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- MARTÍ, Silas. "Foi brincadeira de muito mau gosto", diz um dos que insultaram russa em vídeo. **Notícias do Dia**, Florianópolis, 19 de jun 2018. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/foi-brincadeira-de-muito-mau-gosto-diz-um-dos-que-insultaram-russa-em-video>>. Acesso em: 6 de novembro de 2018.
- Melhorando o que está escondidinho - cresce número de ninfoplastias. **Cultura Teen**, 2015. Disponível em: <<http://www.culturarteen.com/2015/03/melhorando-o-que-esta-escondidinho.html>>. Acesso em: 5 fev. 2016.
- MENDES, C. Carta à vagina. **Revista Bula**, (s.d.). Disponível em: <<https://www.revistabula.com/4718-eu-eu-mesma-e-minha-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- MIRAAZ, Regina. Precisamos falar sobre a vagina. **Umbigo das coisas**, 2012. Disponível em: <<https://umbigodascoisas.com/2012/11/25/precisamos-falar-sobre-a-vagina/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.
- MORRISH, L. The Vagina Illustrator Redefining Genital Beauty Standards. **Konbini**, 2016. Disponível em: < <https://www.konbini.com/en/inspiration/vaginas-meredith-white>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

MORRISH, L. The World's First Vagina Museum Is Set To Open In The UK. **Konbini**, 2017. Disponível em: <https://www.konbini.com/en/lifestyle/the-worlds-first-vagina-museum-set-to-open-in-the-uk/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

MOTA, D. Mulheres publicam foto íntimas na rede em reação à estética pornô. **F5**, 2013. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/humanos/1252663-mulheres-publicam-fotos-intimas-na-rede-em-reacao-a-estetica-porno.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2014.

Não tenha nojo. É só ma vulva. **Terminologia Atemporal**, 2013. Disponível em: <https://terminologiaatemporal.wordpress.com/2013/01/17/nao-tenha-nojo-e-so-uma-vulva/>. Acesso: 31 mar. 2019.

NEMOV, W. Dr. Paulo Guimarães esclarece mitos sobre cirurgia plástica íntima. **Finíssimo**, 4 fev. 2015. Disponível em: <http://finissimo.com.br/2015/02/04/dr-paulo-rodriguez-esclarece-mitos-e-verdades-sobre-a-cirurgia-plastica-vaginal/>. Acesso em: 9 jan. 2016.

O beabá da higiene íntima em cada fase da vida. **M de mulher**, 2016. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/saude/o-beaba-da-higiene-intima-em-cada-fase-da-vida/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

OLIVEIRA, M.; SANDOVAL, A. Mulheres contam como a plástica vaginal mudou suas vidas. **Universa**, 2015. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2015/04/27/mulheres-contam-como-a-plastica-vaginal-mudou-suas-vidas.htm>. Acesso em: 31 mar. 2019.

OMS, C. Depilação e feminismo: Existe machismo em cada pelo que arrancamos?. **Revista Azmina**, 2018. Disponível em: <http://azmina.com.br/reportagens/depilacao-e-feminismo-existe-machismo-em-cada-pelo-que-arrancamos/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

PAGAN, M. Minha vagina é normal? Descubra o tamanho médio do clitóris, do canal vaginal e mais. **Vix** (s.d.). Disponível em: <http://www.vix.com/pt/bdm/saude/minha-vagina-e-normal-descubra-o-tamanho-medio-do-clitoris-do-canal-vaginal-e-mais>. Acesso em: 31 mar. 2019.

_____. Terapia Drácula usa injeções de sangue para rejuvenescer a vagina e melhorar orgasmos. **Vix**. (s.d.). Disponível em: <https://www.vix.com/pt/bdm/saude/terapia-dracula-usa-injecoes-de-sangue-para-rejuvenescer-a-vagina-e-melhorar-orgasmos> >. Acesso em: 31 mar. 2019.

_____. Mulheres se depilam para deixar vulva bonita e por outros 6 motivos sem saber dos riscos. **Vix**. (s.d.). Disponível em: <https://www.vix.com/pt/bdm/saude/522586/mulheres-se-depilam-para-deixar-vulva-bonita-e-por-outros-6-motivos-sem-saber-dos-riscos>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Para quebrar tabu, artista cria linha de joias com formato de vagina. **Catraca Livre**, 2015. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/estilo/para-quebrar-tabu-artista-cria-linha-de-joias-com-formato-de-vagina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

PASSOS, C. A discussão sobre esta matéria da Folha mostra MAIS UMA VEZ que precisamos do feminismo. **BuzzFeed**, 2017. Disponível em: https://www.buzzfeed.com/clarissapassos/estetica-vaginal-debate-folha?utm_term=.of3EqPey1a#.rqA6WGABMx>. Acesso em: 30 julh. 2018.

PATROCÍNIO, C. Pesquisa diz que homens têm nojo da vagina. Qual o problema deles?. **Yahoo! Vida e Estilo**, 2014. Disponível em: <<https://br.vida-estilo.yahoo.com/blogs/preliminares/pesquisa-diz-que-homens-tem-nojo-da-vagina-qual-o-145109476.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

_____. A vagina como ela é. **Revista Galileu**, 2015. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/12/vagina-como-ela-e.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

PEREIRA, L. d. A dita cuja. **Revista Trip**, 2014. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/a-dita-cuja>>. Acesso em 31 de mar. 2019.

Pesquisa quer entender preferência de homens e mulheres sobre depilação feminina. **IBahia**, 2015. Disponível em: <<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/pesquisa-quer-entender-preferencia-de-homens-e-mulheres-sobre-depilacao-feminina/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.-

PITA, I. Minha buceta grita xavasca. **Lugar de mulher**, 2016. Disponível em: <<http://lugardemulher.com.br/minha-buceta-grita-xavasca/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

PONTES, D. Bioplastia vaginal. **Davi Pontes Cirurgia Plástica**, 2012. Disponível em: <<http://davipontes.blogspot.com.br/2012/06/bioplastia-vaginal.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Porque algumas vaginas tem a cor mais escura que a pele?. **Aquelas coisas**, 2015. Disponível em: <<http://www.aquelascoisas.com.br/blog/porque-algumas-vaginas-tem-a-cor-mais-escura-que-a-pele/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

POSKUS, R.. Como disfarçar pepeca gorda. **Blog mulherão**, 2014. Disponível em: <<http://blogmulherao.com.br/17763/como-disfarcar-pepeca-gorda/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

PRONIN, T. Cirurgias íntimas com finalidade estética geram controvérsia entre os médicos, **Uol**, 2008. Disponível em: <<http://cienciaesaude.uol.com.br/ultnot/2008/04/01/ult4477u447.jhtm>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Pussy Pride Project: <<https://mollysdailykiss.com/pussy-pride-project/>>.

Quartinho da Dany. **Facebook**, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quartinhodadany/posts/1253366981439803>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

“Querida Folha, hoje minha vagina pode ser do jeito que é...”. **Pragmatismo Político**, 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/10/querida-folha-hoje-minha-vagina-pode-ser-do-jeito-que-e.html>>. Acesso em: 30 julh. 2018.

RACCO, R. 12 coisas que sua vagina adoraria que você soubesse. **Pompoarte**, (s.d.). Disponível em: <<http://www.pompoarte.com.br/info/info/4056/286/12-coisas-que-sua-vagina-adoraria-que-voc%C3%AA-soubesse>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

_____. 15 motivos para você “dominar” sua vagina. **Tempo de Mulher**. (s.d.). Disponível em: <http://tempodemulher.com.br/amor-e-sexo/papo-intimo/15-motivos-para-voce-_dominar_-sua-vagina>. Acesso em: 20 ago. 2017.

RIBEIRO, S. O que fazer com nossas vaginas?. **Plano Feminino**, 2018. Disponível em: <<https://planofeminino.com.br/o-que-fazer-com-nossas-vaginas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

ROMÃO, Andréa. 11 coisas que você precisa saber sobre a sua vagina. **Não Me Khalo**, 2016. Disponível em: <<http://www.naomekahlo.com/single-post/2016/07/07/11-coisas-que-voc%C3%AA-precisa-saber-sobre-a-sua-vagina>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Saiba se a cirurgia estética nos lábios vaginais é uma boa alternativa. **Diário Gaúcho**, 2014. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/12/saiba-se-a-cirurgia-estetica-nos-labios-vaginais-e-uma-bo-a-alternativa-4655993.html>>. Acesso em 31 mar. 2019.

SANTOS, M. Cirurgias íntimas em mulheres sobem 75% em quatro anos e especialista garante: “Melhora vida sexual”. **R7**, 2015. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/saude/cirurgias-intimas-em-mulheres-sobem-75-em-quatro-anos-e-especialista-garante-melhora-vida-sexual-25072015>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

SALDANHA, M. G. Xereca. **Facebook**, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/mariagabrielasaldanha/posts/xerecavoc%C3%AA-raspa-voc%C3%AA-deixa-voc%C3%AA-descobre-em-um-grupo-de-ginecologia-natural-que/737270106662218/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

SETÚBAL, M. Minha visita a uma ginecologista feminista. **Melissa Setubal Saúde Integrativa**, 2016. Disponível em: <<http://www.melissasetubal.com.br/minha-visita-a-uma-gineco-feminista/>>. Acesso em: 14 de out. 2016.

SILVA, C. Sua vagina "fala": 10 sinais para entender o que ela está querendo te dizer. **Vix**. (s.d). Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/bdm/saude/sua-vagina-fala-10-sinais-para-entender-o-que-ela-esta-querendo-te-dizer>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Silva, D. Vaginoplastia, reconstruindo a intimidade e a auto-estima. **Garota Beleza**, 2011. Disponível em: <<http://garotabeleza.com.br/vaginoplastia-reconstruindo-a-intimidade-e-a-auto-estima/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

SINCERO, E. Manifesto contra os desodorantes íntimos. **Executivo Sincero**, 2015. Disponível: <<http://www.executivosincero.com.br/2015/05/31/manifesto-contra-os-desodorantes-intimos/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

SIRIRICA. Siririque-se. **Ovelha**, 2016. Disponível em: <http://ovelhamag.com/siririque-se/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

STAUT, B. Vaginas rosas: porque elas são as preferidas dos homens. **Hypescience**, 2012. Disponível: <<http://hypescience.com/os-homens-preferem-vaginas-rosas/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

TEJADA, C. Uma pesquisa pediu a homens que identificassem a vagina. Metade não conseguiu. **Huffpost Brasil**, 2017. Disponível em: <<https://www.huffpostbrasil.com/2017/09/09/uma-pesquisa-pediu-a-homens-que>>

identificassem-a-vagina-metade-nao-conseguiu_a_23202228/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

TERTO, A. Conheça a 'Galeria da Vulva', uma coleção de ilustrações que celebram a vagina e sua diversidade. **Huffpost Brasil**, 2016. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/12/09/conheca-a-galeria-da-vulva-uma-colecao-de-ilustracoes-que-cel_a_21700882/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

TESTA, F. USP pesquisa preferência de homens e mulheres sobre depilação feminina. **O Globo**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/06/usp-pesquisa-preferencia-de-homens-e-mulheres-sobre-depilacao-feminina.html>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

The Vulva Gallery: <https://www.instagram.com/the.vulva.gallery/>.

Toda a beleza e feminilidade da vulva em uma galeria de arte erótica. **Segredo do Prazer**, 2015. Disponível em: <http://www.segredodoprazer.com/toda-beleza-feminilidade-vulva-galeria-arte-projeto-y>. Acesso em: 2 abr. 2018.

Uma questão de bem estar. **Clube da Calcinha**, 2011. Disponível em: <<http://www.clubedacalcinha.com.br/blog/?p=1751>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

Vagina activism | shameless provocation or conceptual art?. One Small Seed, 2014. Disponível em: <http://www.onesmallseed.com/2014/06/vagina-activism-shameless-provocation-or-conceptual-art/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Vagina de 149 anos causa disputa judicial entre Facebook e tribunal francês. **Informação e Conhecimento**, 2015. Disponível em: <https://technologicalfuture.wordpress.com/2015/09/10/vagina-de-149-anos-causa-disputa-judicial-entre-facebook-e-tribunal-frances/>. Acesso em: 20 mar. 2018.

VALENTE, S. A bebida que garante uma vagina com cheiro a pêssego e sabor a Coca Cola. **Flagra**, 2014. Disponível em: <<http://flagra.pt/noticias/sociedade/bebida-que-garante-uma-vagina-com-cheiro-pessego-e-sabor-coca-cola-32495>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

VÍDEO machista de torcedores brasileiros na Rússia viraliza. **Catraca Livre**, 2018. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/video-machista-de-torcedores-brasileiros-na-russia-viraliza/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

VIEIRA, D. A grande muralha da vagina. **Obvious**, 2012. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2012/04/a_grande_muralha_da_vagina.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

VIEIRA, F. R. O que é cirurgia estética genital feminina?. **Reforma Íntima**, 2013. Disponível em: <http://fatimedica.blogspot.com.br/2013/01/o-que-e-cirurgia-estetica-genital_3898.html>. Acesso em: 31 mar. 2019.

VÍTOR, A. Cirurgia íntima. **Revista boa vida**, 2014. Disponível em: <<http://alvarovitor.com.br/cirurgia-plastica-vaginal-revista-boa-vida/>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

Vulva Love Lovely: <https://www.vulvalovelvely.com/>.

Vulvas: oficialmente mais assustadoras que Satan. **Siririca**, 2016. Disponível em: <<https://siririca.nobloggs.org/post/2016/11/28/bucetanica>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

WERNECK, P. A caixa de Pandora. **Folha de São Paulo**, 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/67384-a-caixa-de-pandora.shtml>. Acesso em: 20 de março de 2018.

ZACCARO, N. A maravilhosa diversidade de nossas vulvas. **Revista Trip**, 2017. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/artista-hilde-atalanta-celebra-a-diversidade-das-vaginas-e-vulvas>. Acesso em: 31 mar. 2019.

ZEPONI, V. Vaginas não são o demo. **Não Aguento Quando**, 2014. Disponível em: <<http://naoaguentoquando.com.br/reflexoes/vaginas-nao-sao-o-demo/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

10 mitos e verdades sobre a vagina. **Gazeta Online**, 2014. Disponível em: http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2014/09/entretenimento/vida/1498097-10-mitos-e-verdades-sobre-a-vagina.html. Acesso em: 21 jan. 2017.

43% dos homens se sentem incomodados em fazer sexo oral em mulheres. **Catraca Livre**, 2015. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/saude-bem-estar/indicacao/43-dos-homens-se-sentem-incomodados-em-fazer-sexo-oral-em-mulheres/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

APÊNDICE – LISTA DE PROJETOS

| NOME | LINK/URL |
|-----------------------|---|
| Amo Minha Vagina | amominhavagina.tumblr.com |
| Beautiful Labia | http://beautifullabia.tumblr.com/ |
| Beauty Vulva | http://beautyvulva.tumblr.com/ |
| Conceived in Brooklyn | https://www.instagram.com/conceivedinbrooklyn/ |
| Cosmic Twas | https://cosmictwas.wixsite.com/cosmictwas/gallery |
| Dona Quixota | https://www.facebook.com/raio Bucetizador/ |
| Ela Mais Linda | http://ninfoplastilabioplastiacirurgiaintima.blogspot.com.br/ |
| Evulvaing | https://www.instagram.com/evulvaing/ |
| Fancy Fannies | https://www.instagram.com/fancy.fannies/ |
| Female Fruit | https://www.instagram.com/femalefruit/ |
| Felt Melons | https://www.instagram.com/feltmelons/ |
| Ginodiversity | http://gynodiversity.com/.html |
| I Spy Vaginas | https://www.instagram.com/i_spy_vagina/ |
| I Show Flag | https://www.instagram.com/ishowflag/ |
| Jacqueline Secor | https://www.instagram.com/jacquelinesecorart/ |
| Kitty Citty Meow | https://www.instagram.com/kittycity_meow/ |
| Know Your Vulva | https://www.instagram.com/knowyourvulva/ |
| Labia Library | http://www.labialibrary.org.au/ |
| Labia Positivity | https://www.instagram.com/labia.positivity/ |
| Lambe Buceta | https://www.instagram.com/lambe_buceta/ |
| Large Labia Project | http://largelabiaproject.org/ |
| Look AT This Pussy | https://www.instagram.com/look_at_this_pussy/ |
| Love Your Labia | https://www.instagram.com/love_your_labia/ |
| Love your Vulva | https://www.instagram.com/the_lady_snowflake/ |

| | |
|---------------------------|---|
| Mother Make Me | https://www.instagram.com/mother.make.me/ |
| Nature Yoni | https://www.instagram.com/natureyoni/ |
| No more Cutting Project | https://www.instagram.com/nomorecutting.project/ |
| Project Pussy | https://www.instagram.com/project.p__y/ |
| Project Wallflower | https://www.instagram.com/project_wallflower/ |
| Pussy Pride Project | http://mollysdailykiss.com/pussy-pride-project/ |
| Raising The Skirt | http://www.raisingtheskirt.com/ |
| Talk To Vagina | https://www.instagram.com/talk_to_vagina/ |
| The Great Wall Of Vaginas | http://www.greatwallofvagina.co.uk/home |
| The Labia Project | http://www.labiaproject.com/ |
| The Original Vulva Museum | https://users.resist.ca/~kirstena/pagevulvamuseum1.html |
| The Vigilante | https://www.instagram.com/thevigilante/ |
| The Vagina Project | http://vaginaproject.org/ |
| The Vulva Art Project | https://www.instagram.com/the_vulva_art_project/ |
| The Vulva Gallery | https://www.instagram.com/the.vulva.gallery/ |
| This Is A Vulva | https://www.instagram.com/thisisavulva/ |
| Unfold Project | https://www.instagram.com/unfold_project/ |
| Vagina China | https://www.instagram.com/vagina_china/ |
| Vagina Guerrilha | https://www.instagram.com/vaginaguerilla/ |
| Vagina Museum | https://www.instagram.com/vagina_museum/ |
| Vajayjoy | https://www.instagram.com/vajayjoy/?hl=pt-br |
| Vulvaaart | https://www.instagram.com/vulvaaart/?hl=pt-br |
| Vulvae | https://www.instagram.com/vulvae/ |
| Vulvae_ | https://www.instagram.com/vulvae_/ |
| Vulvart | http://vulvart.tumblr.com/ |

| | |
|-----------------------|---|
| Vulva_art | https://www.instagram.com/vulva_art |
| Vulvaliciouslyfe | http://www.thepicta.com/user/vulvaliciouslyfe/3656581385 |
| Vulvalución | http://www.vulvalucion.org/ |
| Vulva Love Lovely | http://www.vulvalovelovely.com/ |
| Vulvinchen | https://www.instagram.com/vulvinchen/ |
| Wondrous Vulva Puppet | http://www.houseochicks.com/ |
| Yogi Yoni | https://www.instagram.com/yogiyoni/ |
| 101 Vagina | http://101vagina.com/ |